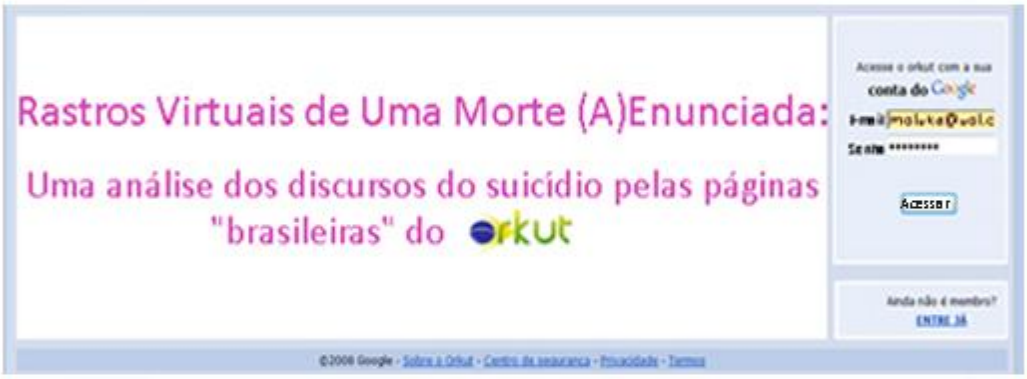
Monica Vasconcellos Cruvinel

Rastros Virtuais de Uma Morte (A)Enunciada:

Uma análise dos discursos do suicídio pelas páginas "brasileiras" do orkut



Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora : Profa..Dra.Maria Bernadete Marque Abaurre
Co-orientador: Prof. Dr. Neury José Botega

Examinadores: Profa..Dra. Mónica Graciela Zoppi-Fontana
Prof. Dr. Paulo Dalgalarrondo
Suplentes: Prof. Dr..Sírio Possenti
Profa.Dra. Fernanda Maria Pereira Freire

Campinas - março de 2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

C889r	Cruvinel, Monica Vasconcellos. "Rastros virtuais de uma morte (a)enunciada: uma análise dos discursos do suicídio pelas páginas "brasileiras" do Orkut" / Monica Vasconcellos Cruvinel. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008. Orientador : Maria Bernadete Marques Abaurre. Co-orientador: Neury José Botega. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Suicídio. 2. Internet (Redes de computadores). 3. Orkut (Redes de relacionamentos na Internet). 4. Análise do discurso. I. Abaurre, Maria Bernadete Marques. II. Botega, Neury José. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título. oe/iel

Título em inglês: "Virtual traces of a foretold, uttered death: a discourse analysis of suicide through the "Brazilian" websites of Orkut".

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Suicide; Internet (Computer Network); Orkut (Relationship network in Internet), Discourse Analysis.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre (orientadora), Profa. Dra. Mónica Graciela Zoppi-Fontana, Prof. Dr. Paulo Dalgalarrondo. Suplentes: Prof. Dr. Sírio Possenti e Profa. Dra. Fernanda Maria Pereira Freire.

Data da defesa: 17/03/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

Maria Bernadete Marques Abaurre _____

Mónica Graciela Zoppi-Fontana _____

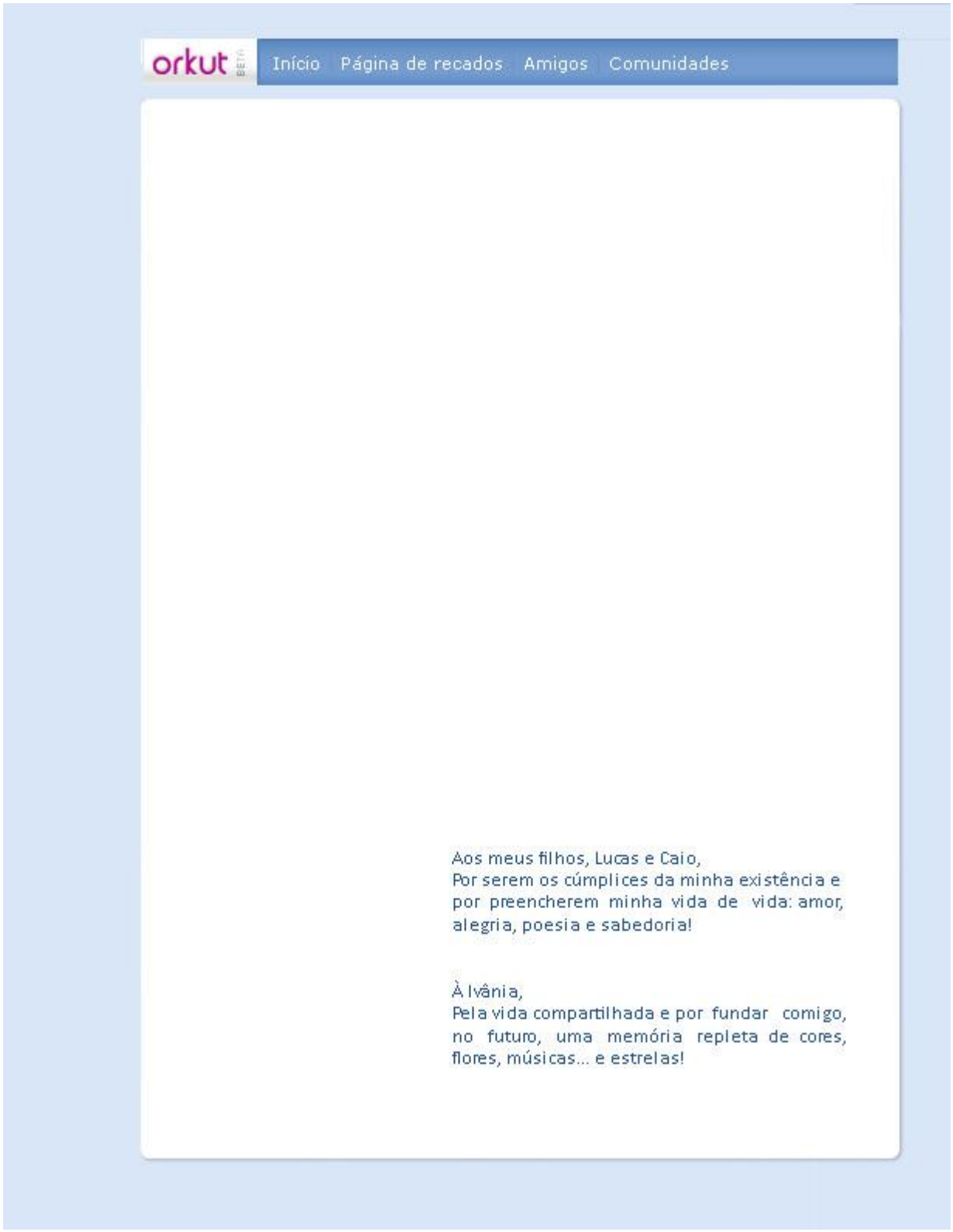
Paulo Dalgalarrondo _____

Sírio Possenti _____

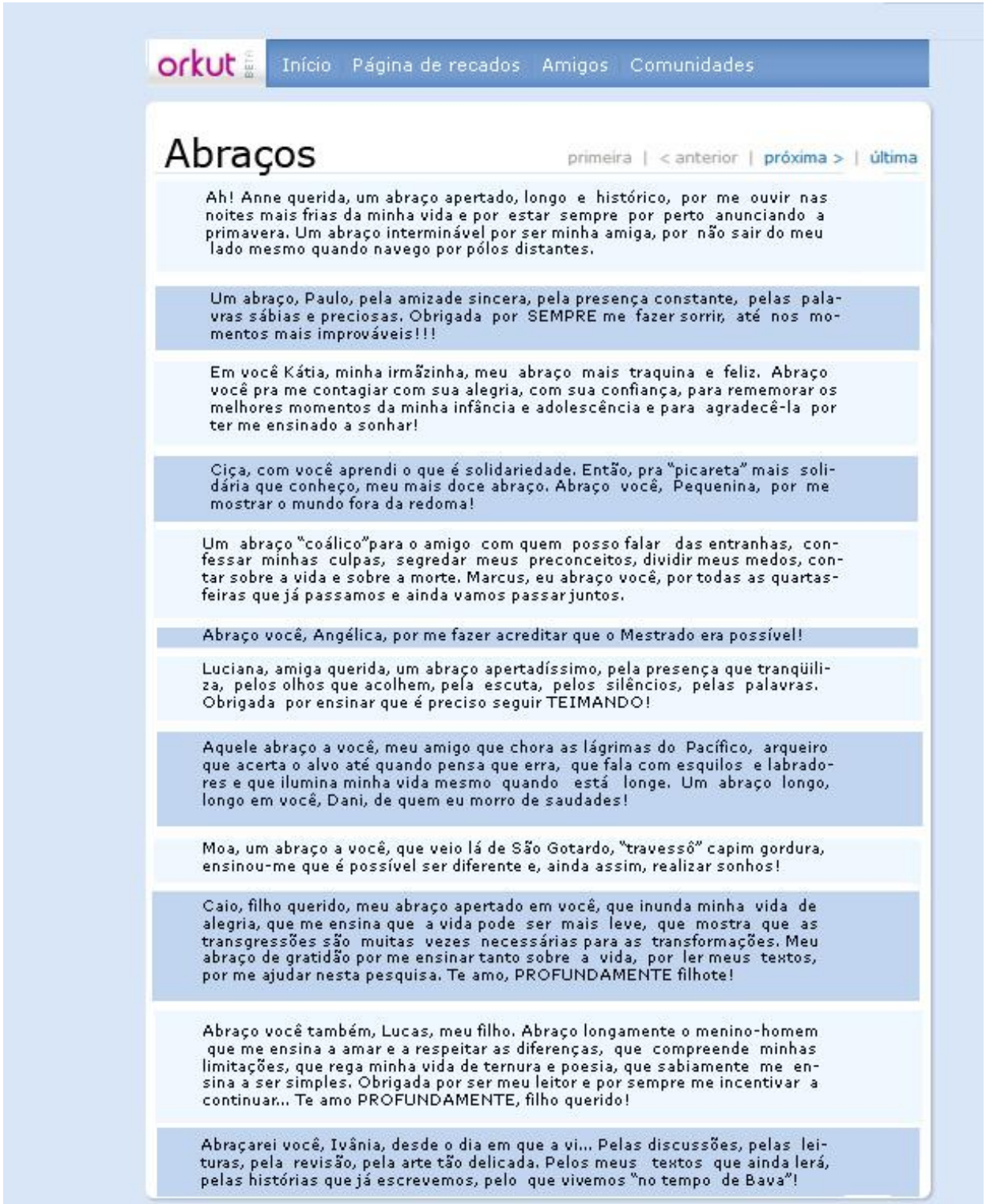
Fernanda Maria Pereira Freire _____

IEL/UNICAMP

2008


orkut
Início
Página de recados
Amigos
Comunidades
Aos meus filhos, Lucas e Caio,
Por serem os cúmplices da minha existência e por preencherem minha vida de vida: amor, alegria, poesia e sabedoria!
À Ivânia,
Pela vida compartilhada e por fundar comigo, no futuro, uma memória repleta de cores, flores, músicas... e estrelas!

orkut
Início
Página de recados
Amigos
Comunidades
Abraços
primeira | < anterior | próxima > | última
Um abraço, Professora Maria Bernadete Marques Abaurre. Por me receber no Instituto de Linguagem da Unicamp, incentivar minha autonomia e respeitar minhas escolhas teóricas e meus companheiros de viagem. Um abraço pela delicadeza e pela objetividade com que sempre me orientou.
Professor Neury José Botega, meu abraço! Por me acolher na Unicamp, por me ouvir por me orientar, por compreender meus limites e me incentivar a superá-los. Eu abraço você num gesto de gratidão, porque me ensinou a respeitar a dor e o sofrimento do Outro e, acima de tudo, porque me fez enxergar que trabalhar com o suicídio, mais do que um trabalho sobre a morte, poderia ser um trabalho sobre a vida!
Ah! Mónica Zóppi, eu também abraço você. Abraço minha Professora e minha amiga querida. Abraço esta argentina tão brasileira que, por viver entre as fronteiras tem um olhar sempre estrangeiro, exotópico, extraposto, que lhe permite compreender as diferenças e se constituir a partir delas como poucos. Meu abraço longo por sua militância amorosa como professora e pesquisadora, por se posicionar sempre, por mesmo tendo que lidar com as ausências, conseguir ser tão presente na vida de seus outros. Obrigada Mónica, pelas leituras, pelas orientações, pelas oportunidades, pelo carinho, pelos ensinamentos e por olhar a lua comigo e com nossos meninos.
Aquele abraço, a você, Professor Wanderley Geraldi, que continua, mesmo que à distância, sendo meu mais importante companheiro de viagem. Meu abraço forte a quem me apresentou Bakhtin e a quem me mostrou que o saber-fazer acadêmico tem que ser comprometido com a prática cotidiana.
Professor Sírio Possenti, um abraço pela leitura cuidadosa e atenta de meus trabalhos e pelas sugestões tão pertinentes. Obrigada pelos ensinamentos em sala de aula, pelos e-mails respondidos e pelas vezes que me recebeu.
Um abraço de agradecimento a você, Cláudio Pereira Platero, da Coordenadoria de Pós-Graduação, pela eficiência, dedicação e atenção com que me ajudou a resolver as questões burocráticas e administrativas do mestrado.
Liz, meu abraço em agradecimento e homenagem à sua arte, que possibilitou que a virtualidade das páginas do Orkut pudesse vir para a concretude do papel.
Meu abraço a vocês, meus pais, por me trazerem à vida... Inúmeras vezes... AMOROSAMENTE... INCANSAVELMENTE! Meu abraço de saudade, apertado, amoroso, por me ensinarem o valor do trabalho, da dedicação, da lealdade e do amor.
Marcos, também lhe abraço APERTADAMENTE, pra matar a saudade dos tempos em que brincávamos, ríamos, conversávamos e chorávamos juntos. Seu abraço me constitui!


orkut
Início
Página de recados
Amigos
Comunidades
Abraços
primeira | < anterior | próxima > | última
Ah! Anne querida, um abraço apertado, longo e histórico, por me ouvir nas noites mais frias da minha vida e por estar sempre por perto anunciando a primavera. Um abraço interminável por ser minha amiga, por não sair do meu lado mesmo quando navego por pólos distantes.
Um abraço, Paulo, pela amizade sincera, pela presença constante, pelas palavras sábias e preciosas. Obrigada por SEMPRE me fazer sorrir, até nos momentos mais improváveis!!!
Em você Kátia, minha irmãzinha, meu abraço mais traquina e feliz. Abraço você pra me contagiar com sua alegria, com sua confiança, para rememorar os melhores momentos da minha infância e adolescência e para agradecê-la por ter me ensinado a sonhar!
Ciça, com você aprendi o que é solidariedade. Então, pra "picareta" mais solidária que conheço, meu mais doce abraço. Abraço você, Pequenina, por me mostrar o mundo fora da redoma!
Um abraço "coálico"para o amigo com quem posso falar das entranhas, confessar minhas culpas, segredar meus preconceitos, dividir meus medos, contar sobre a vida e sobre a morte. Marcus, eu abraço você, por todas as quartas-feiras que já passamos e ainda vamos passar juntos.
Abraço você, Angélica, por me fazer acreditar que o Mestrado era possível!
Luciana, amiga querida, um abraço apertadíssimo, pela presença que tranqüiliza, pelos olhos que acolhem, pela escuta, pelos silêncios, pelas palavras. Obrigada por ensinar que é preciso seguir TEIMANDO!
Aquele abraço a você, meu amigo que chora as lágrimas do Pacífico, arqueiro que acerta o alvo até quando pensa que erra, que fala com esquilos e labradores e que ilumina minha vida mesmo quando está longe. Um abraço longo, longo em você, Dani, de quem eu morro de saudades!
Moa, um abraço a você, que veio lá de São Gotardo, "travessô" capim gordura, ensinou-me que é possível ser diferente e, ainda assim, realizar sonhos!
Caio, filho querido, meu abraço apertado em você, que inunda minha vida de alegria, que me ensina que a vida pode ser mais leve, que mostra que as transgressões são muitas vezes necessárias para as transformações. Meu abraço de gratidão por me ensinar tanto sobre a vida, por ler meus textos, por me ajudar nesta pesquisa. Te amo, PROFUNDAMENTE filhote!
Abraço você também, Lucas, meu filho. Abraço longamente o menino-homem que me ensina a amar e a respeitar as diferenças, que compreende minhas limitações, que rega minha vida de ternura e poesia, que sabiamente me ensina a ser simples. Obrigada por ser meu leitor e por sempre me incentivar a continuar... Te amo PROFUNDAMENTE, filho querido!
Abraçarei você, Ivânia, desde o dia em que a vi... Pelas discussões, pelas leituras, pela revisão, pela arte tão delicada. Pelos meus textos que ainda lerá, pelas histórias que já escrevemos, pelo que vivemos "no tempo de Bava"!

orkut
Início
Página de recados
Amigos
Comunidades
Parece cocaína mas é só tristeza, talvez tua cidade.
Muitos temores nascem do cansaço e da solidão
E o descompasso e o desperdício herdeiros são
Agora da virtude que perdemos.
Há tempos tive um sonho, não me lembro
não me lembro...
Tua tristeza é tão exata
E hoje o dia é tão bonito
Já estamos acostumados
A não termos mais nem isso.
Os sonhos vêm e os sonhos vão
O resto é imperfeito.
Disseste que se tua voz tivesse força igual
À imensa dor que sentes
Teu grito acordaria
Não só a tua casa
Mas a vizinhança inteira.
E há tempos nem os santos têm ao certo
A medida da maldade
Há tempos são os jovens que adoecem
Há tempos o encanto está ausente
E há ferrugem nos sorrisos
E só o acaso estende os braços
A quem procura abrigo e proteção.
Meu amor, disciplina é liberdade
Compaixão é fortaleza
Ter bondade é ter coragem
Ela disse: "Lá em casa tem um poço
mas a água é muito limpa
(Renato Russo)

RESUMO

O Orkut configura-se como um espaço público de impermanências, onde a intimidade passa a ter visibilidade através dos relatos dos sujeitos. Narrar, sabendo-se vigiado, traz implícito um jogo de "revelar" e "esconder" que, de alguma forma, regula e constitui as relações sociais deste espaço virtual. Ao narrativizar suas experiências, os sujeitos vão produzindo discursos que além das suas, trazem vozes de outros. É um entrecruzar de memórias, de onde cada um seleciona e organiza, no tempo e no espaço, a hiper-textualidade de sua escritura.

É possível "caminhar" por esta "Cidade Azul" e identificar rituais da contemporaneidade que começam a se fixar em nossa sociedade: novas maneiras de dizer a morte, novos modos de experimentar o luto e novas formas de trazer para a esfera do público o que, por muito tempo, ficou na esfera do privado.

Nesta pesquisa, procuro compreender a maneira como os adolescentes, usuários do Orkut, estão lidando com a vida e com a morte, com a contraditória solidão que emerge em meio a um emaranhado de relações virtuais, capaz de aproximar algumas distâncias e de aprofundar outras. Analiso os discursos de jovens brasileiros que se suicidaram e que deixaram pelos espaços públicos do Orkut os rastros virtuais de uma morte (a)enunciada.

Palavras-chave: Suicídio, Internet, Orkut, Análise do Discurso

ABSTRACT

Orkut consists of a public place of discontinuities, where intimacy is unveiled through the subjects' narratives. To narrate knowing that one is being watched enacts a game of "displaying" and "hiding" which, somehow, rules and constitutes the social relations of such virtual place. When narrating their experiences, the subjects enact discourses that, beyond their own voices, bring the voices of the others. There is an entanglement of memories, from where one selects and organizes, on time and space, the hiper-textuality of one's own writing.

It is possible to "walk" along such "Blue City" and to identify the rituals of contemporaneity which have started to settle into our society: new ways of narrating death, new ways of experimenting mourning, and new ways of rendering public that which, for a long time, had been confined to the private domain.

In the present research, I attempt to understand how teenagers, users of Orkut, are dealing with life and death, with the ambivalent loneliness that springs from a set of virtual relations which might shorten some distances and make rifts between others. I analyze discourses of Brazilian youngsters who committed suicide and left, along the public spaces of Orkut, the virtual traces of a foretold, uttered death.

Keywords: Suicide, Internet, Orkut, Discourse Analysis

Índice de Figuras

Figura 01 – Formas de burlar o bloqueio de acesso ao Orkut 35

Figura 02 – Acesso ao Orkut 37

Figura 03 – Perfil geral do Orkut 38

Figura 04 – Perfil social do Orkut 39

Figura 05 – Perfil de contato do Orkut 40

Figura 06 – Perfil profissional do Orkut 40

Figura 07 – Perfil pessoal do Orkut 41

Figura 08 – Mural de recados de usuário do Orkut 43

Figura 09 – Convite para velório 48

Figura 10 – Gente morta 49

Figura 11 – *Scrap* para garota que se suicidou 49

Figura 12 – Estatísticas de usuários do Orkut 51

Figura 13 – Estatísticas das línguas que circularam na *internet* em 2007 51

Figura 14 – Pesquisa em inglês com a palavra *brazilians* 53

Figura 15 – Pesquisa em português com a palavras *brazilians* 54

Figura 16 – Percentuais de faixa etária dos usuários do Orkut 55

Figura 17 – Esquema de ligações no Orkut 56

Figura 18 – Comunidade Profiles de Gente Morta 60

Figura 19 – Fórum da Profiles de Gente Morta 61

Figura 20 – Postagens em fórum da Profiles de Gente Morta 1 62

Figura 21 – Postagens em fórum da Profiles de Gente Morta 2 63

Figura 22 – Postagens em fórum da Profiles de Gente Morta 3 65

Figura 23 – Postagens em fórum da Profiles de Gente Morta 4 66

Figura 24 – Os Corvos 74

Figura 25 – Fotografia do *blog* do Vítor 75

Figura 26 – Percentuais de mortes por violência em 2000 76

Figura 27 – Mapa mundial com percentuais de suicídio 77

Figura 28 – Desperatio 83

Figura 29 – Ira 83

Figura 30 – Hamlet e Horácio 89

Figura 31 – Comunidade Alexandre no vale dos suicidas 107

Figura 32 – Perfil de Mr. Aidan 1 127

Figura 33 – Sobre a morte de Mr. Aidan 127

Figura 34 – Comunidades de Mr. Aidan 1 128

Figura 35 – Comunidades que discriminam os EMOS 129

Figura 36 – Namorada EMO de Mr. Aidan que costuma se cortar 130

Figura 37 – Perfil de Mr. Aidan 2 131

Figura 38 – Escrita EMO (miguxês) 132

Figura 39 – Comunidades de Mr. Aidan 2 132

Figura 40 – Diálogo de Mr. Aidan 1 133

Figura 41 – Depoimentos de Mr. Aidan para Powergastic 1 134

Figura 42 – Diálogo de Mr. Aidan 2 135

Figura 43 – *Scrap* de Powergastic 1 135

Figura 44 – Diálogo de Mr. Aidan 3 136

Figura 45 – Diálogo de Mr. Aidan 4 136

Figura 46 – Diálogo de Mr. Aidan 5 136

Figura 47 – Diálogo de Mr. Aidan 6 137

Figura 48 – Diálogo de Mr. Aidan 7 137

Figura 49 – Depoimentos de Mr. Aidan para Powergastic 2 139

Figura 50 – Diálogo de Mr. Aidan 8 139

Figura 51 – *Scrap* de Powergastic 2 139

Figura 52 – Diálogo de Mr. Aidan 9 140

Figura 53 – *Scraps* de Confusion (irmã de Powergastic) para Mr. Aidan 140

Figura 54 – *Scrap* de Powergastic 3 141

Figura 55 – Diálogo de Mr. Aidan 10 141

Figura 56 – Diálogo de Mr. Aidan 11 141

Figura 57 – Diálogo de Mr. Aidan 12 142

Figura 58 – Diálogo de Mr. Aidan 13 143

Figura 59 – Postagens sobre o suicídio de Mr. Aidan na PGM 1 144

Figura 60 – Postagens sobre o suicídio de Mr. Aidan na PGM 2 145

Figura 61 – Anúncio de morte no perfil de Camila 148

Figura 62 – Anúncios de morte no perfil de Alex 1 148

Figura 63 – Anúncio de morte no perfil Jeferson 148

Figura 64 – Anúncio de morte em comunidade do perfil de Ana 149

Figura 65 – Anúncio de morte em comunidade do perfil de Marcelinho 149

Figura 66 – Anúncio de morte em comunidade do perfil de Steve 149

Figura 67 – Anúncio de morte no próprio mural de recados de Mr. Aidan 150

Figura 68 – Anúncio de morte no perfil de Carlos 150

Figura 69 – Anúncio de morte no perfil de Vítor 150

Figura 70 – Anúncio de morte no próprio mural de recados de Ana 150

Figura 71 – Anúncio de morte no próprio mural de recados de Cris 150

Figura 72 – Anúncio de morte Steve 150

Figura 73 – Anúncio de morte no perfil de Alex 2 150

Figura 74 – Acabamento da vida (Mr. Aidan) 151

Figura 75 – Epitáfio de Alex em seu próprio perfil 151

Figura 76 – Epitáfio de Mr. Aidan em seu próprio mural de recados 151

Figura 77 – Foto Alex 152

Figura 78 – Foto Theo 152

Figura 79 – Foto Steve 153

Figura 80 – Foto Selma 153

Figura 81 – Pecado Inocente 154

Figura 82 – Ninguém nem nada 163

Figura 83 – *Scrap* para Ninguém 164

Figura 84 – "Cagada do dia" 164

Figura 85 – "Desejo de matar" 166

Figura 86 – Falta do que fazer, falta de perspectiva de futuro 171

Figura 87 – Comunidades de bebidas encontradas nos perfis de alguns suicidas 171

Figura 88 – Desvinculação afetiva 171

Figura 89 – Vida social intensa 171

Figura 90 – Foto de Leonardo quando criança 173

Figura 91 – Memorial de fotos do Vítor 173

Figura 92 – O tempo presente 174

Figura 93 – Mensagem de adeus de Cris 175

Figura 94 – Mensagem de amiga de Steve 179

Figura 95 – Mensagem de amigo de Théo 179

Figura 96 – Mensagem de amiga de Alex 179

Figura 97 – Mensagens póstumas para Cris 184

Figura 98 – Mensagem póstuma de aniversário para Mr. Aidan 184

Figura 99 – Mensagem agressiva 1 184

Figura 100 – Mensagem agressiva 2 184

Figura 101 – Mensagem agressiva para Powergastic, namorada de Mr. Aidan 185

Figura 102 – Comunidade de homenagem a Bia 186

Figura 103 – Perfil de Bia 187

Figura 104 – Altar virtual 188

Figura 105 – Álbum de fotografia de Regina (namorada de André) 189

Sumário

Introdução 17

Capítulo 1

Cá entre "nós" 24

Eu quero entrar na rede 25

A Cidade Azul 36

Profiles de Gente Morta 58

Capítulo 2

Dorme agora 68

Do suicídio 69

Crime, pecado ou castigo? 82

Entre a Filosofia e o Romantismo 88

Descriminalização e Resistência 95

A ciência olhando e dizendo a morte 98

Vozes da contemporaneidade: murmúrios da História 104

Capítulo 3

Uma Morte (A)Enunciada 120

Estilhaços de narrativas: viver, morrer e contar 121

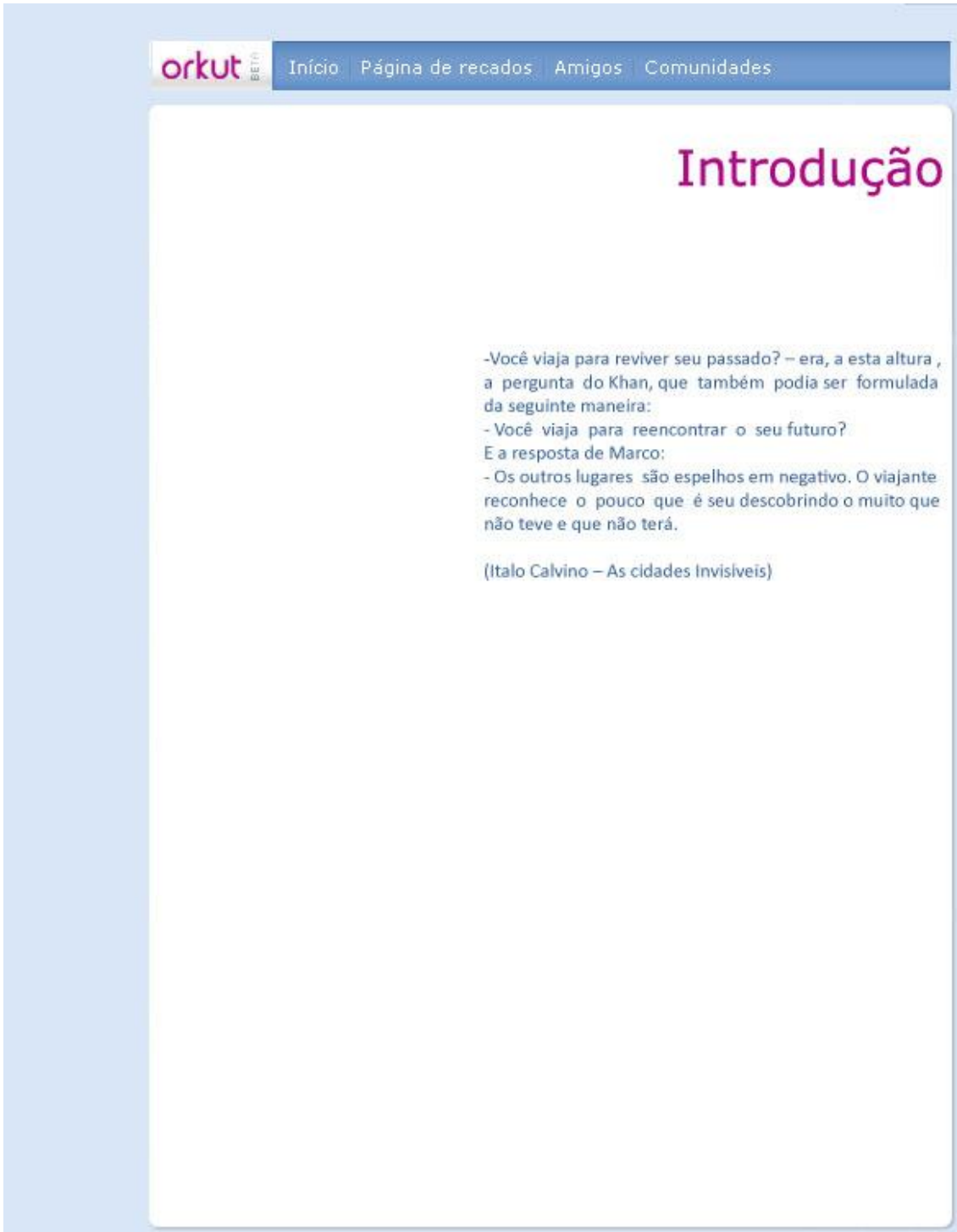
Entre o Autor e o Herói: um anúncio de morte 147

As horas... 169

Conclusão 177

Ritos, Discursos e Saudades 178

Bibliografia 191


orkut
Início
Página de recados
Amigos
Comunidades
Introdução
-Você viaja para reviver seu passado? – era, a esta altura , a pergunta do Khan, que também podia ser formulada da seguinte maneira:
- Você viaja para reencontrar o seu futuro?
E a resposta de Marco:
- Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e que não terá.
(Italo Calvino – As cidades Invisíveis)

Entro diariamente na Internet, essa rede de "nós", viva, dispersa, fervilhante e inconclusa. Como uma andarilha, busco os contornos de uma Cidade Azul, que abriga milhares de habitantes virtuais, na sua maioria, jovens brasileiros. Uma cidade cheia de regras e dispositivos disciplinadores, que vende a idéia de que o conecta aos seus amigos, aos amigos de seus amigos e aos amigos, dos amigos de seus amigos.

Neste território fronteiriço, uma vez que abriga habitantes de diversas tribos, tempos e espaços, é possível "tocar o futuro em seu lado de cá" (Bhaba, 2003, p. 27), é possível vislumbrar novas práticas sociais e linguageiras, novas maneiras de colocar a informação em circulação, novas pessoas colocando a informação em circulação, novas formas de produzir conhecimento, novas formas de se narrar o "eu" e o "outro", novas maneiras de nascer, viver, morrer e resistir.

Tenho cidadania azul: uma senha de acesso, um endereço, uma foto, um perfil, um mural de recados, amigos, comunidades, álbum de fotografias e vídeos preferidos. Mas, como boa "orkuteira" que sou, minha atividade preferida é perambular pela cidade em busca de meus outros. Busco o que dizem para mim, o que dizem de mim e o que dizem para os outros. Meus outros também buscam os meus dizeres. É nessa "outridade" que nos constituímos como sujeitos.

Neste espaço público de impermanências, a intimidade passa a ter visibilidade através dos relatos dos sujeitos. Revela-se assim, uma contraditória solidão que emerge em meio a um emaranhado de relações virtuais, capaz de aproximar algumas distâncias e de aprofundar outras.

Narrar, sabendo-se vigiado, traz implícito um jogo de "revelar" e "esconder" que, de alguma forma, regula e constitui as relações sociais desta cidade virtual. Ao narrativizar suas experiências, os sujeitos vão produzindo discursos que, além das suas, trazem vozes de outros. É um entrecruzar de memórias, de onde cada um seleciona e organiza, no tempo e no espaço, a hiper-textualidade de sua escritura. Para Jorge Larrosa (2000, p. 22), "talvez os homens não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos".

E esses internautas azuis nos contam suas experiências, seu cotidiano, seus medos, suas saudades, suas alegrias, suas piadas, seus desejos, suas frustrações, suas conquistas, seus amores e seus rancores.

Se há vida no Orkut, há também morte. Se um sujeito morre na vida "real" e é um cidadão orkutiano, seu endereço, seus recados, suas fotos e toda sua história permanecem *on-line*, indefinidamente, menos que outra pessoa saiba a senha de acesso desse sujeito e exclua o perfil.

Em minhas vagabundagens pelo Orkut passei a bisbilhotar, mais do que a vida, a morte alheia. Nesta errância, fui surpreendida pela grande quantidade de suicidas jovens que encontrei nos mais diferentes espaços desta cidade virtual.

E repetindo um dos gestos mais antigos do ser humano, assim como o caçador, agachei em solo azul e tentei ouvir a fala dos rastros virtuais perdidos destes jovens suicidas. Começava a ler a narrativa pelo final e ia percorrendo os caminhos de suas palavras. Buscava sua escrita nos murais de recados de seus amigos e nas comunidades que freqüentava. A partir de suas palavras e das contra-palavras de seus interlocutores, tentava, como analista, (re)escrever a narrativa original que estava espraiada, desconexa e codificada na lógica e na estrutura do Orkut.

Um gesto de (re)escrita é sempre um gesto de autoria. Posiciono-me como analista, distancio-me, mas ao reunir os indícios e as provas, marco a minha subjetividade, as minhas escolhas teóricas, a minha história e o meu olhar. Mesmo analista, me constituo como sujeito pela e na relação dialógica que mantenho com "meus sujeitos" de análise.

Desde a Antigüidade mais recuada até os dias de hoje, homens, mulheres, jovens, idosos e crianças, das mais diferentes culturas, optaram pela morte voluntária. Não há como saber quem foi o primeiro a cortar a própria garganta, a tomar arsênico, a se afogar num rio ou a se enforcar numa árvore no quintal de casa. Não se pretende aqui fazer uma "tipologia" do suicídio – discutir as diversas maneiras como as pessoas colocam fim às suas vidas, desvendar as possíveis causas para as mortes auto-inflingidas, "classificar" as pessoas quanto às suas "potencialidades" suicidas, identificar comportamentos suicidas, ou, o que é muito mais difícil, tentar definir **quem** é um suicida.

O fato é que a história do suicídio sempre foi contada por outros, que não os suicidas. Historiadores, Médicos, Sociólogos, Psicanalistas, Filósofos tentaram, cada um com suas lentes, entender o ato de pôr fim à própria vida. A voz do suicida, obviamente, aparecia apenas nos bilhetes de adeus[1] e nos diários e cartas de artistas e escritores famosos[2].

A Medicina, que detém hoje o domínio sobre as discussões sobre o suicídio, consegue, no máximo, fazer uma retrospectiva da vida do suicida a partir do que seus sobreviventes (familiares e amigos) falaram a respeito dele, através de uma autópsia psicológica[3].

Uma análise discursiva dos enunciados deixados no Orkut por adolescentes que se suicidaram pode, além de recuperar as últimas palavras destes sujeitos (como nas análises de bilhetes de adeus); recuperar parte de suas histórias e a maneira como a ideação suicida foi constituindo seus discursos ao longo do tempo (no início de maneira sutil e indireta, depois com explícitos anúncios de morte). Além disso, assim como a autópsia psicológica, esta análise consegue fazer uma retrospectiva da vida destes jovens a partir do que seus amigos, familiares e membros de comunidades virtuais falaram com eles, para eles e sobre eles, porém, não através de uma entrevista semi-estruturada elaborada por um profissional de saúde, mas a partir de uma situação espontânea de interação verbal e dialógica entre os sujeitos.

Nos diários íntimos escritos por alguns suicidas (anônimos ou famosos), podemos encontrar indícios de que estes sujeitos acabariam com as próprias vidas. Entretanto, na maioria das vezes, seus interlocutores/leitores só têm acesso a estes escritos

[1] No Brasil, as mensagens de adeus foram o objeto de estudo, entre outros pesquisadores, de Maria Luiza Dias, em seu livro "Suicídio: Testemunhos de Adeus" – Editora Brasiliense, 1991.

[2] Como por exemplo, os diários de Sylvia Plath e Virginia Woolf e e as cartas de Van Gogh a seu irmão Théo.

[3] Método criado na década de 50, nos EUA, por Shneidman, Farberow e Litman (1969), para investigar casos de mortes duvidosas e classificar com maior precisão o registro de suicídio no certificado de óbito.
Tentativa de reconstruir a biografia da pessoa falecida, através de entrevistas com diferentes informantes (cônjuge, amigos, parentes, médicos). No Brasil, este método foi aplicado pela pesquisadora Blanca Guevara Werlang, em sua tese de doutorado defendida na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, no ano 2000.

após suas mortes. Diferentemente, no Orkut, a escrita de adolescentes que se suicidaram não tem nada de íntima: ela é pública e "espetaculosa". Almeja uma visibilidade. Assume um caráter, ao mesmo tempo, de anúncio e de denúncia. Pode ser lida, em tempo real, por todos habitantes da Cidade Azul.

Assim, neste trabalho, o sujeito ordinário ganha voz. A partir da micro-história dos dizeres de jovens suicidas brasileiros de classe média, podemos ter uma amostra qualitativa do discurso do suicídio que circula nos espaços virtuais da internet na atualidade.

Sou Analista de Discurso, e não busco na escrita destes jovens sintomas ou comportamentos potencialmente suicidas. Esta não é a minha tarefa. Vou analisar suas práticas discursivas, buscando indícios, rastros e sinais de que eles acabariam com as próprias vidas. Verificarei que outras vozes e que outros discursos atravessam o discurso do suicídio que aparece na internet. A partir destes dados singulares, recorrerei às regularidades encontradas nos discursos, recorrerei às provas. Espero, entretanto, que o resultado de minha pesquisa possa contribuir para o trabalho dos profissionais da área de saúde, que lidam cotidianamente com o risco de perder pacientes vítimas de suicídio.

Há de se tomar cuidado, porque todos os sujeitos que analiso, efetivamente se suicidaram; não podemos generalizar as regularidades encontradas, correndo-se o risco de achar que TODO jovem que escreve com determinadas características é um suicida em potencial.

Meu trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, faço reflexões sobre o que significa a *internet* na contemporaneidade e como ela se constitui como lugar de sociabilidade entre os jovens e de produção de discursos. Mostro como se estrutura a plataforma de relacionamentos do Orkut e como os brasileiros estão se apropriando deste espaço. Analiso como se estabelecem os processos de subjetivação num site que, paradoxalmente, propicia a vigilância mútua e a "espetacularização" da vida como ela é. A

partir deste paradoxo da vigilância e da visibilidade, procuro entender que novos contornos e fronteiras a linha divisória entre o público e o privado vem tomando no *ciberespaço*. Também no capítulo um, apresento a comunidade "Profiles de Gente Morte", espaço em que encontro os sujeitos com os quais vou trabalhar e descrevo o referencial metodológico que norteou minha pesquisa.

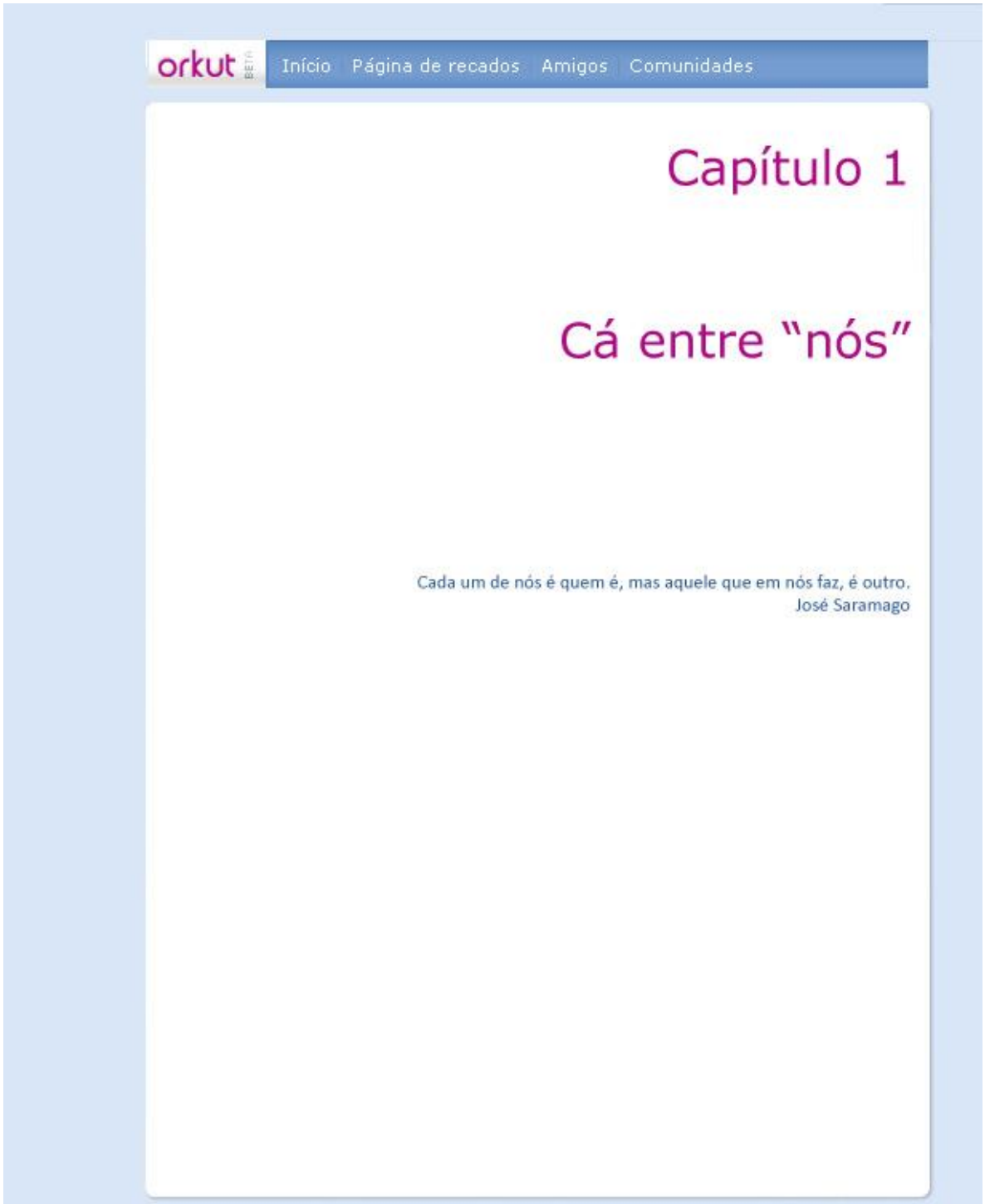
No capítulo dois, trago alguns dados estatísticos sobre o suicídio no mundo e no Brasil, e faço uma reflexão sobre este gesto ambíguo e contraditório de dar um acabamento à própria vida – gesto que acompanha o homem desde seus primórdios. Procuro entender e demonstrar como os discursos sobre o suicídio foram se constituindo no mundo Ocidental, desde a Idade Média até a contemporaneidade, a partir dos conceitos de acontecimento discursivo e memória discursiva. Busco identificar algumas das vozes que colocaram em circulação e/ou interditaram os discursos sobre o suicídio no decorrer da história, que efeitos produziram estes discursos (ou o silenciamento deles) e que processos de subjetivação eram acionados nos diferentes acontecimentos discursivos de uma história descontínua. Para encerrar o capítulo faço uma análise dos discursos "sobre" o suicídio que circulam nas páginas da comunidade Profiles de Gente Morta.

No último capítulo, faço uma reflexão sobre linguagem, discurso, gêneros do discurso, narrativas e autoria, a partir da análise dos fragmentos de narrativas de adolescentes que se suicidaram e que encontrei dispersos pelas páginas do Orkut. Demonstro como funcionam as narrativas na estrutura do site (*scraps*, fóruns de discussão, comunidades, perfil), usando como exemplo a história de Mr. Aidan, um adolescente de 13 anos que se suicidou *on-line*. Também analiso a maneira como estes adolescentes (a)enunciam suas próprias mortes, trabalhando com dados singulares e recorrências. Tento identificar que outras vozes e que outros discursos falam nas vozes destes garotos e em que condições de produção eles colocam seus discursos em funcionamento neste novo espaço que é o Orkut.

Caminhando por estes tristes itinerários, pude perceber que na Cidade Azul o suicídio não é um interdito. Sobreviventes (amigos e familiares) falam sobre a morte, vivenciam o luto, prestam homenagens e começam a ritualizar algumas práticas. Isto nos mostra que as medidas de regulamentação impostas à mídia para a notificação de casos de suicídio, não funcionam na internet. É preciso repensá-las, o sujeito em rede é astuto, "Certeiro" e tático.

Convido a todos que venham caminhar comigo por esta cidade virtual, pois assim como Irene, a cidade de Italo Calvino (2006, p. 14), o Orkut:

> visto por dentro, seria uma outra cidade; Orkut é o nome de uma cidade distante que muda à medida que se aproxima dela. A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente; talvez eu só tenha falado do Orkut.



Capítulo 1

Cá entre "nós"

Cada um de nós é quem é, mas aquele que em nós faz, é outro.
José Saramago

Eu quero entrar na rede

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut

(Gilberto Gil)

Embora, segundo relatório da UNESCO (2005), apenas 11% da população mundial tenha acesso à internet, e desta porcentagem, 90% provenha de sociedades industrializadas, o crescimento do número de pessoas conectadas à rede é exponencial. Toda nova tecnologia é excludente: a escrita, o telefone, os meios de transportes, a televisão, o computador e agora a internet. O fato de ser excludente não "exclui" a sua importância na constituição dos sujeitos e suas culturas, mas também não nos desobriga de pensarmos alternativas de subversão e resistência à exclusão.

Temos que compreender, sobretudo, que as transformações tecnológicas são resultado das transformações das práticas sócio-culturais e, portanto, fruto da atividade humana.

> Os instrumentos, signos e representações miméticas não só aparecem juntos como têm uma origem comum, o **trabalho humano**. Para construir um instrumento é necessário um sistema de signos, e estes, por sua vez, pressupõem a existência de instrumentos. Construir signos tem como pressuposto o contexto social do uso dos instrumentos, porque construir instrumentos não é um ato individual mas, fundamentalmente, um ato social. Representações miméticas têm a função de conservar e transmitir instrumentos e signos e assim resultam da forma social de vida que se pode descrever como colaboração. (GERALDI *et al*., 2007, p. 44)

Ainda segundo GERALDI *et al*.(2007), a história da "tecnologia" da escrita é uma história de longa duração e não linear, mas podemos tentar entendê-la a partir da compreensão de suas práticas particulares e de suas descontinuidades.

O sistema da escrita icônica tenta representar de forma mais direta os objetos no mundo, "espelhando" na totalidade os objetos conhecidos. Para se escrever em chinês, por exemplo, é necessário o conhecimento de pelo menos 50 mil signos, o que demanda, aproximadamente, 20 anos de aprendizagem.

A escrita alfabética (como tecnologia) revolucionou as sociedades orais ao possibilitar que os sentidos da interação verbal pudessem ser construídos por seus interlocutores em tempos e espaços outros que não o da enunciação. A linguagem passa a ser descontextualizada e destituída dos gestuais da oralidade. Este gesto exige da escrita uma representação visual precisa, capaz de compensar a ausência do contexto e da mímica. O texto, em sua linearidade, torna-se um novo paradigma para a produção, organização e divulgação do conhecimento. Os signos como resultado de uma atividade humana, além de ampliarem e estenderem os processos de comunicação, possibilitam maior "longevidade" aos enunciados. A representação sígnica da escrita alfabética é uma representação de relações.

A invenção da escrita cria espaços para a conservação do patrimônio textual das comunidades: a biblioteca – que não representa um edifício em si, mas uma coleção de autores, títulos e textos. Junto com ela, criam-se sistemas de classificação, instrumentos de controle e de interdição.

Segundo Chartier (2001, p. 34, 35), embora a invenção da imprensa tenha sido outra grande revolução da humanidade, temos que relativizá-la quando pensamos em

termos de Oriente e Ocidente. Muito antes da imprensa de Gutenberg, chineses e coreanos já trabalhavam com a imprensa de caracteres móveis, porém as edições eram restritas ao imperador e aos monastérios. Imprimir caracteres em línguas com sistemas icônicos, requer milhares de tipos, diferentemente da oficina tipográfica ocidental; o que não quer dizer que não haja uma larga cultura do impresso no Oriente. Encontramos, porém, na China, na Coréia e no Japão a utilização da técnica da xilogravura, da gravação do texto em pranchas de madeira, com uma impressão baseada na fricção da folha de papel posta sobre a prancha de madeira. Esta técnica, ao contrário da imprensa ocidental, mantém uma forte ligação com a cultura do manuscrito, o que vai determinar práticas sociais diferentes em relação aos textos impressos e sua circulação.

No Ocidente, o invento da imprensa abre a possibilidade de multiplicação dos textos com baixos custos, permitindo a circulação destes escritos em outros lugares, antes interditados. Há uma presença constante do impresso nas sociedades ocidentais através, não só dos livros, mas também dos cartazes, das propagandas, das inscrições pela cidade etc. Os não letrados, ainda que excluídos das *Cidades das Letras* (RAMA, 1985), estão imersos num mundo de escritos.

Desde os primeiros manuscritos, a escrita estava envolvida em uma esfera de poder, havia uma obsessão em controlar a circulação dos textos e evitar a corrupção dos copistas. Com a imprensa, amplia-se esta obsessão, uma vez que surgem intermediários entre o autor/copista e o leitor: editores, livreiros, impressores, bibliotecários. Criam-se novas funções e práticas sociais, cria-se um novo mercado. Um mercado que modifica o estatuto do autor e o estatuto de quem controla e interdita a circulação dos textos; um mercado que cria novos problemas na exploração da obra, tais como: pirataria, plágio, erros de impressão e a "invenção" de cânones.

A filosofia, a ciência e as religiões "universais" (cristianismo, taoísmo, judaísmo...) são fundadas a partir de textos escritos. Atualmente, com a impressão e divulgação destes textos, podemos nos converter a uma religião universal, de qualquer ponto do planeta, através da leitura de seus livros sagrados e/ou freqüentando algum "templo" em que, coletivamente, seja possível participar de seus rituais, também

preservados através da escritura. Isto não permite afirmar que a escrita seja universalizante, mas de alguma forma, ela condiciona a universalização do conhecimento.

> No universal fundado pela escrita, aquilo que deve se manter imutável pelas interpretações, traduções, difusões, conservações, é o sentido. O significado da mensagem deve ser o mesmo em toda parte, hoje e no passado. Este universal é indissociável de uma visada de fechamento semântico. Seu esforço de totalização luta contra a pluralidade aberta dos contextos atravessados pelas mensagens, contra a diversidade das comunidades que o fazem circular. Da invenção da escrita decorrem as exigências muito especiais da descontextualização dos discursos. A partir desse acontecimento, o domínio englobante do significado, a pretensão do "todo", a tentativa de instaurar em todos os lugares o mesmo sentido (ou, na ciência, a mesma exatidão) encontram-se, para nós, associadas ao universal. (LÉVY, 2003, p. 115-116)

Para Chartier (2001), não há como pensar na escrita e não pensar na forma material como ela circulou ao longo do tempo. Do rolo ao códice, do códice ao livro e agora, do livro à tela, cada uma destas formas materiais condicionou (e continua condicionando) diferentes formas de produção de escrita e de leitura. O texto agora sai da mão do leitor para ir para a tela.

Se o computador muda as práticas de leitura, muda também a produção da escrita, agora intermediada pelo teclado e por *softwares* que permitem apagar e reescrever palavras, frases e textos, sem deixar marcas da reescrita do autor (se assim ele o quiser) ou, pelo menos, deixando marcas diferentes.

Com a emergência do ciberespaço[4], além de uma transformação nas práticas de escrita e leitura, vemos também uma revolução da comunicação. As mídias até então utilizadas por nossa sociedade traziam dispositivos de comunicação do tipo:

1) **um-para-um**: cartas, telefone;
2) **um-para-todos**: televisão, cinema, teatro, revistas, livros;

[4] O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 2003, p. 17)

A internet, além dos dois tipos de dispositivos de comunicação acima mencionados, possibilita também a comunicação do tipo **muitos-para-muitos**. É um espaço que permite que os interlocutores compartilhem contextos por meio da interconexão dos computadores em rede e do dinamismo das memórias *on-line* em tempo real. É uma teia de **"nós"**: uma multiplicidade de "eus" e uma multiplicidade de **"nós"[5].** Os textos fazem parte de um imenso hipertexto[6] vivo, inacabado, inconcluso, aberto e cambiável. Permite que o sujeito entre em interação com sujeitos das mais diversas culturas, através de computadores espalhados por todo planeta. Uma nova tecnologia fundada no entrelaçamento da alteridade e na resistência aos fechamentos dos sentidos.

É uma "infomaré" de informações, de imagens, de narrativas, de sons, de percepções e de sujeitos que se constituem e constituem seus outros na relação dialógica que mantém entre si; assim como constituem e são constituídos nas e pelas novas (hiper)linguagens que criam. A produção do conhecimento e da arte pode ser revitalizada no ciberespaço por um processo de interação, que precede o advento da escrita. Os signos voltam a estar dispostos na vertical, resgatando o valor do olhar. A co-presença e o contexto compartilhado podem reorganizar nossas noções de espaço, de tempo e de autoria. Em contrapartida, o fato do sujeito ter disponível uma imensidade de textos, não o torna um leitor melhor. É preciso avaliar o que, de fato, os sujeitos lêem, daquilo em que eles apenas passam os olhos. Navegar nesta infomaré pode ser para muitos, como passear por uma biblioteca: olhar os títulos, folhear alguns exemplares, passear por entre prateleiras, flanar...

Considerado por alguns autores como uma nova revolução na história da escrita, o ciberespaço, além de não substituir as outras tecnologias de escrita e comunicação, mantém algumas estruturas do texto impresso, como a paginação, as notas de

[5] Para Lévy (2003, p.44), no ciberespaço, todas as funções da informática são distribuíveis e, cada vez mais, distribuídas. O computador não é mais um centro, e sim um **nó**, um terminal, um componente da rede universal calculante.

[6] Hipertexto digital seria definido como informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e "intuitiva". Em relação às técnicas anteriores de ajuda à leitura, a digitalização introduz uma pequena revolução copernicana: não é mais o navegador que segue os instrumentos de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando páginas, deslocando volumes pesados, percorrendo bibliotecas. Agora é o texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se à vontade frente ao leitor. (LÉVY, 2003, p. 56)

referência, o modo de conservação dos escritos em bibliotecas com dispositivos de classificação e interdição e, por outro lado, resumindo e complementando algumas idéias de Chartier (2001, p. 147-148), podemos encontrar como novo na escrita na tela:

1) **Escrever no texto**[7]: no texto impresso o leitor só podia escrever nas margens e nos espaços em branco do texto;
2) **Escrever na biblioteca**: com a simultaneidade da rede, é possível colocar um texto numa biblioteca sem a intervenção de intermediários (livreiros, operários, editores, divulgadores), o que diminui a defasagem cronológica entre a produção da escrita e sua leitura, diminui custos e altera as práticas sociais da circulação dos textos;
3) **Possibilidade de uma biblioteca universal**: cada texto escrito ou impresso pode passar a pertencer ao patrimônio textual virtual da rede. Uma biblioteca que abranja textos já escritos, textos novos e textos a serem escritos. Assim, "já não há lugar do texto: cada leitor, em seu próprio lugar, pode ter acesso a esse patrimônio textual universal."

Ler e escrever em suportes materiais diferentes implica diferentes modos de ler e escrever, diferentes maneiras de se colocarem os textos em circulação, mas, efetivamente, não são suficientes para alterar o texto.

As técnicas criadas pelos homens e as maneiras como eles se apropriam delas promovem profundas transformações nos sujeitos, nas suas práticas sociais e, portanto, nas sociedades em que vivem. Criam também novos dispositivos de controle, interdição, exclusão e subjetivação. Cada nova tecnologia emergente na história criou novos sistemas de atividade. O mesmo está acontecendo com a apropriação das cibertecnologias.

[7] Existem procedimentos e *softwares* criados para evitar que os textos que circulam na rede sejam modificados (textos em PDF, por exemplo), o que não garante que internautas "astutos" consigam violar esta proteção.

Se, por um lado, a internet aprofunda, agiliza e reduz os custos de uma interação cotidiana entre pessoas fisicamente distantes umas das outras, por outro incentiva que as pessoas ampliem suas redes de comunicação para além daquelas com as quais ela está acostumada a se relacionar (ao vivo, por telefone, por cartas etc.). Segundo Eisenberg (1999, p. 3):

> Estas relações tendem a ser mais horizontais, devido a ausência de enlaces institucionais para mediá-las. Dessa maneira, o globo terrestre parece tornar-se uma grande aldeia e, ao mesmo tempo, o círculo mais próximo de interação de cada pessoa se globaliza.

Uma aldeia global, não tão global assim, uma vez que está restrita aos países desenvolvidos e a uma minoria dos países em desenvolvimento.

Não podemos desconsiderar que o impacto das cibertecnologias nas sociedades, mais do que um impacto técnico-científico, representa um embate político e econômico pela sua apropriação. Há poderes reguladores atuando na constituição do repertório textual, em sua forma digital, e na sua difusão pelos espaços da internet. O acesso a determinados espaços, a hegemonia do inglês, a interferência dos Estados e instituições nos bancos de dados e em suas ferramentas de indexação, supõem escolhas, negociações e resistências.

O acesso à rede exige altos investimentos em infra-estrutura de comunicação, na aquisição de *hardwares* e na apropriação das competências necessárias para a montagem e manutenção de centros servidores. Para Eisenberg (1999:16), "democratizar o acesso implica ampliar o acesso formal à rede, pois quem não tem acesso não sabe acessar". É um desafio do poder público: 1) conceber estratégias de implementação de pontos de acesso que permitam a familiarização da população com o serviço; 2) estabelecer políticas de diminuição dos custos dos *hardwares* e dos provedores.

Sem dúvida nenhuma, a globalização, ao encurtar distâncias, aprofunda desigualdades também. Rompe com algumas estruturas tradicionais da modernidade, mas também cria novos dispositivos de repressão, exclusão e destruição. Ainda assim, é possível olhar para o ciberspaço, como um espaço em que o sujeito ordinário pode (re)inventar seu cotidiano através de práticas sociais pautadas na criatividade, no

conhecimento, na linguagem, na afetividade, na alteridade e nas novas maneiras como os sujeitos interagem.

Para Michel de Certeau (2001, p. 99) **"estratégia"** seria o cálculo ou a manipulação das relações de força que um sujeito de querer e poder, situado, realiza. A estratégia é da ordem da instituição (exército, empresa, universidade, governos, mercados...). Ela tem lugar de poder próprio e por esse motivo é capaz de elaborar lugares teóricos (sistemas discursivos totalizantes) que privilegiam as relações espaciais. Já a **"tática",** é a arte do sujeito ordinário. É determinada, justamente, pela sua ausência de lugar próprio. Ela opera por "golpes" dentro do território inimigo, por ele controlado. Movimenta-se nos interstícios. Aproveita-se das falhas que se abrem na vigilância do poder proprietário e subverte a ordem estabelecida. Os procedimentos táticos privilegiam o tempo, o instante oportuno ao golpe. A tática é determinada pela ausência de poder, pelo não-lugar – é a arte da astúcia:

> Quanto maior um poder, tanto menos pode permitir-se efeitos de astúcia: é com efeito perigoso usar efetivos consideráveis para aparências, enquanto esse gênero de "demonstrações" é geralmente inútil e "a seriedade da amarga necessidade torna a ação direta tão urgente que não deixa lugar a esse jogo". As forças são distribuídas, não se pode correr o risco de fingir com elas. O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como "último recurso": "Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia". Traduzindo: tanto mais se torna tática."
>
> (CLAUSWITZ apud. CERTEAU, 2001, p. 101)

Assim, "entrar na rede", dependendo do ponto de vista, pode ser uma **estratégia** de grandes corporações, de governos, do mercado, da economia dos grandes blocos econômicos, de diversas instituições já estabelecidas em nossa sociedade; como pode também ser uma **tática**, dos sujeitos ordinários, das minorias excluídas, das culturas locais, dos que habitam as fronteiras, dos que falam outras línguas que não o inglês, dos que inventam novas língua(gens), dos que enunciam na contra-mão do discurso etnocêntrico e hegemônico e que trazem em suas vozes a voz do Outro diferente.

A própria construção da World Wide Web – WWW (Rede de Alcance Mundial) engendra procedimentos estratégicos e táticos. Num primeiro momento, é criada "**estrategicamente**" para atender demandas militares e interesses das grandes empresas do

mercado eletrônico. Em seguida, podemos observar o movimento "**estratégico**" dos Estados, dos grandes conglomerados geo-políticos e das grandes corporações, apostando nas cibertecnologias como dispositivos da competição econômica mundial. Na contramão, "**taticamente**", aproveitando a oportunidade da ocasião, um movimento social composto por jovens universitários norte-americanos, cientistas, artistas e pessoas comuns, aliam-se para a criação de um espaço virtual fundamentado na interconexão de vários computadores, de modo que pudessem compartilhar informações, interagir, fundar comunidades virtuais e serem partícipes da criação e manutenção de uma inteligência coletiva.

No ano 2000, 9,8 milhões de pessoas tinham acesso à internet no Brasil. Atualmente, segundo pesquisa realizada pela Datafolha em abril de 2007, 49 milhões de brasileiros acima de 16 anos têm acesso à rede. Destes internautas, 69% correspondem às classes AB, 65% à faixa etária entre 16 e 24 anos e 86% têm curso superior.

Apesar do aumento significativo do número de internautas brasileiros, ainda são muitos os excluídos. O brasileiro que acessa a *internet* é o brasileiro branco, jovem, de classe média, morador das grandes cidades, com curso superior.

Apenas 19% dos usuários se conectam à internet de suas residências - os espaços públicos são os principais locais de acesso à rede: 22% acessam de locais públicos pagos ou gratuitos, 16% acessam na casa de amigos ou parentes e 13% no trabalho.

O uso do espaço público, como o mais utilizado pelos internautas brasileiros, também foi identificado em pesquisa feita pelo PNAD 2005 (Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio) do Ibope/NetRatings. Segundo a pesquisa, entre os usuários de acessos públicos gratuitos, 33% utilizam a web para fazer atividades escolares. Já os que navegam em locais públicos pagos, as atividades mais freqüentes são de relacionamento interpessoal: 61% enviam ou recebem e-mails, 39% participam de sites de relacionamento como o Orkut, 29% enviam mensagens instantâneas e 24% participam de chats (salas de bate-papo).

A internet não pode ser pensada simplesmente como um bem de consumo. Muitas das relações no mundo contemporâneo dependem cada vez mais dos recursos da rede. O acesso a internet é uma questão de utilidade pública. (Eisenberg, 2007, p. 20).

Criar espaços públicos gratuitos pode ser uma estratégia do Estado para diminuir o abismo entre os que estão e os que não estão na rede – mas não a única. A garantia de acesso não implica na garantia de que o sujeito consiga, efetivamente, beneficiar-se com a "infomaré" de dados, textos, imagens, informações e interconexões que a rede disponibiliza. O sujeito deve ser alfabetizado, ter conhecimentos mínimos de inglês (língua franca da rede) e ter familiaridade com as interfaces utilizadas para o acesso. A inclusão digital passa antes e, inquestionavelmente, por uma inclusão social.

Enquanto isso, mesmo neste pequeno universo dos "digitalmente incluídos", é possível analisar as práticas sociais e linguageiras que o sujeito tático, de um país em desenvolvimento como o Brasil, pode lançar mão quando consegue acessar a rede. Os espaços por onde os usuários transitam refletem as características dos grupos aos quais eles pertencem, criam zonas de significação.

Segundo pesquisa realizada pela Datafolha, em abril de 2007, 42% dos usuários brasileiros já haviam colocado algum conteúdo na internet. Destes, 33% relacionaram-se com outras pessoas, 7% divulgaram algum trabalho cultural próprio, 5% ilustraram ou contaram uma história na internet.

O fato de que 81% dos internautas no Brasil acessam a rede em locais públicos pode explicar, em parte, a preferência brasileira por sites de relacionamento. O Orkut, site preferido dos brasileiros nesta categoria, disponibiliza muitas ferramentas aos seus usuários: mensagens particulares, mensagens públicas, fóruns de discussões, espaço para criação de blogs, participação em comunidades, entre outras. Assim, a partir de um único site, num curto período de navegação, o usuário pode conectar muitas pessoas simultaneamente. Para quem acessa a rede de um lugar público isto pode ser uma grande vantagem.

Como exemplo da astúcia do usuário brasileiro, encontramos por toda Web muitos *sites* e *blogs* que ensinam como burlar os bloqueios de acesso (em empresas, universidades, bibliotecas, escolas) ao Orkut:

Como entrar no “Orkut Bloqueado na Faculdade”?[8]

Seguindo como está na imagem você deve conseguir acessar o orkut belezinha :-D.

Se bloquearem este….”nóis arrumemus outro” :-D.

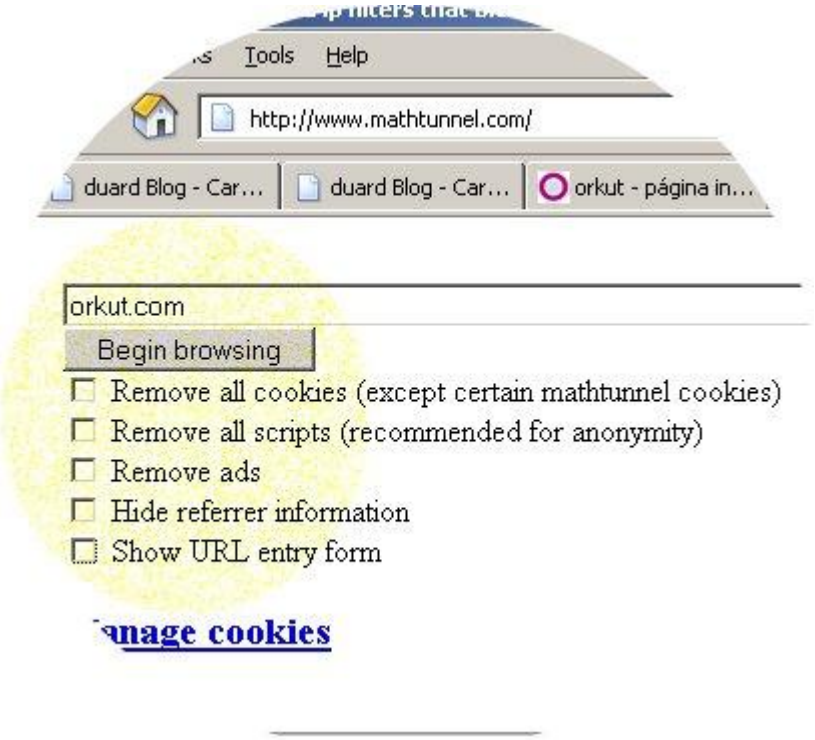


Figura 1 – Formas de burlar o bloqueio de acesso ao Orkut

São muitos brasileiros querendo “entrar na rede”!

[8] Disponível em; http://duard.com.br/blog/acessar-na-faculdade-bloqueado/

A Cidade Azul

Uma cidade, sim. Edificada
nas nuvens, não — no chão por onde vais,
e alicerçada, fundo, nos teus dias,
de jeito assim que dentro dela caiba
o mundo inteiro: as árvores, as crianças,
o mar e o sol, a noite e os passarinhos,
e sobretudo caibas tu, inteiro:
o que te suja, o que te transfigura,
teus pecados mortais, tuas bravuras,
tudo afinal o que te faz viver
e mais o tudo que, vivendo, fazes.

(Thiago de Mello)

O Orkut é uma plataforma[9] de administração de comunidades virtuais. Um site de relacionamentos criado em 2004, pelo analista de sistemas turco, Orkut Buyukkokten, funcionário da Google. "Uma cidade virtual estruturada a partir de uma concepção americanizada[10] de vida urbana" (Eisenberg e Lyra, 2006, p. 35), onde o lema é conectar-se a uma rede de "amigos" (mesmo que estes amigos sejam "estranhos") e ampliar cada vez mais esta rede através de interações rápidas, com padrões de sociabilidade que remetem aos encontros em locais públicos.

Até 2006, para se integrar a esta plataforma de comunidades era necessário ser convidado por alguém que já pertencesse à cidade virtual. Atualmente, para fazer parte deste espaço, basta acessar a página inicial do Orkut, que disponibiliza uma entrada para novos membros e, a partir daí, o internauta pode criar uma conta no Google, que lhe oferece, entre outros serviços, a "cidadania orkutiana". A única exigência para abertura desta conta é a indicação de um endereço de e-mail e a criação de uma senha.

[9] São as diferentes tecnologias (tais como softwares e conexões de internet) que permitem a comunicação entre dois ou mais usuários e ambientes de sociabilidade. (Guimarães Jr, 2004 In: Segata, 2007, p.34)

[10] No meu entender, uma concepção norte-americana de vida urbana.

Figura 02 – Acesso ao Orkut

Quando um usuário acessa pela primeira vez o Orkut, ele é direcionado para a página onde deve preencher seu perfil. Os dados do seu perfil poderão ser visualizados (ou não) pelos outros membros da plataforma. A partir destes dados, o sujeito vai compondo a sua "identidade virtual", incluindo informações verdadeiras ou fictícias sobre si mesmo. Apenas alguns campos são de preenchimento obrigatório e este perfil pode ser atualizado pelo usuário a qualquer momento. O perfil está dividido em cinco categorias:

1) **geral**:

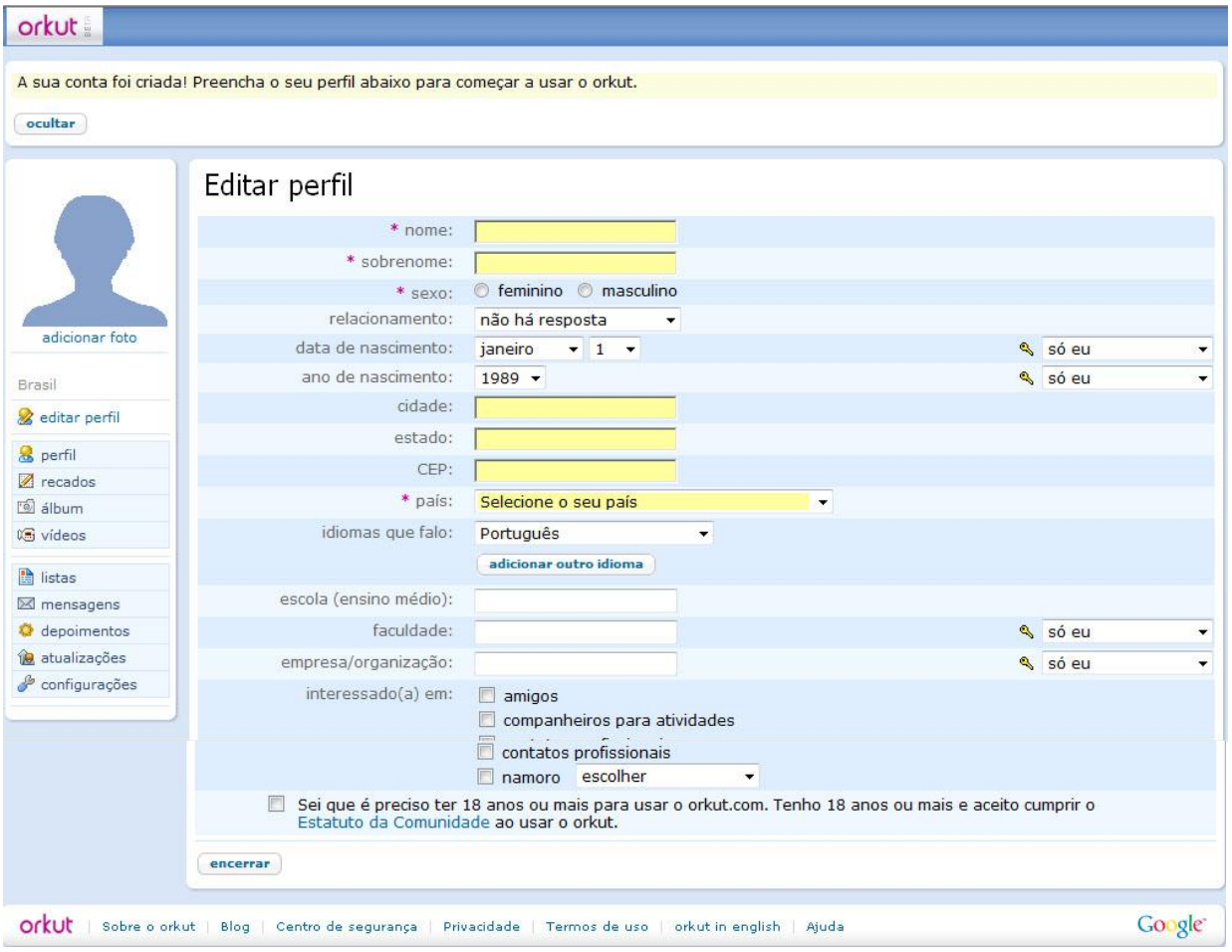


Figura 03 – Perfil geral do Orkut

2) **social**:

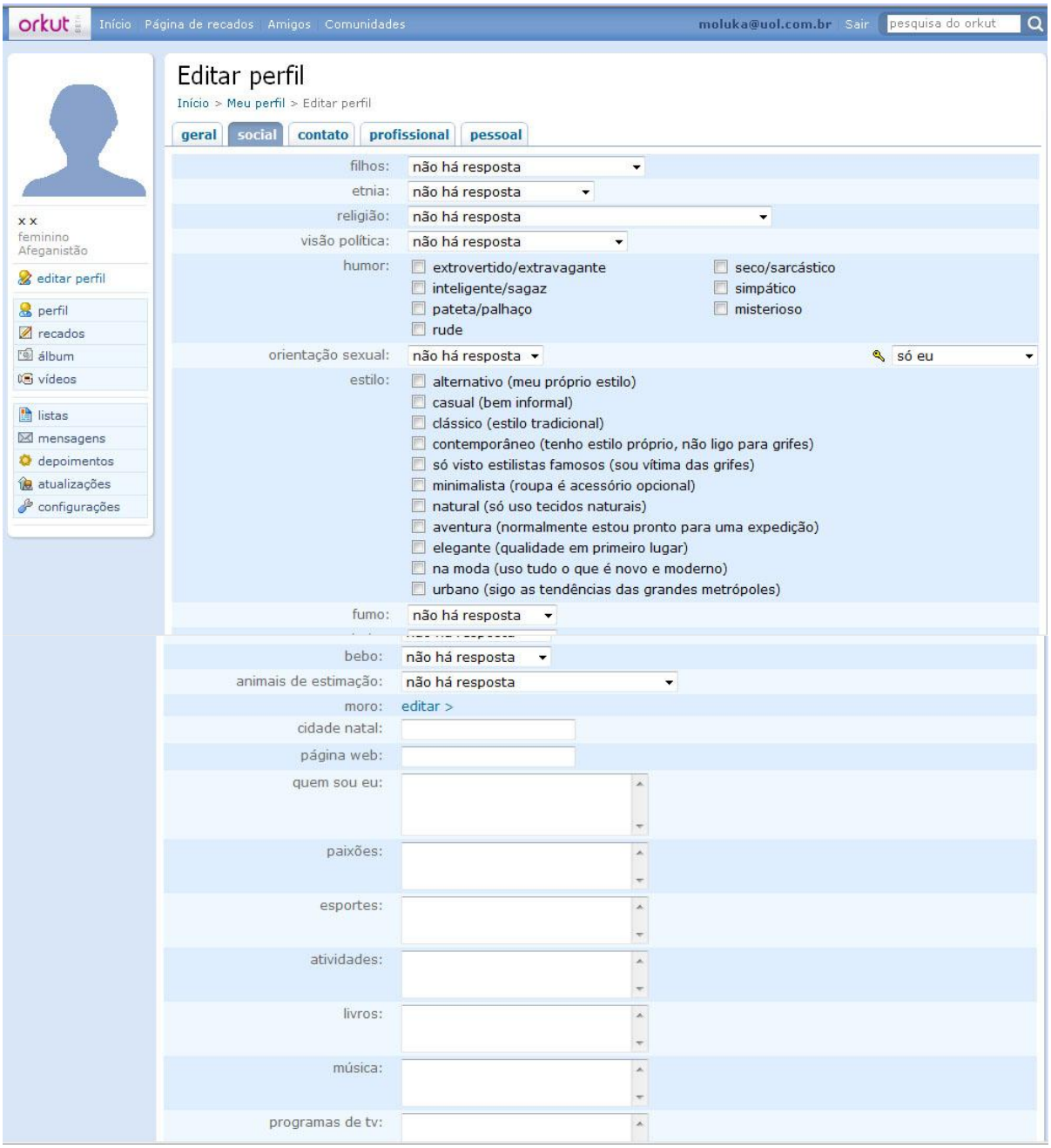


Figura 04 – Perfil social do Orkut

3) contato:

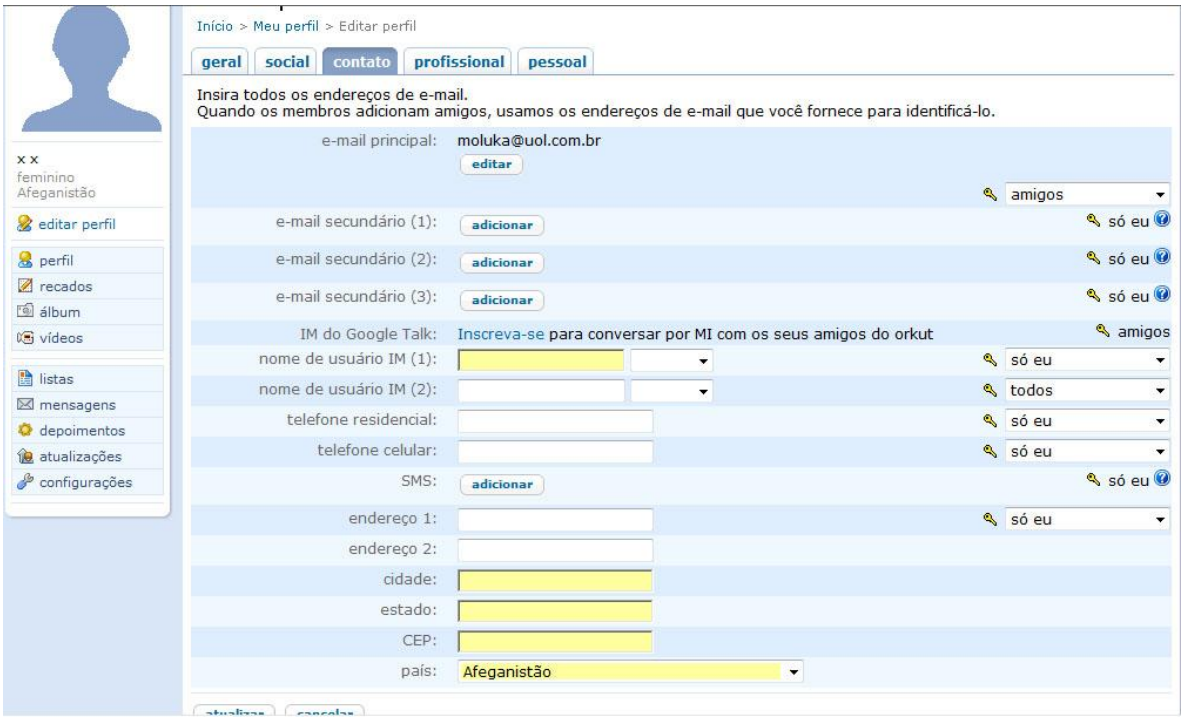


Figura 05 – Perfil de contato do Orkut

4) profissional:

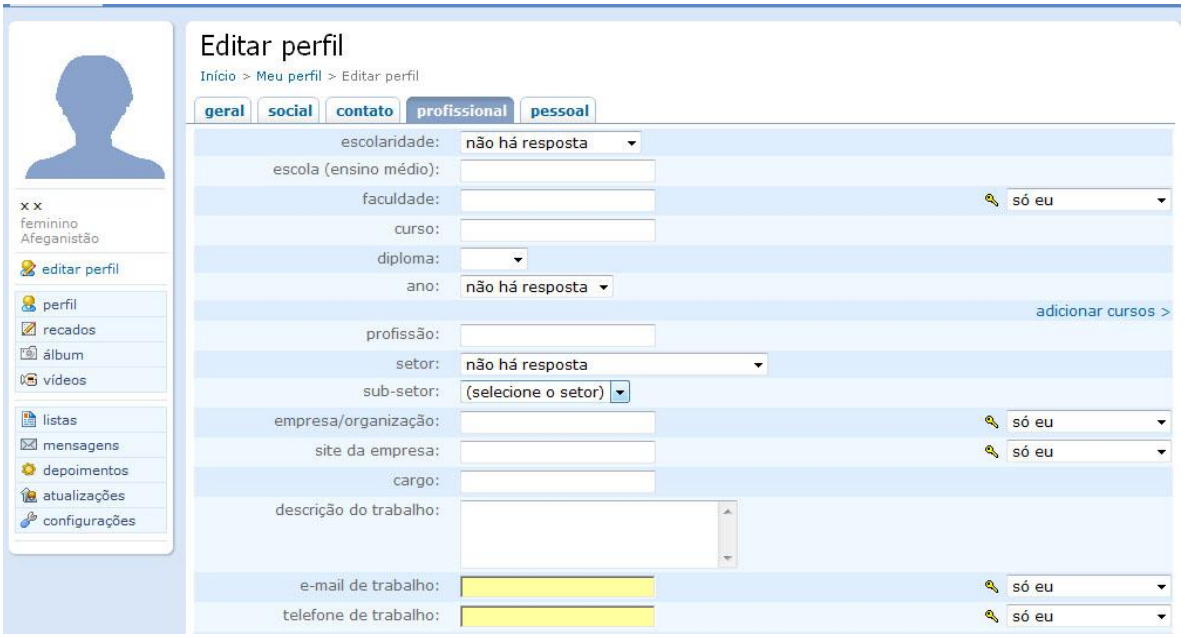


Figura 06 – Perfil profissional do Orkut

5) pessoal:

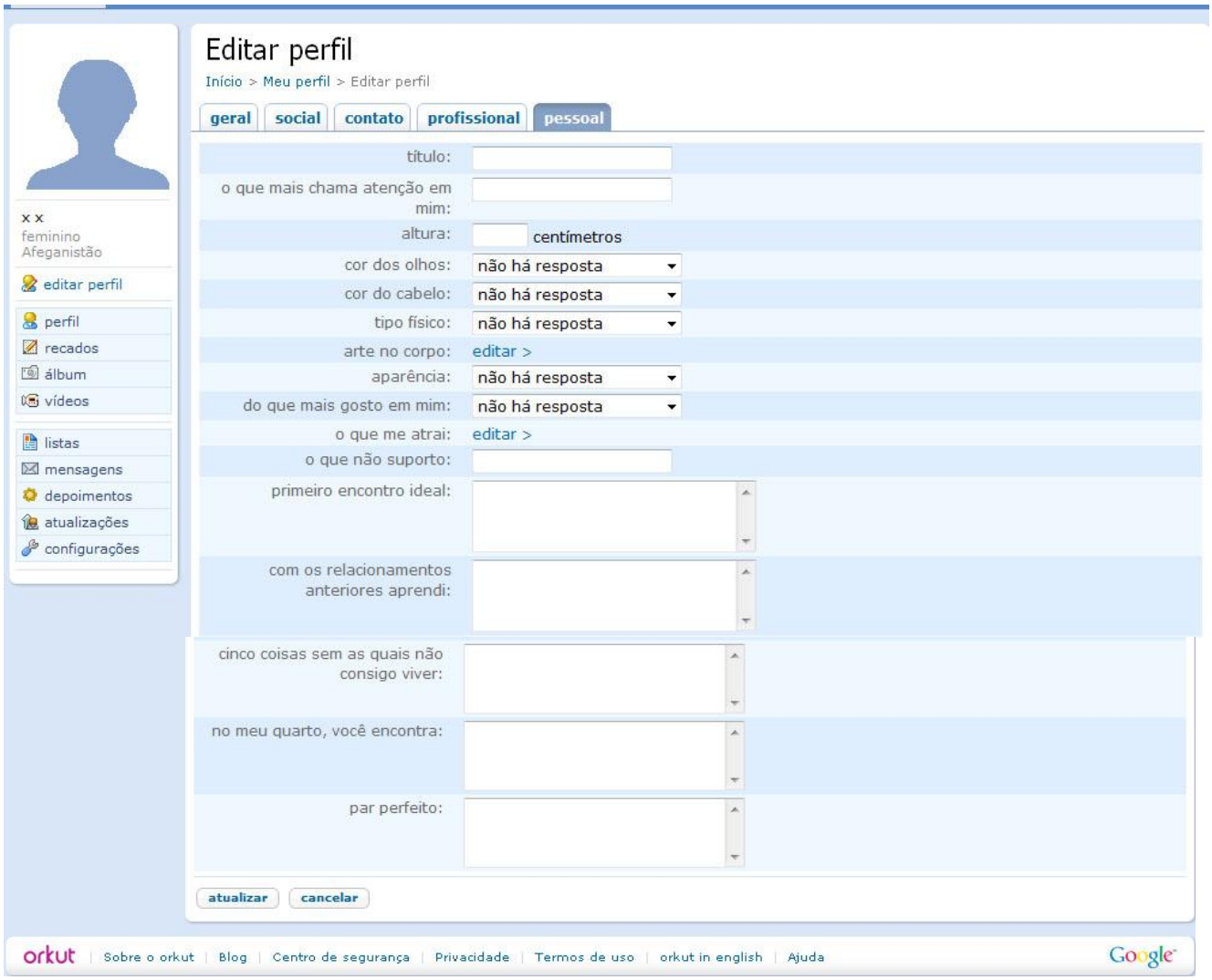


Figura 07 – Perfil pessoal do Orkut

O trabalho do sujeito orkutiano no preenchimento desses dados, a seleção de uma foto para representar o perfil, a elaboração de um álbum de fotografias, a escolha de vídeos favoritos e a adesão a determinadas comunidades nos remetem aos gestos do autor de uma autobiografia na composição de seu próprio personagem. Ele se distancia de si mesmo e tenta se olhar com os olhos do outro. Neste processo de auto-objetivação, o

sujeito-autor cria seu personagem trabalhando com as categorias de representação *eu-para-mim* e *eu-para-o-outro* como se estivesse se contemplando num espelho:

> Contemplar a mim mesmo no espelho é um caso inteiramente específico de visão da minha imagem externa. Tudo indica que neste caso vemos a nós mesmos de forma imediata. Mas não é assim; permanecemos dentro de nós mesmos e vemos apenas nosso reflexo, que não pode tornar-se elemento imediato da nossa visão e vivenciamento do mundo: vemos o reflexo da nossa imagem externa, mas não a nós mesmos em nossa imagem externa; a imagem externa não nos envolve ao todo, estamos diante e não dentro do espelho; o espelho só pode fornecer o material para a auto-objetivação, e ademais um material não genuíno. De fato, nossa situação diante do espelho sempre é meio falsa: como não dispomos de um enfoque de nós mesmos de fora, também nesse caso nos compenetramos de um outro possível e indefinido, com cuja ajuda tentamos encontrar uma posição axiológica em relação a nós mesmos; tentamos aqui vivificar e enformar a nós mesmos a partir do outro; daí a expressão original e antinatural de nosso rosto que vemos nos espelho [e] que não temos na vida. (BAKHITIN, 2003, p. 30)

É a partir da atividade de construção de um personagem de si, da depuração do rosto refletido que o sujeito orkutiano passa a narrar uma história em que é, ao mesmo tempo, autor e personagem. Neste universo azul, interage com muitos outros autores-personagens, tecendo uma grande narrativa inconclusa, dispersa e fragmentária.

Com seu "*blue-card*" devidamente elaborado, o cidadão orkutiano pode percorrer os caminhos desta cidade azul: (re)encontrar amigos, fazer parte de comunidades temáticas, participar de fóruns de discussão, enviar mensagens (privadas) e recados (públicos) aos outros usuários. É uma cidade arquitetonicamente construída para olhar, vigiar, observar e controlar. Um dispositivo tecnológico absolutamente panóptico[11], com a

[11] Termo utilizado por Foucault para descrever os dispositivos de vigilância de uma sociedade. "Há uma maquinaria que assegura a dissimetria, o desequilíbrio, a diferença. Pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados. Do mesmo modo que é indiferente o motivo que o anima: a curiosidade de um indiscreto, a malícia de uma criança, o apetite de saber de um filósofo que quer percorrer esse museu da natureza humana, ou a maldade daqueles que têm prazer em espionar e em punir. Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado. O

diferença de que todos os usuários, ao mesmo tempo em que vigiam, são também vigiados por todos. Cada internauta pode (se quiser) visualizar as pessoas que visitaram o seu perfil, assim como as pessoas por ele visitadas saberão que ele esteve "bisbilhotando" a vida alheia! Muitos usuários criam perfis "*fakes*" (nome falso, características falsas, amigos falsos) para poderem, "taticamente" observar e vigiar outros perfis sem serem identificados. Estes perfis "*fakes*" são muitas vezes compartilhados por mais de um usuário.

Diferentemente dos outros espaços de interação de mensagens instantâneas disponíveis na rede como, por exemplo, o MSN, o sujeito não opta por gravar sua escrita e suas conversas, no Orkut, as mensagens ficam gravadas, inclusive com data e horário - a opção do usuário é de apagar ou não a mensagem recebida ou enviada. Quem escreve no Orkut, sabe que não vai ser lido apenas pelo destinatário de sua mensagem, ao contrário, o enunciador no Orkut, sempre tem (e sabe que tem) muitos destinatários. A enunciação passa a ser um jogo de "revelar" e "esconder" o que se diz.

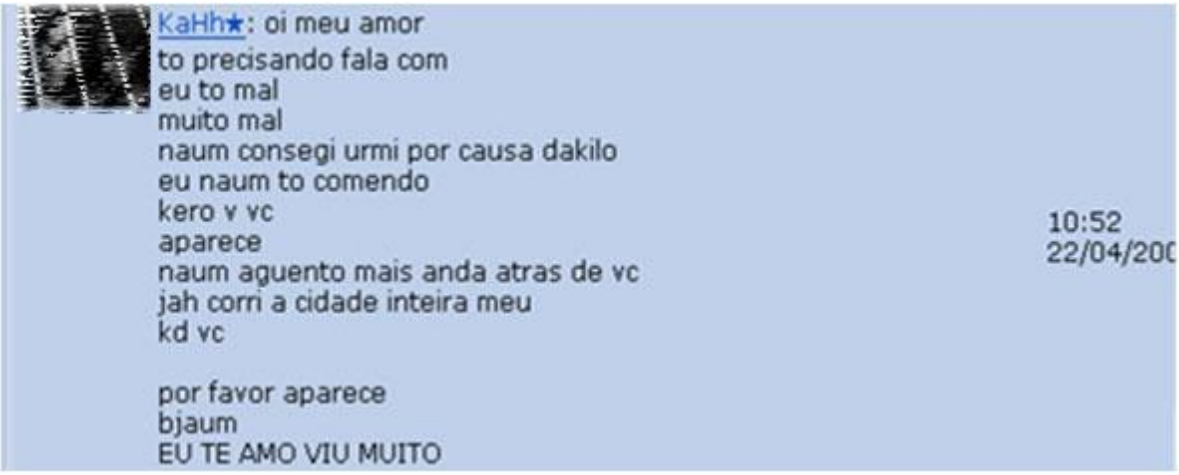


Figura 08 – Mural de recados de usuário do Orkut

Encontramos nos murais de recados dos perfis do Orkut e nos fóruns de discussão das comunidades uma grande exposição da vida íntima dos sujeitos. A linha

---

Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder." (FOUCAULT, 2004, p. 167)

divisória entre a esfera pública e a esfera privada que começou a se estabelecer no Ocidente a partir do século XVIII, vai delineando novos contornos e novas fronteiras neste espaço virtual.

Segundo Hannah Arendt (2004, p. 48, 55), na Antigüidade, "privacidade" era, literalmente, o estado em que o indivíduo se privava de algo. O homem que vivia apenas uma vida privada, não participava da esfera pública, como os escravos e as mulheres da época, por exemplo. Na modernidade, não ocorre este aspecto de privação quando falamos em privacidade. Assim, a separação entre o público e o privado possui diferentes configurações nas diferentes épocas e culturas.

No século XVIII, o movimento migratório e o crescimento de algumas cidades da Europa fizeram com que elas se tornassem lugares em que grupos muito diversos estivessem em contato na sociedade. Para se relacionarem, os homens atribuíam-se papéis socialmente legíveis e atuavam em duas esferas com fronteiras bem demarcadas. A esfera pública era a região da vida social aberta ao outro, ao estranho, à diferença; a esfera privada era reservada aos amigos íntimos e familiares. A linha divisória entre estas esferas era construída através de um código de civilidade e de padrões de comportamentos públicos socialmente aceitos. A interação entre os habitantes da cidade era regida por um jogo de atuação: modos de se vestir e modos de se comportar (no público e no privado) bem definidos nas diferentes situações, entre as diferentes classes sociais.

A divisão entre o domínio público e o domínio privado alicerçada em padrões de conduta de algumas cidades da Europa do século XVIII (principalmente na França e na Inglaterra) influenciou o modo de vida e a arquitetônica das cidades coloniais da época, inclusive no Brasil. E, embora houvesse uma preocupação por parte de uma parcela da sociedade brasileira em reproduzir os códigos de civilidade e conduta das cidades européias, obviamente, o clima, as condições de vida e o contato entre culturas tão diversas (europeus, índios e negros) contribuíram para que as fronteiras entre as esferas pública e privada tomassem configurações diferentes. Estas diferenças podem ser observadas ainda hoje e aparecem refletidas na maneira singular como os usuários brasileiros se apropriam das páginas do Orkut e nelas se expõem.

Em seu livro "O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade" (1999), Richard Sennet analisa o processo de esvaziamento da esfera pública e a "invenção" da intimidade no decorrer do século XIX no Ocidente. Para o autor, isto ocorreu como conseqüência de interesses políticos e econômicos do capitalismo industrial.

A produção em massa, a homogeneização dos produtos (principalmente das vestimentas) e a dificuldade de se manterem os antigos códigos de civilidade entre os sujeitos vão transformar as relações sociais e a vida na cidade, que passa a ser um lugar povoado de estranhos. Gradualmente, a família se transforma no refúgio contra os terrores da sociedade, unindo em seu seio a privacidade e a estabilidade. O lar, agora "privatizado", torna-se a contraposição às hostilidades da vida pública, configura-se como o lugar protegido dos olhares intrusos e ideal para exercer a autenticidade. Inicia-se um processo de exacerbação da individualidade e de supervalorização do eu, que vai implicar na perda do foco social e na despolitização da esfera pública. Concomitantemente, o surgimento da psicologia moderna e da psicanálise vai reforçar a necessidade do indivíduo voltar-se para si mesmo.

Nesta época, proliferam os ambientes íntimos dentro das casas (quartos individuais, escritórios, *cabinets* etc.), os quais se tornam um convite à introspecção. Na literatura, observa-se o florescimento dos romances autobiográficos, confessionais e epistolares – que procuram desvendar os mistérios da alma humana.

Com a intimidade tiranizando o cotidiano, emergem a solidão, o egoísmo e o narcisismo. Paradoxalmente, o isolamento do sujeito, ao invés de torná-lo invisível aos olhos dos outros, cria uma obrigação de visibilidade. Para conhecer o seu outro (estranho e assustador), o sujeito passa a exigir e fornecer aspectos da intimidade numa espécie de "mercantilização da vida íntima". A própria concepção arquitetônica das cidades modernas estabelece o isolamento do sujeito em meio à visibilidade. Paredes de grandes edifícios quase inteiramente de vidro, dissolvem a divisão entre interior e exterior. O mesmo acontece com os escritórios projetados sem divisórias, onde todos se vigiam mutuamente.

Na contemporaneidade, o avanço tecnológico vai incrementar os dispositivos de vigilância dos sujeitos e ampliar as possibilidades de trocas íntimas, "espetacularizando" suas vidas através da mídia. Programas de *reality show* na TV, *webcams* transmitindo a

intimidade de sujeitos comuns pelos computadores do planeta, reportagens sensacionalistas, relatos minuciosos da vida íntima pelas páginas da *internet*, revistas especializadas na exposição da vida privada de celebridades são exemplos das novas tecnologias da informação mostrando "a vida como ela é", num grande espetáculo público que produz novas formas de subjetivação.

Segundo Foucault (1980), desde a Idade Média começou a se instaurar no Ocidente técnicas precisas para se dizer. A confissão, os inquéritos, a tortura, a literatura confessional, as consultas médicas, entre outros dispositivos, foram se constituindo ao longo dos séculos como mecanismos positivos produtores de poder, os quais alimentavam e ainda alimentam a vontade de saber dos sujeitos, da Igreja, do Estado e da Ciência. Estas técnicas colocam em funcionamento determinados discursos, assim como também organizam os silêncios.

Atualmente, o Orkut desponta como um novo espaço para colocar em funcionamento a secular arte de se confessar. Nas páginas "brasileiras" da Cidade Azul, os sujeitos expõem sua intimidade e escrevem insistentemente sobre si mesmo. Neste sentido, o Orkut talvez instaure um novo paradoxo da visibilidade e do isolamento. Embora tenha sido arquitetonicamente projetado para a vigilância e visibilidade, seus cidadãos não se refugiam no isolamento e a troca de intimidades que se estabelece entre os sujeitos atinge uma visibilidade muito maior, muitas vezes assumindo um caráter de denúncia.

Na Cidade Azul, os sujeitos falam de suas intimidades, na maior parte do tempo, mas também falam dos problemas sociais locais, discutem questões de sua universidade, debatem sobre literatura, assumem posições políticas e ideológicas e, acima de tudo, reivindicam a palavra. Lembrando os cafés do século XVIII, a cidade virtual torna-se um lugar público de vigorosa sociabilidade. Sennett (1999, p. 44) afirma que *as pessoas precisam de barreiras tangíveis e de locais específicos para se reunirem em público*. Desta forma, muitos discursos antes restritos ao âmbito familiar ou fadados ao interdito e ao silenciamento em nossa sociedade (como o suicídio), começam a circular publicamente pelas páginas do Orkut. Esta exposição "espetaculosa" da intimidade pode revelar tiranias da vida familiar, antes protegidas pela privacidade (violência física, violência sexual, tortura, repressão, pedofilia, maus tratos, abusos...) e a escrita confessional dos cidadãos

orkutianos representa uma amostra de como estas tiranias podem repercutir na constituição do sujeito, da sociedade e dos discursos que nela circulam.

Segundo Hanna Arendt (2004, p. 83-84):

> Embora a distinção entre o público e o privado coincida com a oposição entre a necessidade e a liberdade, entre a futilidade e a realização, entre a vergonha e a honra, não é de forma alguma verdadeiro que somente o necessário, o fútil e vergonhoso tenham o seu lugar adequado na esfera privada. O significado mais elementar das duas esferas indica que há coisas que devem ser ocultadas e outras que necessitam ser expostas em público para que possam adquirir alguma forma de existência.

No Orkut, é possível observar um deslocamento do que deve e do que não deve ser ocultado na esfera pública. Se, por um lado, há uma abundante exposição da intimidade, uma espetacularização do privado, através de relações superficiais e imediatas que aprofundam o isolamento do sujeito em meio à visibilidade, por outro, observamos uma busca insistente, do sujeito, por seu outro através da interação social gregrária, realizada nas comunidades virtuais[12], que abrigam pessoas com interesses e afinidades comuns.

De maneira alguma o virtual substitui o real. Ao contrário, complementa-o. Embora a plataforma abrigue uma quantidade enorme de comunidades virtuais, com uma multiplicidade de culturas, interesses e afinidades entre seus usuários, o que parece inovador nesta Cidade Azul não é a possibilidade do usuário se conectar a milhões de outros usuários espalhados pelo planeta, mas é o fato de que os processos de virtualização do real no Orkut correspondem às especificidades culturais de seus usuários. Os brasileiros, por exemplo, parecem muito mais à vontade para expor suas intimidades nos espaços virtuais da plataforma, do que os usuários de outras nacionalidades – o que demonstra o reflexo de uma configuração diferente (já no real) entre o que pode vir a público e o que

[12] Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. Para aqueles que não as praticaram, esclarecemos que, longe de serem frias, as relações on-line não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço.[...]A vida de uma comunidade virtual raramente transcorre sem conflitos. (LÉVY, 1999, p. 127-128)

deve ser reservado ao privado. É comum, ao visitarmos perfis de usuários brasileiros, encontrarmos nos murais de recados mensagens que trazem brigas familiares, problemas com o síndico, desentendimento entre alunos de uma mesma escola, conflitos entre professores de uma mesma Universidade, fofocas sobre o chefe de trabalho, disputas amorosas, agressões pessoais, convite para velórios. O usuário brasileiro do Orkut usa o *scrap* como se fosse *e-mail*.

Figura 09 – Convite para velório

O princípio inovador do Orkut de virtualização do real pode ser observado também na maneira singular como os usuários brasileiros lidam com a morte no site. Nossa cultura se constitui a partir do sincretismo de várias crenças e religiões, muitas das quais fundamentadas na possibilidade de continuidade da vida após a morte e na comunicação com aqueles que já morreram. São muitas comunidades brasileiras dedicadas ao tema e é comum encontrarmos *scraps* para usuários que já faleceram.

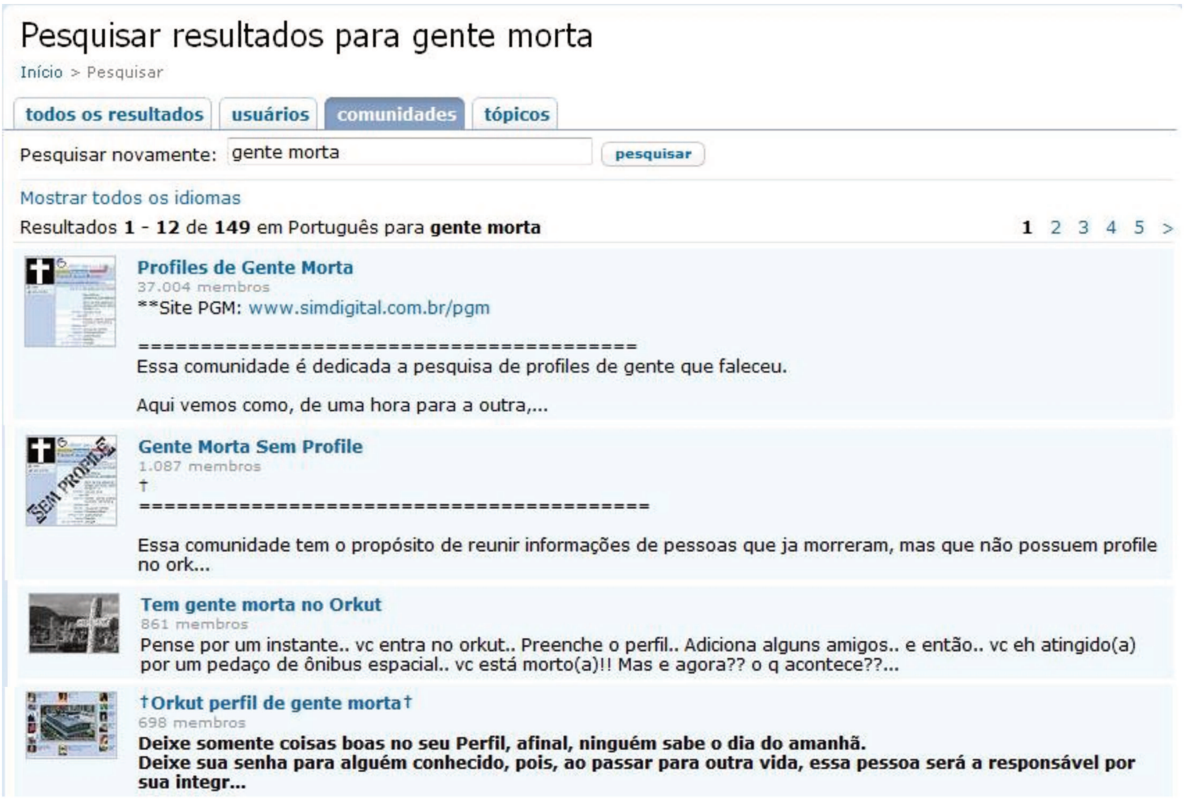


Figura 10 – Gente morta

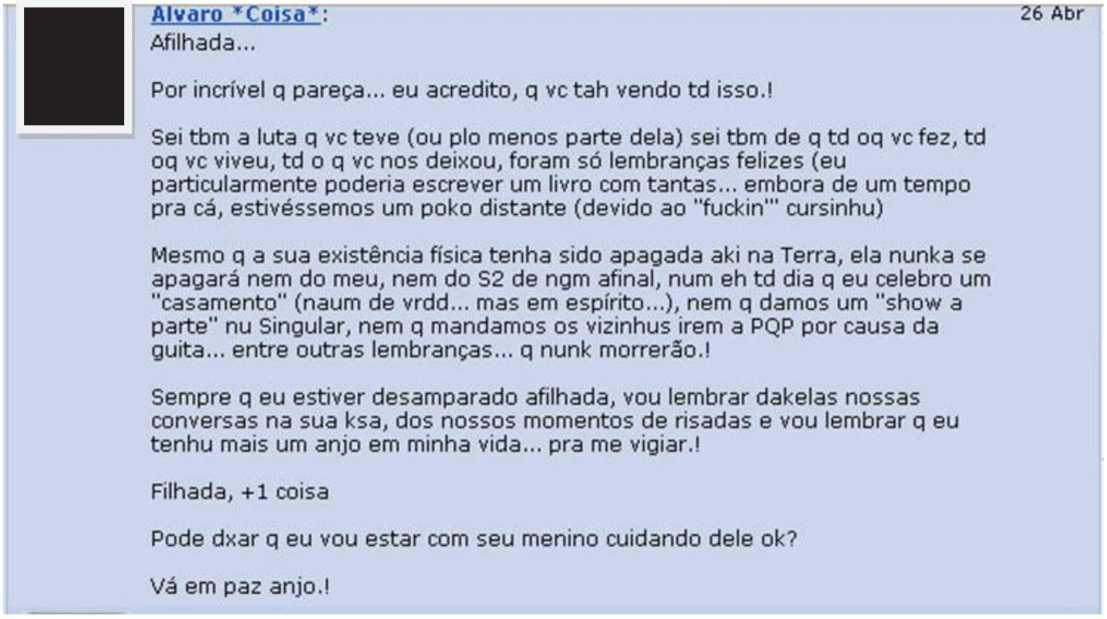


Figura 11 – *Scrap* para garota que se suicidou

A maneira como as características históricas e sócio-culturais de cada grupo aparece refletida nos espaços virtuais da Cidade Azul dá início a um processo de "**contracolonização controlada**" do Orkut, uma vez que a maior parte de seus usuários não é norte-americana. Para Eisenberg e Lyra (2006, p. 06):

> Se redes de sociabilidade como o Orkut podem ser definidas enquanto alvos de um processo de virtualização do real, é razoável afirmar que elas sofram, nessa medida, as modulações decorrentes da diversidade cultural de seus usuários. No caso da presença esmagadora de brasileiros nesse site, esses efeitos são bastante visíveis, e dão forma à definição do que chamamos de uma "contra-colonização controlada".
> Em um legítimo processo antropofágico de reabsorção, a invasão do Orkut por esses jovens brasileiros das mais variadas idades tornou-se uma variável imprevista no controlado método associativo da plataforma.

O Orkut foi criado em janeiro de 2004 e embora ele nunca tenha sido o site de relacionamentos mais utilizado pelos norte-americanos, podemos observar que houve uma grande evasão por parte destes usuários. Segundo Fragoso (2006:5), em fevereiro, o segundo mês de funcionamento, 60% de seus usuários era dos Estados Unidos, seguidos pelo Reino Unido e Canadá, com pouco mais de 3% de usuários cada um. Em abril de 2004, menos da metade dos usuários eram norte-americanos, em contrapartida o número de usuários brasileiros e japoneses crescia exponencialmente. Em junho de 2004, a porcentagem de usuários brasileiros já superava a dos estadunidenses. Abaixo os dados demográficos fornecidos pelo próprio Orkut em outubro de 2007. Há de se considerar, porém, que o usuário nem sempre indica seu verdadeiro país de origem:

Figura 12 – Estatísticas de usuários do Orkut

A primeira forma de contracolonização dos brasileiros foi a resistência da língua. Na internet o inglês é, indiscutivelmente, a língua franca, porém, no Orkut o português impera.

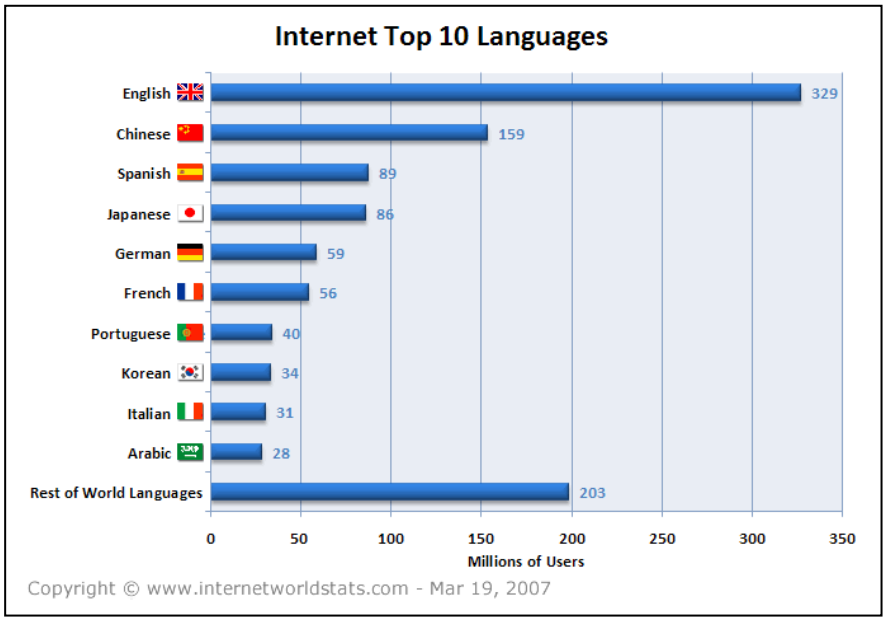


Figura 13 - Estatísticas das línguas que circularam na internet em 2007

À medida que aumentava o número de usuários brasileiros no Orkut, aumentava também o número de comunidades moderadas por eles. Além disso, os brasileiros não respeitavam as regras das comunidades que exigiam que a língua para as postagens[13] fosse o inglês. Esta resistência à língua, fez com que muitos norte-americanos criassem comunidades rechaçando as práticas dos usuários brasileiros. Como retaliação, os brasileiros fizeram um movimento para convidar mais e mais brasileiros para integrarem o site.

Em abril de 2005, "estrategicamente", o Google disponibiliza sua primeira versão do Orkut em outra língua: era o português se "oficializando" como língua majoritária no site. Em julho de 2005 outras dez línguas ganham uma versão: francês, italiano, castelhano, japonês, coreano, neerlandês, russo e chinês.

Ainda que seja uma contracolonização, ela é controlada. Conforme o idioma que o usuário seleciona como versão do Orkut, as indexações de busca são diferentes. Por exemplo, os resultados de uma busca por comunidades que tenham a palavra "brazilians" na versão em inglês é:

[13] Nas comunidades temáticas do Orkut há a possibilidade de se abrir tópicos para discussões e debates. Nestes tópicos os membros da comunidade podem colocar (postar) seus comentários e opiniões que ficam disponíveis para a visualização de todos os usuários.

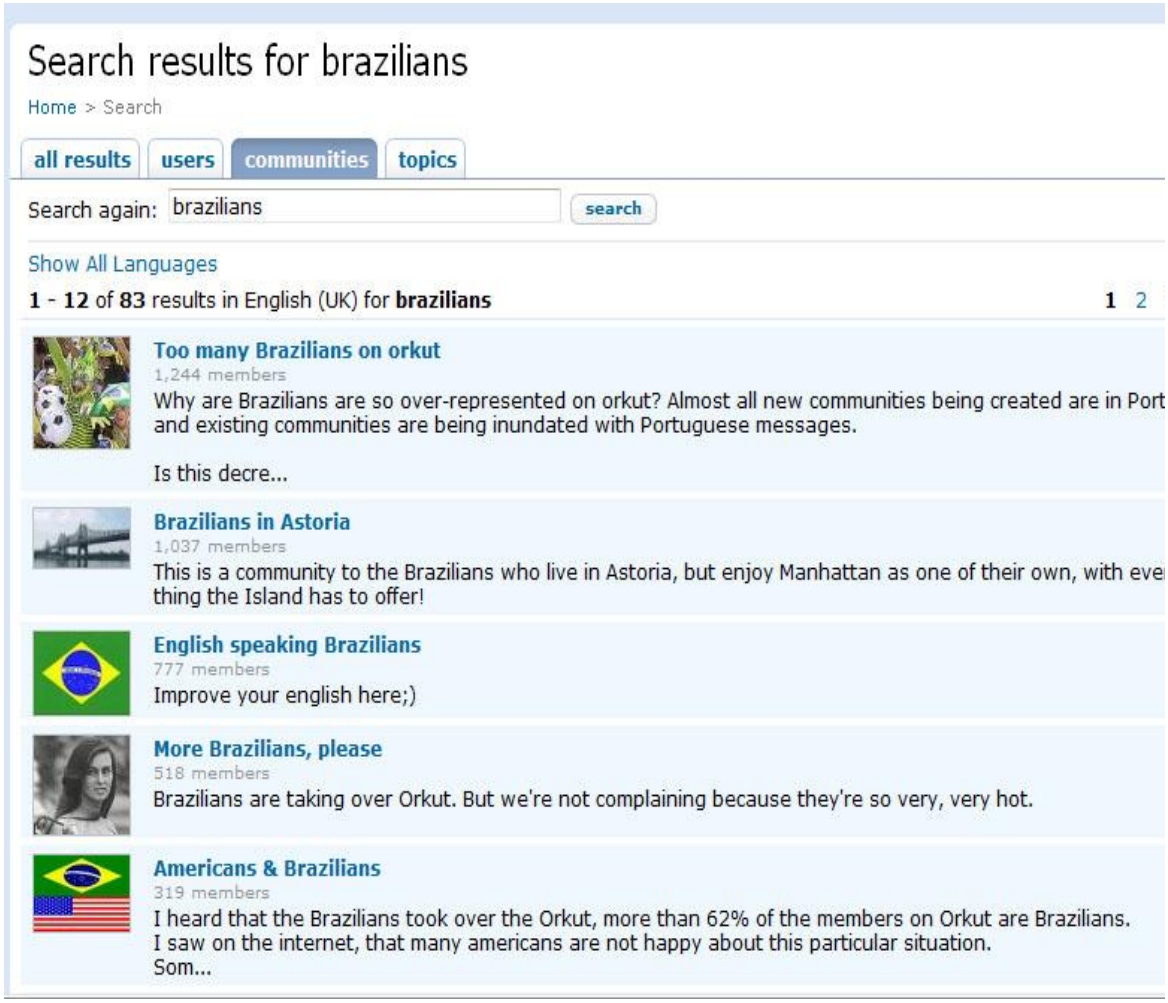


Figura 14 – Pesquisa em inglês com a palavra *brazilians*

A mesma busca na versão em português apresenta outros resultados:

Figura 15 – Pesquisa em português com a palavra *brazilians*

Além da subversão da língua, os brasileiros inauguram um olhar para o "passado" dentro do Orkut, segundo Eisenberg e Lyra (2006, p. 6). É certo que o contato com estranhos é vital para a expansão da rede de relacionamentos (real e virtual) do sujeito, porém é fundamental revitalizar esta rede de sociabilidade através de pessoas que têm um passado compartilhado. Assim, brasileiros entram na rede buscando, além de novos contatos e novos amigos, colegas de escola, familiares que estão distantes, amigos de infância e lembranças vívidas.

Outro fenômeno interessante observado por Eisenberg e Lyra (2006, p. 5) é que mesmo que a maior parte da população desta cidade virtual seja de jovens (como apontam os dados demográficos do Orkut em outubro de 2007[14]), mais do que uma cidade de jovens, encontramos no Orkut, entre os brasileiros de todas as idades, um ímpeto juvenil de descobrimento e exploração do desconhecido, um padrão de interação jovem: intensa, vigorosa, cotidiana, saudosa, gregária. Estes sujeitos (re)significam tradições compartilhadas de uma comunidade ancorada no real.

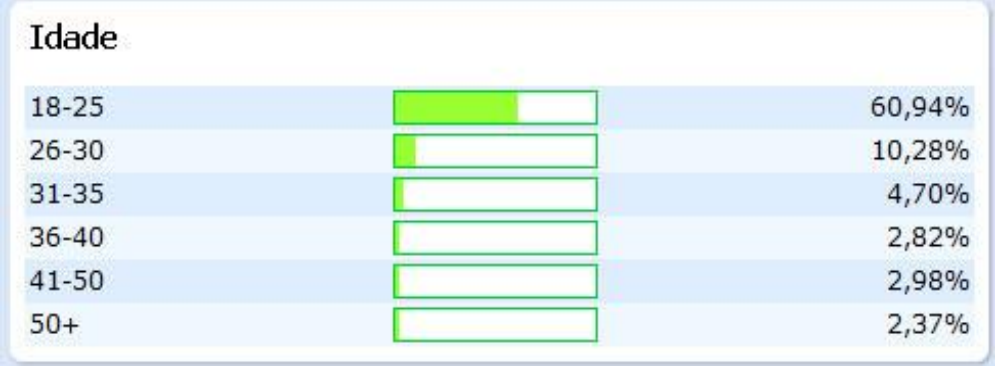


Figura 16 – Percentuais de faixa etária dos usuários do Orkut

Há muitos outros sites de relacionamentos na WEB, entre eles: MySpace, Facebox, Windows Live Space, Friendster. Todos têm o mesmo princípio de formar redes de amigos, de conectar os sujeitos a muitas pessoas, de abrigar comunidades virtuais. A estrutura é semelhante, mas o grau de privacidade e exposição que cada plataforma oferece varia muito. Esta característica vai influenciar diretamente a maneira como os usuários de cada sociedade vão se apropriar destas cidades virtuais.

[14] Estas estatísticas também são imprecisas, pois os usuários nem sempre declaram sua verdadeira idade. Embora ao se tornar um usuário do Orkut, o sujeito aceite um termo de responsabilidade em que "garante" ter mais de 18 anos, encontramos pelo site perfis de muitas crianças e adolescentes menores de 18 anos.

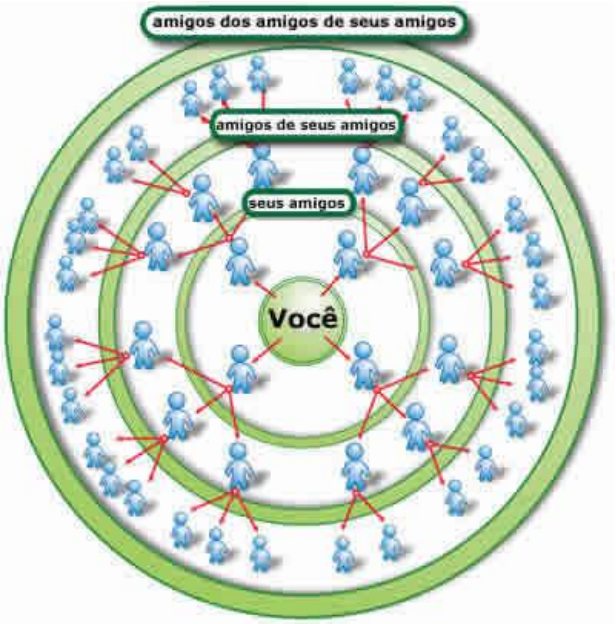


Figura 17 – Esquema de ligações no Orkut[15]

Mais do que estar atento à cidade, devemos estar atentos aos caminhos e trajetórias que percorrem seus cidadãos. *São os jogos dos passos que moldam espaços. Tecem os lugares.* Se há uma organização espacial, uma administração "urbanística" destas cidades virtuais, há também *práticas microbianas, singulares e plurais,* que os sujeitos vão realizando para sobreviverem neste espaço panóptico. São táticas muitas vezes ilegíveis, astutas e teimosas, que vão tecendo as *práticas de espaço* da cidade (Certeau, 2001, p. 175,176) e que vão alterando a própria cidade.

[15] Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut

> A cidade, como outras cidades, tem muitos habitantes, cada um com um mapa da cidade em sua cabeça. Cada mapa tem seus espaços vazios, ainda que em mapas diferentes eles se localizem em lugares diferentes. Os mapas que orientam os movimentos das várias categorias de habitantes não se superpõem, mas para que qualquer mapa "faça sentido", algumas áreas da cidade devem permanecer sem sentido. Excluir tais lugares permite que o resto brilhe e se encha de significado. O vazio do lugar está no olho de quem vê e nas pernas ou rodas de quem anda. (BAUMAN, 2000, p. 121-122)

Percorrer os caminhos dos brasileiros no Orkut é, sem sombra de dúvidas, percorrer uma cidade diferente daquela que os iranianos, os chineses e os norte-americanos conhecem.

Profiles de Gente Morta

O culto à vida, se
na verdade é profundo e total, é
também culto à morte. Ambas
são inseparáveis.

(Octávio Paz)

Foucault, em uma conferência proferida em 1984 (2006, vol. III, p. 412), faz resumidamente uma história do espaço. Para este autor, a Idade Média estava organizada em um conjunto hierarquizado de lugares: lugares sagrados e profanos, lugares protegidos e abertos, urbanos e rurais, celestes e terrestres etc. O espaço medieval era um espaço de **localização**. A partir de Galileu, século XVII, com a (re)descoberta de que a Terra girava ao redor do Sol, o lugar passa a ser um ponto no movimento - a **extensão** toma o lugar da **localização**. Na contemporaneidade, o **posicionamento** substitui a **localização** e este **posicionamento** é definido pelas relações de vizinhança entre pontos.

> A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta através dos tempos como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. (FOUCAULT, 2006, vol. III, p. 411)

Para o autor, há dois grandes tipos de posicionamentos: as utopias, que são os posicionamentos sem lugares reais, mas potencialmente realizáveis, e as heterotopias, lugares reais encontrados no interior das diferentes culturas, mas que, embora sejam efetivamente localizáveis, encontram-se fora de todos os lugares da sociedade.

Foucault traz como exemplo de heterotopia o cemitério. Na cultura ocidental, o cemitério praticamente sempre existiu. Até o fim do século XVIII, ele estava situado no centro da cidade, ao lado da igreja, em lugar sagrado. Era possível encontrar diferentes formas de sepultura: ossuários (ossos de vários cadáveres), alguns túmulos individuais e os mausoléus. A partir do século XIX, com a apropriação dos cemitérios pela

burguesia e com a associação da morte à "doença", cada um passou a ter direito a sua caixa mortuária individual e os cemitérios passaram as ser removidos para a periferia da cidade.

Foucault (2006, vol. III, p. 418-419) complementa sua idéia afirmando que:

> a heterotopia se põe a funcionar quando os homens encontram uma espécie de ruptura absoluta com seu tempo tradicional, assim, o cemitério é altamente heterotópico, uma vez que representa para o sujeito a perda da vida, e essa quase-eternidade em que ele não cessa de se dissolver e de se apagar.

Assim como a cidade real, a cidade virtual também possui seus mortos. Atualmente, os usuários do Orkut que morrem sem terem compartilhado suas senhas de acesso com outras pessoas permanecem com seus *profiles* ativos, indefinidamente. São aproximadamente 1 milhão de usuários mortos com perfis ativos, segundo dados da Webinsider, página de notícias da UOL.

Desta forma, cada perfil de um usuário morto mantém os rastros da história deste sujeito no Orkut: os caminhos que ele percorreu, as relações sociais que estabeleceu, os vínculos que firmou, os enunciados que proferiu. Sua escrita e seus discursos sobrevivem à sua morte. O perfil do usuário morto configura-se como um lugar *heterotópico*.

Foi a partir desta heterotopia virtual, que Guilherme Dorta, um jovem jornalista brasileiro, fundou a comunidade **"Profiles de Gente Morta"**, em dezembro de 2004. Hoje, com aproximadamente 37.000 membros, esta comunidade está entre as mais visitadas do Orkut. Seu objetivo é pesquisar, na rede, pessoas que já morreram e que têm *profiles* ativos no Orkut.

Figura 18 – Comunidade Profiles de Gente Morta

Ginzburg (2007, p. 151,152) afirma que por milênios o homem foi caçador. Ele aprendeu a farejar, registrar e interpretar pistas quase invisíveis. Aprendeu a reconstruir os movimentos de suas presas através de pegadas na lama, de galhos quebrados, de resíduos encontrados pelo caminho. Estes cálculos e operações constituem um saber do tipo venatório. “O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente”.

Este saber venatório permeia as práticas investigativas dos membros da comunidade Profiles de Gente Morta. Descoberto mais um morto na imensa Cidade Azul, inicia-se a caçada às pegadas que este sujeito trilhou. É uma busca das possíveis causas da morte, através de todo “patrimônio sígnico” deixado pelo e para o falecido na rede. É uma tentativa de reconstituição da vida e da morte do sujeito a partir da análise retrospectiva de uma “enunciação virtual”.

Os fóruns de discussão das comunidades do Orkut são organizados em tópicos criados pelos seus participantes. Na comunidade Profiles de Gente Morta, cada tópico contém o endereço de um perfil de uma pessoa "supostamente" morta.

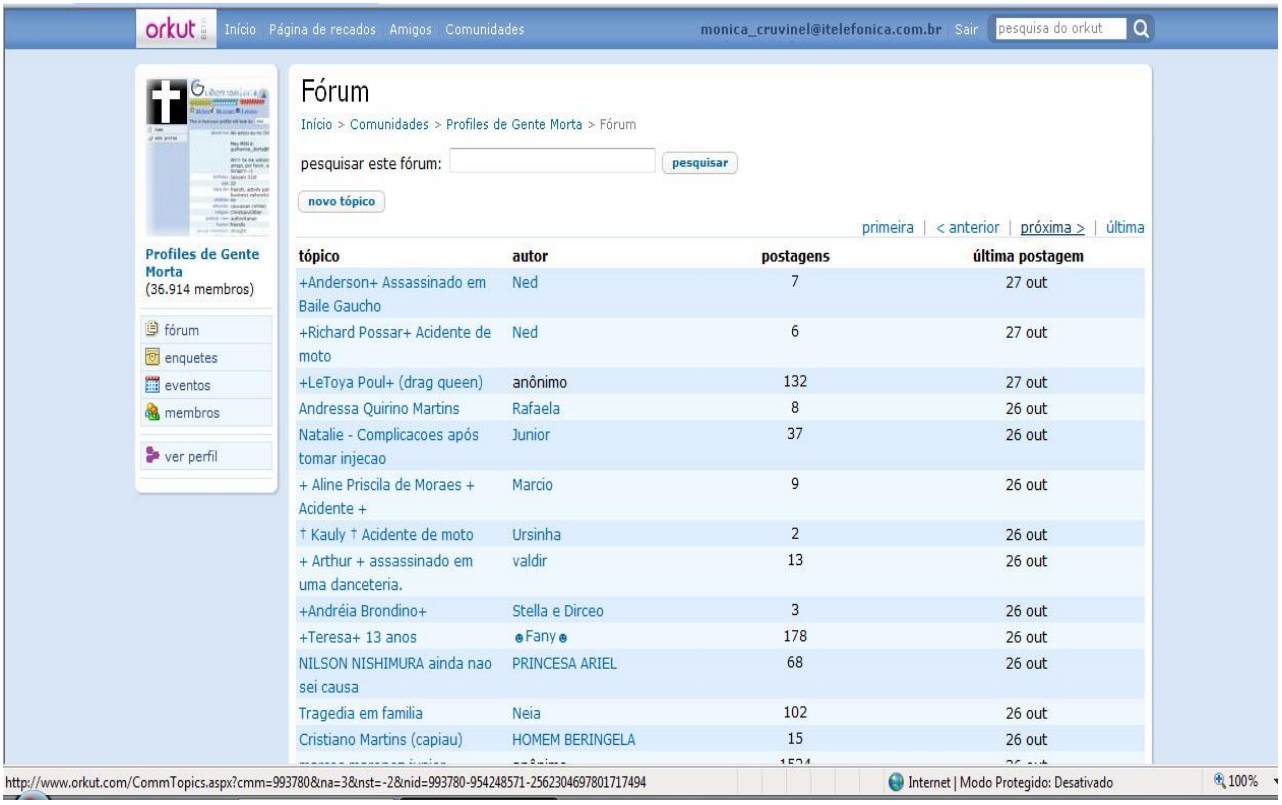


Figura 19 – Fórum da Profiles de Gente Morta

Com o endereço do perfil, os membros da comunidade começam a investigar se o perfil é realmente de uma pessoa falecida. Procuram em obtuários e em notícias divulgadas na rede dados que confirmem a morte e a *causa mortis* daquele usuário. Vasculham os *scraps*[16] postados pelo sujeito nas comunidades às quais pertencia e nos murais de recados de seus amigos. Analisam as características do perfil, a lista de comunidades, a rede de amigos, as fotos e os vídeos. A partir do endereço postado, buscam os *blogs*[17], *fotologs*[18] e sites associados ao perfil, assim como procuram comunidades

[16] Mensagens deixadas pelos usuários nos murais de recados de outros usuários, que podem ser visualizados por todos os membros do Orkut.

[17] Abreviação de Weblog – página pessoal na internet utilizada como diário para veicular notícias, divulgar textos ou qualquer outro tipo de informação.

criadas para prestar homenagens ao falecido. É uma caça aos rastros virtuais que esta pessoa e seus interlocutores deixaram antes dela morrer.

Figura 20 – Postagens em fórum da Profiles de Gente Morta 1.

[18] São blogs de fotos, ou seja, sites que permitem que o internauta organize suas fotografias na WEB.

Figura 21 – Postagens em fórum da Profiles de Gente Morta 2.

> Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. (GINZBURG, 1991, p. 177)

É este o princípio constitutivo do modelo epistemológico emergente no século XIX nas ciências humanas. Um modelo fundado na interpretação do detalhe, do singular, do episódico, do marginal - uma interpretação inacessível a uma observação superficial da realidade.

Morelli (um historiador da arte italiano) publicou entre 1874 e 1876, artigos que propunham um novo método para a atribuição de autoria a algumas pinturas italianas sem assinatura. Ele afirmava que era preciso não se ater às características mais vistosas da pintura, mas, ao contrário, examinar os pormenores mais negligenciáveis, como os lóbulos das orelhas, as unhas e as formas dos dedos. Conseguia, desta forma, distinguir traços presentes em obras originais de pintores que não apareciam nas cópias.

O método indiciário de Morelli foi comparado às astúcias investigativas do famoso detetive Sherlock Holmes, que descobria a autoria de crimes através da interpretação de pistas imperceptíveis para a maioria, assim como influenciou Freud na criação de seu método psicanalítico.

> Muito tempo antes que eu pudesse ouvir falar de psicanálise, vim a saber que um especialista de arte russo, Ivan Lermiolieff, cujos primeiros ensaios foram publicados em alemão entre 1874 e 1876, havia provocado uma revolução nas galerias da Europa recolocando em discussão a atribuição de muitos quadros a cada pintor[...]. Foi depois muito interessante para mim saber que sob o pseudônimo russo escondia-se um médico italiano de nome Morelli. [...] Creio que seu método está estreitamente aparentado à técnica da psicanálise médica. Esta também tem por habito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou desapercebidos, dos detritos ou "refugos"da nossa observação. (FREUD, 1914 *apud.* GINZBURG, 1991, p.147)

Se considerarmos que Morelli, Doyle (autor das obras de Sherlock Holmes) e Freud eram médicos, entrevê-se em suas práticas o modelo da semiótica médica, que é o método que permite diagnosticar doenças através da observação de sintomas, muitas vezes inacessíveis aos olhos dos leigos.

Este modelo semiótico que se instaurava nas ciências humanas rompia com o modelo "galileano", baseado na quantificação e repetibilidade dos fenômenos, que "governa" as ciências ditas exatas. O que Ginzburg nos mostra como reflexão em seu texto *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário* (1991) é justamente o fato de que disciplinas como a História e a Filologia nunca conseguiram se tornar ciências galileanas, uma vez que, assim como o conhecimento médico, o conhecimento histórico e lingüístico é indireto, indiciário e conjetural. As ciências humanas estão ancoradas nas análises qualitativas.

No século XIX o modelo médico semiótico constituía um modelo epistemológico, mas, não havia entre os pensadores da época, uma preocupação em definir um paradigma metodológico de investigação. É este então, o trabalho de Ginzburg: discutir procedimentos metodológicos para uma investigação rigorosa, centrada no detalhe, nas pistas e nos indícios.

Mas pode um paradigma indiciário ser rigoroso quando aplicado à experiência cotidiana?

> Em situações como essas, o rigor flexível (se nos for permitido o oximoro) do paradigma indiciário mostra-se ineliminável. Trata-se de formas de saber, tendencialmente **mudas** – no sentido de que, como já dissemos, suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas.Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição. (GINZBURG,1991, p. 179)

É bem provável que os membros da comunidade Profiles de Gente Morta nem conheçam Ginzburg, ou nunca tenham ouvido falar do paradigma indiciário, entretanto, lançam mão deste modelo investigativo, utilizando procedimentos abdutivos (modalidades de inferências), que permitem buscar conclusões a partir de interpretação racional de sinais, de indícios e de signos (Pierce *apud*. Abaurre, 2002, p. 83).

Figura 22 – Postagens em fórum da Profiles de Gente Morta 3

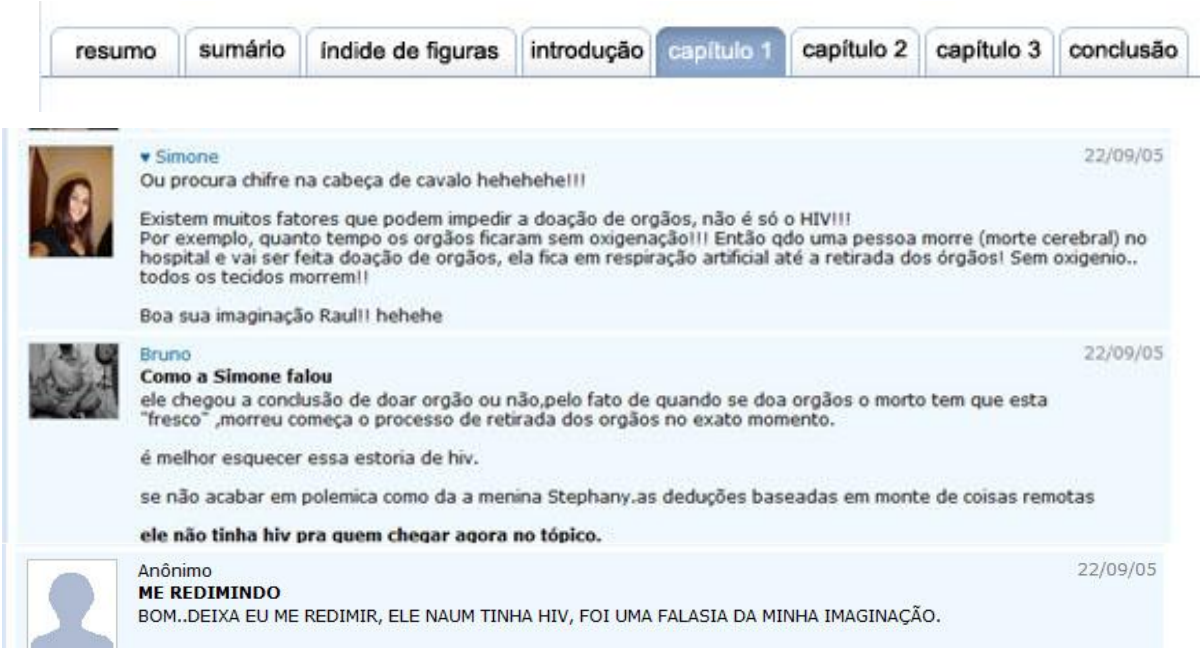


Figura 23 – Postagens em fórum da Profiles de Gente Morta 4

Inspiro-me, então, neste saber-fazer abdutivo dos membros desta comunidade e no paradigma indiciário que emergiu nas ciências humanas no século XIX, tão propriamente retomado e sistematizado por Ginzburg, como procedimento metodológico de minha pesquisa.

Seleciono neste trabalho, perfis de sujeitos que se suicidaram, usuários do Orkut, cujos perfis foram postados na Profiles de Gente Morta. Interessa-me, como linguista, a relação que estes sujeitos mantiveram com seus outros e com a linguagem. Procuro rastros, indícios e sinais em suas escritas que me permitam formular hipóteses sobre um discurso "suicida" e todas as vozes que atravessam e constituem esse discurso. A partir dos dados singulares e episódicos da micro-história de cada um dos sujeitos analisados, procuro entender todo o processo de (a)enunciação de suas próprias mortes.

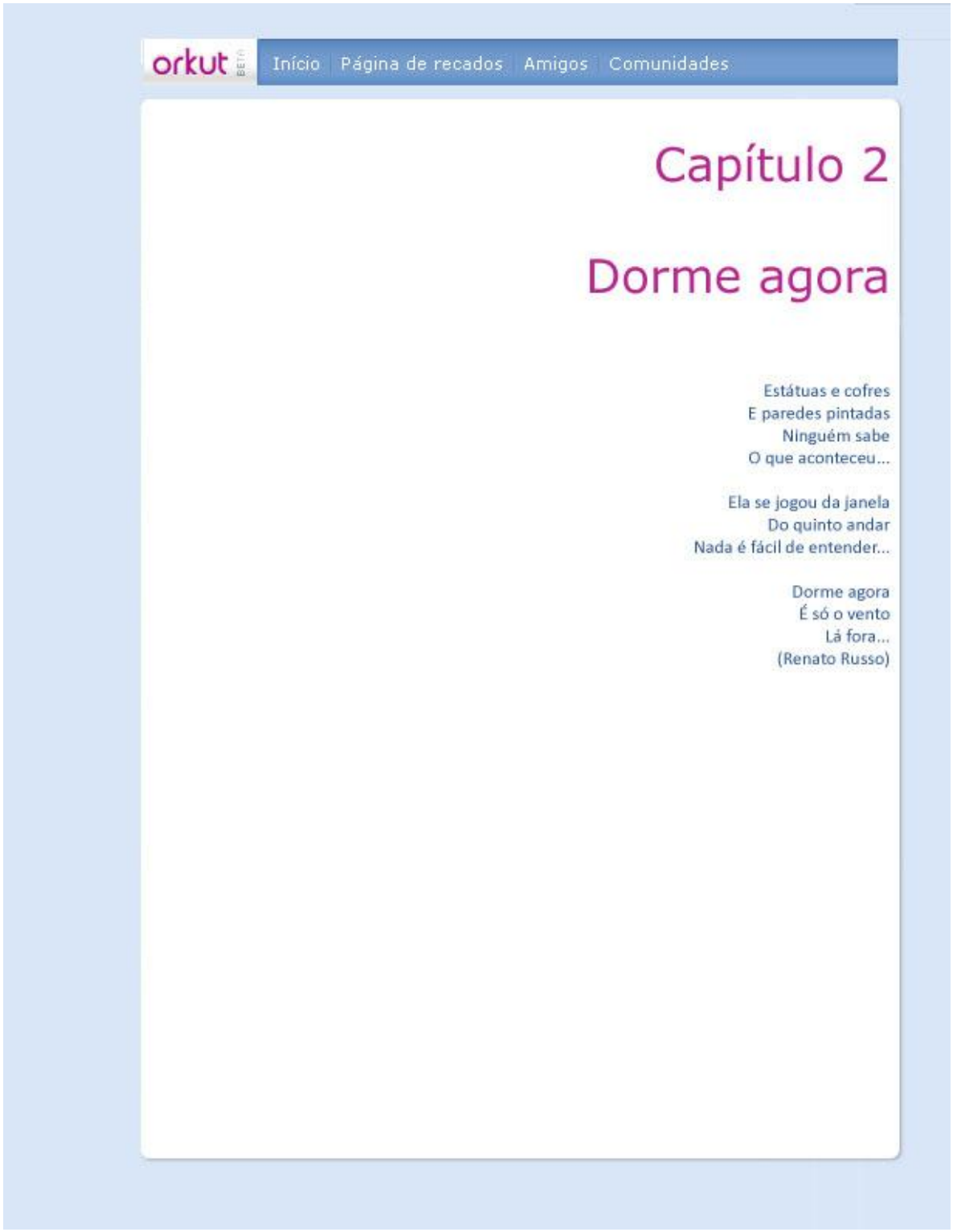
Para Abaurre (2002, p. 21),

> Quando chamamos atenção para o interesse teórico dos episódios e seus dados muitas vezes singulares, fazemos isso não do interior de uma teoria psicológica específica, com seu conjunto de pressupostos teóricos, hipóteses, axiomas e métodos que obrigam a certos procedimentos de pesquisa, mas no contexto de um conjunto de estudos da linguagem em que à interlocução, aos atores sociais, à micro e macro-história é atribuído um estatuto teórico específico, em virtude das perguntas que se deseja ver incorporadas por uma teoria da linguagem mais abrangente, interessada não apenas nas características formais do objeto lingüístico, mas, também, no modo e na história de sua constituição e constante mutação.

Parto de dados singulares e localizáveis para compreender e analisar o discurso do suicídio, o que não significa cair num relativismo e num subjetivismo que se recusem a assumir a responsabilidade de uma averiguação crítica.

Toda minha pesquisa, desde a organização e seleção do material coletado, passando pelas análises e pelo meu processo de escrita, constitui uma narrativa. Uma narrativa que não resulta de um trabalho etnográfico, de uma observação empírica quantificável, ou da análise de um arquivo pré-dado, mas sim da busca da singularidade do acontecimento e dos deslocamentos que resultam deste acontecimento. É o meu olhar de analista debruçando-se sobre o processo de produção dos textos destes suicidas, sem perder de vista as condições nas quais eles foram produzidos e as relações de força que neles se engendram.

Para Ginzburg (2000, p. 44), os dados não são nem janelas escancaradas, nem muros que obstruem a visão, são espelhos deformantes. A análise de uma distorção específica de qualquer dado já implica uma construção narrativa que não é incompatível com a prova.


orkut
Início
Página de recados
Amigos
Comunidades
Capítulo 2
Dorme agora
Estátuas e cofres
E paredes pintadas
Ninguém sabe
O que aconteceu...
Ela se jogou da janela
Do quinto andar
Nada é fácil de entender...
Dorme agora
É só o vento
Lá fora...
(Renato Russo)

Do suicídio

Confesso que sempre tive dificuldades de compreender a dimensão dessa lógica natural da existência dos seres humanos, aprender com o sofrimento. Mas sempre me perguntei se quando o sofrimento não consegue educar, o que acontece com quem sofre? Deseducamente morre!

(Blog de Ana Lúcia Prado)[19]

Desde que comecei a estudar os discursos do suicídio, vejo pessoas se desconcertarem com este tema. Nas bancas de seleção, nos congressos, nas conversas com amigos, na interlocução com professores, nos questionamentos de colegas... Há sempre um misto de surpresa, espanto, medo e curiosidade. Todos me perguntam de primeira: Por que o suicídio?

A minha resposta diz muito menos sobre a escolha que fiz para o tema de minha pesquisa, do que a própria insistência da pergunta. A questão do suicídio atravessa a todos!

> Tive vários amigos que se suicidaram. Outros, que não foram amigos, mas por quem tive sincera admiração. Para alguns é possível reconstituir a história. Outros permanecem mergulhados em mistério. O que assusta é pensar que, quem sabe, o desejo de morrer também more, encolhido, dentro da gente. Não tenho medo de andar de avião. Pelo contrário, sinto-me possuído de uma grande tranqüilidade ao olhar para a terra, lá das alturas. Mas meus sentimentos são diferentes quando me debruço sobre a sacada de um apartamento do 18º. Andar... Estranho, não? Pois não é muito mais seguro o edifício? Por que o medo? Onde a diferença? Não está na altura. Está no fato de que no avião estou protegido contra o meu desejo. Não posso saltar, ainda que queira. Mas, na sacada do edifício, sinto que há apenas o meu desejo a me separar da morte. É muito fácil... Quem já não teve fantasias de suicídio? Eu já.
>
> (ALVES, 1991, p. 13)

Para Camus (1989), o suicídio é o único problema realmente sério da filosofia.

[19] Disponível em: http://www.alprado.blogspot.com/

Julgar se a vida vale ou não a pena é responder à pergunta fundamental da filosofia e este julgamento não tem como estar apartado de uma reflexão sobre o sentido da vida.

A vida, assim como a palavra, é plurivalente. Ela é prenhe de significados. Mas seu sentido só se atualiza nas interações que mantemos com nossos outros e nos cálculos de possibilidades que vislumbramos no futuro, a partir de nossas experiências do passado.

O sujeito pode, em diferentes momentos de sua história, não encontrar sentido em sua própria vida. Viver torna-se, então, (re)inventar maneiras de atualizar este sentido ausente, ainda que este sentido só se encontre para alguns, justamente na decisão de deixar de viver.

Bakhtin, em suas reflexões em *Estética da Criação Verbal* (2003) e em fragmentos de seu texto *Para uma Filosofia do Ato Ético* (1993), afirma que é no futuro que o sujeito funda a sua memória. É a partir deste futuro que ele organiza e direciona suas ações presentes. Vive, pensa, existe, age dentro de um todo arquitetônico que faz sentido, um todo que delimita fronteiras temporais entre o sujeito e o Outro. A memória que tem do Outro é uma memória esteticamente produzida - livre do por-vir. Mesmo que este Outro sobreviva ao sujeito, o sujeito ocupa um lugar único no mundo que lhe permite que tenha um *excedente de visão*, ou seja, pode ver do Outro aquilo que ele próprio não vê. A vida do Outro é sempre concluível – é possível contar a sua história e fazer dele um herói sem perturbar a temporalidade contínua de sua existência. “O passado é a memória do Outro”.

É a partir do futuro que o sujeito se desloca no presente. Do lugar único e irreptível que ocupa no Ser, sem nenhum álibi para sua existência, é que calcula as possibilidades que estão por vir. A memória do sujeito sobre si mesmo *é uma memória de futuro.*

A vida, que não cessa no tempo, só pode ser temporalmente concluída na arquitetura do mundo estético. O sujeito não pode vivenciar, de dentro dele, seu próprio nascimento, nem tampouco sua própria morte. Estes acontecimentos só podem ser narrados pelo outro, fazem parte da memória do outro, da memória estetizada, da memória do relato, da memória do passado.

No campo da vida estética, o autor é capaz de conceber sua obra como memória de futuro, como alguém que "conhece" o futuro de seus personagens. Penso o suicida como

um "autor", que, apesar de viver no campo do mundo ético, vislumbra a possibilidade de sua completude, através de uma morte esteticamente elaborada.

Se é no Outro que o sujeito busca seu acabamento, se é a partir de uma memória de futuro que ele consegue deslizar neste presente - como viver quando as pessoas não o vêem, não o escutam, não o lêem, não o falam, não o tocam, não o alteram?

Como viver quando as suas condições de existência não mostram possibilidades de cálculo para uma vida futura que faça sentido? Como lidar com o temor da cegueira, não por ela ser contagiosa, mas pela certeza de que: “cada vez irei vendo menos, mesmo que eu não perca a vista tornar-me-ei mais e mais cega cada dia porque não terei quem me veja?” (SARAMAGO, 1993, p. 302)

Ao "fechar" sua vida, o suicida "abre" espaços para o outro significá-la. Alguns sujeitos só encontram na morte a possibilidade de serem respondidos, mas, diante do corpo inerte do suicida, muitas vezes nos calamos. O seu silêncio murmurante nos incomoda e pede uma escuta. Ao mesmo tempo, convida-nos a dizer, ainda que o nosso dizer seja também silencioso. “Entre a máquina que pára ou estoura, e o ato de morrer, existe a possibilidade de dizê-lo”. (CERTEAU, 2001, p. 297).

O suicida se coloca, justamente, neste espaço intermediário e dialógico entre o morrer e o dizer. Interessa-me, como analista do discurso o interstício da palavra, as frestas do discurso.

Cassorla (1991, p. 25) afirma que o suicida costuma transmitir sua desesperança, seu desespero e seu desejo de morte às pessoas que estão ao seu entorno, como num “pedido de ajuda”. Para ele, “quem pensa em suicídio, fala em suicídio, tenta o suicídio, o faz porque está sofrendo”. No entanto, as pessoas próximas nem sempre compreendem este “pedido de ajuda”, assim como também não acreditam que o sujeito atentará contra a própria vida.

São muitos os exemplos de artistas, poetas e escritores famosos que deixaram em sua obra marcas, indícios e sinais de que tentariam o suicídio. Sylvia Plath, escritora norte-americana que se suicidou em 1963, após três tentativas de suicídio mal sucedidas, é um desses exemplos, como podemos ver em alguns trechos de seus diários e em um de seus poemas:

Ando cega, de olhos baixos. A vida me abandona. (janeiro de 1958)

Quando estou triste – como ontem, pensando na morte, pensando em morrer, tendo vivido com uma consciência tão limitada do mundo – dos sonhos de glória – em comparação à vida dos grandes autores, estrelas de cinema, psiquiatras. (abril de 1958)

Guardo em mim uma violência mortífera sanguinária. Posso me matar ou – agora eu sei – até matar alguém. (junho 1958)

(PLATH, 2004, p. 366, 434,458)

ARIEL[20]

Estancamento no escuro
E então o fluir azul e insubstâncial
De montanha e distância.
Leoa do Senhor como nos unimos
Eixo de calcanhares e joelhos!... O sulco
Afunda e passa, irmão
Do arco tenso
Do pescoço que não consigo dobrar.
Sementes
De olhos negros lançam escuros
Anzóis...
Negro, doce sangue na boca,
Sombra,
Um outro vôo
Me arrasta pelo ar...
Coxas, pêlos;
Escamas e calcanhares.
Branca
Godiva, descasco
Mãos mortas, asperezas mortas.
E então
Ondulo como trigo, um brilho de mares.
O grito da criança
Escorre pela parede.
E eu
Sou a flecha,
O orvalho que voa,
Suicida, unido com o impulso
Dentro do olho
Vermelho, caldeirão da manhã.

[20] Disponível em: http://br.geocities.com/edterranova/sylviap8.htm/ tradução Maria Luiza Nogueira

Outro exemplo da estreiteza da relação entre a linguagem e o suicídio é a história de Van Gogh. Quando ele se muda para a França, rompe ao mesmo tempo com sua família e com sua língua materna: o holandês. A partir de então, passa a usar o francês para falar e escrever. Mesmo as cartas que escreve a seu irmão caçula Théo (seu único vínculo familiar) são todas em francês. Estas cartas, escritas entre 1873 e 1890[21], narram a sua vida cotidiana: sua tentativa de se estabelecer como pintor, suas desilusões amorosas, suas frustrações, suas conquistas, suas misérias, sua solidão, sua prisão e suas internações psiquiátricas. Tanto as cartas a Théo, como muitos de seus quadros, revelam a dor e o sofrimento do artista, assim como o seu desejo de morte. Na véspera de sua morte, após já ter desferido o tiro que lhe tiraria a vida, reconcilia-se com sua língua materna. A última conversa que tem com Théo é em holandês. Sem o apoio financeiro e afetivo de seu irmão, o sofrimento de Van Gogh teria sido ainda maior, e ele, provavelmente, teria colocado um fim à própria vida muito tempo antes de nos deixar como legado a genialidade de suas pinturas. Théo foi seu Outro, foi sua escuta, foi seu interlocutor. Théo lhe possibilitava uma completude, ainda que sempre inconclusa, que fazia toda a diferença, que atualizava o não-sentido de sua vida, que alimentava sua memória de futuro. Constituímo-nos como sujeitos, na vida e na morte, através da linguagem e da relação que mantemos com nosso outro.

[21] Cartas a Théo – Nova edição Ampliada, anotada e ilustrada – L&PM Pocket, 2002.

[22]

Figura 24 – Os Corvos

Diferentemente de Van Gogh, Vítor, um jovem brasileiro de 16 anos que se suicidou em julho de 2006, por mais de dois anos narrou em seu *blog* as angústias de um adolescente atormentado pelo desejo de morte. Em 26 de julho de 2006, ele se suicidou interconectado com milhares de internautas do planeta, que assistiam (a)o seu suicídio público. Narrou, com riqueza de detalhes, todas as fases de seu suicídio: desejo de morte, ideação suicida, planos suicidas, realização do ato. Suicidou-se *on-line*, descrevendo suas sensações, auxiliado por companheiros da rede. Desta vez, o idioma escolhido para o momento da morte não foi a língua materna, foi o inglês, língua franca da internet, que daria maior alcance e visibilidade ao seu grito de dor e que entraria como mais um ingrediente da espetacularização da vida e da morte, tão própria da contemporaneidade. Esta foi a última postagem em seu blog, precedida por um memorial de fotos suas.

[22] *Os Corvos* – pintado por Van Gogh poucos dias antes de sua morte, este quadro reproduz o cenário em que o pintor projeta o momento em que atiraria contra o próprio peito nos campos de trigo. O tiro provocaria a revoada dos corvos. Disponível em; http://i7.photobucket.com/albums/y299/Fialho/MariaJoao/Corvos.jpg

I committed suicide on Wednesday, July 26th 2006.

I'd like to thank everybody who's read and/or commented this blog during its existence.

Goodbye.
-V ítor

Figura 25 – Fotografia do *blog* do Vítor

Não se pode negar que, se, por um lado, os dizeres que marcam o final da vida daquele que pretende se matar expõem um sujeito fragmentado, clivado por um inconsciente - por outro, revelam um sujeito histórica e ideologicamente situado, que deixa rastros e marcas de autoria em seu discurso. Um sujeito que planeja detalhadamente como "deixará-de-ser" neste mundo perante o outro que o constitui; que atua e enuncia inserido num determinado grupo social, sob os domínios de instâncias reguladoras, a partir da interação verbal. Sujeito capaz de, com um único ato, golpear de modo astuto, silencioso e "Certeiro" poderes estabelecidos por algumas instituições que o cerceiam. Um sujeito que trabalha esteticamente a linguagem a partir de um excedente de visão e "escancara" os lugares de seus interlocutores. Cada suicídio reflete e refrata uma realidade que se revela no momento de seu acontecimento, mesmo que não venha acompanhado de nenhuma mensagem suicida, o seu **não dizer** já é um **dizer endereçado**. Trata-se de tentar compreender a sua significação na estreiteza do tempo/espaço em que ele irrompe.

A decisão de acabar ou não com a própria vida é absolutamente pessoal, mas sempre condicionada por fatores psíquicos, históricos, sociais e culturais. Assim como a repercussão do ato suicida também vai ser diferente nas mais diversas épocas e culturas.

O suicídio dos kamikazes, dos homens-bomba, dos filósofos da Grécia Antiga, dos mártires cristãos, dos coagidos sob tortura, dos índios Guarani de Dourados e dos jovens adolescentes brasileiros de classe média com acesso à internet, sem dúvida, têm causas multi-determinadas e bastante diferentes entre si, mas em todos os casos o sujeito preferiu a própria morte como solução para os conflitos pessoais e sociais que enfrentava.

O relatório sobre "Violência e Saúde" da Organização Mundial de Saúde de 2002, estima que cerca de 815.000 pessoas se suicidaram no ano 2000, numa proporção de 14,5 pessoas para cada 100.000 habitantes, o equivalente a uma morte a cada quarenta segundos. Segundo o relatório, as mortes por violência estão distribuídas da seguinte maneira:

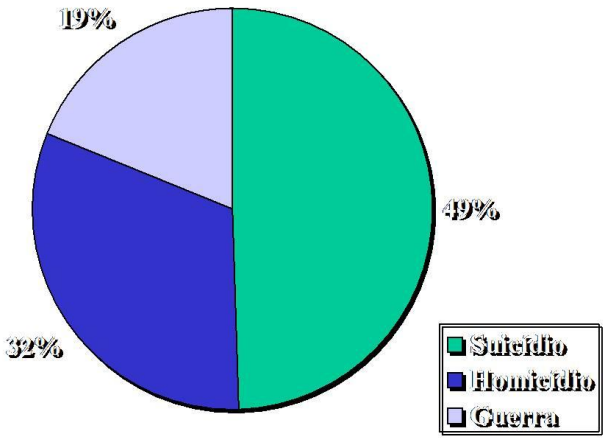


Figura 26 – Percentuais de mortes por violência em 2000

O suicídio figura entre as dez primeiras causas de morte em todos os países e, na faixa etária compreendida entre 15 e 44 anos, as lesões auto-inflingidas constituem a quarta causa *mortis* e a sexta causa de incapacitação.

As taxas de suicídio de uma mesma sociedade não variam muito se tomarmos como análise as variações de um ano para o outro. Ao considerarmos um espaço de tempo maior, constatam-se modificações mais graves, que atestam que as características

constitucionais dessa sociedade sofreram modificações. São geralmente modificações bruscas e progressivas, o que demonstra que

> A evolução do suicídio é assim composta por ondas de movimento que, distintas e sucessivas, verificam-se por arranques, desenvolvem-se durante um tempo, estacionando em seguida, para depois recomeçar. [...] Cada sociedade tem, portanto, em cada momento de sua história uma aptidão definida para o suicídio. (DURKHEIM, 2005, p. 19)

Segundo Botega (2004, p. 109), os índices de suicídio são sempre calculados tomando como base a proporção de mortes auto-inflingidas em cada 100.000 habitantes. Esse coeficiente é considerado baixo quando menor que 5/100.000, médio entre 5 a 15/000.000, alto entre 15 e 30/100.000 e muito alto quando superior a 30/100.000. Os coeficientes de mortalidade variam muito conforme podemos observar no gráfico abaixo, baseado em dados da OMS:

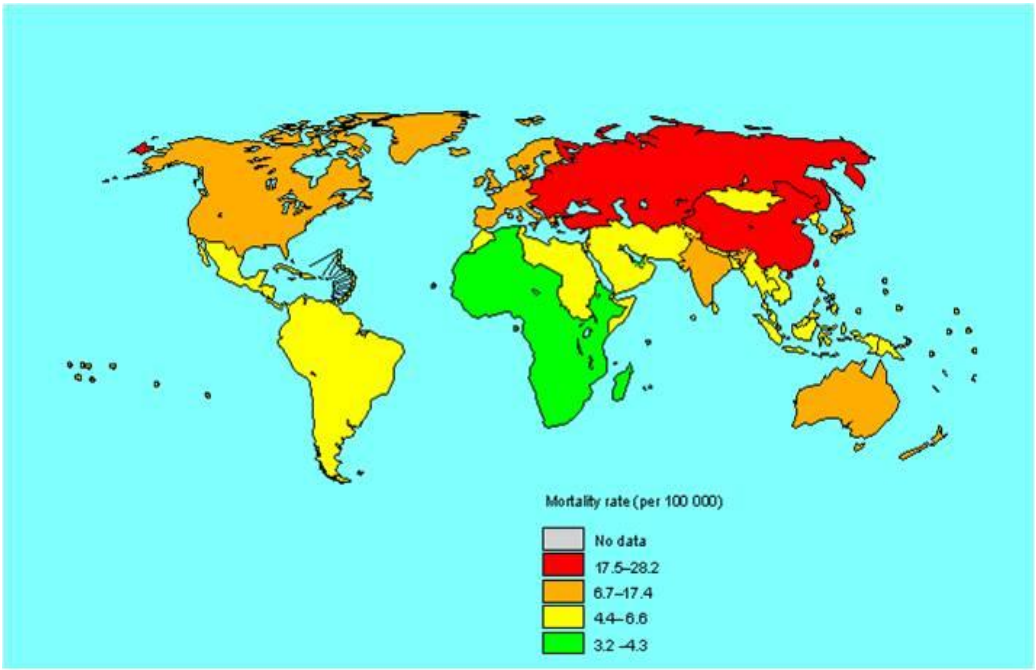


Figura 27 – Mapa mundial com percentuais de suicídio

Segundo Barros *et ali* (2004:45 in Werlang & Botega 2004), as taxas de suicídio, no Brasil, apresentaram em média 3,5 e 4,6 óbitos por 100.000 habitantes nas duas últimas décadas. Mas não podemos deixar de levar em consideração a dimensão territorial

de nosso país e nem as diferenças regionais. Segundo dados do IBGE de 1977 (BOTEGA, 2004, p. 109), as taxas no Brasil variam de 8,2 no Sul a 2,5 no Nordeste. Sem contar as altas taxas da região Centro-Oeste, em virtude do grande número de suicídios entre índios Guarani no Mato Grosso do Sul.

Vivemos em uma época em que as novas tecnologias da medicina proclamam o prolongamento da vida, a perfeição física e o retardamento do envelhecimento. A morte deixa de ser um fenômeno natural para estar subordinada à medicalização da vida. Observamos, contraditoriamente, um aumento de 60% na mortalidade por suicídio nos últimos 45 anos, nos países em que há levantamentos efetuados pela Organização Mundial da Saúde.

Vivemos em uma época em que as tecnologias de informação podem encurtar distâncias, aproximar os sujeitos, instaurar novas maneiras de sociabilidade através da interconexão de computadores em rede, principalmente entre os jovens. Paradoxalmente, levantamentos efetuados entre 1964 e 1996 pelo National Center for Helth Statistics (WERLANG, 2004, p. 141), demonstram que o suicídio entre adolescentes e adultos jovens quase triplicou. De 1980 a 1996, a taxa de suicídio entre sujeitos de 15 a 19 anos aumentou 14% e entre jovens de 10 a 14 anos aumentou 100%. Dessa forma, para jovens entre 15 e 24 anos, o suicídio é, atualmente, a terceira causa *mortis*, inclusive no Brasil, superado somente por lesão não-intencional e homicídio.

Mais do que um problema de saúde pública, como afirma a OMS, o suicídio é um problema social. Se é um fenômeno muti-determinado, deve ser multidisciplinarmente estudado.

A Análise do Discurso é um saber que focaliza os acontecimentos discursivos a partir do pressuposto de que há um real da língua e um real da história. Como analista do discurso, pretendo entender a relação entre estas duas esferas, observando as práticas discursivas de alguns jovens brasileiros que se suicidaram (sujeitos históricos) e a maneira como utilizaram os espaços virtuais da internet para (a)enunciarem suas próprias mortes. Considerando que os discursos são práticas sociais historicamente determinadas, que obedecem a regras e regulamentações (não se pode dizer o que se quer, quando se quer), a

partir dos discursos contemporâneos do suicídio encontrados no Orkut, busco analisar que outros discursos falam e falham alhures, que interdições são impostas, que regime de poder-saber põe em funcionamento o discurso do suicídio na internet, que caminhos percorrem os sentidos, que silenciamentos existem, que verdades são produzidas e que processos de subjetivação entram em jogo.

Segundo Courtine (1981), a Análise do Discurso constitui um saber que mantém relações específicas e explícitas com diversos campos científicos. O discurso como objeto, deve ser pensado em sua especificidade, não podendo ser reduzido a uma análise lingüística, nem tampouco dissolvido no trabalho histórico com as ideologias. É preciso levar em consideração as condições (exteriores à língua) em que o discurso foi produzido e a maneira como elas aparecem refletidas na organização lingüística dos elementos do discurso. Cabe lembrar que:

> toda produção discursiva se efetua em determinadas condições conjunturais de produção e remete, põe em movimento e faz circular formulações anteriormente já enunciadas, como um efeito de memória na atualidade de um acontecimento (COURTINE, 1981, p. 4).

A **Memória discursiva** para a AD tem um estatuto social, que é condição para a produção, o funcionamento e interpretação dos discursos. Bastante distinta da memória cognitiva ou psicológica, ela é "um conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por uma série de 'tecidos de índices legíveis', que se constitui um corpo sócio-histórico de traços" (LE GOFF *apud*. GREGOLIN, 2007 p. 177). Estas pistas e estes índices que se atualizam no momento da enunciação, revelam o caráter heterogêneo da linguagem, que engendra no momento do acontecimento discursivo, outras vozes e outros discursos.

Para Geraldi (2005, p. 21), é possível detectar nos discursos um movimento entre uma memória do passado (ideologias) e uma memória do futuro (utopias), um entrecruzar de um passado trazido pela linguagem e de um futuro possível construído também através da linguagem. Desta forma, os discursos produzidos pelos sujeitos

"bebem" numa **memória discursiva** daquilo que já foi dito e numa **memória de futuro** ainda por dizer.

> Dessa trama decorre o fato de que, desde sua raiz, o enunciado se delineia em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual, isto é, que o insere na História e, ao mesmo tempo, o constitui e o determina. (GREGOLIN, 2007, p. 176)

Debruçar-se sobre o que já foi dito sobre o suicídio e como este dito se repetiu e se atualizou no decorrer da história do Ocidente, sob diferentes condições de produção, é construir um percurso analítico que revela uma **memória discursiva sobre o suicídio** a partir de dados heterogêneos e de dispersões encontradas. É possível vislumbrar no interior destas dispersões, momentos de regularidade e sistematicidade que, embora instáveis, possibilitam ao analista observar a movimentação dos sentidos a respeito do suicídio no fio da história.

Segundo Pêcheux (2006, p. 17), **acontecimento discursivo** é o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória:

> [...]todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro. [...]Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintáticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso. É neste ponto que se encontra a questão das disciplinas de interpretação: é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes. (PÊCHUEX, 2006, p. 53-54)

Desta forma, para o autor, a enunciação como acontecimento discursivo não é independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe.

Em seu texto *Retornar à História* (2005, p. 291), Focault mostra que enquanto a história tradicional trabalha com acontecimentos visíveis e identificáveis, a história serial (estrutural) revela diferentes estratos de acontecimentos, subjacentes a esses que são visíveis. Para uma teoria do discurso, são relevantes os acontecimentos discursivos que se

atualizam no momento da enunciação, a partir de uma rede de memória. Mas, é preciso estar atento ao fato de que, junto com os acontecimentos visivelmente repetidos, emerge também uma série de outros discursos não tão visíveis aos olhos do analista.

Se considerarmos o IV Concílio de Latrão, de 1215, como um acontecimento histórico e discursivo que instituiu a confissão como um ritual de purificação obrigatório para os fiéis da Igreja Católica ("qualquer fiel de um e de outro sexo, chegado à idade da razão, deve por si mesmo confessar lealmente todos os pecados pelo menos uma vez por ano ao seu próprio cura..." (MINOIS,1995, p. 47)), observaremos que este acontecimento traz consigo uma série de outros acontecimentos discursivos. A confissão torna-se um aparato para "extorquir" a verdade. Por um lado coloca em circulação um discurso silencioso sobre o sexo (FOUCAULT, 1980, p. 58), por outro, configura-se como o grande remédio contra o desespero, que é visto pela Igreja como causa de muitos suicídios. Entregar-se à morte depois de uma confissão, parece assim, impossível para um espírito sadio. O discurso da loucura começa a se constituir como explicação e absolvição para o suicídio.

Podemos dizer que o acontecimento discursivo da confissão fez emergir outras discursividades: do corpo, da sexualidade, do suicídio, da natalidade, da fidelidade, da loucura, entre outras.

Meu objetivo nos próximos tópicos deste capítulo não é fazer uma história do suicídio, mas sim, verificar, através da análise de acontecimentos enunciativos, que memória discursiva é colocada em funcionamento nos discursos proferidos sobre a morte voluntária no decorrer da história do mundo ocidental e que acontecimentos históricos (não lineares), emergem como rupturas e descontinuidades, instaurando assim, novas discursividades sobre o suicídio no Ocidente. [23]

[23] Fundamentei os próximos tópicos deste capítulo, nos acontecimentos históricos descritos e narrados, nos trabalhos de MINOIS, Georges (1998), COHEN, Diana Agrest (2007) e FOUCAULT, Michel (1980).

Crime, pecado ou castigo?

Faces sob o sol, os olhos na cruz
Os heróis do bem prosseguem na brisa na manhã
Vão levar ao reino dos minaretes
A paz na ponta dos arietes
A conversão para os infiéis
Para trás ficou a marca da cruz
Na fumaça negra vinda na brisa da manhã
Ah, como é difícil tornar-se herói
Só quem tentou sabe como dói
Vencer satã só com orações
A andá pa catarandá que deus tudo vê
A andá pa catarandá que deus tudo vê
Á anda, ê hora, ê manda, ê mata,
Responderei não!
Dominus dominium juros além
Todos esses anos agnus sei que sou também
Mas ovelha negra me desgarrei
O meu pastor não sabe que eu sei
Da arma oculta na sua mão
Meu profano amor eu prefiro assim
A nudez sem véus diante da santa-inquisição
Ah, o tribunal não recordará
Dos fugitivos de shangri-lá
O tempo vence toda a ilusão

(Aldir Blanc / João Bosco)

No decorrer da Idade Média Ocidental, em suas diferentes épocas, encontramos uma visão do suicídio matizada e ambígua, tanto quando o tema é tratado pela Igreja, como quando tratado pela justiça civil. Ambos assumem uma posição contraditória dependendo de quem se suicida, como e por quê.

Camponeses e artesãos se enforcavam ou se afogavam para escapar à miséria e ao sofrimento; cavaleiros e clérigos "deixavam-se" morrer em duelos, guerras e martírios, para escapar à humilhação e demonstrar uma fé inabalável.

O suicídio do nobre, qualquer que fosse a causa, era considerado corajoso, honroso e respeitável. Já o suicídio dos rústicos era reprimido severamente, considerado covarde e egoísta. Os cadáveres dos camponeses e artesãos suicidas passavam por suplícios públicos (corpos arrastados por animais até a forca ou fogueira, mutilação dos corpos, exibição dos corpos nus em praça pública etc.), eram-lhes vetados os rituais funerários, o sepultamento em terras sagradas e os bens eram confiscados.

> O poder exercia-se sobre o direito do confisco, mecanismo de subtração, direito de se apropriar de uma parte das riquezas: extorsão de produtos, bens, serviços, de trabalho e de sangue imposta aos súditos. O poder era, antes de tudo, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la. (FOUCAULT, 1908, p. 129)

O suicídio dos pobres era relacionado ao desespero, um vício fatal inspirado pelo diabo – o *Desperatio*, conforme ilustra a tela pintada por Giotto, que data de 1303-1308, na capela da Madona dell'Arena, em Pádua, onde *Desperatio* se enforca, enquanto *Ira*, que representa o vício dos nobres (a cólera) despedaça suas vestimentas.

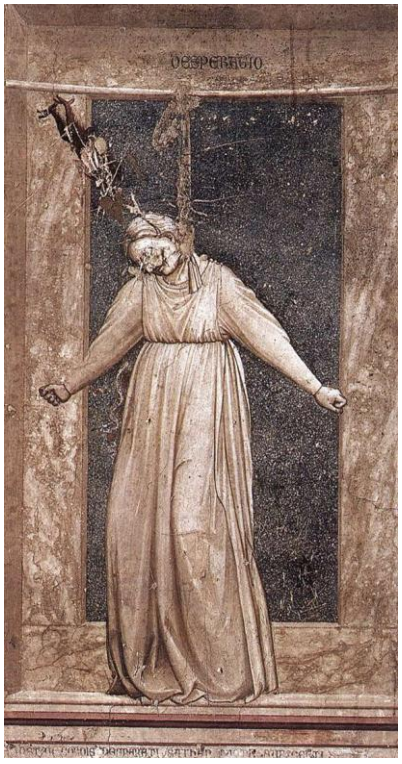


Figura 28 - Desperatio[24]

Figura 29 - Ira[25]

Os suicidas eclesiásticos constituíam uma categoria particular, porque o suicídio de um padre ou de um monge, segundo os registros, era um acontecimento raro. A forte

[24] Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/bc/Giotto_-_Scrovegni_-_-47-_-_Desperation.jpg/180px-Giotto_-_Scrovegni_-_-47-_-_Desperation.jpg

[25] Disponível em: http://www.christusrex.org/www1/giotto/SV-ira.jpg

coesão e a solidariedade clerical eram fatores que auxiliavam o escamoteamento dos casos, evitando o escândalo. O corpo de um suicida eclesiástico escapava à execução pública imputado pela justiça civil (corpos arrastados pelas ruas, exibição dos cadáveres nus etc.), que deveria ser entregue ao bispo da diocese, embora nem sempre a disputa pelo confisco dos bens entre a Igreja e a Justiça civil fosse um acordo tranqüilo.

O *Antigo Testamento* revela diversas mortes voluntárias, de uma forma estritamente neutra: a morte de Saul, de Abimelec, de Sansão, de Eleazar, entre outros. Estas mortes voluntárias são consideradas e narradas como atos heróicos. Isto nos mostra que o mundo hebreu, narrado no *Antigo Testamento*, não revela uma posição definida em relação ao suicídio. A lei mosaica proíbe matar em seu quinto mandamento, mas não especifica que isso se aplique à própria vida, nem tampouco aos inimigos de guerra.

George Minois (1998), afirma que o advento fundador do cristianismo é um suicídio: a morte de Jesus Cristo - que se entrega, voluntariamente, ao auto-sacrifício. Cristo sabia o que lhe esperava quando se dirigiu a Jerusalém. É um suicídio indireto? É um suicídio honroso? Começa-se a construção do discurso do mártir.

É claro que o suicídio de Jesus, o homem-Deus, revela-se em uma outra dimensão para seus seguidores. Mas a ambigüidade em relação ao suicídio encontrada nos textos do *Antigo Testamento* permanece no *Novo Testamento*. O cristão deveria imitar seu mestre e muitas palavras sagradas o convidam ao auto-sacrifício:

- Quem quiser a sua vida, perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por Minha causa, encontrá-la-á. (Evangelho de São Mateus, 16,25)
- Se alguém vem ter Comigo e não me prefere ao seu pai, mãe, esposa, filhos, irmãos, irmãs, e até à própria vida, não pode ser meu discípulo (Evangelho de São Lucas, 14,26)
- Quem ama sua vida perdê-la-á e quem neste mundo a rejeita conservá-la-á para a vida eterna (Evangelho de São João, 12,25)
- Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos (Evangelho de São João, 15,13)

As primeiras gerações cristãs entendem isso muito bem e entregam-se voluntariamente ao martírio em defesa de uma nova fé. Como a Igreja se posicionaria contra o suicídio destes mártires, que tão bem lhes servia como angariadores de novos fiéis? Em contrapartida, os martírios voluntários dos judeus e heréticos perseguidos pelos

cristãos eram condenados como suicídios comuns pela justiça civil.

Os contextos do *Novo Testamento* propiciam condições para o culto da morte voluntária. Seus teólogos e pensadores, apoiando-se em medidas canônicas e dissuasivas, terão um longo percurso para criar uma moral que interdite o suicídio nos séculos vindouros.

É Santo Agostinho (354-430) quem inaugura a condenação radical da morte voluntária, em seu tratado *A Cidade de Deus,* enunciando a doutrina rigorista que vai marcar a posição da Igreja:

> Nós dizemos, declaramos e confirmamos de qualquer forma que ninguém tem o direito de espontaneamente se entregar à morte sob pretexto de escapar aos tormentos passageiros, sob pena de mergulhar nos tormentos eternos; ninguém tem o direito de se matar pelo pecado de outrem; isso seria cometer um pecado mais grave, porque a falta de um outro não seria aliviada; ninguém tem o direito de se matar por faltas passadas, porque são sobretudo os que pecaram que mais necessidade têm da vida para nela fazerem a sua penitência e curar-se; ninguém tem o direito de se matar na esperança de uma vida melhor imaginada depois da morte, porque os que se mostram culpados da sua própria morte não terão acesso a essa vida melhor. (AGOSTINHO, A Cidade de Deus, I, 47 *apud*. MINOIS, 1998, p. 39)

É o grande acontecimento histórico e discursivo sobre o suicídio na Idade Média. A partir deste momento, Santo Agostinho aprofunda o rigor no cumprimento do quinto mandamento: *Não matarás,* e interdita o suicídio, já que, para o teólogo medieval, "a vida é um dom sagrado de Deus e só Ele pode dela dispor."

> A repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. [...] A repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder e saber." (FOUCAULT, 1980, p. 10,11)

A interdição, a repressão e o silenciamento do discurso do suicídio são formas de exercício de poder que revelam as intenções de quem exerce esse poder. Reprimindo o discurso do suicídio que aparece de maneira ambígua e contraditória nas escrituras sagradas, Santo Agostinho e a Igreja se colocam política e estrategicamente contra os

donatistas (seita primitiva cristã que defendia condutas de martírio) e contra o suicídio coletivo das mulheres romanas que eram desonradas com a morte dos maridos. Nesta época, o Império passava por uma crise demográfica e econômica, suicídios coletivos e por martírio, que no início do cristianismo produziam efeitos positivos para a Igreja, passam a não ter mais sentido.

Para evitar embaraços e contradições, Santo Agostinho admite que suicídios como o de Sansão ou de Santa Pelágia (que se matou para defender sua virgindade) devem ter recebido um apelo particular de Deus. Além disso, há todo um trabalho discursivo para diferenciar e distanciar a morte daqueles que receberam um chamado especial de Deus, da morte de Judas (por desespero e covardia), considerada como a morte ruim, como a morte da traição, como crime e pecado.

A grave crise econômica e demográfica vivida pelo Império Romano no final do século IV e no início do século V em decorrência da fome e das epidemias, juntamente com as medidas de interdição da Igreja, colocam em circulação o discurso do suicídio como crime: dos colonos contra seus senhores e dos homens contra Deus, principalmente se levarmos em consideração que a Igreja era a maior fundiária da época. A Igreja e o Estado constituem as instâncias que produzem técnicas precisas de dizer "não" e de organizar silêncios. Paulatinamente, vai sendo construído um arsenal discursivo, repressivo e dissuasivo contra o suicídio, que dentre outras razões, procura conter a perda de mão-de-obra destas duas instituições. O suicídio é colocado, então, na categoria de crime e pecado.

Outro importante acontecimento histórico, que funda discursividades a respeito do suicídio é a confissão, instaurada como prática obrigatória a partir do Concílio de Latrão, em 1215. A confissão é um dispositivo de produzir verdades. Confessam-se não só as transgressões às leis sagradas, mas também os sentimentos e desejos. No caso do suicídio, a confissão passa a ser o remédio contra o desespero dos homens. O sujeito que dá mostras de desespero e se suicida sem acreditar na eficácia da confissão é considerado, entre todos, o mais culpado.

As técnicas da confissão vão ser difundidas nas mais diversas áreas: nos interrogatórios de inquérito, na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares. Confessam-se os sonhos, o passado, as misérias, os medos, os desejos. Confessa-se ao

policial, ao delegado, aos pais, ao professor, ao médico, ao analista. Confessa-se em público e em particular. (FOUCAULT,1980, p. 59)

> O discurso da confissão não poderia vir do alto como na **ars erótica**, nem pela vontade soberana do mestre, mas de baixo, como uma palavra requisitada, obrigada, rompendo, através de alguma pressão imperiosa, os lacres da reminiscência ou do esquecimento. O que ela supõe como segredo não está ligado ao alto preço do que tem a dizer, nem ao pequeno número dos que dele merecem beneficiar-se, mas à sua obscura familiaridade e à sua abjeção geral. Sua verdade não é garantida pela autoridade altiva do magistério, nem pela tradição por ele transmitida, mas pelo vínculo, pela mútua implicação, essencial ao discurso, entre aquele que fala e aquilo de que fala (pois ele é pressionado), mas do lado de quem escuta e cala; não do lado de quem sabe e responde, mas ao que interroga e supostamente ignora. E, finalmente, esse discurso de verdade adquire efeito, não em quem recebe, mas sim, naquele de que é extorquido. (FOUCAULT, 1980, p. 62)

No período entre 1266 e 1273, São Tomás de Aquino escreve sua *Summa Theologica*, que reafirma a interdição do suicídio e a proibição da sepultura de suicidas em terras sagradas, retomando as posições de Santo Agostinho. Entretanto, coloca em circulação uma nova discursividade: a de que o homem pertence à sociedade e, suicidando-se, prejudica a comunidade. Introduz, baseado em Aristóteles, o princípio jurídico-social que o suicídio é um ato contra o Estado. (WERLANG *et al*. *apud*. WERLANG e BOTEGA, 2000, p. 82)

Todos os casos de suicídio nesta época da Idade Média são atribuídos a uma causa precisa. Morrer simplesmente por desgosto, tristeza ou melancolia era visto como loucura, sintoma de desequilíbrio mental. Começa-se a "fabricação" da loucura como possibilidade de escapar às sanções instituídas aos suicidas e familiares.

Paradoxalmente, o suicídio, fenômeno tão humano, parece tão desumano que só pode ser explicado pela intervenção do diabo ou pela loucura. No primeiro caso, a Igreja oferece auxílio através da confissão, e aquele que ainda assim se suicida, comete um crime contra Deus e o Estado e é por isso castigado; no segundo caso, o sujeito não é responsável pelo seu ato e por isso pode ser salvo.

Entre a Filosofia e o Romantismo

Eu vou pra lua
Eu vou pegar um aeroplano
Eu vou pra lua
Saturno marte urano
Eu vou pra lua
Lá tem mais calor humano
Eu vou pra lua
Que o cinema americano

Eu vou, eu vou vender a minha van
Eu vou, eu vou vender a minha van
Eu vou, eu vou vender a minha van
Eu vou vender a minha van, a minha vã filosofia
(Zeca Baleiro)

O Renascimento vai ser marcado pelo tema do suicídio sendo explorado pela literatura, principalmente no teatro. Entre 1500 e 1580, mais de trinta peças de teatro trazem casos de morte voluntária. Os escritores vão buscar inspiração nos suicídios heróicos da Antigüidade greco-romana (Catão, Lucrécio, Brutus, Sêneca). Este movimento literário coloca em circulação discursos sobre o suicídio apartados de uma moral cristã.

Em 1600, Shakespeare coloca em questão, através do texto mais famoso da literatura mundial, se vale ou não à pena continuar a viver a despeito dos infortúnios da vida e a partir das limitações de nossa própria condição humana.

> Ser ou não ser – eis a questão. Será melhor nobreza de alma sofrer a fundo os reveses de uma sorte ultrajante ou agarrar em armas contra um mar de infortúnios? Morrer, dormir; dormir... talvez sonhar. Aí é que está o busílis! Mas que sonhos se podem esperar desse sono de morte, após nos libertarmos desta vida? Alto aí! Esta consideração prolonga a calamidade da vida, porque de contrário quem suportaria os agravos e ironias do mundo, as prepotências do opressor, os insultos do orgulhoso, os males de um amor desprezado, os atrasos da justiça, a insolência do poder, o desdém que os mais merecedores recebem dos indignos, quando poderia encontrar a sua própria quietude?. (Hamlet, SHAKESPEARE: III,1)

O desejo de morte de Hamlet marca o pensamento inglês do final do século XVI e do início do século XVII, que começa a se revelar partidário da morte voluntária. No período de quarenta anos, mais de duzentos suicídios são colocados em cena no teatro inglês.

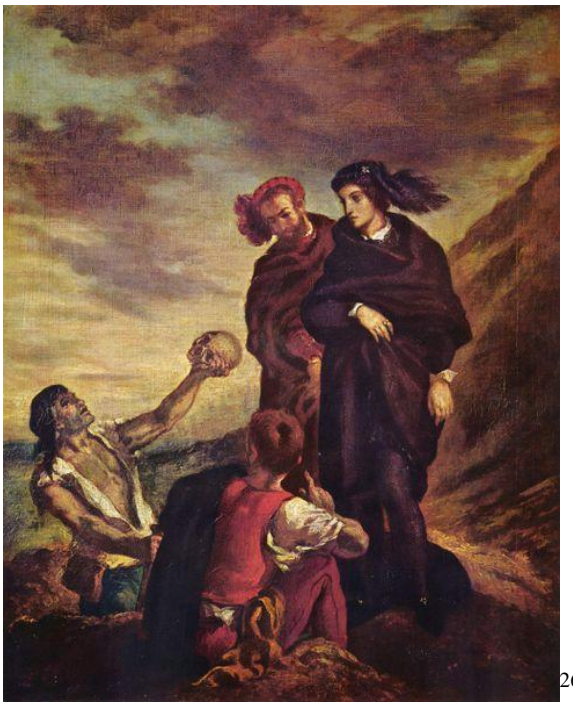
 [26]

Figura 30 - Hamlet e Horácio

Neste mesmo período, embora o suicídio ainda fosse visto como crime e as sansões do Estado continuassem rigorosas nos casos de suicídio, autores como Philip Sidney, Michel de Montaigne, Marlowe, Juste Lipse, Francis Bacon, John Donne, Robert Burton produzem muitos textos filosóficos com o suicídio como tema central, sem as interdições tradicionais da moral cristã. É a primeira vez na história Ocidental, que o discurso do suicídio sai do restrito circuito eclesiástico e jurídico e vem para o debate público. A novidade destes discursos filosóficos que começavam a circular entre uma elite intelectual não era a defesa ou a apologia ao suicídio, era alinhar argumentos favoráveis e contrários ao suicídio, delegando ao indivíduo o direito de escolher entre a vida e a morte.

Um importante acontecimento no século XVI é a publicação do livro de Thomas More (1515), que descreve a vida dos habitantes de uma ilha ideal - a Ilha da Utopia. Ele

[26] Hamlet e Horácio de Eugène Delacroix (1839)
Disponível em:
http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/8e/Eugène_Ferdinand_Victor_Delacroix_018.jpg/300px-Eugène_Ferdinand_Victor_Delacroix_018.jpg

sugere o direito ao suicídio no caso de doença dolorosa e incurável. O indivíduo que se encontrasse nestas condições poderia dispor de sua própria vida com devida autorização dos padres e do Senado. O suicídio aparece como uma possibilidade utópica para abreviar os sofrimentos da vida. O autor, inspirando-se em filósofos da Antigüidade, traz à tona os discursos sobre ética e eutanásia. Mas Thomas More vivia em um reino cristão e em 1534, quando estava preso na torre de Londres, escreve outro livro, *A Dialogue of Confort,* e de alguma forma recua nas suas idéias sobre o suicídio postas no livro da Ilha de Utopia.

Isto demonstra que, embora as novas discussões filosóficas sobre o suicídio começassem a emergir, os teólogos católicos continuavam intransigentes em relação à morte auto-inflingida. E o mundo protestante de Lutero e Calvino colaborava com as interdições e censuras, valorizando o papel do diabo na decisão do sujeito colocar fim à própria vida.

Mas é John Donne, um capelão anglicano, doutor em teologia pela Universidade de Cambridge, que, em 1610, com seu livro *Biathanatos*, estabelece uma forte ruptura com os estudos teológicos feitos anteriormente sobre o suicídio. De dentro mesmo do cristianismo, contrapõe-se a todos os discursos cristãos que interditam o suicídio, afirmando que o suicídio possa talvez ser justificado.

No século das luzes, surge o mito do "Mal Inglês" – que seria uma onda de suicídios de ingleses célebres, iniciada pelo suicídio de Thomas Creech, um prestigiado editor de Oxford, que se enforca após ler o livro *Biathanatos* e ter traduzido as obras de Lucrécio. Esta onda de suicídios é largamente difundida pela imprensa, que cria o mito de que os ingleses se suicidam mais do que qualquer outro povo – mito atenuado depois com os estudos estatísticos da modernidade. Mas é neste contexto que surgem as discussões sobre o suicídio filosófico, que retoma uma memória discursiva dos epicuristas da Antiguidade, que acreditavam na coerência de recusar a vida a partir do momento em que esta oferece mais sofrimentos do que alegrias.

É no Iluminismo também, que se cria um nome para a morte voluntária. Até então, o ato era referido por perífrases como: "matar-se a si mesmo", "ser homicida de si mesmo", "ser criminoso de si mesmo", "derrotar-se". A criação do neologismo de raiz latina (*suicidium*) surge como uma forma de diferenciar o suicídio do homicídio.

A partir do século XVIII, o movimento do Romantismo, de alguma forma, vai contribuir nas discussões sobre o suicídio. O Romantismo não pode ser entendido como um movimento monolítico, rígido e sem variações. Ao contrário, ele foi um movimento que apresentou em seu interior correntes bastante diferentes. Interessa-nos a corrente romântica caracterizada pela extrema exacerbação da sentimentalidade e pela supervalorização do "Eu", marcada pela expressão das contradições interiores do artista. Estas contradições aparecerão com a idealização da figura feminina, com uma imaginação mórbida, com uma profunda dramaticidade e com um culto à morte. O romântico é a expressão de uma nova ordem social, religiosa e econômica – vendo-se como incapaz de resolver os problemas de sua sociedade, lança-se a evasão: à solidão, aos devaneios, às idealizações, aos vícios e à morte (BOSI, 1999, p. 161). Este excesso de individualismo traz um sentimento de desintegração com a sociedade, de onde brotam os sentimentos de desespero e as atitudes impetuosas. Desta maneira, o suicídio filosófico, antes restrito a uma elite, difunde-se com o suicídio romântico entre os jovens burgueses, seduzidos por uma recusa à passagem do tempo, à solidão, ao vazio da alma, ao desespero do amor não correspondido.

O grande acontecimento histórico e discursivo em relação ao suicídio no período do Romantismo é a publicação, em 1774, do romance epistolar de Goethe, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. O romance narra os sofrimentos de um jovem que se apaixona por uma mulher comprometida. Vendo-se impossibilitado de viver este amor, decide se suicidar.

A partir da publicação do livro, registros da época demonstram que muitos jovens e adolescentes se suicidaram utilizando os mesmos métodos de Werther. Este fenômeno ficou conhecido como "Wertherfieber" ou "febre de Werther". A medicina vai usar este exemplo no século seguinte, para afirmar que o suicídio é contagioso.

Goethe escreve um romance e não um tratado filosófico em defesa do suicídio. Mesmo assim, seu livro é proibido em diversos países, e os ataques vêm de toda parte. Tanto a Igreja (católica e protestante), quanto a sociedade e a crítica literária condenam Goethe como um apologista do suicídio. Na edição do livro de 1775, Goethe inclui a seguinte frase no livro: "Sou um homem, não sou meu exemplo."

Em Portugal, em 1797, alguns exemplares em francês do livro de Werther são

encontrados com um livreiro mercador e apreendidos na alfândega. Os impressos foram designados a um censor, João Guilherme Cristiano Müller, que emite o seguinte parecer que confisca os livros e proíbe a circulação da obra no país:

> Ha seculos que naõ se publicaõ producções literarias, que custassem tantas lagrimas a familias honestas, como esta ja desde o Anno 1774, em que pela primeira vez appareceo na feira de Leipzig, e que se fizeraõ traducções della em muitas Lingoas. Em Portugal conheço eu ao menos duas familias summamente respeitaveis, que tiveraõ razaõ de amaldiçoar, junto dos corpos ensanguentados de filhos queridos, as funestas locuras que lhes insinuou este Livrinho." (apud. ABREU,2006, p. 5)

Analisando o discurso do censor podemos verificar que:

1) Os esforços de Portugal para interditar a obra de Goethe não eram bem sucedidos, uma vez que pelo menos duas famílias já haviam "supostamente" perdido seus filhos por terem lido o jovem Werther;
2) Para o censor, pessoas de famílias honestas não se suicidam;
3) Livros podem causar loucura.

Goethe se contrapõe aos discursos de censura ao seu livro e em suas Memórias, relembra que os jovens alemães da época (inclusive ele) estavam afetados por um ambiente mórbido, onde lhes faltavam objetivos claros de vida, perspectivas e possibilidades concretas de realizações. Além disso, estavam sendo diretamente influenciados pelas obras literárias inglesas como as peças de Shakespeare e os poemas de Edward Young que faziam alusões à morte voluntária.

As reações contra Werther se fazem tão vívidas, em parte, porque a sociedade temia que o suicídio se constituísse, efetivamente, como um fenômeno social, um flagelo muito perigoso para se brincar.

Além do livro de Goethe, muitas outras obras do Romantismo trouxeram à baila o tema da morte e da morte voluntária. No Brasil, o livro *Poesias (1853),* de Álvares de Azevedo, vai ser o marco inicial do Romantismo da segunda geração. As temáticas agora não seriam mais a indianista, a patriótica e a da natureza, como abordavam os românticos da primeira geração. Inspirados no inglês Byron, no italiano Giacomo Leopardi e nos

franceses Alphonse Lamartine e Alfred Musset, os *poetas-estudantes* brasileiros vão abordar temas como a angústia, o sofrimento, a dor existencial, o amor que oscila entre o sensual e o idealizado e a morte. Neste período há uma excessiva valorização do "eu" e, na medida em que se intensifica a busca dos valores pessoais, perde-se a consciência do coletivo. O poeta romântico da segunda geração sente uma enorme frustração entre o mundo que idealiza e o mundo em que vive. Ele foge do tempo e do espaço através do abuso do álcool e do ópio, da saudade imensa da infância, de um modo de vida extremado e promíscuo, das constantes idealizações da sociedade e da morte precoce.

ADEUS, MEUS SONHOS![27]

Álvares de Azevedo

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existência uma saudade!
E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!

Misérrimo! votei meus pobres dias
À sina doida de um amor sem fruto...
E minh'alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.

Que me resta, meu Deus?!... morra comigo
A estrela de meus cândidos amores,
Já que não levo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!

No século XVIII, observamos, por conseguinte, que tanto o suicídio

[27] Disponível em: http://www.revista.agulha.nom.br/avz.html#adeus

filosófico entre os aristocratas, que, independente da realidade que encobria, estava ligado à idéia das Luzes, da liberdade e da soberania do homem racional decidir pela própria vida, quanto o suicídio romântico dos jovens de classe média, tinham partidários na sociedade. Entretanto, os suicídios vulgares do povo, eram vistos como desonrados e desprezíveis. O suicídio continuava tendo um estatuto diferente para cada classe social. Para Minois (1995:342): "os suicidas filosóficos seguem para o nada, os suicidas românticos para o céu, os suicidas populares para o inferno. Por isso, se o clero se mantém firme, os juristas hesitam cada vez mais."

Descriminalização e Resistência

Quem tem consciência pra se ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa a contra mola que resiste

Quem não vacila mesmo derrotado
Quem já perdido nunca desespera
E envolto em tempestade decepado
Entre os dentes segura a primavera

(Secos e Molhados)

Ainda no século XVIII, as sansões continuam muito rigorosas nos casos de mortes voluntárias. Na aristocracia, era prática comum familiares de suicidas recorrerem a um parecer médico para livrarem-se de um inquérito. Nas comunidades camponesas, começou a surgir um sentimento de piedade com os suicidas e seus familiares. Os familiares, por sua vez, mostravam-se dispostos a tudo para dissimular ou desculpar o suicídio.

Aos poucos, tanto na França como na Inglaterra, a sociedade se rebela com a execução pública dos cadáveres e com a crueldade do confisco dos bens. Já não são abertos processos de inquérito e as autoridades passam a tratar os casos de suicídio com maior discrição. Casos de doenças crônicas, afogamentos, distúrbios mentais, são absolvidos pelos juristas. A severidade continua apenas com o suicídio de prisioneiros, marginais, estrangeiros e vagabundos.

É no final do século XVIII, que na França e em outros países da Europa verifica-se um processo de despenalização do suicídio pela jurisprudência, principalmente nos anos que precedem a Revolução Francesa, com a publicação de inúmeros tratados filosóficos contra as sansões e confiscos.

Para Minois (1995, p.375), "qualquer que seja a sua natureza, o poder procura impedir e dissimular o suicídio". É assim, que na França, após a Revolução, encontramos nos jornais, manuais e discursos políticos uma enorme hostilidade contra a morte voluntária. Segundo Foucault (2000, p. 8,9):

> Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Em relação ao suicídio vulgar no período pós-revolução Francesa, reinava o silêncio, mas as mortes patrióticas não eram bem vistas e as discussões sobre pena de morte revelavam o porquê da hostilidade contra o suicídio. Se a guilhotina representava o símbolo do Novo Regime, como lidar com aqueles que, condenados à morte, se matavam antes da execução? O governo revolucionário atualiza as práticas do Antigo Regime ao se ver impotente frente ao gesto suicida de resistência de seus opositores. Restava-lhe guilhotinar o cadáver como um exercício de seu poder. Além disso, havia um motivo fiscal contra o suicídio de presos políticos: se estes se matavam antes de receber a condenação, escapavam do confisco dos bens. O suicídio de muitos girondinos ricos vai implicar numa mudança da legislação, que passa a confiscar os bens dos contra-revolucionários, mesmo sem uma condenação.

O suicídio como forma de resistência é observado ao longo de toda história da humanidade. Presos políticos, pensadores, religiosos, sujeitos comuns fazem do suicídio uma arma contra a exploração e contra a imposição de idéias, crenças e valores. Encontramos muitos registros históricos e religiosos em que os suicídios coletivos aparecem como expressão de resistência.

No século XVI, quando Colombo chegou a Cuba, encontrou uma terra muito rica e próspera e muito povoada por índios, os quais aos poucos começaram a se suicidar. Eles se enforcavam em árvores, em grande número. Havia dias em que os espanhóis se deparavam com mais de cinqüenta casas com famílias de índios inteiras enforcadas.

> A atitude suicida dos indígenas, incompreendida pelos espanhóis, que a atribuíram à suposta incapacidade inata para o trabalho, foi, segundo um historiador moderno, "uma greve de fome coletiva, uma greve de braços caídos, uma greve revolucionária. E foi mais longe: foi uma greve biológica que a natureza exige a alguém, que sem saber, por imposição de vício próprio ou alheio, quebre as leis do ritmo vital. (DE COLL, 1986, p. 32)

A colonização da América foi um grande genocídio e os indígenas resistiram

como puderam, inclusive, através do suicídio.

Se na Idade Média os discursos do suicídio foram controlados pela Igreja, observamos, a partir da Renascença e ao longo do século das Luzes, os debates sobre a morte voluntária circularem publicamente através de reflexões filosóficas e de obras literárias. Com a Revolução Francesa, os suicídios políticos começam a ser interditados. É claro que na literatura ainda circulam romances com apologias ao suicídio romântico, mas neste novo contexto político a literatura revolucionária vai resgatar os suicídios da Antigüidade greco-romana.

É impressionante o número de suicídios políticos no período da Revolução. Entre os girondinos e montanheses o suicídio patriótico, que retoma os moldes do suicídio entre os antigos. No campo monárquico e contra-revolucinário, os suicídios lembram os suicídios dos mártires cristãos e os militares suicidam-se para evitar a rendição. É o espírito filosófico e o espírito romântico fazendo da morte voluntária um ato de resistência e liberdade.

A ciência olhando e dizendo a morte

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
Mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de forçaexistem
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de
adivinhar: divinare

Os sabiás divinam.

(Manoel de Barros)

Se do Renascimento às Luzes, a sociedade ganhou com o debate público sobre o suicídio, que modificou e fundou discursividades nas esferas religiosas, jurídicas, familiares, filosóficas e literárias, o século XIX vai ser o século em que a ciência lança o seu olhar para a morte voluntária e se apropria do direito de falar sobre ela. Haverá uma economia nos discursos que circulam sobre o suicídio na sociedade moderna.

Encontraremos no século XIX dois campos da ciência que tentarão explicar o suicídio: a medicina e a sociologia. Para Foucault, o discurso científico no ocidente sobre o indivíduo passa pelo campo da morte:

> É que o homem ocidental só pôde se constituir a seus próprios olhos como objeto de ciência, só se colocou no interior de sua linguagem e só se deu, nela e por ela, uma existência discursiva por referência à sua própria destruição: da existência da Desrazão nasceram todas as psicologias e a possibilidade mesma da psicologia; da colocação da morte no pensamento médico nasceu uma medicina que se dá como ciência do indivíduo. (FOUCAULT, 1980, p. 227)

Tomando o homem como objeto positivo de seu conhecimento, a medicina funda os princípios epistemológicos de todas as ciências da saúde que dela derivam e constitui o primeiro discurso científico sobre o indivíduo, daí seu lugar fundamental no conjunto das ciências humanas.

Começa o esquadrinhamento do corpo através do olhar clínico, que busca na repetição de eventos a possibilidade de classificar o que é normal e o que é patológico. Desta maneira, a medicina, que desde o final do século XVIII buscava nos corpos das

pessoas que se matavam, respostas, sinais ou provas para suas teorias sobre o suicídio, inicia no século XIX um processo de patologização da morte voluntária.

A primeira causa do suicídio apontada pela medicina da época é a melancolia. No século XVII, Robert Burton, em seu tratado *Anatomy of Melancholy*, já afirmava que a melancolia, causada pelo excesso de bílis negra no cérebro, poderia ser uma das causas das mortes voluntárias. Burton fazia uma descrição do mal, ao mesmo tempo fisiológica e sobrenatural – uma vez que associava o excesso de bílis negra a elementos de astrologia. Afirmava que havia homens que nasciam com predisposição ao mal, mas não rompia inteiramente com a concepção religiosa do suicídio, ao incluir nos remédios para cura, ervas que podem afugentar o diabo.

Já no século XIX, o tratamento indicado pelos médicos para os casos de melancolia e prevenção do suicídio seria o tratamento moral, baseado na punição, como para qualquer outro vício. Guislain *apud*. MINOIS, 1995, p.393, aconselhava o uso de sedativos morais como a ducha brutal, a cadeira rotativa, a cadeira de forças, o isolamento, a fome e a sede e as ameaças. Através da docilização dos corpos esperava-se chegar a um padrão de normalidade.

Pinel, em seu *Traité médico-philosophique sur láliénation mentale ou La manie*, aproximava a tendência ao suicídio a uma fraqueza de espírito que levava a pessoa a exagerar os acontecimentos da vida. Associava muitas vezes a esta característica desarranjos fisiológicos. Para ele, o melhor tratamento para aqueles sujeitos com tendências suicidas era a repressão (MINOIS, 1995, p. 393).

Para Fabret, Regnault e Debreyne o suicídio era uma forma de loucura, uma alienação mental. Esquirol, grande pensador da teoria psiquiátrica, em um de seus textos de 1838, afirma que o homem só atenta contra a própria vida se estiver alienado. No ano seguinte, complementa esta idéia associando às tendências suicidárias à falta de crenças religiosas, de preceitos morais, de condutas que ensinem o homem a cumprir seus direitos na sociedade. Esta falta de regulação faz com que o homem se entregue às próprias fraquezas e fique desarmado contra os sofrimentos da vida e as angústias do coração.

Vamos ter no século XIX, uma corrente individualista na medicina. O primeiro representante desta corrente vai ser Enrique Morselli, que em 1882, sustentou a tese de que

o suicídio era o desenlace fatal de uma agressão interna. Morselli vai influenciar o pensamento de Sigmund Freud, médico neurologista, fundador da psicanálise. Através de estudos sobre o luto e a melancolia, Freud inaugura a discursividade de que o suicídio é resultado de um mecanismo psíquico. Aquele que se mata deseja antes matar um outro, ou seja, os impulsos assassinos contra outros se voltam contra o próprio sujeito. O suicídio e o homicídio seriam duas faces de um mesmo fenômeno (AGREST, 2007). Mais adiante, Freud vai formular o princípio da pulsão de morte, ligada não somente à compulsão de repetição, como também ao princípio de Nirvana, a ausência de excitação no nível do inconsciente (WERLANG *et al.*, 2004, p. 77). Karl Menninger, entre outros, é um importante representante da vertente psicanalítica da medicina, que retomou e atualizou o pensamento freudiano.

No Brasil, do século XIX, emerge a medicina social, que tem por objetivo não só esquadrinhar o corpo, mas também a cidade, para identificar os focos de perigo que colocariam em desequilíbrio a saúde da sociedade. A medicina social tentará impedir o aparecimento de doenças, através de medidas profiláticas de saneamento da cidade e imposição de regras normatizadoras, que evitariam comportamentos desregrados. A nova finalidade positiva deste discurso médico é erradicar tudo que produzisse, provocasse ou induzisse a morte. É assim que o suicídio passa a ser também objeto de estudo desta ciência emergente. O discurso médico é um discurso contra o suicídio e a favor da vida, mas de uma vida regrada, disciplinada, ordenada:

> Portanto, quando se constitui historicamente uma nova relação de poder, tendo o médico como o principal "problematizador" do suicídio, observou-se também um campo de saber, uma formação de saber, com critérios, conceitos, fórmulas e verdades que passavam necessariamente pela esfera patológica (LOPES, 2003, p. 62).

O grande representante da corrente sociológica da ciência vai ser Émile Durkhein, o qual considera o suicídio um fenômeno social. Para ele, a influência do meio põe em xeque o juízo de sujeito patológico da medicina. Se o suicídio é uma doença, a questão que se coloca é: quem é doente – o homem suicida ou a sociedade suicidógena?

Durkheim (2005) levanta a hipótese de que são as condições sociais que

determinam os atos suicidas e que o fenômeno ocorre toda vez que o equilíbrio social é quebrado. Ele faz um minucioso levantamento estatístico das taxas de suicídio na Europa e afirma que elas variam de acordo com a integração do indivíduo no grupo ao qual pertence. Os aspectos psicológicos e individuais são desconsiderados em seu estudo. Ele divide o suicídio em quatro tipos:

1) **Suicídio egoísta**: que se caracteriza pela falta de integração do indivíduo à sociedade à qual pertence, produzindo uma individualização exacerbada e uma falta de interação entre os membros desta sociedade. Durkheim afirma que em épocas de crise política, guerras e revoluções, aumenta o sentimento nacionalista e de integração e caem as taxas de suicídio.
2) **Suicídio altruísta**: caracteriza-se por um excesso de integração do indivíduo à sociedade. Normalmente, são sociedades estruturadas rigidamente em código de deveres. O suicídio pode acontecer quando o indivíduo sente que quebrou alguma regra do grupo. Os interesses do grupo estão acima dos interesses individuais. É o caso do ritual do *harakiri* dos japoneses, dos suicídios políticos, dos mártires, dos militares, dos *kamikazes* da Segunda Guerra e dos homens-bomba terroristas.
3) **Suicídio anômico**: ocorre em sociedades que se encontram em um estado de desorganização social, pela ausência ou contradição de regras sociais. Ele ocorre quando se rompem as relações entre o indivíduo e o grupo social ao qual pertence de maneira súbita (enriquecimento ou empobrecimento repentino, por exemplo). O suicídio anômico pode ocorrer também quando a própria sociedade passa de maneira abrupta de um estado de equilíbrio relativo para um estado de crise. Foi o caso da Grande Depressão de 1930.
4) **Suicídio fatalista**: este tipo de suicídio ocorre quando há uma extrema regulação social nos atos privados de alguns indivíduos de uma determinada sociedade, como os escravos, mulheres casadas sem filhos que não resistem às pressões sociais, esposos muito jovens que não conseguem responder às expectativas da sociedade em suprir as necessidades de sua família.

Ainda que o trabalho de Émile Durkheim seja reducionista por considerar apenas os aspectos sociais do fenômeno do suicídio, ele estabelece uma ruptura com os

discursos sobre o suicídio até então postos em circulação. Tira o suicídio das categorias de crime, pecado e doença e o coloca como um problema social.

Entretanto, mesmo ao colocar o suicídio na esfera do social, apóia-se em uma memória discursiva para formular a sua tipologia. Os nobres da Idade Média e românticos já eram considerados egoístas pela sociedade e por isso, desprezados por ela. Os mártires cristãos, os suicidas célebres da Antigüidade e os revolucionários sempre mobilizaram piedade e admiração do seu grupo, o altruísmo era uma característica dessas pessoas, que muitas vezes lhes proporcionava a indulgência dos clérigos e da justiça civil. Discursivamente, a novidade de Durkhein são o suicídio anômico e o suicídio fatalista.

No século XX, a medicina vai começar a tratar o suicídio como um fenômeno multi-determinado por fatores biológicos, hereditários, psicológicos, culturais, históricos e sociais. Inaugura-se uma nova discursividade, mas, na prática, quem coloca este discurso em circulação são, preponderantemente, os profissionais da área médica. Há bem poucos profissionais da área de humanas envolvidos nos estudos sobre o suicídio. Para Botega (2005, p. 18), "qualquer tentativa de compreender o fenômeno do suicídio deve cotejar contribuições de vários campos do conhecimento".

Apesar de o próprio discurso médico conceber o suicídio como multi-determinado, grande parte das pesquisas e estudos realizados pela Organização Mundial de Saúde envereda pela corrente cognitivista. O suicídio é definido a partir da noção de ***comportamento suicid*a**:

> Todo ato pelo qual um indivíduo causa lesão a si mesmo, qualquer que seja o grau de intenção letal e de conhecimento do verdadeiro motivo desse ato. Essa noção possibilita conceber o comportamento suicida ao longo de um continum: a partir de pensamentos de autodestruição, passando por ameaças, gestos, tentativas de suicídio e, finalmente, suicídio.[28] (WERLANG e BOTEGA, 2005, p. 17)

O grande representante deste novo discurso sobre o suicídio é Edwin Shneidman, que desenvolve um modelo teórico fundamentado em três princípios: dor, perturbação e pressão. Para Shneidman, o suicídio não é um ato aleatório, é compreendido

[28] Definição adotada também pela Organização Mundial da Saúde.

como a melhor solução, para o sujeito escapar de uma dor psicológica insuportável. Esta dor vem acompanhada de estados emocionais negativos como culpa, vergonha, angústia, pânico, solidão e é acompanhada de idéias de morte como solução para fazer cessar esta dor. A atitude interna é de ambivalência, uma vez que o sujeito, ao mesmo tempo em que deseja a morte, planeja intervenção de socorro. Isto mostra que o indivíduo suicida não pode ser considerado fora do ambiente em que vive. Cada sujeito está em interação intensa com seus familiares e com a sociedade. O comportamento suicida é compreendido, então como a manifestação de um problema familiar e social e não exclusivamente como resultado de uma dificuldade individual. (WERLANG *et al*., 2005, p. 85)

O discurso suicida colocado em circulação pela medicina, inclusive pela Organização Mundial da Saúde, tenta trazer para a discussão outros campos do saber científico. É uma abordagem patologizante em que, não só o indivíduo é tomado como doente, mas a família e a sociedade também. Prova disto é que, pela classificação da OMS, a morte por suicídio encontra-se na categoria de "mortes por fatores externos" e o suicida é sempre tratado como vítima.

Os suicidólogos tentam identificar os grupos de risco e atuar preventivamente. As estratégias de prevenção não ficam restritas a tratamentos médicos. No Brasil, por exemplo, o grupo de pesquisas do psiquiatra Neury Botega, da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, participou do Estudo Multicêntrico de Intervenção no Comportamento Suicida (SUPRE-MISS), um programa de prevenção ao suicídio da OMS que englobou treze países. O estudo realizou-se no pronto-socorro do Hospital das Clínicas de Campinas, aonde alguns indivíduos que chegavam à emergência por tentativas de suicídio, além do tratamento ambulatorial e do encaminhamento aos outros serviços da rede pública (postos de saúde, CAPS, internação), receberam telefonemas e visitas regulares de uma psicóloga por até 18 meses após as tentativas de suicídio, para auxiliar na reinserção destes sujeitos nesta sociedade tão excludente. Se, por um lado, o projeto produziu discursos que privilegiaram as taxionomias, as estatísticas e as classificações tão próprias da ciência fundada no paradigma cartesiano, por outro valorizou a singularidade, a história, a cultura e a memória de futuro de cada sujeito.

Vozes da contemporaneidade:

Murmúrios da História

O discurso é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, o que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo.

(Michel Foucault)

Bakhtin tem uma visão dialógica de mundo: o sujeito e seu outro, o mundo e a mente, a existência e a linguagem, o dado e o criado, a arquitetônica do mundo ético (mundo da ação/experiência) e a arquitetônica do mundo estético (mundo da representação). Seu conceito de linguagem emana do comprometimento que tem com esta visão de mundo. Assim, a linguagem para ele é constitutivamente dialógica.

Segundo o autor, o discurso não reproduz uma fala individual, ele é produto da interação entre dois interlocutores socialmente organizados e é determinado pelas condições reais de enunciação (situação social e histórica do momento da enunciação). Os interlocutores trazem em suas vozes, as vozes de outros sujeitos e o discurso que se constitui durante a interação entra em diálogo constante com outros discursos. O discurso configura-se, assim, como uma instância significativa de entrelaçamento de vozes e discursos alheios.

> Todo o discurso concreto encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça como eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus extratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 1998, p. 86)

No decorrer da história, muitos foram os discursos que, dialogicamente, entrecruzaram-se para constituir o discurso que circulou e ainda circula **sobre o suicídio** em nossa sociedade. Na contemporaneidade, novas vozes e novos discursos vêm se juntar e se entrelaçar ao discurso **sobre o suicídio** posto em circulação pela Igreja, pelo Estado, pela Literatura e pela Ciência. No Brasil, o discurso sobre a morte voluntária ditado pela doutrina espírita é uma dessas vozes que ressoam no discurso sobre o suicídio e que aparece, inclusive, veiculada na mídia.

Segundo dados estatísticos do IBGE do ano 2000[29], funcionam no Brasil, aproximadamente, 10.000 centros espíritas kardecistas. Allan Kardec, estudioso positivista do fim do século XIX produziu uma versão cientificista dos fenômenos religiosos que abordam a questão da vida após a morte. Duzentas editoras publicam livros para a comunidade espírita e 22 milhões de exemplares dos sete livros de Kardec, já foram vendidos no Brasil. Apenas 2% dos brasileiros se declaram espíritas, mas de acordo com a Federação Espírita Brasileira (FEB), mais de 40 milhões de brasileiros seguem a doutrina. A maioria dos brasileiros acrescenta os ensinamentos de Kardec às religiões que professam oficialmente.

A doutrina Espírita chegou ao Brasil em 1867 e rapidamente os brasileiros conseguiram transformar seus preceitos morais e filosóficos em religião. Com Chico Xavier (1910-2002), que publicou 400 títulos de obras mediúnicas e vendeu 30 milhões de livros, o espiritismo, em sua versão brasileira, ganhou fama nacional e internacional.

O Livro dos Espíritos, primeira obra de Kardec, publicada na França em 1857, é estruturado em forma de perguntas direcionadas aos "espíritos" e respostas dadas por eles. Em relação ao suicídio, a filosofia espiritualista de Kardec (2006, p. 368,369,370), remete a uma memória discursiva sobre o suicídio que atualiza enunciados do discurso médico, filosófico, religioso e jurídico. Faz uma distinção entre suicídio voluntário e o suicídio por loucura, sendo o primeiro uma transgressão das leis divinas e o segundo um ato de alguém que não sabe o que faz. Retoma Santo Agostinho ao afirmar que só Deus tem o direito de dispor da vida do homem e considera os suicidas ociosos, insensatos e covardes. A doutrina

[29] Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabulacao_avancada/tabela_brasil_1.1.2.shtm

afirma, ainda, que os suicidas voluntários responderão por seus atos como homicidas, que o suicídio é uma ação má e repreensível. Quando o sujeito tira a própria vida para impedir que a vergonha recaia sobre a vida de seus familiares, "os espíritos" afirmam que o ato pode ser atenuado. Aqueles que se matam para salvar a vida de outrem não são considerados suicidas. O homem que abusa de vícios e paixões e acelera sua morte é um suicida moral, mais culpado do que aqueles que tiram a própria vida por desespero. O espiritismo também condena a morte para abreviar sofrimentos de doença e afirma que as mulheres que se queimam voluntariamente sobre os corpos dos maridos por uma tradição cultural da sociedade à qual pertencem são desculpadas por fazerem isso por ignorância e nulidade moral. Em relação às conseqüências que sofrem os suicidas por seus atos, os "espíritos" respondem:

> As conseqüências do suicídio são muito diversas: não há penas fixadas e, em todos os casos, são sempre relativas às causas que provocaram. Mas uma conseqüência à qual o suicida não pode fugir é o desapontamento. De resto, a sorte não é a mesma para todos: depende das circunstâncias. Alguns expiam a sua falta imediatamente, outros em uma nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam. (Kardec, 2006, p. 372)

Em 1955, no Brasil, é publicado um livro pela Federação Espírita Brasileira, intitulado *Memórias de um Suicida*. Yvonne A. Pereira, autora do livro, já no prefácio afirma que o livro é uma obra mediúnica, ditada por um espírito que cometeu suicídio. O primeiro capítulo é todo reservado a descrever o lugar para onde vão todos os espíritos daqueles que se suicidam: o Vale dos Suicidas (lugar repugnante, fétido, imundo, pastoso e escorregadio). Uma caverna tétrica onde não chega a luz solar, pior do que o vale dos leprosos da Antiga Jerusalém. Um lugar trevoso, de martírio e sofrimento, onde falanges de suicidas encontram-se aprisionadas.

Este livro de Yvonne Pereira inaugura uma discursividade sobre o suicídio. Em nenhum momento, Kardec, codificador da doutrina espírita, fala em um Vale dos Suicidas. Mas, a partir da publicação desta obra, começa a povoar o imaginário de alguns brasileiros, a idéia de que as almas dos suicidas vão para um vale trevoso após a morte.

Em 1975, a Rede Tupi exibe pela primeira vez a novela *A Viagem*, de Ivani Ribeiro. Na trama, o personagem Alexandre se suicida, vai para o Vale dos Suicidas e

retorna algumas vezes à Terra para atormentar outros personagens. A novela foi regravada pela TV Globo em 1994 e reapresentada mais duas vezes. Em todas as suas exibições, bateu recordes de audiência. Este discurso sobre o Vale do Suicidas atravessa, pelo menos, três gerações de brasileiros, e ainda hoje, nas ruas, nas revistas, nos jornais e na *internet* os sujeitos fazem referências a este lugar sombrio para onde "supostamente" vão os suicidas. No Orkut podemos encontrar muitas comunidades relacionadas ao tema:

Figura 31 – Comunidade Alexandre no vale dos suicidas

Este exemplo do discurso espírita sobre o suicídio circulando através de muitos suportes midiáticos mostra a importância da mídia na construção dos discursos da sociedade contemporânea.

Para Gregolin (2003, p. 97), como o próprio nome indica, as mídias fazem o papel de mediação entre leitores/ouvintes/expectadores e a realidade. O que a mídia veicula e põe a circular não é a realidade, mas uma construção que permite que o sujeito produza formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. Assim, como criadora de imagens simbólicas, a mídia é uma das grandes responsáveis pela construção do imaginário social e pela espetacularização, através do discurso, dos acontecimentos

cotidianos.

Em seu livro a "A Sociedade do Espetáculo" (1997, p. 15), Guy Debord afirma ser impossível fazer uma oposição entre espetáculo e atividade social. Para o autor, a realidade surge no espetáculo e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a base da sociedade moderna. A história não escapa a esta cultura espetacularizada e, na contemporaneidade, com as novas tecnologias da informação, observa-se nas mídias, a construção de uma "história do presente", de uma história construída "ao vivo", na imediatez e fluidez que cabem à época. Escreve-se a história na mídia no fluir do tempo, sem um grande distanciamento entre o momento do acontecimento e o momento da narrativa. Cria-se a ilusão de uma história que se escreve por si mesma (sem sujeito, sem determinação ideológica, sem filiações de memória). Entretanto, nos discursos que circulam pelas mídias, apesar da rapidez com que são veiculados, observa-se que não existe uma "desubjetivação" da História e que há, claramente nestes suportes midiáticos, uma articulação entre sociedade, discurso e memória.

Percorrendo as páginas do Orkut é possível encontrar inúmeros fóruns de debates sobre o suicídio. Nas vozes contemporâneas desses cidadãos azuis, os murmúrios da história se tornam audíveis e se atualizam no momento da enunciação.

Para analisar uma **amostra do discurso sobre o suicídio** que circula no Orkut na atualidade, selecionei na comunidade Profiles de Gente Morta, dois tópicos de discussão sobre o tema, intitulados: **"O que vocês acham do Suicídio?"**[30] e **"Suicídio"**[31]**.** As postagens dos membros da comunidade foram divididas em dois grupos, na tentativa de se "construir" um percurso do discurso suicida em nossa sociedade e de identificar que outras vozes e que outros discursos falam (antes e alhures) neste e através destes enunciados:

[30] Disponível em: http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=993780&tid=2446359255229129493&na=1&nst=1

[31] Disponível em: http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=993780&tid=9854074&na=1&nst=1

Enunciados que condenam o suicídio	Enunciados que justificam o suicídio
Suicídio. O que vcs acham desse ato fraco que muitas pessoas, na maioria jovens, estão buscando como saída para seus problemas, achando que vão escapar da tristeza, infelicidade, ou seja qual for o problema passageiro vivido aqui nesta terra. Sem saber que é melhor viver cem anos de tristeza, do que passar a eternidade de sufoco. Gente, é ETERNO! "A vida é um presente dado por Deus e só ele poderá tirá-la."	"Então me diz porque deus não está lá para impedir? mesmo que seja pelo "lívre arbítrio" o presente é dado ou forçado a nós? Somos obrigados a viver porque ganhamos a vida "de presente"? Quem disse que queríamos o presente, antes de mais nada?" " julgar eh bizarro ainda mais usando o argumento "a vida eh um presente de deus e só ele pode tirá-la"... Como disse Schopenhauer:"O médico vê o homem em toda a sua fraqueza; o jurista o vê em toda a sua maldade; o teólogo, em toda a sua imbecilidade." A vida eh dura, e longe de ser justa..."
"Descrença...quem teme por algo, nem comete..."	"Desespero!Com certeza!"
"é sim errado cometer sucicio, só que não por ser "pecado" mas porque a morte não existe a pessoa apenas passa para outro estado, mas passar para o lado de lá na categoria de suicida é muita burrice!!!"	"Fica difícil opinar seriamente numa discussão onde só se fala de "Deus". Ninguém aqui é suicida pra julgar. Só acho que a discussão covardia X coragem, assim como a certo X errado não se aplicam ao assunto. Simplesmente não cabem. Porque ninguém tem como saber. Ninguém sabe o que passa na cabeça de um suicida e ninguém tem que ficar julgando se o cara foi covarde, se quis aparecer, se vai pro inferno ou se fez a coisa certa.Condenar suicidas é fácil, difícil é tentar entender"
"Inclusive...acho um pouco de covardia da pessoa em se matar...É uma forma de fugir do problema..".	"Não é covardia, é coragem. è uma opçao, uma escolha, que deve ser respeitada"

Enunciados que condenam o suicídio	Enunciados que justificam o suicídio
“Mmuita gente que tbm lê uma bíblia, independente de religião mas que crê no Deus supremo, sabe que é um erro cometer suicídio.”	“Sou evangélica e acredito muito na biblia principalmente naquela frase "não jugueis p q não sejais julgado””
“Uma coisa eu acho que os suícidas deveriam pensar: nas famílias, amigos etc, pq toda fez que um suícida se mata, além da dor que as pessoas sentem, ainda vem com sentimento de culpa!”	“Cometer suicidio é sim um ato extremo e condenavél ao nossos olhos por que exprime não a covardia ou a solidão do suicida, mas sim a nossa incapassidade em ajuda-los...”
“Raríssimo não...É em 100% dos casos...sempre por problemas que poderiam ser resolvidos, não digo facilmente, mas com força de vontade”	“Concordo com o que vc disse, mas infelizmente uma depressão profunda, dependendo do momento em que aparece, nos tira a racionalidade e nos deixa a merce de realizar quaisquer atos sem pensar, e isso inclui o suicídio...Raríssimos os casos de suicídio em que a depressão não esteja presente...Sim amigo Mas a depressão nos rouba essa FORÇA de vontade que temos normalmente....Por isso que concordo contigo, que os problemas, claro, para uma pessoa que esteja NORMAL são ínfimos, pequenos, irrisórios, mas o individuo qdo esta depressivo, faz uma proporção muito maior do que a realidade...”
“...nossa eu acredito que exista um céu e um inferno.... acredito que há salvação e acredito mais ainda no perdão de Deus.A fraqueza existe dentro de cada ser humano.....mas a saída está no conhecimento para saber o que é certo e errado.... e a resposta disso tudo está na bíblia.Me desculpem se não falamos a mesma língua.... mesmo assim eu entendo a opnião de cada um.”	“FICO COM A BÍBLIA. Nela, Jesus disse que quem não tivesse pecado, que atirasse a primeira pedra... uma vez que todos temos as nossas falhas...E mais: não julgueis e... eis que Eu vos dou um novo mandamento: amaivos uns aos outros..então, julgar é falta de amor; aos olhos de Deus, é mais pecador o doente que suicida, ou o são que julga?bj.”

Enunciados que condenam o suicídio	Enunciados que justificam o suicídio
"De acordo com a doutrina espírita...o suicida sofre bastante no seu post mortem..Porém não tenho uma opinião formada a respeito" "**Pensam que a dor acaba?** Já escrevi "suicidas berram de dor", quem não leu é bom ler. Todos os suicidas pensam que matando o corpo tudo acabará, as dores, a depressão, a raiva, enfim, tudo se acaba. Pelo contrario, ai é que começa a dor, como não é hora de ser desligado do corpo, o espirito permanece preso ainda em seu corpo até chegar a hora certa da sua morte, sentindo todas as dores em um corpo morto , imóvel e dentro de um caixão, depois é levado ao Vale dos Suicidas"	bom, eu naum sou adepto de nenhuma religião, simplesmente gosto da lógica que existe dentro da doutrina espírita. Pra começar, eu não acredito em inferno, uma vez que como poderíamos pagar por um erro cometido, por toda a eternidade? Fato, num momento de loucura, ou desiquilíbrio químico (a depressão pode ocorrer por fatores puramente químicos), nos suicidamos ... pensar na condenação eterna proposta na bíblia eu acho totalmente ilógico, uma vez que se ela mesma prega um Deus que perdoa, condenar eternamente alguém ?? "
"Acredito que todos estamos aqui para cumprir uma missão, seja ela árdua ou não. O suicidio é apenas uma fuga momentânea, pois o suicida paga por este ato, sofrendo mais ainda para alcançar a sua "evolução".Deus os perdoa? Lógico! Deus perdoa a todos, mas cada um tem que fazer por merecer o seu perdão.	"Eu particularmente acho que não devemos entrar nesse merito moral ou religioso, pois afinal cada um tem a liberdade de escolher e seguir a doutrina que quiser.Assim sendo, o cidadão também deveria ter o direito legal de escolher o rumo da propria vida ou, no caso, da morte.Nossas leis ainda condenam o suicidio...A liberação da eutanásia seria um primeiro e grande passo para libertar as pessoas de um corpo fisico que (no caso) só traz sofriento. **'Poder dispor absolutamente de si mesmo e recusar-se: existe dom mais misterioso? A consolação pelo suicidio possivel amplia infinitamente essa morada onde sufocamos. ...'E.M.Cioran**"

As postagens mostram que, tanto as pessoas que condenam o suicídio, como as

que conseguem encontrar justificativas para ele, apelam para uma memória discursiva de onde retiram material para seus argumentos baseados, basicamente, nos discursos: religioso, médico, ético e jurídico.

ARGUMENTOS PARA CONDENAR O SUICÍDIO	ARGUMENTOS PARA JUSTIFICAR O SUICÍDIO
Covardia, egoísmo, fraqueza, fuga.	Coragem, escolha, livre arbítrio.
Falta de força de vontade para enfrentar problemas.	Doença, loucura, depressão, desequilíbrio químico.
Falta de fé, descrença, pecado	Desespero, solidão, incompreensão do outro.
Temor às leis de Deus que se encontram na bíblia	Reivindicação por leis humanas que regulamentem a eutanásia.
Continuidade da vida e do sofrimento da alma do suicida após a morte. Existência de um Vale dos Suicidas.	Sofrimento

É interessante notar que, apesar dos argumentos daqueles que condenam o suicídio se basearem em princípios da Bíblia, e fazerem uso de um léxico característico do discurso religioso (eternidade, eterno, descrença, teme, pecado, bíblia, culpa, céu, inferno, religião, crê, dor, salvação, perdão, fraqueza, *post mortem*, doutrina espírita, corpo, espírito, corpo morto, sofrendo, evolução) não há nenhuma citação direta da Bíblia que valide seus enunciados. Isso demonstra claramente o lugar de onde falam estes sujeitos e a que campo ideológico pertencem. Mostra o lugar do pré-construído[32], espaço que caracteriza o discurso hegemônico (ocidental cristão) que impera em nossa sociedade em relação ao suicídio. O único enunciado que aparece em discurso direto: *"A vida é um presente dado por Deus e só ele poderá tirá-la"*, é uma frase de Santo Agostinho que já se encontra em domínio público.

Já entre os que justificam o suicídio, encontramos a tentativa de construção de

[32] Termo introduzido por P. Henry, que designa uma construção anterior, exterior e independente, por oposição ao que é construído na enunciação. É um elemento do interdiscurso que se encadeia e se nominaliza no intradiscurso, como se este elemento já se encontrasse ali. Quanto menos aparece marcado um elemento no intradiscurso, mais determinado está no interdiscurso. É, pois, uma disputa de posições de dominação.

um discurso mais racional e não teológico, assim, apesar de também fazerem uso de um conjunto de palavras que pertencem ao discurso religioso, estas aparecem para autorizá-los a contestar o discurso de seus adversários, a partir do mesmo campo discursivo. Para Maingueneau (1997, p. 125):

> o exercício da polêmica presume a partilha do mesmo campo discursivo e das leis que lhe estão associadas. É preciso desqualificar o adversário, custe o que custar, porque ele é constituído exatamente do Mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente, insuportável.

Importante observar que, apesar dos enunciadores que fazem parte do grupo que justifica o suicídio fazerem uso do discurso alheio, no caso o discurso bíblico, estes discursos não "passam" simples e aleatoriamente por eles. Cada enunciado é resultado da atividade do sujeito, ou seja, "é visível o discurso do outro, mas também é visível o trabalho do eu" (POSSENTI, 2002, p. 64), a presença do outro no discurso do eu, não apaga a presença do eu. Não é qualquer versículo da Bíblia que os sujeitos laçam mão para sua argumentação, há uma escolha, há um trabalho sobre e através da linguagem, há um lugar para a inscrição da subjetividade. Portanto, não estamos falando de um sujeito assujeitado, nem de um sujeito totalmente livre, que seja a origem de seu discurso, mas sim, de um sujeito ativo, que não é "determinado" pelas estruturas, embora seja "condicionado" por elas. Desta forma, os enunciados desses sujeitos, mesmo que filiados a redes de memórias, fazem da enunciação, um ato único e irrepetível:

> [...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (Foucault, 2002. p. 31)

Ao afirmar: *"**Sou evangélica** e acredito muito na bíblia principalmente naquela frase "não julgueis p q não sejais julgado",* o sujeito atribui-se claramente uma autoridade para polemizar o discurso do outro a partir das próprias escrituras sagradas, já

que os evangélicos são reconhecidos na sociedade brasileira atual, como "supostos" conhecedores da Bíblia.

O mesmo acontece em : *"FICO COM A BÍBLIA. Nela, Jesus disse que quem não tivesse pecado, que atirasse a primeira pedra... uma vez que todos temos as nossas falhas... E mais : não julgueis e... eis que Eu vos dou um novo mandamento:amaivos uns aos outros...então julgar é falta de amor; aos olhos de Deus é mais pecador o doente que suicida, ou o são que julga?*" Ao usar letras maiúsculas em "FICO COM A BÍBLIA", o enunciador marca de maneira incisiva e até irônica de onde retira seus argumentos para denegar o discurso adversário. Sua ironia é explicitada também quando questiona se o suicida seria mais pecador que o doente, evidenciando que, para ele, o suicida também é um doente, portanto, digno do perdão divino e da compreensão humana. A indulgência da culpabilidade do suicida quando este é considerado doente ou insano, atravessa a história do Ocidente desde a Idade Média.

A palavra Deus ocorre cinco vezes em cada um dos discursos, porém, no discurso dos que justificam o suicídio ela aparece duas vezes escrita em letra minúscula e uma vez entre aspas. Além disso, só estes citam Jesus, que como sabemos é considerado o autor dos enunciados: *"não julgueis"* e *"amai-vos uns aos outros",* que constituem a base da argumentação de denegação do discurso religioso utilizado pelos que condenam o suicídio. O verbo julgar aparece seis vezes no discurso dos que justificam o suicídio e nenhuma vez no dos que o condenam.

Nesta tentativa de construção de um discurso mais racional entre os que justificam o suicídio, encontramos também enunciados em discurso direto atribuídos a filósofos que podem autorizar seus argumentos*: "Como disse Shopenhauer: 'O médico vê o homem em toda a sua fraqueza; o jurista o vê em toda a sua maldade; o teólogo, em toda a sua imbecilidade.'". ;* bem como a presença de um léxico que provém do discurso médico, ético e jurídico (homem, médico, jurista, depressão, racionalidade, atos sem pensar, normal, realidade, depressivo, fatores químicos, desequilíbrio, ilógico, loucura, liberdade, escolha, livre-arbítrio, cidadão, direito legal, leis, eutanásia...).

No grupo dos que condenam o suicídio, encontramos a ocorrência de algumas expressões que se referem à morte (morte, se matar, corpo morto, *post mortem*...), não

encontramos estas ocorrências no discurso dos que justificam o suicídio, ao contrário, há quatro ocorrências da palavra vida.

Só há uma referência sobre o perdão de Deus no discurso dos que condenam o suicídio e ele aparece junto a uma oração adversativa, que limita e condiciona o perdão divino, não incluindo os suicidas entre os merecedores deste perdão*: "Deus perdoa? Lógico! Deus perdoa a todos,* ***mas cada um tem que fazer por merecer o seu perdão.***

A idéia de vida após morte é mais recorrente entre os que condenam o suicídio. Estes enunciados colocam em funcionamento uma memória discursiva filiada à doutrina espírita/kardecista que circula no Brasil, em que a morte por suicídio aparece como um prolongamento do sofrimento do sujeito.

> *é sim errado cometer sucicio, só que não por ser "pecado" mas porque a morte não existe a pessoa apenas passa para outro estado, mas passar para o lado de lá na categoria de suicida é muita burrice!!!*
>
> ***Pensam que a dor acaba?*** *Já escrevi "suicidas berram de dor", quem não leu é bom ler. Todos os suicidas pensam que matando o corpo tudo acabará, as dores, a depressão, a raiva, enfim, tudo se acaba. Pelo contrario, ai é que começa a dor, como não é hora de ser desligado do corpo, o espirito permanece preso ainda em seu corpo até chegar a hora certa da sua morte, sentindo todas as dores em um corpo morto*
>
> *De acordo com a doutrina espírita...o suicida sofre bastante no seu post mortem..*
>
> *O suicidio é apenas uma fuga momentânea, pois o suicida paga por este ato, sofrendo mais ainda para alcançar a sua "evolução".*
>
> *é melhor viver cem anos de tristeza, do que passar a eternidade de sufoco*

Ao analisarmos a movimentação dos sentidos nos discursos sobre o suicídio que aparecem no Orkut é possível observar a articulação entre a língua (numa estrutura apropriada ao suporte), a memória e o trabalho do sujeito (histórica e socialmente situado).

É a mídia, desta forma, que "produz o acontecimento, já que a ocorrência de um fato não o torna histórico. Para que ele seja elevado a acontecimento, é necessário que seja conhecido; que circule na mídia" (SARAGENTINI, 2003, p. 132).

Bakhtin (1999, p. 144) mostra que o discurso de outrem é constitutivo do discurso; ele aparece como uma unidade integral em sua construção, tanto através de seu conteúdo semântico, como de sua estrutura sintática. Bakhtin nos chama a atenção para o fato de que devemos levar em conta para uma análise não só a forma como a transmissão do discurso citado é realizada, mas, fundamentalmente, a maneira como ocorre a recepção deste discurso. Não podemos perder de vista a terceira pessoa do discurso, a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas, o que reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso. Para Bakhtin (1999, p. 147), o sujeito que apreende uma enunciação de outrem, "não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores" assim, "a palavra vai à palavra". A forma de transmissão do discurso alheio (direto, indireto ou indireto livre) é regulada pelas relações sociais, logo, o analista não pode divorciar o discurso das condições de produção em que este é enunciado, seu "verdadeiro objeto de pesquisa deve ser justamente a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo."

Para finalizar este capítulo, vou tratar de uma última questão, que diz respeito à espetacularização do suicídio na mídia e à regulamentação que, em tese, não permitiria aos meios de comunicação noticiar as mortes voluntárias.

No decorrer da história ocidental, pudemos ver que a publicação de alguns livros provocou ondas de suicídio em diversos países, os chamados pela medicina de suicídios por imitação ou contágio. Noticiar mortes voluntárias de sujeitos comuns em jornais e periódicos tornou-se uma prática comum a partir do século XVIII. Na Inglaterra, eram publicadas, inclusive, as notas de suicídio deixadas aos agentes policiais. A espetacularização e o sensacionalismo já compunham o cenário da sociedade.

Um estudo de Phillips (1974) demonstrou que a veiculação do suicídio de uma

celebridade na primeira página do jornal New York Times, pôde ser associado a um aumento entre 1% e 6% na taxa nacional de suicídios, num período de 7 a 10 dias após a publicação. O aumento era tanto maior, quanto maior fosse o tamanho da matéria na capa, na região onde ocorreu o suicídio e em pessoas que compartilhavam características comuns ao suicida (idade, sexo, situação social). Outro estudo demonstrou queda para menos da metade nos suicídios no metrô em Viena após a restrição da veiculação de histórias de suicídios no interior destes trens (WERLANG, 2005, p. 147).

Com a constatação de que as taxas de suicídio aumentavam quando havia uma exploração da mídia nos casos de suicídio, em 1998, a OMS elaborou alguns manuais como estratégia de prevenção. Dentre eles, um foi direcionado aos profissionais da mídia. Ficaram estabelecidas algumas normas, regras e restrições para se noticiar casos de suicídio.

Em 2007, Arthur Dapieve, jornalista brasileiro, publica o livro *Morreu na Contramão,* onde analisa as maneiras como se noticiam os casos de suicídio no Brasil. Dapieve reconhece os efeitos que uma notícia sensacionalista sobre um caso de suicídio pode surtir na sociedade. Mas enfatiza o valor de noticiar o suicídio, não como uma apologia, mas como uma maneira de se exercer o direito de expressão. Para o autor, pior do que noticiar um suicídio é silenciar ou usar nas matérias palavras pejorativas, que desqualifiquem o suicida, caracterizando-o como fanático religioso, criminoso ou louco.

A mídia também exerce seu domínio de poder e seleciona que discursos do suicídio podem ou não circular. Em plena ditadura militar (1975), o jornalista judeu Vladimir Herzog foi convocado a prestar depoimentos sobre suas ligações com o Partido Comunista Brasileiro. Seu depoimento foi uma sessão de tortura que o levou a morte. Segundo nota oficial do II exército, Herzog havia se suicidado com o próprio cinto. Seu corpo foi apresentado à imprensa pendurado em uma grade pelo pescoço. Segundo Elio Gaspari (*2004),* era o 38º suicídio por enforcamento do regime militar. A Comunidade Israelita, sob a liderança de Henry Sobel, recusou a versão de suicídio e não enterrou Herzog no local destinado aos suicidas. O papel da imprensa foi fundamental – a noticiação do suicídio de Herzog, paradoxalmente, foi o que o absolveu perante sua comunidade e mobilizou 8.000 pessoas a lhe prestarem homenagens num culto ecumênico.

Do mesmo modo, a mídia pode esclarecer outros suicídios duvidosos, embora nem sempre o faça. É o caso do "suicídio" do legista que investigava as mortes de testemunhas do assassinato do prefeito de Santo André, Celso Daniel ou o "suicídio" da namorada de PC Farias. A regulação da forma de noticiar o discurso do suicídio nas mídias, tendo em vista a prevenção médica do suicídio, faz fronteira com a censura.

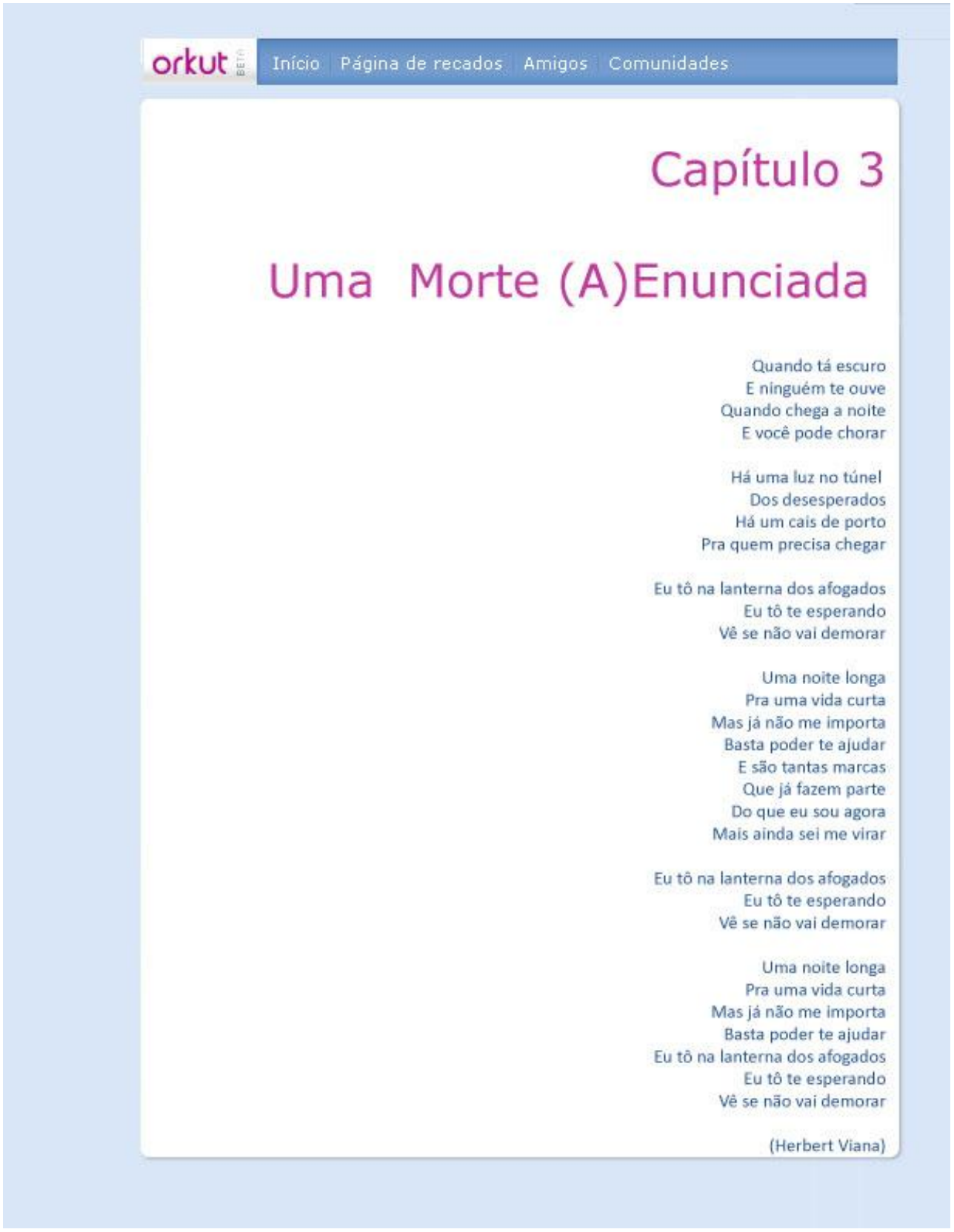
Há uma situação, no final dos anos de 1990, que chamou a atenção da mídia nacional e internacional: a elevada taxa de suicídio entre os jovens índios Kaiwoá, do Mato Grosso do Sul. A forma sensacionalista como foram veiculadas essas mortes na mídia impressa, desconsidera a regulamentação, já que expõe fotografias com detalhes das cenas dos suicídios desses jovens. Sem dúvida nenhuma, noticiar o suicídio de um sujeito comum, ou até mesmo de uma celebridade, é muito diferente de noticiar o suicídio de centenas de jovens índios. A repercussão nacional e internacional dessas mortes é muito mais forte, uma vez que elas denunciam a situação dramática em que alguns grupos indígenas vivem no Brasil. Além disso, a impressão que se tem é que, a ética para se noticiar suicídios funciona apenas no caso de homens brancos.

O que se observa é que há uma contradição entre o que pode e o que é, efetivamente, veiculado na mídia a respeito do suicídio. Apesar da regulamentação, a Rede Globo exibiu uma novela, classificada como censura livre, no período da tarde, mostrando de maneira "espetaculosa" o suicídio de um jovem. A Rede Record, por sua vez, transmite diariamente pequenos filmes (simulações da vida cotidiana), onde pessoas atormentadas e desesperadas, com problemas familiares e profissionais, acabam por cometer suicídio. Em ambos os casos é possível identificar a força de diferentes discursos religiosos na mídia: o discurso espírita na Globo e o discurso neo-pentecostal nos programas da Record. Mostrar o suicídio nas mídias de comunicação em massa no Brasil é um espetáculo que dá audiência, portanto, está ligado aos interesses econômicos das grandes emissoras.

Se há problemas na "noticiação" de suicídios pela imprensa, pelo rádio e pela televisão – o que dizer da Internet? Pactos suicidas, suicídios coletivos, suicídios on-line acontecem diariamente nos espaços virtuais. Como lidar com estas novas discursividades?

A internet representa grandes corporações e grandes interesses comerciais. A Google tem se mostrado resistente em auxiliar a justiça brasileira nos casos de pacto de

suicídio pelo Orkut. Por outro lado, o usuário tático, tem conseguido, com sucesso, burlar as poucas regulamentações que existem neste sentido. Além disso, não podemos olhar para internet apenas como um espaço onde atuam "predadores" que fazem apologias ao suicídio. Os "predadores", antes de virtuais, são reais e atuam na sociedade não apenas pelo ciberespaço. Assim como no mundo real, o mundo virtual traz também maneiras que a sociedade encontra para lidar com o suicídio. Além disso, a internet tem se mostrado um espaço de (re)atualizações e (re)significações de muitas práticas, inclusive do suicídio.



Capítulo 3

Uma Morte (A)Enunciada

Quando tá escuro
E ninguém te ouve
Quando chega a noite
E você pode chorar

Há uma luz no túnel
Dos desesperados
Há um cais de porto
Pra quem precisa chegar

Eu tô na lanterna dos afogados
Eu tô te esperando
Vê se não vai demorar

Uma noite longa
Pra uma vida curta
Mas já não me importa
Basta poder te ajudar
E são tantas marcas
Que já fazem parte
Do que eu sou agora
Mais ainda sei me virar

Eu tô na lanterna dos afogados
Eu tô te esperando
Vê se não vai demorar

Uma noite longa
Pra uma vida curta
Mas já não me importa
Basta poder te ajudar
Eu tô na lanterna dos afogados
Eu tô te esperando
Vê se não vai demorar

(Herbert Viana)

Estilhaços de narrativas: viver, morrer e contar

Acho q já tô cansada de ser humilhada... é isso q sinto. Nada é reconhecido, promessas não cumpridas, e para ajudar só vejo mentira, e sou de algum modo uma mentira. Alguém q se esconde por trá de um sorriso, mas q como uma bela maçã vermelha q aparenta estar saborosa, na verdade está podre por dentro. Ningúem é obrigado a ler isso... se leu é pq quis, e se discordou é pq prestou atenção. Dane-se todos, vou fazer o q deveria ter feito há tempos. Esse ano minha promessa tá de pé... só não sei cumpri-la.

(Ana, 18 anos, em seu perfil de Orkut – um mês antes de se suicidar)

O discurso, no Orkut, é fragmentado e espraiado. Os enunciados estão, muitas vezes, ao mesmo tempo, em "todos" os lugares. Nem sempre é fácil fazer uma conexão entre as palavras e as contrapalavras dos interlocutores. Analisar o processo de enunciação nas páginas do Orkut é como montar peças de um, ou de vários quebra-cabeças. É constatar o caráter dialógico e constitutivo da linguagem em que:

> Os limites de cada enunciado concreto como unidade de comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso,* ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto; antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso. (BAKHTIN, 2003:275)

Este aspecto estrutural da plataforma do Orkut, que dá ao analista uma visão distanciada de como se realizam os processos de enunciação nas interações verbais entre os diversos interlocutores, foi preponderante na adoção de uma concepção sócio-histórica da linguagem neste projeto de pesquisa. Mais do que uma ferramenta social de comunicação, a linguagem é um processo criador, onde o sujeito organiza e informa suas experiências. Tanto o sujeito, quanto a própria linguagem se constituem, mutuamente, nos processos de

interação verbal, regulados pelas relações sociais. Segundo Franchi *(apud.* Abaurre: 2002:82-83):

> A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos,

e que é

> na interação social, condição de desenvolvimento da linguagem, que o sujeito se apropria [do] sistema lingüístico, no sentido de que constrói, com os outros, os objetos lingüísticos de que se vai utilizar, na medida em que se constitui a si próprio como locutor e aos outros como interlocutores.

A linguagem se apresenta não como um produto pronto e acabado, mas como um processo dinâmico, histórico e cambiável, que recolhe do passado material para recompor e reorientar suas direções. "Não é um recomeçar, como não é um repetir." (FRANCHI, 1992, p. 29).

Se a linguagem é uma atividade, o sujeito é o seu agente e também é constitutivamente heterogêneo:

> de uma incompletude fundante que mobiliza o desejo de completude, aproximando-o do outro, também incompletude por definição, com a esperança de encontrar a fonte restauradora da totalidade nunca alcançada, construindo-se nas relações sociais, entendidas estas como espaço de imposições, confrontos, desejos, paixões, retornos, imaginação e construções. (GERALDI, 2005:20)

Ainda segundo GERALDI (2005) e complementado suas idéias, é possível conceber este sujeito como um sujeito agente, que realiza ações com a linguagem, ou seja: a) avalia, persuade, informa, diverte, convence, doutrina, seduz etc.; b) agencia recursos expressivos disponíveis na língua, produzindo processos metafóricos, parafrásticos, metonímicos; c) cria e recria palavras; significa o mundo, o outro, a vida e até a morte. Um sujeito agente que se narra, que se conta, que se compreende e compreende seu Outro na tessitura destas narrativas.

Narrar é um processo que cria e recria realidades. Cada vez que se narrativiza uma experiência cotidiana, esta é (re)significada. Os fatos, os eventos, os acontecimentos não são modificados, mas, com a atividade estética do sujeito, ganham novos contornos. É uma maneira criativa de (re)inventar e (re)construir as experiências vividas, a partir de uma memória de passado, e/ou calcular as possibilidades das experiências que ainda estão por vir, a partir de uma memória de futuro. Toda narrativa implica, então, uma seleção de memória e uma organização temporal própria.

Quem conta uma história sempre conta a alguém. Este Outro do narrador vai influenciar diretamente a composição e o estilo da narrativa. Os enunciados são sempre endereçados: a um interlocutor direto do diálogo cotidiano, a uma coletividade específica, a um povo, a um grupo, a um subordinado, a uma pessoa íntima, a pessoas estranhas etc. Ao compor sua narrativa, o autor faz uma representação de seu(s) interlocutor(es) e tenta antecipar suas respostas (suas apreciações, seus pontos de vistas, seus preconceitos, seus valores, suas simpatias e antipatias). Este gesto revela o caráter dialógico da compreensão responsiva proposto nos trabalhos de Bakhtin (1993, 1999, 2003), que permeia sua concepção de estilo. Beth Brait (2006, p. 64), complementa:

> O estilo é o homem, dizem; mas poderíamos dizer; o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa.

No Orkut, encontraremos uma multiplicidade de narradores, de narrativas e de estilos. Mas, as condições de comunicação e a estrutura da plataforma delimitam um campo de utilização da língua, onde são produzidos, embora singulares e individuais, tipos "relativamente estáveis" de enunciados, os quais configuram um **gênero de discurso**. Segundo Bakhtin (2003, p. 262, 263), é infinita a multiplicidade de gêneros de discurso, tanto quanto são inesgotáveis as possibilidades da atividade humana. Cada atividade humana comporta um repertório de gêneros, que se transformam e se complexificam com o desenvolvimento dos campos de utilização da língua. Além disso, os gêneros do discurso são constitutivamente heterogêneos.

Bakhtin faz uma distinção (não funcional) entre **gêneros discursivos primários**

e **gêneros discursivos secundários**. Os primários (simples) possuem um **vínculo imediato** com a realidade concreta e os enunciados reais alheios, como a réplica do diálogo cotidiano ou a carta. Os secundários (complexos), através de um **processo histórico de formação**, incorporam e reelaboram diversos gêneros (primários e secundários). Para o autor, a mútua relação entre gêneros primários e secundários e o constante e inesgotável processo de formação de novos gêneros, no decorrer da história, revelam a relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia.

O gênero de discurso que encontramos no Orkut, como todo gênero é heterogêneo, híbrido. Ele coteja traços da carta, da confissão, da autobiografia, do e-mail, do recado, do testemunho, da dedicatória, do diálogo cotidiano imediato, do romance, do epitáfio, do bilhete, da mensagem de adeus, entre outros. A estrutura arquitetônica da plataforma, a visibilidade que ela oferece, a possibilidade de interconexão com centenas de pessoas e a agilidade de comunicação que ela permite, vão fazer com que os enunciados produzidos no Orkut se estabilizem (relativamente) a partir: 1) de um jogo enunciativo de revelar e esconder o que se diz; 2) de relatos curtos e cotidianos da experiência; 3) de fragmentos espraiados de narrativas inconclusas; 4) de um contar dinâmico de um passado imediato; 5) de uma multiplicidade de narrativas de um mesmo autor sendo contadas simultaneamente a muitos interlocutores.

Perambular pela Cidade Azul torna-se, como disse Dom Quixote a seu companheiro Sancho, "uma aventura, não de ilhas, mas de encruzilhadas". Foi no entrecruzar dos gêneros, dos sujeitos, das ideologias e dos discursos, que, como pesquisadora, organizei, a partir do Orkut, um arquivo com os estilhaços das narrativas de jovens brasileiros que se suicidaram. Debrucei-me sobre este acervo sígnico de imagens e escrita e, como num trabalho genealógico, tentei encontrar os fios dialógicos dos discursos e das vozes que os constituíam. As seguintes perguntas nortearam o meu trabalho:

- Quem é o "meu" sujeito de pesquisa?
- Onde ele está histórica, social e culturalmente situado?
- Como o sujeito constrói a representação de si mesmo no Orkut para si e para seus outros?

- Quais eram as condições de produção destes discursos?
- Como lidar com a história "real" e com a história "fictícia" deste sujeito, ao mesmo tempo autor e personagem, em um mundo ao mesmo tempo real e virtual? Seriam facetas de uma mesma história?
- Que traços singulares traziam o conjunto de enunciados deste sujeito que já anunciavam um "possível" suicídio?
- Que vozes e que discursos falam, silenciam e falham nas vozes destes jovens suicidas que se articulam num discurso "suicida"?
- Quais foram as regularidades lingüísticas e discursivas encontradas?
- Que memória discursiva era acionada nos discursos do/sobre suicídio no Orkut?

Na tentativa de encontrar as respostas para as perguntas de minha pesquisa, faço um recorte. Os sujeitos que selecionei para as análises são todos jovens brasileiros, de classe média, das mais diversas regiões do país (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Teresina, Rio Grande do Sul). Estes dados, porém, não são absolutamente confiáveis, já que nem todos os usuários do Orkut indicam a verdadeira cidade aonde vivem.

Dos 18 jovens selecionados, 5 são garotas e 13 são garotos, com idade entre 13 e 20 anos. Nem todos os usuários do Orkut colocam a verdadeira idade, já que para fazer parte da plataforma é necessário garantir que se tem mais de dezoito anos.

Em alguns casos, consigo chegar aos lugares aonde vivem estes jovens e às verdadeiras idades buscando indícios nos discursos que eles deixaram circular pela plataforma (nos fóruns de discussão, nos scraps trocados com amigos etc.). É preciso ressaltar que os nomes dos sujeitos desta pesquisa são nomes fictícios, para que se possa preservá-los e às suas famílias de uma segunda exposição. Embora o Orkut seja um espaço público, muitas das páginas destes sujeitos saem do ar a pedido de amigos e familiares.

Os 18 adolescentes selecionados, efetivamente, suicidaram-se[33]. O suicídio foi confirmado através de uma, ou pela combinação de mais de uma das seguintes estratégias:

[33] É comum encontrarmos na Comunidade Profiles de Gente Morta, endereços de *profiles* "*fakes*", ou melhor, pessoas que criam um *profile* falso, simulam uma morte em acordo com um grupo de amigos e postam o perfil num tópico da comunidade.

1) verificação de obtuários;
2) busca de notícias veiculadas na mídia que esclarecessem o tipo de morte;
3) análise de comunidades de homenagens póstumas;
4) informações de conhecidos, amigos e familiares do próprio sujeito;
5) usuários que utilizavam o Orkut para se comunicar com grande freqüência.

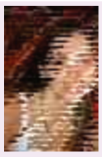
Tentarei responder as outras questões levantadas, através das análises que realizarei ao longo deste capítulo.

Em "Problemas da Poética de Dostoiévski" (2005, p. 4), Bakhtin discute a independência dos personagens em relação ao autor nos romances dostoievskianos. Ele levanta a hipótese de que estes personagens possuem vozes próprias, constituem uma multiplicidade de consciências eqüipolentes ("consciências e vozes que participam do diálogo com as outras vozes em pé de absoluta igualdade como participantes do grande diálogo"). Cria assim a teoria do romance polifônico. Embora o Orkut constitua outro gênero discursivo, ele também traz uma multiplicidade de autores/personagens, engendra uma multiplicidade de vozes, num emaranhado de narrativas fragmentárias. O Orkut é assim, absolutamente polifônico.

Para mostrar como os discursos se organizam em vozes e narrativas dispersas na arquitetônica desta Cidade Azul, para entender como os sentidos vão se construindo através da conclusibilidade específica de cada enunciado (que sempre suscita uma réplica) e para compreender como estas réplicas estão interligadas, trago como exemplo a história de Mr. Aidan, garoto da cidade de São Paulo, que se matou no dia 15 de agosto de 2006. Não há como recuperar toda a narrativa de Mr. Aidan, todos os scraps que escreveu, todos que recebeu, todas as suas postagens pelas comunidades. Não busco uma conclusibilidade ou a unidade dos fragmentos narrativos dispersos, pretendo apenas, ao recuperar parte de sua história, demonstrar como se estruturam os discursos no Orkut.

Figura 32 – Perfil de Mr. Aidan 1

Embora em seu perfil, Mr. Aidan assumisse ter 17 anos, encontrei evidências de sua verdadeira idade:



PÅt®í©îÅ

16/08/2006 22:13
Gente...

Sem querer achei uma amiga de uma amiga minha q o conhecia e ela me falou q ele tinha 13 anos....

Bush

passada 17/08/2006 11:32
o q a mãe da menina colocou no profile dela
Hj...ja nem sei + o q pensar da vida...hj estou passando por um pesadelo...acontecer o q aconteceu... a gente ja+ pensa ser possivel... mas tai..

"Um garoto de 13 anos...com uma vida inteira pela frente ...se suicida...atira-se do sétimo andar de um edificio...isto por amor... por minha filha de 12 anos....
sem palavras....

Figura 33 – Sobre a morte de Mr. Aidan

Mr. Aidan era um garoto de classe média, paulistano, estudante de uma escola estadual, que fazia parte do projeto da USP "Escola do Futuro". Morava no Bairro Ipiranga, circulava por São Paulo de metrô e de ônibus, freqüentava a Galeria do Rock (reduto EMO). Assumia uma identidade bissexual e se mostrava absolutamente apaixonado por uma garota de sua escola com quem estava namorando há uns três meses. Todos estes indícios foram reunidos a partir de seus scraps e das réplicas de seus interlocutores que

encontrei dispersos pelas páginas do Orkut, além, é claro, da pesquisa que fiz nas comunidades as quais ele pertencia.

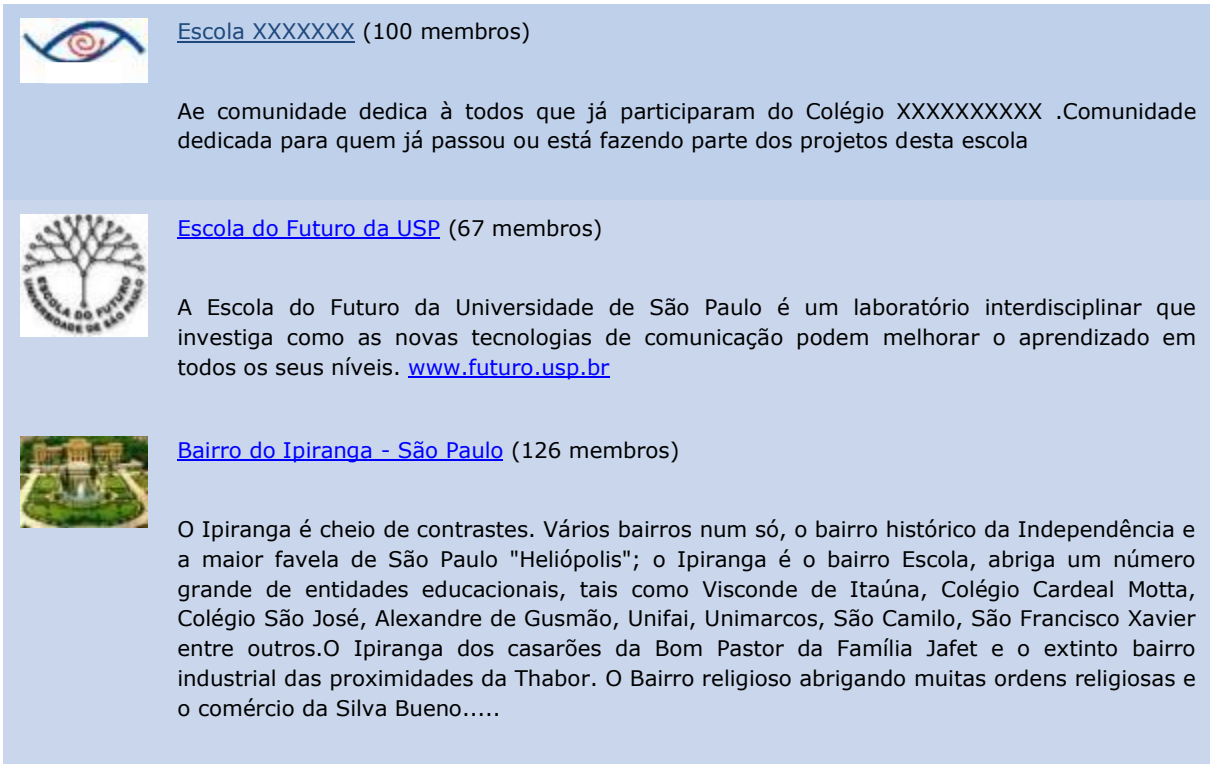


Figura 34 – Comunidades de Mr. Aidan 1

O garoto fazia parte da tribo urbana dos EMOS, grupo que surge com o movimento EMOCORE, uma vertente do punk. Mais do que um estilo de música, o Emocore é um estilo de vida, que tem como ideologia a expressão máxima dos sentimentos, a não violência, agressividade ou preconceito. As bandas deste movimento tocam músicas emotivas e melancólicas, com letras que tratam de conflitos pessoais, desilusões amorosas, solidão, desespero, sentimento de exclusão, preconceito, discriminação, insatisfação com o mundo e formas de escapismo, inclusive a morte. De certa forma, o movimento EMOCORE revitaliza e atualiza algumas características da segunda geração do Romantismo no Brasil. Grande parte dos membros desta tribo urbana, formada por adolescentes muito jovens, com idade entre 11 e 18 anos, levanta a bandeira da bissexualidade.

Os EMOS são conhecidos pela maneira efusiva com que se beijam, abraçam e trocam elogios em público e pelo estilo de se vestirem e se maquiarem. Usam um corte de

cabelo muito particular, com franjas que muitas vezes escondem metade do rosto, quase sempre adornado, pelas meninas, com muitas prisilhinhas. São capazes de misturar botas punks e meias listradas, com colar da Wilma (esposa do Fred Flintstone), camiseta da Hello Kity e bolsa de oncinha. Amigos e amigas tratam-se como "maridos" e "maridas" e as demonstrações mútuas de afeto são intensas no grupo. Os pontos de encontro preferidos da tribo são os shoppings centers e o Orkut. Sofrem com a discriminação e o preconceito da sociedade, principalmente por serem tachados de homossexuais.

No Galeria do Rock, em São Paulo, espaço onde se reúnem às sextas-feiras para ouvirem suas músicas, assistirem a shows e dançarem, os Emos já foram vítimas de inúmeros arrastões por punks mais velhos, que expulsavam a garotada do espaço a tapas e pontapés. No Orkut, eles sofrem com a discriminação de alguns usuários e com o preconceito difundido através de algumas comunidades:

Figura 35 – Comunidades que discriminam os Emos

Em minhas buscas por jovens brasileiros que se suicidaram e que deixaram rastros deste suicídio pelas páginas do Orkut, encontrei muitos EMOS que, por valorizarem a expressão máxima das emoções, vivenciaram de maneira extrema seus sentimentos: alegria intensa, paixão intensa, narcisismo intenso, tristeza intensa. Obviamente, os jovens não se suicidaram porque eram EMOS, assim como nem todos os EMOS são suicidas em potencial, mas os jovens que já têm estas tendências (sociais, emocionais e biológicas), encontram na tribo, um espaço privilegiado para manifestá-las. Este dado é bastante contraditório, pois, se por um lado, o movimento EMOCORE surge com uma ideologia da não violência, por outro, encontramos no Brasil, em alguns jovens que freqüentam o Orkut, esta violência do sujeito voltada contra ele próprio, materializando-se através de auto-injúrias (os sujeitos se cortam, machucam-se, mutilam-se...) e também, através do suicídio.

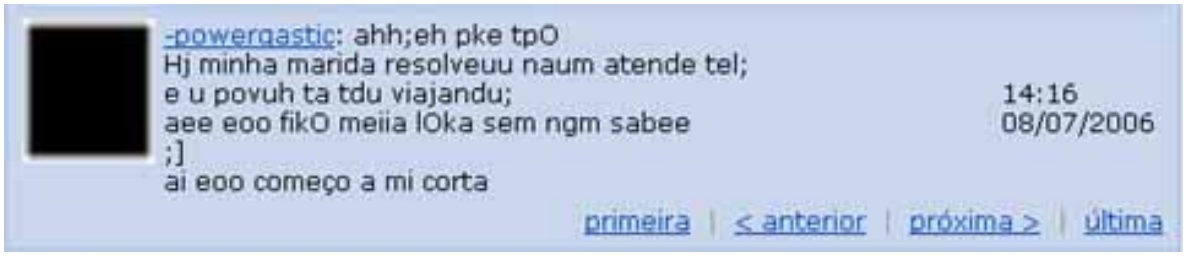


Figura 36 – Namorada EMO de Mr. Aidan que costuma se cortar

Analisando o perfil e os enunciados produzidos por Felipe, é possível afirmar que ele era EMO a partir dos seguintes indícios:

1) A letra da música colocada como epitáfio em seu perfil pouco antes de suicidar-se, é uma música de um grupo chamado *Augustana*, muito apreciado pelos EMOS.

Figura 37 – Perfil de Mr. Aidan 2

2) As bandas e os cantores que escuta e que aparecem tanto em suas comunidades, como nos comentários que faz a seus amigos, são bandas ouvidas pelos EMOS, como Simple Plan, Nx Zero, Chemical Romance, Blink 182;

3) Ele preenche seu perfil descrevendo como livros e filmes preferidos aqueles que abordam o tema da morte, da vida além da morte, do amor romântico e da homossexualidade (assim como muitos outros EMOS);

4) Usa como escrita o "miguxês" (de "amiguxo – forma carinhosa como EMOS se tratam mutuamente), variante do "internetês": escrita entremeada de caracteres não alfabéticos, acentuação que não segue as regras normativas (muitas palavras recebem mais do que um acento), símbolos entrecortando palavras, maiúsculas e minúsculas se alternando, o uso do "x" no lugar do "s" (xaudade), o "l" no lugar do "r" intercalado (colação) e expressões e jargões típicos da tribo (marida, amiguxo, orgástico, fodástico, vip, style);

Figura 38 – Escrita Emo (miguxês)

5) Suas fotos do Orkut e de seu blog revelavam que ele usava um visual EMO (cabelo, roupas, acessórios), assim como seus amigos;

6) Mr. Aidan estava associado a 469 comunidades, a maioria, preponderantemente freqüentada pelos EMOS, como: Galeria do Rock – SP, Eu amo pirulito de coração, orgastic sin no charm, Eu uso cinto de rebit, Simple Plan, Green Day Sempre, Orgastic Sin, Sr. Orgastic – 7 pecados capitais, Galeria do Rock, Os + foFiNhuxX Du KuKu (VIP), FoDásTicOs OrgÁstiCos, Eu tenho franja EMOCORE, Eu amo meus amigos Gays, Eu choro por tudo, Choro ouvindo música, Eu choro ouvindo Simple Plan, Eu choro do nada, Tenho medo da solidão, Glitter & Glamour, Style – Original, , Cabelo faz a diferença;

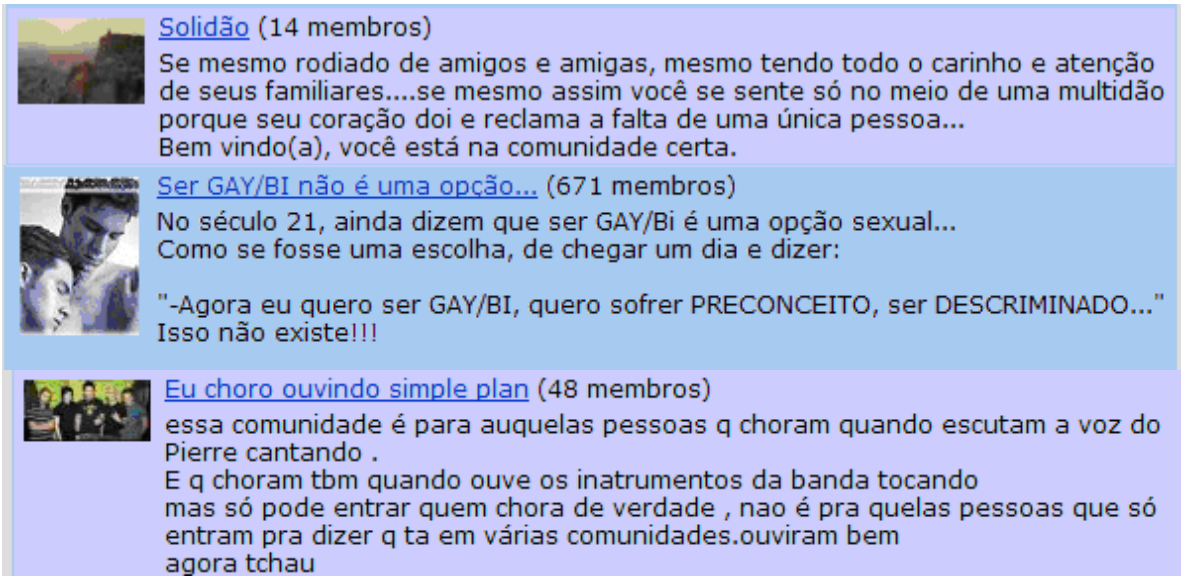


Figura 39 – Comunidades de Mr. Aidan 2

O Avatar[34] da namorada de Mr. Aidan no Orkut é: powergastic <3. . Quando aconteceu o suicídio de Mr. Aidan, ela tinha doze anos e estudava na mesma escola que ele. Mostrava-se também muito apaixonada e os dois mantinham diálogos constantes e intensos pelo Orkut. Na fala de Mr. Aidan tudo é exacerbado (Powergastic é para ele linda, especial, perfeita, a pessoa que ele mais ama no universo). Eles falam sempre de um amor eterno ("para sempre"). Este discurso do amor romântico não é exclusividade dos EMOS, nem dos adolescentes apaixonados, mas no caso de Mr. Aidan e Powergastic, eles passavam horas do dia tratando apenas deste tema (dado comprovado através da marcação temporal que o próprio Orkut disponibiliza nos *scraps).*

Mr. Aidan vive esta paixão intensamente, mas não coloca em seu perfil que está namorando, além de não deixar de trocar *scraps* com outros garotos com os quais também se relaciona. É um indício de sua bissexualidade (que sua namorada evidencia saber), em muitos de seus enunciados.

Figura 40 – Diálogo de Mr. Aidan 1

[34] Nome criado para o perfil

Neste período, Mr. Aidan deixa muitas declarações amorosas para a namorada no espaço reservado para os depoimentos.

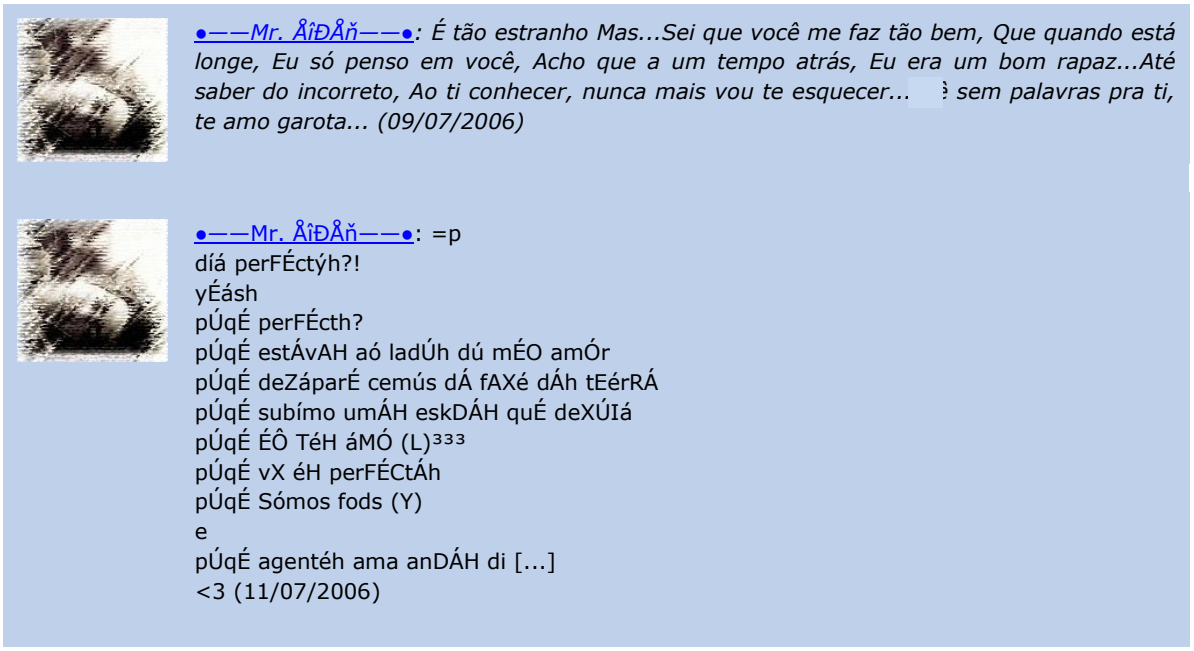


Figura 41 – Depoimento de Mr. Aidan para Powergastic 1

No mês de julho, férias escolares, Mr. Aidan escreve em seu próprio mural de recados que vai fazer uma viagem. Neste período ele desaparece do Orkut. Tanto sua namorada, quantos seus amigos estranham este "desaparecimento" repentino e deixam inúmeros scraps em seu mural, preocupados com a falta de notícia.

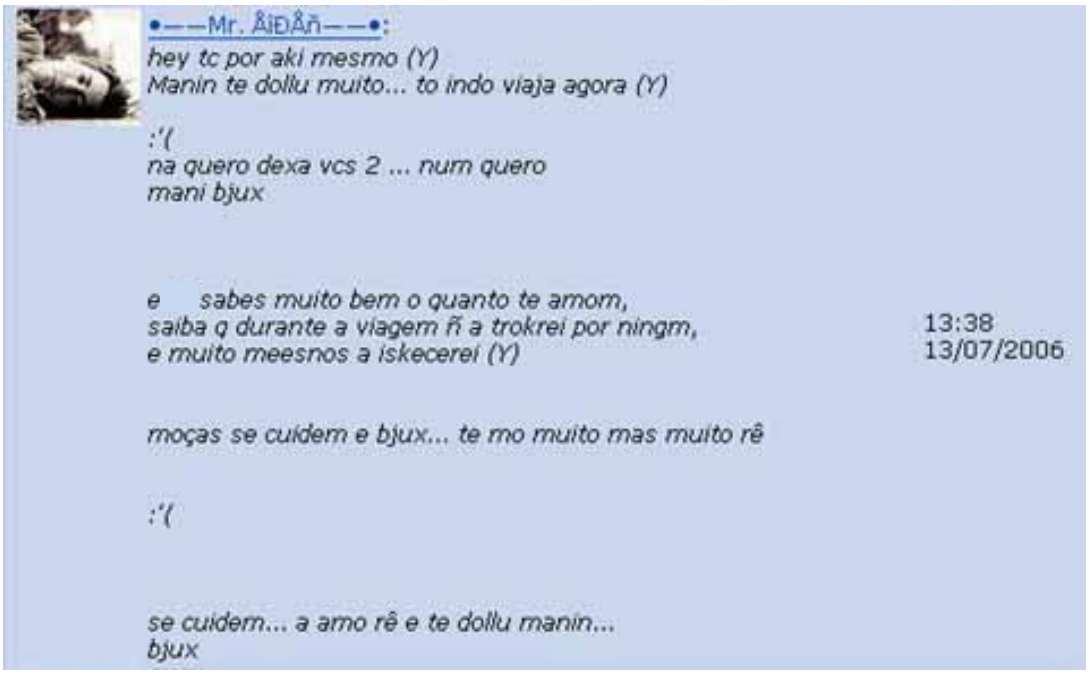


Figura 42 – Diálogo de Mr. Aidan 2

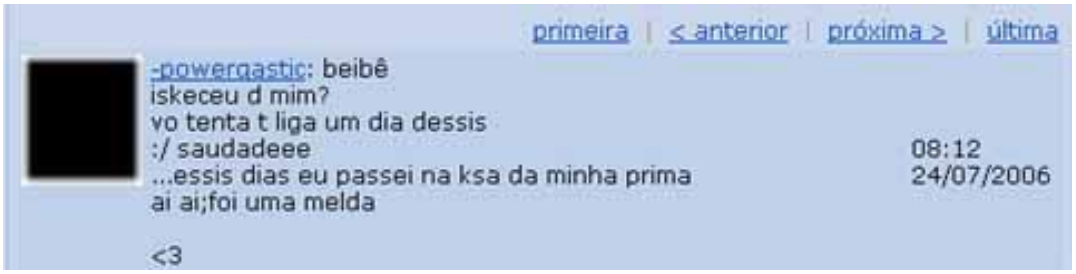


Figura 43 – *Scrap* de Powergastic 1

Mr. Aidan só dá notícias no dia 03/08. Com um scrap em seu próprio mural de recados, escrito em caixa alta, como se estivesse gritando, mostra-se bastante insatisfeito com a viagem (*PORRA D VIAGEN*). Pouco mais tarde, ainda no dia 03, deixa um scrap para a namorada.

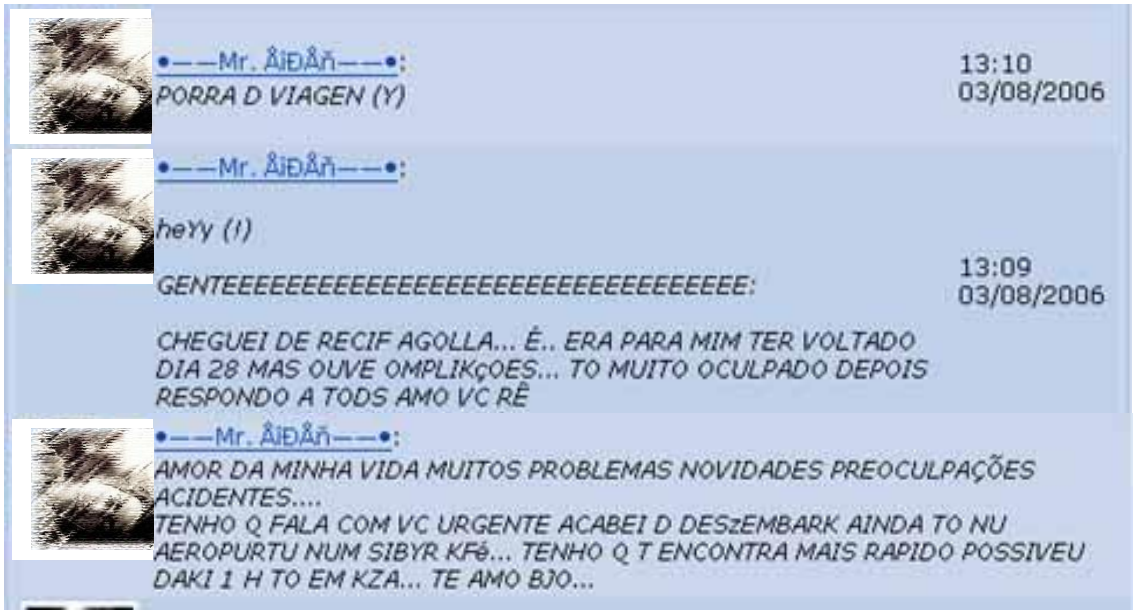


Figura 44 – Diálogo de Mr. Aidan 3

Os dois se encontram, ou conversam de alguma forma, que não pelo Orkut. E no dia 03/07 à noite, Mr. Aidan escreve para sua namorada.

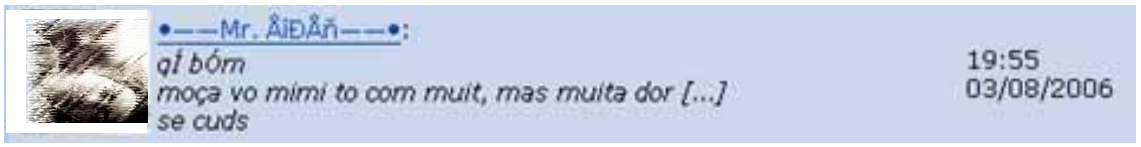


Figura 45 – Diálogo de Mr. Aidan 4

No dia seguinte, logo pela manhã, eles mantém a seguinte conversa:

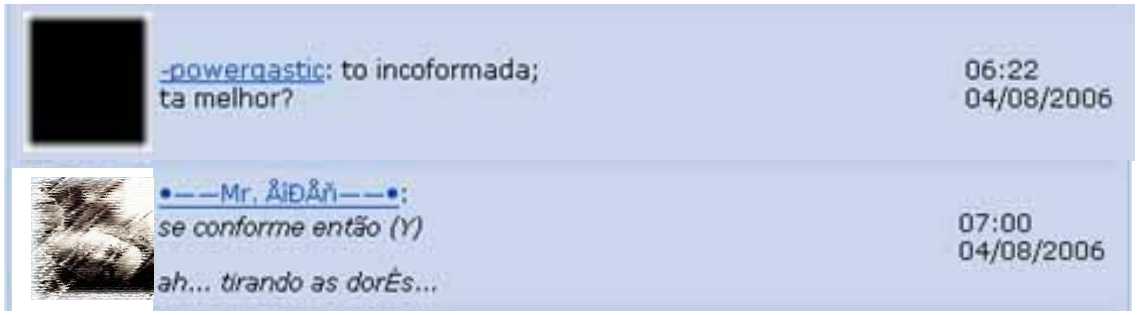


Figura 46 – Diálogo de Mr. Aidan 5

Nestes dias eles conversam muito pelo Orkut. Powergastic afirma que não deixou de amá-lo mesmo ele tendo sumido e demonstra preocupações com o namorado. Preocupações estas compartilhadas pelos amigos, que passam a perguntar quando retornará a escola.

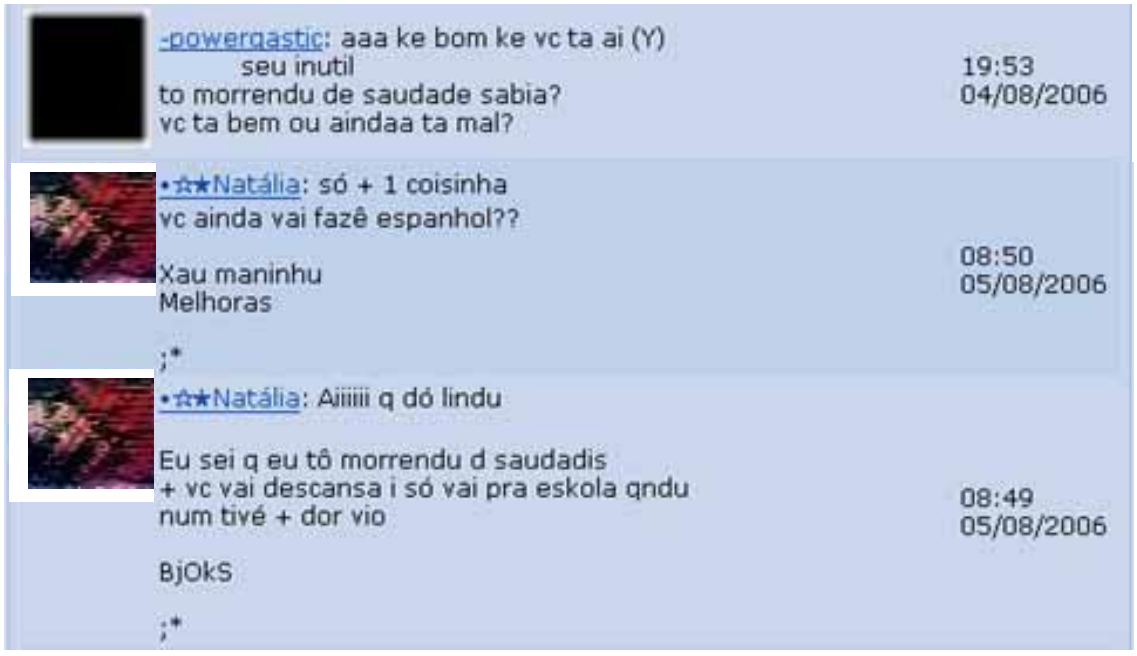


Figura 47 – Diálogo Mr. Aidan 6

No dia 4 de agosto, Mr. Aidan deixa os seguintes scraps para Powergástic:

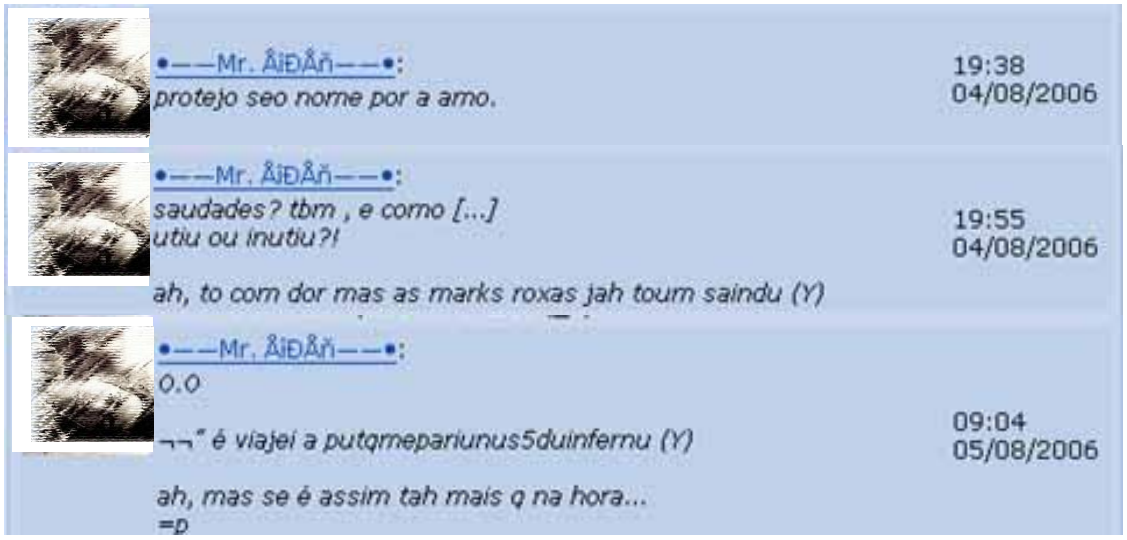


Figura 48 – Diálogo Mr. Aidan 7

Reunindo indícios:

- Mr. Aidan sai de viagem para Recife (viagem longa, que demanda planejamento) e só avisa sua namorada e seus amigos com um único scrap no Orkut;
- Fica sem dar notícias, inclusive pela internet, que costumava acessar diariamente, no período entre 13 de julho ao dia 3 de agosto de 2006;
- As primeiras notícias são scraps, em tom de desespero e irritação, avisando amigos e a namorada da ocorrência de alguns problemas e complicações;
- Afirma que viajou à "puta que pariu do inferno";
- Mr. Aidan deixa de ir à escola;
- Conversa com a namorada e, depois disso, ela se mostra inconformada com o que Mr. Aidan lhe contou;
- A partir do dia 3 a namorada e os amigos postam scraps, com freqüência, querendo saber se ele está melhor, se as dores melhoram e quando voltará à escola e às baladas;
- No dia 4, afirma não querer expor a namorada (não evidencia expor a quê) e diz que está protegendo o nome dela por amor;
- Ainda no dia 4, ele escreve que ainda "sente dores", mas que as "marcas rochas" estavam desaparecendo.

Com estes indícios, levanto duas hipóteses:

1) Mr. Aidan sofreu algum acidente grave;
2) Mr. Aidan sofreu agressões físicas graves;

O fato é que este assunto é silenciado no Orkut. Só os amigos mais próximos e a namorada dão mostras de saberem o que aconteceu (*Melhoras, vai descansa i só vai pra eskola qndu num tive + dor vio, to inconformada – ta melhor?).*

Não há nada, nenhum indício, que aponte para alguma briga na escola ou nas baladas que Mr. Aidan costumava freqüentar. A partir deste momento, o tom melancólico da voz de Mr. Aidan se acentua (seus enunciados falam de lágrimas, choro, tristeza, sofrimento). Ele deixa um depoimento para a namorada.

•——Mr. ÅîÐÅñ——•: "euu keria saber uki vc ao me vee xora pensou; eu vi algo nos teus olhos qdo
akela msm lagrima voltou;
só seei kee a imgem d teus olhus a minha vida inteira markOu;
eu keria voltar nakeli dia só p te vc na minha ultima alegria;
pke eoo seeiii kee dentro dakelis olhos alguem sofria enkuantuh a minha lagrima kaia."
e PúR iSSú Éo diSSé:
"..sofria pois ñ tinha a quem poder ser sincero,
sofria pois ñ havia alguem q o amaxe... mas da lagrima q d vc escorria...
seria a salvação para o meo sofrimento... pois se meos olhos a marcou, os seo o chocou...
pois esbanjam sinceridade, tristexa... mas tbm muita felixidade...
e desse olhos a vi d uma form diferente, uma forma pura... tão pura,
como os meos olhos de sofrimento, e a lagrima que de ti escorreu."
se vc ainda entende o sentimentos de tais palavras, sinal quem ainda lembras de mim

. (05/08/2006)

Figura 49 – Depoimento de Mr. Aidan para Powergastic 2

Nesta época, o irmão de Powergastic descobre a respeito do namoro dos dois adolescentes e começa uma certa pressão familiar sobre a garota.

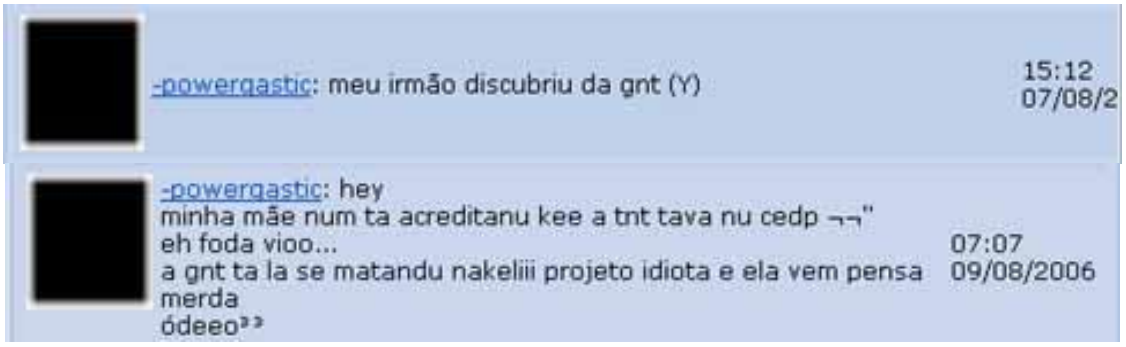


Figura 50 – Diálogo Mr. Aidan 8

Powergastic fica uns dias sem postar no Orkut e acaba deixando Mr. Aidan preocupado.

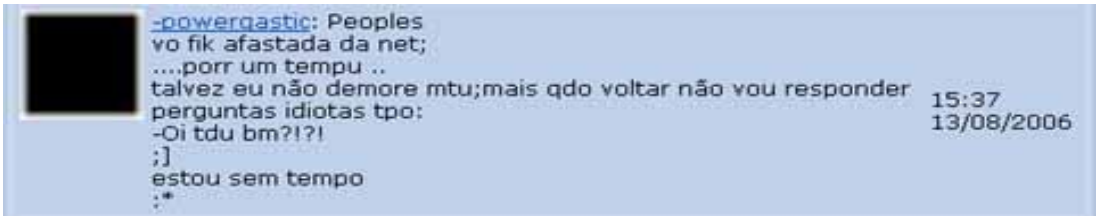


Figura 51 – Scrap de Powergastic 2

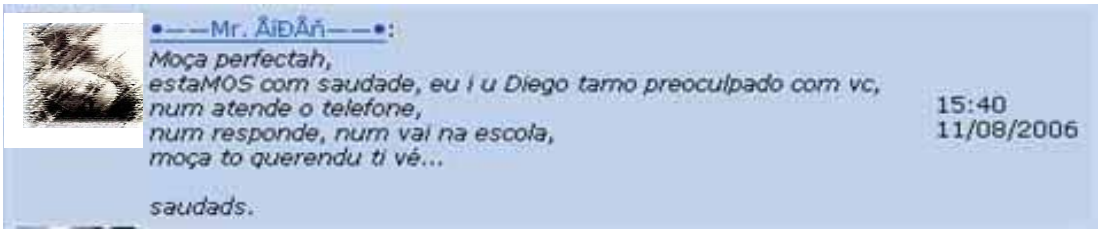


Figura 52 – Diálogo Mr. Aidan 9

Quem entra na cena para esclarecer o que está acontecendo é a irmã de Powergastic:

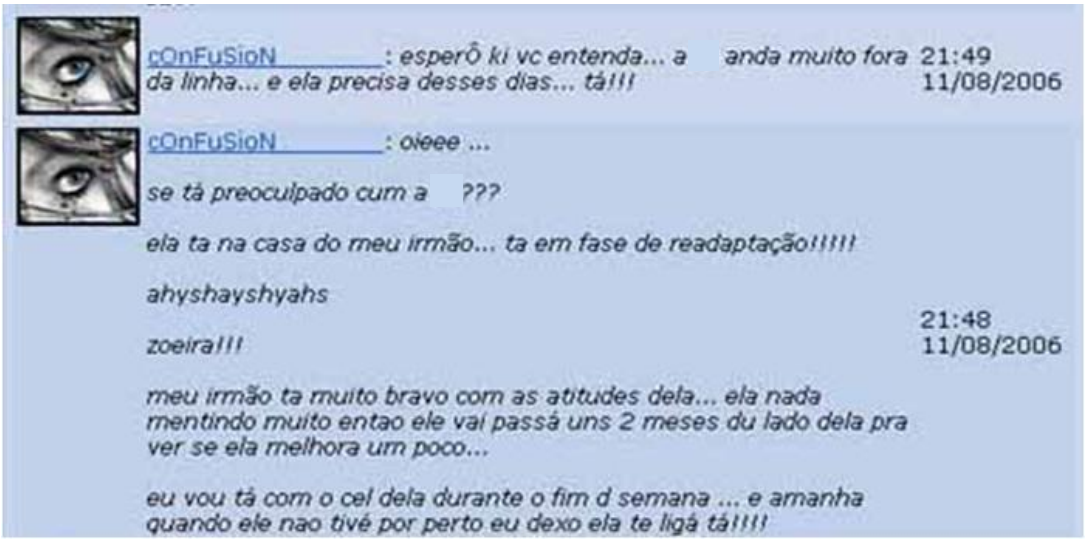


Figura 53 – *Scraps* de Confusion (irmã de Powergastic) para Mr. Aidan

No dia 13 de agosto os namorados conversam novamente pelo Orkut. A possibilidade da família da garota mudá-la de escola deixa Mr. Aidan bastante desesperado. Se no início de seu relacionamento com Powergastic, Mr. Aidan trazia em seus enunciados temas como a eternidade, a paixão e a alegria; após os acontecimentos silenciados do mês de julho, e com o medo de perder a namorada, observamos ressoar em seu discurso os discursos da solidão, do sofrimento, da desesperança, da insatisfação, da frustração, do medo e do abandono. Tanto os sentimentos positivos, quanto os que lhe causam sofrimento, são vivenciados de maneira exacerbada e intensa. Na sua escrita, observam-se os primeiros indícios de ideação suicida.

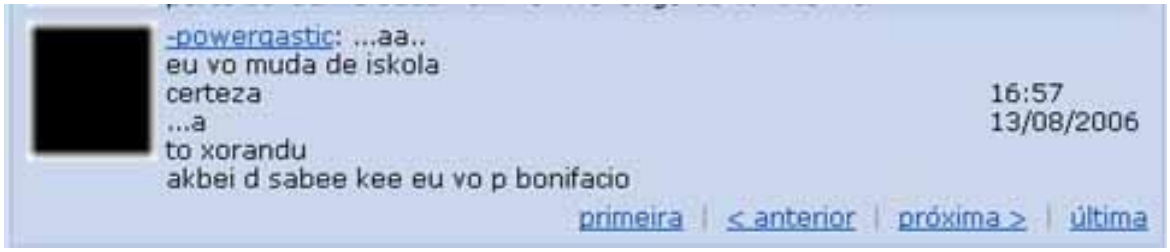


Figura 54 – *Scrap* de Powergastic 3

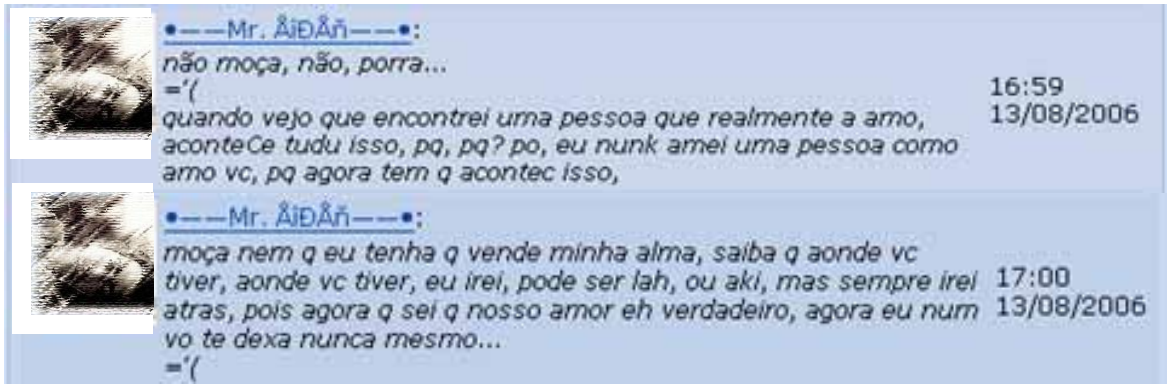


Figura 55 – Diálogo Mr. Aidan 10

Sua tristeza aparece com o símbolo =’(, que representa uma carinha triste no ‘internetês”. O garoto mostra dificuldades de entender os motivos das sansões que estão sofrendo e também de lidar com a frustração (*pq, pq? Pq agora tem q acontec isso*). Sem conseguir vislumbrar possibilidades de resolver o conflito, dispõe-se a qualquer atitude para ficar ao lado da amada (*nem q eu tenha q vende minha alma*). Vender a quem? Vender como?

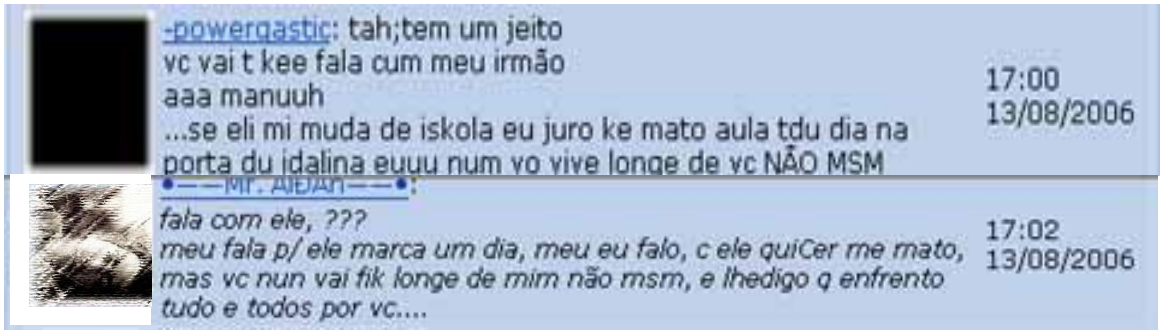


Figura 56 – Diálogo Mr. Aidan 11

No dia 15 de agosto, Mr. Aidan se suicida e deixa registrado o seu último diálogo no Orkut, com Confusion, irmã de sua namorada:

Figura 57 – Diálogo Mr. Aidan 12

Figura 58 – Diálogo Mr. Aidan 13

O diálogo entre Confusion e Mr. Aidan não foi apenas virtual. Mr. Aidan não estava brincando. Ele se jogou da janela do 7º andar do prédio em que morava e morreu. Antes disso, escreveu com uma faca o nome de Powergastic em seu rosto e em seu braço. Não há como precisar as causas que o levaram a este ato, não é possível dar uma conclusibilidade à sua narrativa, nem afirmar que o conjunto de seus enunciados constitui o discurso "suicida" dos jovens na contemporaneidade, nem tampouco o discurso dos EMOS. Mas, é possível se contrapor ao senso comum que acredita que o suicídio está relacionado a uma única causa. Como é o caso de alguns membros da Comunidade Profiles de Gente

Morta, na discussão fervorosa que tiveram acerca da morte de Felipe. No debate, as principais causas apontadas como justificativa para o suicídio foram:

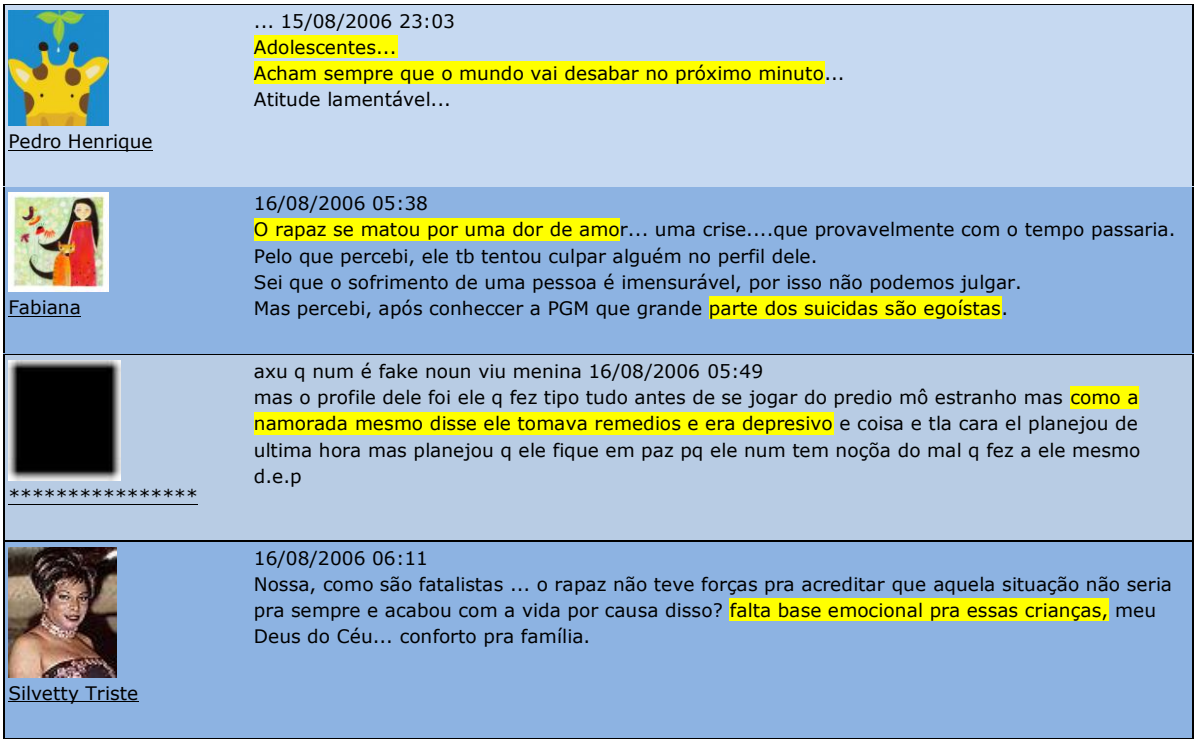
1) imaturidade emocional da adolescência;

2) frustração por não poder viver um amor com a namorada;

3) depressão;

4) egoísmo e covardia.

Estes argumentos, sem dúvida nenhuma, colocam em funcionamento uma memória discursiva dos discursos médico, moralista e romântico.



Pedro Henrique

... 15/08/2006 23:03
Adolescentes...
Acham sempre que o mundo vai desabar no próximo minuto...
Atitude lamentável...

Fabiana

16/08/2006 05:38
O rapaz se matou por uma dor de amor... uma crise....que provavelmente com o tempo passaria.
Pelo que percebi, ele tb tentou culpar alguém no perfil dele.
Sei que o sofrimento de uma pessoa é imensurável, por isso não podemos julgar.
Mas percebi, após conhecer a PGM que grande parte dos suicidas são egoístas.

****

axu q num é fake noun viu menina 16/08/2006 05:49
mas o profile dele foi ele q fez tipo tudo antes de se jogar do predio mô estranho mas como a namorada mesmo disse ele tomava remedios e era depresivo e coisa e tla cara el planejou de ultima hora mas planejou q ele fique em paz pq ele num tem noçõa do mal q fez a ele mesmo d.e.p

Silvetty Triste

16/08/2006 06:11
Nossa, como são fatalistas ... o rapaz não teve forças pra acreditar que aquela situação não seria pra sempre e acabou com a vida por causa disso? falta base emocional pra essas crianças, meu Deus do Céu... conforto pra família.

Figura 59 – Postagens sobre o suicídio de Mr. Aidan na Profiles de Gente Morta 1

Valzinha

16/08/2006 13:43
Eu vou lhes dizer uma coisa...
Não é que tudo ia passar, que ele era exagerado, etc.
Ele poderia sofrer de depressão e nesses momentos, a morte parece a coisa mais certa. Não te importa a família, os amigos, a vida que vc poderia ter. A sua dor parece muito maior do que as dos outros. E você muitas vezes ´tenta avisar´ as pessoas, como um ato de desespero, na maioria das vezes inconscientes, para que possa ser ajudado.
Muitas pessoas não sabem que têm depressão até ela se manifestar de uma forma profunda, fazendo com que vc se corte, se mutile, se mate.
Os pais e a família costumam confundir a depressão com revolta, com alguma fase da adolescência e não querem abrir realmente o olho.
Ainda mais com essa fase ´emo´ que vemos por aí. Por favor, prestem atenção. E se virem alguém assim, por favor, ajudem. Não custa nada perguntar como a pessoa vai e se ela precisa de ajuda. Isso pode salvar uma vida às vezes, tudo o que você precisa, é de um abraço apertado e escutar ´Tudo vai ficar bem. Agora, chora...´

Hello

16/08/2006 20:29
Sinceridade? Eu acho que ele foi egoista pq ele não pensou em ninguém. Ele nem ao menos poupou a irmã da namorada fazendo aquela tortura toda. Ele foi desumano falando pra ela que ia se matar, que era pra ligar logo antes que fosse tarde. Imagina como essa menina está agora? Todo suicida quer chamar a atenção. Ele foi covarde sim pq o motivo dele era banal demais pra acabar com a propria vida. Os adolescentes acham que os problemas deles são sempre mais graves que os dos outros. Sempre colocam namoro em primeiro lugar, a familia é segundo plano. Ele não pensou na mãe dele qd se jogou e nem na propria namorada que agora ta levando a culpa pela covardia dele. Ele não era tão depressivo assim, ele era um garoto normal só não teve estrutura pra suportar um unico problema, o mais idiota de todos. Se todo mundo se matasse pq os pais estão complicando o namoro, não existiria mais jovens nesse mundo.

Figura 60 – Postagens sobre o suicídio de Mr. Aidan na Profiles de Gente Morta 2

Na discussão, a morte na adolescência serve tanto para condenar o ato como para justificá-lo. Há quem afirme que adolescentes "acreditam que seus problemas são os mais graves do mundo", e outros que acreditam que os adolescentes "não tem base emocional para enfrentar os conflitos da vida."

Nas postagens, a depressão aparece como doença capaz de absolver o suicida de qualquer julgamento. Esse posicionamento evidencia o discurso da medicina que, a partir do século XVI, passou a absolver os suicidas que sofriam de melancolia, pois não poderiam ser responsabilizados por seu ato. "Ele poderia sofrer de depressão e nestes momentos a morte pode parecer a coisa mais certa". A pressão psicológica também foi mencionada como justificativa para o ato. Se por um lado, o discurso médico aparece para absolver, por outro, quando alguém afirma "que ele era um garoto normal", este discurso é tomado para condenar a atitude de Mr. Aidan. Se suas atitudes fossem patológicas, poderia ser desculpado, mas, como a pessoa que fez a postagem, não vê nenhum problema na vida do garoto, por ser um ato deliberado, deve ser condenado.

O discurso sobre o suicídio romântico também se evidencia nas postagens, quando se afirma que Mr. Aidan se matou por um "motivo banal", por uma "dor de amor",

por não suportar a dor de viver longe de sua namorada. Neste caso também o julgam de "egoísta", termo utilizado desde a Idade Média para designar as pessoas que cometiam a morte voluntária e que se cristaliza no Romantismo, como aparece no romance de Goethe. O termo egoísta se contrapõe ao termo altruísta, que é o tipo de suicídio considerado até pela Igreja como respeitável.

No debate, um membro da comunidade afirma que o ato suicida é cometido para se "chamar atenção". É a idéia de que os suicidas manipulam as pessoas que estão à sua volta.

Todos os julgamentos a respeito do suicídio deste adolescente acabam sendo muito reducionistas. Durante a análise dos fragmentos da narrativa de Mr. Aidan, muitas facetas foram sendo reveladas através dos discursos que ele deixou pelo Orkut e através dos discursos de seus interlocutores.

É muito contraditório afirmar que um garoto desta idade tenha se matado por amor, uma vez que namorava uma menina apenas há três meses e, durante este período, relacionou-se com outros garotos também.

Por traz da representação que Mr. Aidan fazia de si mesmo no Orkut: EMO, verborrágico, narcisista, romântico, bissexual, Mr. Aidan também se constituía como um menino de classe média, com problemas familiares, que tomava anti-depressivos e que tinha muitas outras facetas não reveladas no Orkut, ou não compreendidas por mim, como analista. Se o suicídio é multi-determinado, o sujeito e a sua história também se constituem na multiplicidade.

Mesmo Mr. Aidan dando um acabamento à sua própria vida, sua história no Orkut permanece inconclusa. Ainda assim, ela aponta para o fato de que há "tiranias da intimidade" sendo reveladas nesta Cidade Azul. Para que estas "tiranias silenciosas" possam sair da esfera do privado, os sujeitos precisam, muitas vezes, usar a espetacularização como tática de denúncia. Há sujeitos muito jovens, a(e)nunciando suas próprias mortes por dias, meses e até anos para os milhares de usuários do Orkut interconectados pelo planeta.

Nos próximos tópicos deste capítulo, analisarei que outras vozes e que outros discursos constituem os discursos dos jovens suicidas que encontrei pelas páginas do Orkut.

Entre o Autor e o Herói: um anúncio de morte

Sangue erá escorrer, pessoas irão sofrer, um sofrimento amargo, muitos irão s culpar mas se culpar pelo que? Não fizeram nada de mais, mas posso garantir que aí sim, o meu mundo, aquele mundo em que me escondo quando sofro, aquele mundo que irei partir, partir para sempre, e a única coisa que dexo são pequenas lembranças.

(Mr. Aidan, 13 anos – dias antes de se suicidar)

Por autobiografia podemos entender a forma como um sujeito pode objetivar esteticamente sua própria vida. O autor é o elemento que tem a visão do todo artístico e de seus personagens (exotopia), mas no caso da autobiografia, é possível verificar uma coincidência pessoal entre personagem e autor, além dos limites do todo artístico.

Os valores biográficos se organizam e se entrecruzam na arquitetônica do mundo ético e na arquitetônica do mundo estético. "São valores comuns na vida e na arte, ou seja, podem determinar tanto os atos práticos como objetivos das duas; são as formas e os valores da *estética da vida"* (BAKHTIN, 2003, p. 140). O autor da autobiografia é o Outro possível, que está conosco quando nos olhamos no espelho, que vive a tensão do eu-para-o-outro e do eu-para-mim. É este Outro possível, extraposto, que permite que o sujeito deslize entre as memórias (de passado e de futuro) e se narre sempre numa coletividade: na família, na igreja, no grupo de amigos, no partido político, na escola, etc.. A consciência que o narrador tem de si e de seus outros é que organiza a narrativa. Pode-se afirmar que a história que o sujeito conta sobre si vem, em parte, das histórias que seus outros contam sobre ele.

Desta forma, no Orkut, o sujeito não inventa o seu Outro (personagem de sua narrativa), o Outro é uma força axiológica que constitui a atividade e o dizer do sujeito. O sujeito confere uma *autoridade* ao Outro e permite que este seja, interiormente, co-autor da narrativa. Não é o mundo dos outros que está no sujeito, mas o sujeito que está imerso no mundo dos outros, familiarizado com ele.

Pelas páginas do Orkut, o que se observa é que, autor e herói, podem facilmente intercambiar estas posições: 1) quando o sujeito narra sobre seus outros que lhe são íntimos; 2) quando os outros narram sobre o sujeito; 3) quando o sujeito se distancia de si

mesmo e tenta, a partir desta posição distanciada (supostamente de um outro), narrar sobre si mesmo. Para Bakhtin (2003, p. 139), o vivenciamento e a narração da própria vida podem ser uma forma de conscientização, visão e enunciação da mesma. Assim, anunciar, narrar e enunciar a própria morte são, muitas vezes, maneiras do sujeito tomar consciência e vivenciar uma morte esteticamente projetada.

Ao analisar as práticas discursivas de alguns jovens brasileiros que se suicidaram, pude observar que, os murais de recados de amigos e os fóruns de discussão de comunidades não eram os espaços privilegiados para que os sujeitos anunciassem que iriam acabar com suas vidas. Estes sujeitos, na maioria das vezes, utilizavam os espaços do próprio perfil para fazerem uma série de pequenos anúncios: o espaço reservado para o nome, o "quem sou eu", as comunidades, a foto principal, o álbum de fotos, os vídeos favoritos, etc.

Figura 61 – Anúncio de morte no perfil Camila

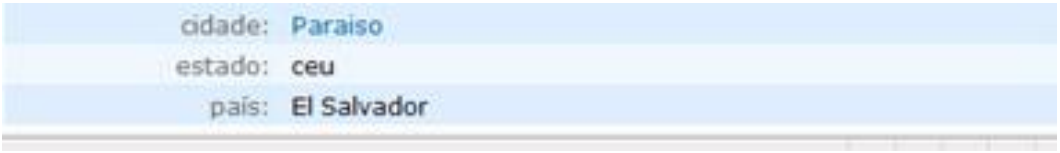


Figura 62 – Anúncio de morte no perfil Alex 1

Figura 63 – Anúncio de morte no perfil de Jeferson

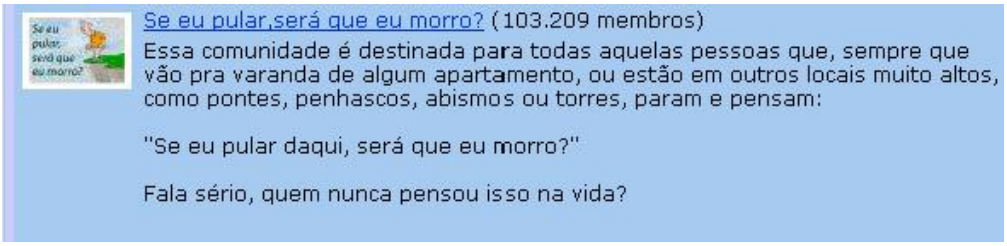


Figura 64 – Anúncio de morte em comunidade do perfil de Ana

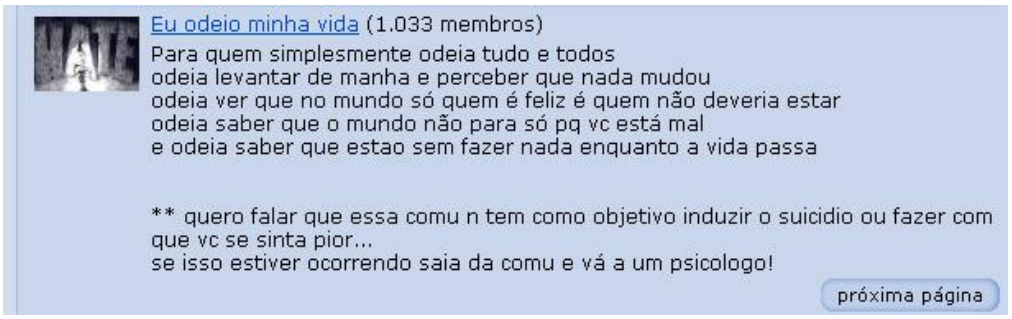


Figura 65 – Anúncio de morte em comunidade do perfil de Marcelinho

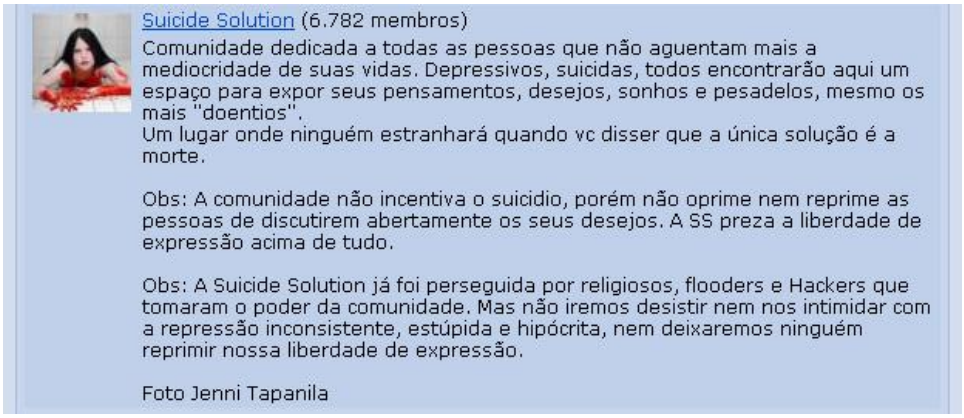


Figura 66 – Anúncio de morte em comunidade do perfil de Steve

O fato de o sujeito anunciar sua própria morte, de seu próprio perfil, evidencia o trabalho estético do sujeito-autor em se colocar como herói de sua própria narrativa. Usa sua memória de futuro para fundar nela a sua morte idealizada e escreve no presente o seu acabamento, como se este já fosse passado.

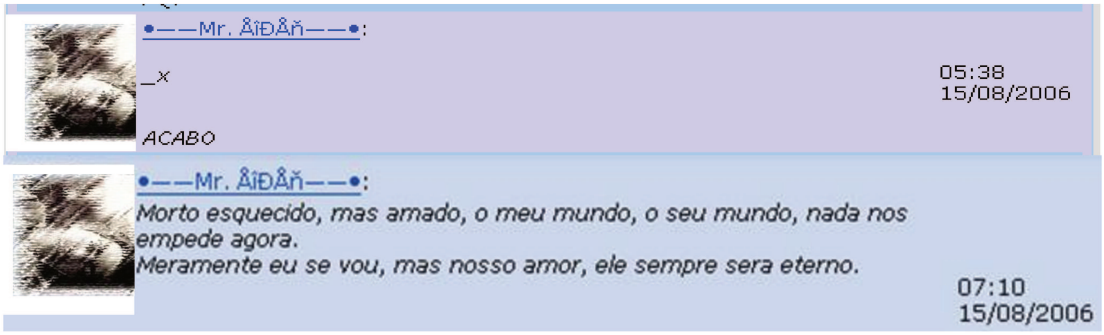


Figura 67 – Anúncio de morte no próprio mural de recados Mr. Aidan

Figura 68 – Anúncio de morte no perfil Carlos

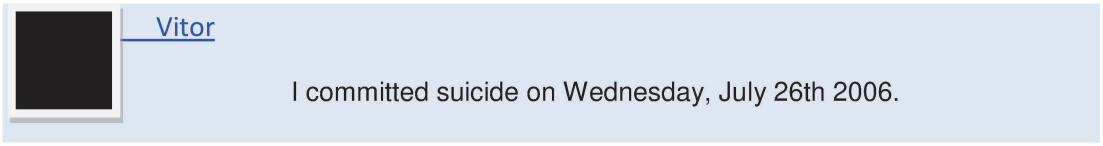


Figura 69 – Anúncio de morte no perfil de Vítor

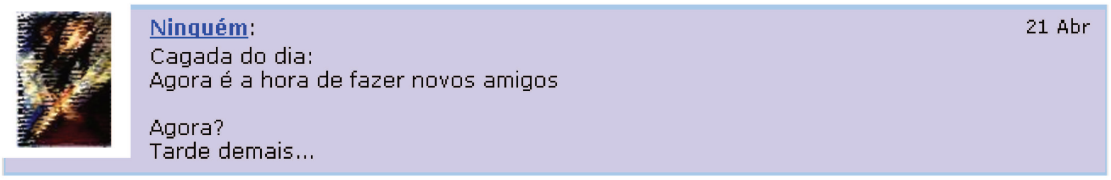


Figura 70 – Anúncio de morte no próprio mural de recados de Ana

Figura 71 – Anúncio de morte no próprio mural de recados de Cris

Figura 72 – Anúncio de morte Steve

Figura 73 – Anúncio de morte no perfil de Alex 2

Ao dar um acabamento à sua vida, tanto na arquitetônica do mundo ético, quanto na arquitetônica do mundo estético, o suicida traz sua morte para a estética da vida e convida seus outros e seus leitores a significarem sua narrativa.

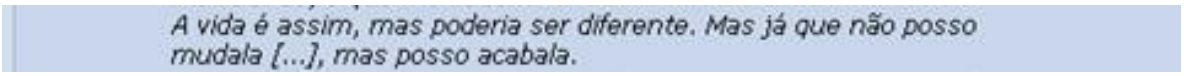


Figura 74 – Acabamento da vida (Mr. Aidan)

No Orkut, alguns jovens que se suicidaram reiteraram a conclusibilidade que deram à própria vida com a escritura de um epitáfio virtual no próprio perfil.

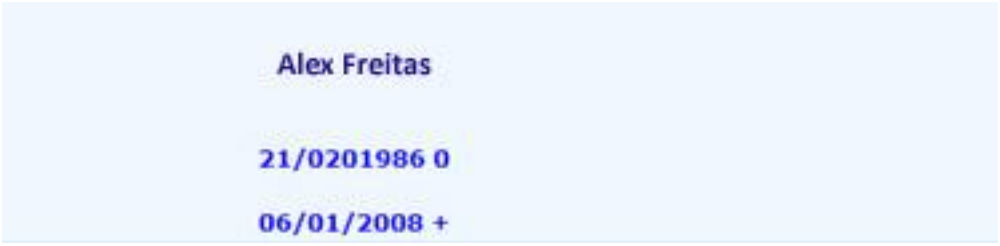


Figura 75 – Epitáfio de Alex em seu próprio perfil

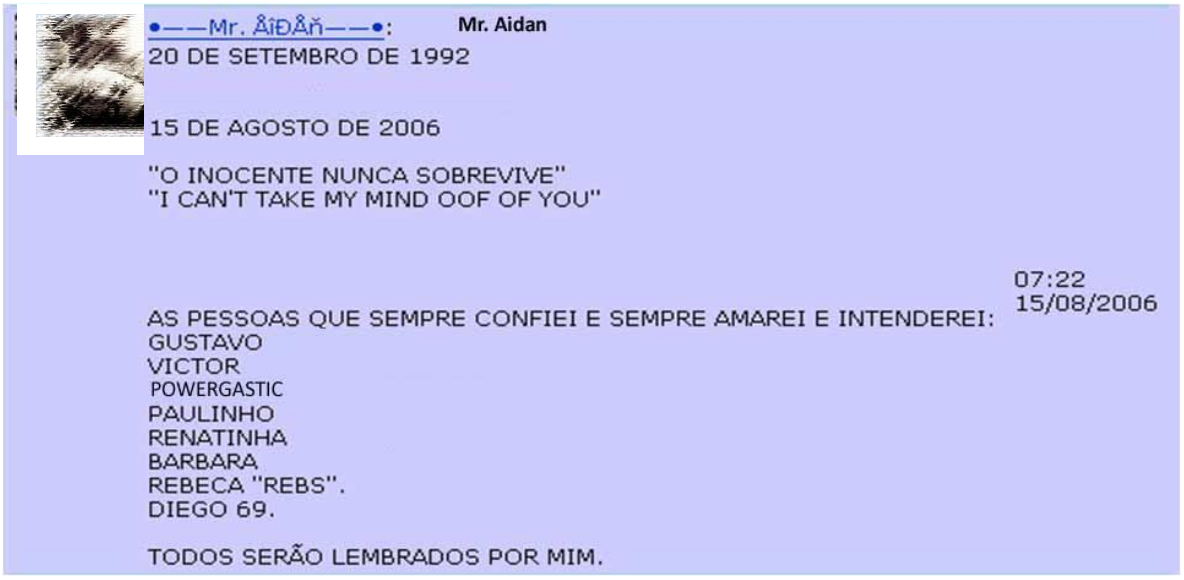


Figura 76 – Epitáfio de Mr. Aidan em seu próprio mural de recados

Segundo Bakhtin (2003, p. 143), há alguns valores biográficos aventureiros que organizam a autobiografia: 1) a vontade de se tornar herói, de ter importância no mundo dos outros; 2) o desejo de ser amado; 3) a necessidade de superar a fabulação da vida (livre

de qualquer responsabilidade do acontecimento único e singular da existência). A anunciação do próprio suicídio nos espaços do próprio perfil do Orkut dá ao sujeito e à sua narrativa maior visibilidade, ao mesmo tempo em que o eterniza pelas páginas virtuais na categoria de "herói" ou "anti-herói" (dependendo do ponto de vista do leitor).

Tenho em meu arquivo pessoal os perfis de aproximadamente quarenta jovens (embora tenha analisado o perfil de apenas 18 deles) brasileiros que se suicidaram e que, de alguma forma, "avisaram" pelas páginas do Orkut que acabariam com as próprias vidas. Não fiz análise de todos os discursos que tenho arquivado, mas observei que, com exceção de quatro jovens, todos os outros usam como foto principal, uma foto pessoal autêntica. Não utilizam fotos fragmentárias (só de partes do corpo, por exemplo, boca, olhos, pés...), nem fotos de celebridades, desenhos ou imagens (comuns entre os usuários do Orkut). Além da foto principal, de modo geral, possuem muitas fotos suas no álbum de fotografias do próprio perfil. O suicida no Orkut se mostra como ele é. Dos quatro sujeitos que não utilizavam uma foto pessoal, um usava uma foto do céu, outro de um pé saindo do chão (como que se estivesse voando) e os outros dois de seres alados:

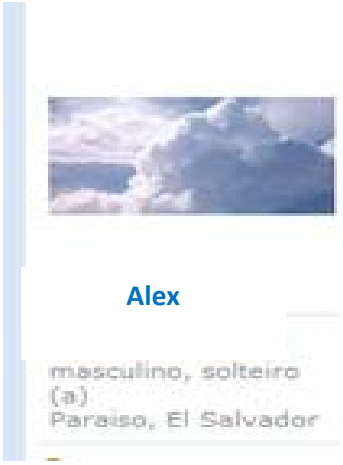


Figura 77 – Foto Alex

Figura 78 – Foto Théo

Figura 79 – Foto Steve

Figura 80 – Foto Selma

Se por um lado estas fotos recuperam o discurso cristão de que, **depois da morte do corpo, a alma vai para o céu**, por outro, elas se opõem a esse mesmo discurso cristão, uma vez que ele propaga a idéia de que as almas dos suicidas não terão este destino. O tema de uma continuidade da vida após a morte, segundo Cassorla (20004, p. 29), é freqüentemente encontrado nas mensagens de adeus deixadas pelos suicidas. Nos perfis dos sujeitos que analisei, também pude verificar esta recorrência:

Discurso do Suicida	Discurso dos que condenam suicídio
Apesar de parecer insano o meu ato, ele soa para mim como a válvula de escape que tenho procurado a muito tempo.(..) Espero me tornar algo próximo de um anjo e um dia olhar por vocês. (André)	é sim errado cometer sucicio, só que não por ser "pecado" mas porque a morte não existe a pessoa apenas passa para outro estado, mas passar para o lado de lá na categoria de suicida é muita burrice!!!
"De onde eu estiver..... .....Sempre estarei olhando e amando vocês" Não sofram nem chorem.....estou melhor do que estava... muito bem... (Alex)	**Pensam que a dor acaba?** Já escrevi "suicidas berram de dor", quem não leu é bom ler. Todos os suicidas pensam que matando o corpo tudo acabará, as dores, a depressão, a raiva, enfim, tudo se acaba. Pelo contrario, ai é que começa a dor, como não é hora de ser desligado do corpo, o espirito permanece preso ainda em seu corpo até chegar a hora certa da sua morte, sentindo todas as dores em um corpo morto
Vcs estarão aki do meu lado, não importa como, mas estarei com todos aqueles com quem me importo. (Mr. Aidan)	O suicidio é apenas uma fuga momentânea, pois o suicida paga por este ato, sofrendo mais ainda para alcançar a sua "evolução".
mo, se puder ver isso lembre que eu te amo e para sempre vou te amar!!! forever... and ever... (Ana)	De acordo com a doutrina espírita...o suicida sofre bastante no seu post mortem

Tanto o discurso dos jovens que se suicidaram como o discurso dos que condenam o suicídio (usuários da Profiles de Gente Morta), engendram o discurso religioso que prega a continuidade da vida após a morte, porém, os pontos de vista não se articulam. Para os suicidas, o suicídio é uma maneira de se escapar do sofrimento e, de alguma forma, continuar "olhando", "cuidando" e "amando" os que ficam. Para os que condenam o suicídio, o ato implica na perpetuação do sofrimento em outra existência.

Mesmo encontrando no discurso destes jovens suicidas a idéia de fuga, escape e uma preocupação com os que ficam, há a contradição da culpa, em seus enunciados. Culpa que também se articula com o discurso religioso, como por exemplo, o apelido que a menina Karol usa em seu perfil como anúncio de sua morte:

Figura 81 – Pecado inocente

Karol talvez acredite que a morte auto-inflingida seja um pecado, mas designa o seu próprio pecado de "inocente". Considera-se pecadora, mas inocenta-se, talvez, porque acredite ter razões significativas que possam justificar seu ato e, quem sabe, "absolvê-la".

Os enunciados de André e Crist também são permeados pela questão da culpa:

ANDRÉ	CRIS
Deixo para trás muito mais do que os problemas. Deixo para trás a minha família, deixo um filho que nem brinquei e muitos amigos. **Se tenho direito a um pedido**. Gostaria de ser cremado. Não sei se poderei doar algo mas caso possa, não percam tempo	Vou mas vou feliz e Dexo uma história Não quero que chorem por mim Quero que lembrem e sorriam por mim **Me perdoem pelo que fiz.** Mas me almegem pelo que não fiz **Se existem culpados pelos nossos erros** **O mundo é que seria uma cadeia**

André se mostra consciente do sofrimento que o seu suicídio causará a seus amigos e familiares. Na época de sua morte, sua namorada estava grávida de um filho dele.

Ao enunciar "**Se** tenho direito a um pedido", André marca sua culpa e questiona seu direito de fazer pedidos. Mais que isso, condiciona o seu direito de fazer pedidos ao Outro. Quando afirma que espera tornar-se algo "próximo de um anjo", o verbo "esperar" revela a dúvida que tem quanto ao próprio destino, o medo de ser castigado.

Cris também se mostra preocupado com as pessoas que vão ficar e com o sofrimento que pode causar a elas. Assume a responsabilidade de sua decisão e não culpa ninguém por seus "erros". Coloca o suicídio na categoria de erro e pede perdão pelo seu ato, mesmo sentindo-se culpado (já que pede perdão), afirma que morre feliz: "Vou mas vou feliz".

O outro elemento biográfico organizativo da autobiografia, o desejo de ser amado do herói, é marcado por elementos da vida cotidiana que ordenam e governam aquilo que o sujeito gostaria de ser na consciência amorosa do Outro. Assim, alguns adolescentes quando se deparam com a impossibilidade de viver o seu amor, podem tentar superar esta frustração com uma morte auto-inflingida. O rompimento de um relacionamento, uma separação, a impossibilidade de viver um grande amor **não configuraram, isoladamente, causas de um suicídio**, mas, aparecem como possíveis gatilhos desencadeadores. Alguns dos enunciados de Duda e Mr. Aidan podem mostrar a articulação entre desilusão amorosa e ideação suicida.

MR. AIDAN	DUDA
Vou morrer mesmo, quem se importa?, a vida já acabou pra mim, dês do momento que me deixou sofrimento, poderia ser diferente?, mas não importa mais, já foi. Mas eu me importava e ainda me importo. (...) mas agora sinto essas dores, **essa sua lágrimas que escorrem, até caírem em mim e me fazerem morrer por você** fala com ele, ??? Meu fala p/ ele marca um dia meu eu falo, c ele quicer **me mato, mas vc nun vai fik longe de mim** não msm, e lhedigo q enfrento tudo e todos por vc...” “ETERNO, ETERNAMENTE? NÀO NÃO, NÃO EXISTE, FOI NOSSA IMAGINAÇÃO, **TUDO SE ACABOU E O QUE RESTOU FORAM MEROS SENTIMENTOS DE CULPA, E DE AMOR**, POIS UM DIA, UM DIA TE AMEI.”	Porque você está fazendo isso comigo? Estou a ponto de enlouquecer... nada que eu faço dá certo contigo!! **Sofro demais, acho que vou morrer...** Eu só queria pelo menos outra chance... uma maneira de poder te ver... só um pouquinho já era o bastante... sempre que desse só pra falar de amor!! **Independente do que aconteça, eu sempre vou te querer mais...** só tenho medo que desepareça e nunca mais tenha paz... Meu coração é sincero... te amo... te quero... jamais se esqueça!! Não vai encontrar alguém como eu... por favor tire isso da sua cabeça!! Nós dois, nascemos um pro outro você só tem que acreditar... depois que a gente ficar juntos só as coisas boas vão ficar!!” **encontre alguém por quem valaha a pena viver... mas que valha, muito mais, a pena morrer!!** Procure um amor que te trate como um grande amor e não como um simples passatempo...

Tanto os enunciados de Duda quanto os de Mr. Aidan foram postados nos próprios perfis destes sujeitos. Não estavam nos murais de recados de suas namoradas ou de seus amigos. Mas, ainda assim, estas mensagens tinham destinatário certo: as mulheres amadas. Eles lançam perguntas a estas mulheres em forma de cobrança, como se elas, sozinhas, fossem as responsáveis pelos problemas que surgiram no relacionamento.

> Por que você está fazendo isso comigo?
> Vou morrer mesmo, quem se importa?
> Poderia ter sido diferente?

Mr. Aidan lança ainda uma pergunta irônica: “ETERNO, ETERNAMENTE?”. O efeito da ironia é produzido quando o enunciador assume palavras que não coincidem com seu ponto de vista (MAINGUENEAU, 1997, p. 77). Neste caso, o jovem está questionando os enunciados de sua namorada e os seus próprios, que sustentavam a idéia de

que o amor que eles viviam era um amor eterno. Complementa: "NÃO NÃO, NÃO EXISTE, FOI NOSSA IMAGINAÇÃO". A negação sempre mostra o confronto de duas vozes que defendem posições opostas dentro de um enunciado. Mr. Aidan nega três vezes a existência do amor eterno, o que demonstra, pela própria heterogeneidade da língua, que outros enunciadores (inclusive ele em outros momentos) defendem a existência deste amor.

Os enunciados dos garotos também revelam que estes sujeitos acreditam que o amor que sentem seja maior do que o que recebem do ser amado (ou de Outros que não aparecem explicitados em seus discursos) e colocam a morte auto-infligida como prova deste amor. Mr.Aidan e Duda hierarquizam o sentimento que sentem em relação ao sentimento de suas namoradas:

MR. AIDAN	DUDA
Vou morrer mesmo, quem se importa?, **a vida já acabou pra mim, dês do momento que me deixou** sofrimento, poderia ser diferente?, mas **não importa mais, já foi. Mas eu me importava e ainda me importo**.	**Procure um amor que te trate como um grande amor e não como um simples passatempo**
Enfrento tudo e todos por você	**Meu coração é sincero**. Te amo jamais se esqueça
POIS UM DIA, UM DIA **TE AMEI**	Não vai encontrar alguém como eu...

Quando Mr. Aidan afirma: "eu me importava" diz, implicitamente, que só ele se importava (com o relacionamento ou com sua própria vida), já que "a vida acabou" pra ele ao se ver impossibilitado de ficar perto de seu amor. Escreve, ainda, que enfrentaria tudo e todos por Powergastic, numa prova desesperada de amor. Nos enunciados de Duda ele se compara a "um simples passatempo" da namorada. Ele, ao contrário a ama com sinceridade e se coloca como insubstituível.

Estes enunciados trazem as vozes dos românticos do século XVIII, filiam-se a essa memória, até porque, estes jovens que escrevem no Orkut, vivem um momento em que a exacerbação do individual se sobrepõe ao coletivo, ao social. Colocam-se, de certa forma, na categoria do herói romântico, que se eterniza e eterniza o amor através da morte auto-inflingida. Por traz deste discurso amoroso e do apelo à morte ecoa nas vozes destes jovens

o vazio, a solidão, a falta de amor e a falta de escuta não só das namoradas, mas de seus outros (conhecidos, amigos e familiares).

Outro discurso que ressoa nos discursos de alguns jovens que analisei é o discurso do suicídio filosófico, defendido por alguns filósofos da Antigüidade e retomado por intelectuais dos séculos XVI e XVII. Estes jovens justificam suas mortes, com a idéia de que, continuar vivendo ou acabar com a própria vida, é uma questão de **escolha** legítima do ser humano. Nos discursos de alguns dos jovens que analisei, a decisão de acabar com a própria vida aparece como algo pensado, decidido, calculado. Uma escolha "feliz", anunciada pelas páginas de internet, durante dias, meses e até anos.

ANDRÉ	ANA	MARCELINHO	CRIS
Chorei muito antes de **decidir o que fazer** mas agora me encontro bem calmo e tranquilo. É engraçado poder escolher esse tipo de coisa. **Talvez esse seja o ponto. As escolhas**.	Pessoas tem o direito de falar, e escolher a direção por onde andar...Sei q já q não tenho nada pra falar é sinal que chegou a hora de fazer...	...eu sou a soma de **minhas opções...**	**Vou mas vou feliz**

Antes da *internet*, mesmo que o suicida deixasse uma mensagem de adeus aos seus familiares, amigos e/ou inimigos, esta ficava guardada e até escondida, na privacidade familiar. Desta forma, as condições de produção da mensagem de adeus "convencional" são bastante diferentes das condições de produção das mensagens deixadas na internet, mais especificamente, no Orkut. Se antes as famílias podiam silenciar sobre o assunto, agora, com o suicídio exposto publicamente para milhares de pessoas, este silenciamento fica quase impossível. O sujeito que (a)enuncia sua própria morte pelo Orkut não apenas se expõe, como, acima de tudo, expõe seus sobreviventes (familiares e amigos), os quais, muitas das vezes, deseja atingir. Os discursos que analiso foram produzidos em condições de dor e sofrimento do sujeito. Ele sabia que seus enunciados teriam visibilidade e que a sua história e a sua morte permaneceriam *on-line* por muito tempo.

As mensagens que vou analisar a seguir apareceram no próprio perfil do usuário

suicida, não foram postadas a nenhum destinatário específico. Este dado não implica que as mensagens não eram endereçadas, ao contrário, revelam que, em algumas das vezes, o endereçamento, mais do que coletivo, era implícito e, por isso, paradoxalmente tão visível.

> Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu *direcionamento* a alguém, o seu *endereçamento*. À diferença das unidades significativas da língua – palavras e orações -, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e, respectivamente, expressão) e destinatário. Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho etc.; ele também pode ser um *outro* totalmente indefinido, não concretizado. Todas essas modalidades e concepções de destinatários são determinadas pelo campo de atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere. A quem se destina o enunciado, como o falante (ou quem escreve) percebe e representa para si os seus destinatários. (BAKHTIN, 2003, p. 301)

Tão importante quanto o endereçamento do enunciado é a maneira como o discurso alheio entra na construção sintática e semântica do discurso a ser transmitido. O contexto narrativo (como o do Orkut) é menos propício ao discurso direto, que é a modalidade em que a citação da palavra alheia integra o enunciado, conservando sua integridade lingüística. Desta forma, encontrei poucos exemplos de discurso direto entre os jovens que analisei. Ana e Mr. Aidan, que eram EMOS, postavam com regularidade letras de músicas para expressarem os seus próprios sentimentos

ANA	MR. AIDAN
E eu desejo que tivesse algo mais Por favor diga-me que há algo melhor E eu desejo que tivesse algo a mais que isso Solidão Saturada	Eu acho que estou apenas cansada, Eu acho que eu preciso de uma nova cidade, pra deixar isto tudo pra trás... Eu acho que preciso de um nascer do sol, Eu estou cansada do pôr do sol, Eu ouvi que é agradável no verão, um pouco de neve poderia ser bom... Boston... Onde ninguém sabe meu nome... ¬> [Solidão] [Y]
Minha música desse dia "lindo, ensolarado e feliz"... Minha carapaça desapareceu Engulo redemoinhos de pó em minha boca Mas é maravilhoso, eu sei Escondendo todo meu medo Meu pesadelo está se tornando real Olhe pra mim Sou uma perdedora Escondendo todos os meus crimes e então Esquecendo minhas idéias Olhe pra mim Sou uma perdedora	Algo toma parte de mim Me sentindo como uma aberração Sentindo como se eu não tivesse escape Quantas vezes eu já me senti doente Nada na minha vida é de graça As vezes eu não agüento este lugar As vezes é minha vida que não agüento As vezes eu não sinto meu rosto [Solidão]

As letras das músicas aludem a um vazio existencial ("E eu desejo que tivesse algo mais"/ "algo toma parte de mim"), a um cansaço ("Eu acho que estou apenas cansada"/"não agüento este lugar"/ "é minha vida que não agüento"), a um pessimismo ("Sou uma perdedora"/ "Meu pesadelo está se tornando real"/ "Nada na minha vida é de graça" / "Sentindo como se eu não tivesse escape). A partir destes enunciados, mesmo sendo citações diretas de outros enunciadores, observa-se como estes jovens se auto-depreciam, quando se auto-designam como "perdedora", "doente", "aberração". Tanto nas letras de música postadas por Mr. Aidan, quanto nas de Ana aparecem enunciados que buscam por um lugar melhor: "Eu acho que eu preciso de uma nova cidade pra deixar tudo isso pra trás"/ "E eu desejo que tivesse algo mais que isso". Ambos assinam muitos de seus scraps com a palavra Solidão.

Estas vozes melancólicas que aparecem em discurso direto nos enunciados de Mr. Aidan e Ana aparecem também em outros enunciados destes próprios jovens e de outros jovens analisados, através do discurso indireto livre (comum no contexto narrativo).

ANA	STEVE	ANDRÉ
Andam todos doidos a minha volta... E isso reflete-se em mim. Como a tristeza e a loucura são belas Não sou produto e não vou ser rotulada. Acho q já to cansada de ser humilhada... Mesmo acompanhada me sinto só... Cansei de chorar feridas que não se curam. O silêncio fica solitário? Quem sabe? Eu tenho escutado isso me falar... Há algo melhor? Vou falar com ninguém q ganho mais. E aí animal como vc está? Descobri que meu maior problema é vc! Cagada do dia; Vc nunca vacila ao lidar com os problemas mais difíceis. Realmente eu não vacilo... eu desisto... Vá dormir sua asno!	Adeus!? estou confuso, tenho duvidas e incertezas, eu olho para tudo e vejo melancolia e tristeza, eu quero partir, mas parece q n consigo, mas o q me prende? n tenho amores n tenho amigos e vejo a escuridão me dominar totalmente, e sei q n entendes, mas n importa, meu corpo e meu coração já n suporta, e se amanha eu tentar voar mesmo com as minhas asas amputadas e meus pulsos voltarem a sangrar, veras a minha carta, n as minhas lagrimas n meu sofrimento e n lamento d n mas existir, so lamento de nunca ter existido, anjo caído, boneco d vidro estraçalhado em pedaços	Apesar de parecer insano o meu ato, ele soa para mim como a válvula de escape que tenho procurado a muito tempo.Chorei muito antes de decidir o que fazer mas agora me encontro bem calmo e tranquilo. É engraçado poder escolher esse tipo de coisa. Talvez esse seja o ponto. As escolhas. Bem, não adianta eu ficar aqui choramingando. Estou bem e peço que vocês aceitem isso.Deixo para trás muito mais do que os problemas. Deixo para trás a minha família, deixo um filho que nem brinquei e muitos amigos. Se tenho direito a um pedido. Gostaria de ser cremado. Não sei se poderei doar algo mas caso possa, não percam tempo.Beijos em todos, espero me tornar algo próximo de um anjo e um dia olhar por vocês

O discurso médico (que alude à doença e à loucura como possíveis causas do suicídio), que se constituiu ao longo da história ocidental e que foi integrando outros discursos (inclusive os discursos moral e religioso) aparece nos enunciados de André e Ana. Ambos se contrapõem a este discurso que coloca o suicida na categoria de louco. No caso de Ana isto tem agravantes: o fato dela fazer tratamento psiquiátrico e já ter sido internada (dados encontrados pelos enunciados dela e de seus amigos). Assim, quando nega ser rotulada (de louca, doente), fica claro que existem enunciados que a rotularam (a negação sempre traz a tensão entre o enunciado negado pelo enunciador e o enunciado proferido anteriormente por outro(s) enunciador(es)). Ana não se considera louca e usa de ironia quando afirma que "a tristeza e a loucura são belas", já que esta "suposta loucura" é apenas reflexo e/ou conseqüência da loucura dos outros que estão à sua volta. André também nega que seu suicídio tenha sido resultado de uma atitude insana. Para isto, usa o conectivo "apesar", que antecipa as réplicas de seus interlocutores que podem considerar seu ato como um efeito da loucura. Mostra que foi um ato calculado e não impulsivo: "**Apesar** de parecer insano o meu ato, ele soa para mim como a válvula de escape que tenho **procurado a muito tempo**."

Ana e Steve falam sobre a solidão que sentem. De alguma forma, esta sensação de solidão pesa na decisão pela morte auto-inflingida.

STEVE	ANA
eu quero partir, mas parece q n consigo, mas o q me prende? **n tenho amores n tenho amigos**	**Mesmo acompanhada me sinto só...**

Steve também dá mostras de se sentir solitário quando afirma que não lamenta deixar de existir, que o que lamenta é nunca ter existido. O sujeito só "existe" na relação que mantém com o Outro; um Outro que olha, toca, fala, ouve e responde. A sensação de não existir é uma sensação de solidão.

Os três falam de lágrimas e choro e se mostram cansados de tanta tristeza,

melancolia e sofrimento. O suicídio aparece como possibilidade de escapar do sofrimento que vivem.

> Há algo melhor? (Ana)
>
> eu quero partir
> amanha eu vou tentar voar
> mesmo com as minhas asas amputadas (Steve)
>
> espero me tornar algo próximo de um anjo e um dia olhar por vocês (André)

A auto-depreciação também é recorrente no discurso destes sujeitos. André não se considera digno de fazer um pedido ("se tenho direito a um pedido"), Steve se qualifica como "anjo-caído", e "boneco de vidro estilhaçado" (Steve doll made of glass). Com Ana a auto-depreciação é ainda mais forte e constante. Ela coloca o seu nome no Orkut como Ninguém.

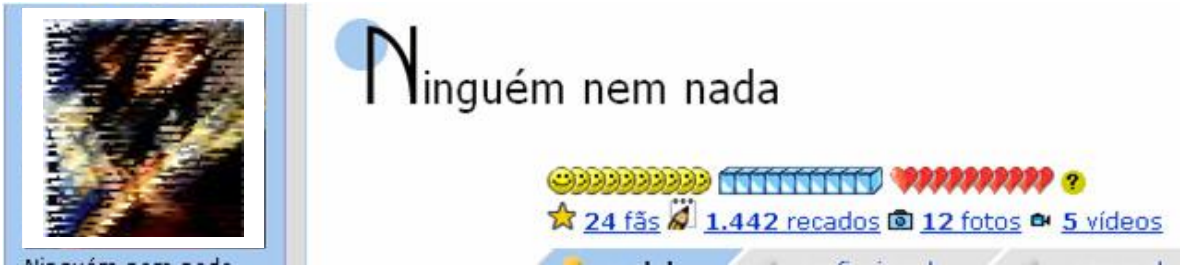


Figura 82 – Ninguém nem nada

Envia para Ninguém (que é a personagem que criou para ela mesma), com grande freqüência, *scraps* em seu próprio mural de recados. É bastante depreciativo se auto-nomear "Ninguém nem nada", o que revela sua baixa auto-estima. Além disso, os diálogos "públicos" travados entre Ana (autora) e Ninguém (personagem) são muito agressivos. O tratamento que Ana dá a seus enunciados é o melhor exemplo de como funciona o papel de autor/herói e como eles se confundem nas páginas do Orkut. Demonstra o terceiro valor biográfico que organiza a autobiografia, que é a vontade de superar a fabulação da vida.

Figura 83 – *Scrap* para Ninguém

> Vou falar com ninguém q ganho mais. E aí animal como vc está?
>
> Descobri que meu maior problema é vc!
>
> Vá dormir sua asno!

O Orkut coloca, para cada usuário, um pensamento do dia, chamado de "sorte do dia". Estes pensamentos são diferentes para cada usuário. Ana coloca em seu mural de recados, diariamente, qual é a sua "sorte" lançada pelo Orkut. Ironicamente, ela designa este pensamento de "Cagada do dia". Estes *scraps* que contém a "Cagada do dia", configuram enunciados bastante depreciativos.

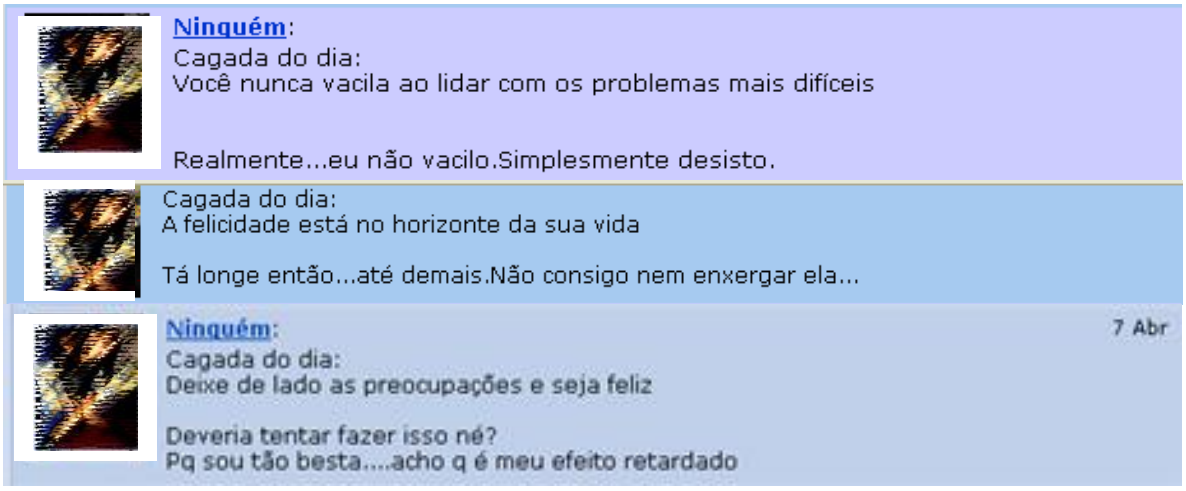


Figura 84 – "Cagada do dia"

Se em alguns enunciados de jovens suicidas encontramos como recorrência os temas do medo, da solidão, do pessimismo e da culpa, em outros enunciados encontramos a ironia, a raiva, a vingança e a resistência.

ANA	Estou cansada... Estou enervada... Estou rezingona... Apetece-me fazer birras, Dizer coisas que não deveria dizer e não sofrer suas conseqüências. Andam todos doidos a minha volta... ...E isso reflete-se em mim Como a tristeza e a loucura são belas
CARLOS	[eu sou] um monstro em um mundo de demônios, desejando viver uma vida livre da consciência, com as vontades mais puras e vencidos os medos que as sujam. Acordo morto
JEFERSON	A morte é uma virtude!

Quem entra no perfil de Jeferson, o primeiro enunciado que lê é: "a morte é uma virtude!". O enunciado aparece em destaque, com letras grandes, no espaço reservado para usuário do Orkut preencher o nome. Para Bakhtin (1988, 2003) todo sujeito é "respondente", seus enunciados respondem a outros enunciados anteriormente proferidos, ao mesmo tempo em que, antecipam as possíveis respostas de seus interlocutores. Jacson "responde", antecipadamente, às réplicas que o qualificarão como "egoísta", "covarde", "fraco", "louco" e se opõe a elas designando a morte (a sua morte auto-inflingida) como uma virtude e não como um erro, um pecado, um desvio, um defeito ou uma loucura.

Carlos, ao se nomear um "monstro" num mundo de "demônios", mostra acreditar que o "inferno" é o lugar onde vive. Demonstra acreditar numa existência após a morte ao dizer que quer "viver uma vida livre". Seu enunciado bebe na fonte do discurso religioso cristão e se opõe a ele.

Ana se mostra cansada e irritada com a situação que vive e mostra o desejo de voltar a ser criança, que faz birras e diz o que quer (inclusive se matar), sem sofrer retaliações ou punições: "Apetece-me fazer birras. Dizer coisas que não deveria dizer e não sofrer suas conseqüências". Ana tira o suicida da categoria do louco e coloca o Outro nesta categoria.

Três dias antes de se suicidar, Mr. Aidan deixa em seu mural de recados um *scrap* em que, muito mais do que anunciar sua própria morte, exprime sua intenção de atingir o Outro com este ato. Para Menninger (1938, p. 24), o suicídio possui três elementos

constitutivos: o desejo de morrer, o desejo de matar e o desejo de ser morto. Neste enunciado, Mr. Aidan revela toda sua raiva, sua decepção, sua insatisfação e sua mágoa com algumas pessoas que lhe rodeiam e o "desejo de matar o outro", simbolicamente, através de uma morte auto-inflingida. Fica, porém, em dúvida se, efetivamente, conseguirá atingir seu o Outro com seu suicídio.

> Simplesmente **deixar marcas em todos**, **marcas que somente são iluzões**, pois se elas realmente verem, **essa marcas não passarão de meros arranhões.**
>
> Sangue irá escorrer, **pessoas irão sofrer, um sofrimento amargo, muitos irão se culpar, mas se culpar pelo que?**

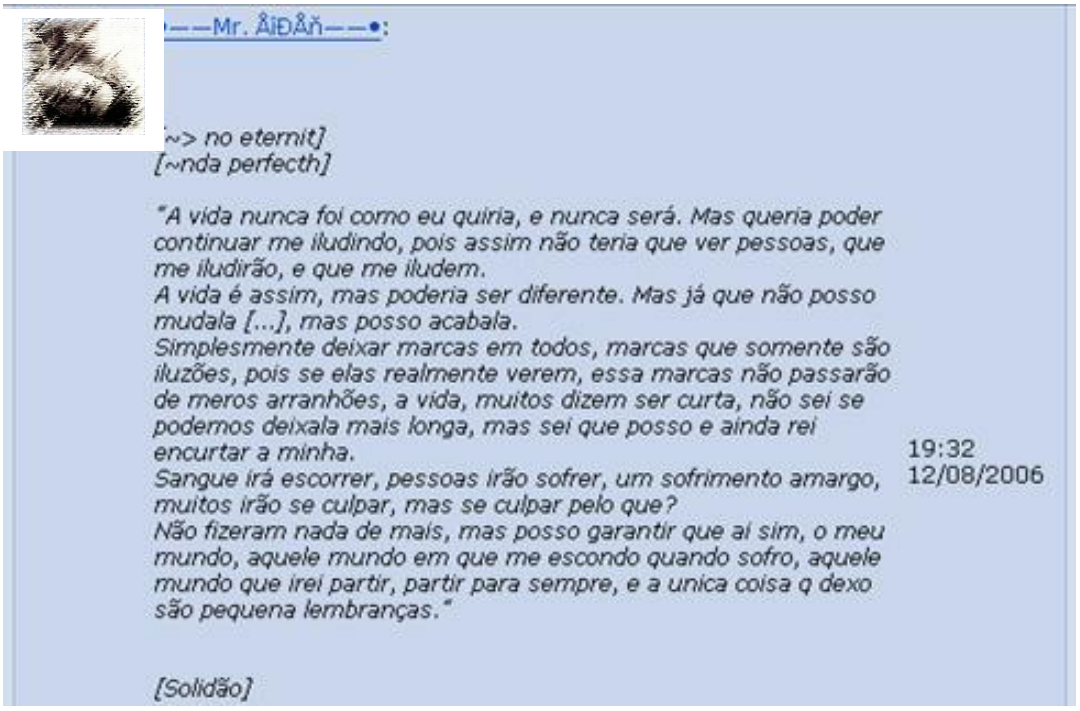


Figura 85 – "Desejo de matar"

Observando a escrita destes jovens suicidas, pude observar outra regularidade: o uso das reticências. Tática freqüente destes sujeitos nos enunciados que sugerem uma ideação suicida.

> acho que vou morrer... Eu só queria pelo menos outra chance... uma maneira de poder te ver...” (Duda)
>
> Frase do dia... essa é boa!
> Pra q pressa se o nosso futuro é a morte?
> Gostaram né? Eu sei... eu tbm gostei! (Ana)
>
> Acho que to cansada de ser humilhada...é isso que sinto... Esse ano minha promessa ta de pé... só não sei como cumpri-la” (Ana)
> ...eu sou a soma de minhas opções... (Marcelinho)
>
> Estou cansada...
> Estou enervada...
> Estou rezingona... (Ana)
>
> Muita gente guarda a vida para o futuro. Mesmo que ela esteja na geladeira, se você não a viver, ela estraga... É por isso que tantas pessoas se sentem emboloradas! É gente que guarda tudo pra depois... Gente que não se entrega ao amor, ao trabalho... Não ousam... Não aprendem... Não vão em frente... (Ana)
>
> cheguei num patamar que não da mais... queria poder disse p/ Powergastic agora, eu te amo, pois as palavras q ela ouviu ontem, aquelas foram as últimas q ela escutara... meu mundo seu mundo, vcs não intenderam motivos insgnifikntes, serei esgoista de morrer agora... mas é necessário p/ vcs... adeus... e Powergastic... eu sim te amei...
> (Mr. Aidan)
>
> Não importa onde eu parei... Em que momento da vida eu me cansei...O que importa é que sempre é possível “Recomeçar”, mesmo que em outra vida... (Fran Crist)
>
> De onde eu estiver.....
> .....Sempre estarei olhando e amando vocês
> Não sofram nem chorem.....estou melhor do que estava... muito bem...
> (Alex)

O recurso das reticências utilizado por estes sujeitos revela uma escrita lacunar, que oferece aos seus interlocutores espaços para inferir, concluir, significar. Eles buscam uma conclusibilidade da vida através do suicídio esteticamente elaborado, mas, na escrita privilegiam justamente a inconclusibilidade do enunciado, o interstício do não-dito.

Todo enunciado é prenhe de sentidos, repleto de possibilidades de significações. Para que estas significações se estabilizem num momento histórico

específico e num espaço sócio-ideológico determinado, é preciso que se estabeleça uma **compreensão ativa** entre os interlocutores. Assim, para compreender os enunciados destes adolescentes brasileiros que, diariamente, a(e)nunciam um "possível" suicídio e lançam "pequenos pedidos de ajuda" aos habitantes da Cidade Azul, é preciso se dispor a uma escuta respondente.

> Talvez, para sentir o Outro se tenha de contribuir a desgastar este nosso mundo, permitindo que se abram lugares de silêncios inesgotáveis e de palavras – que não são necessariamente conceitos – reveladoras. (PLACER, 2001, p. 89)

As horas...

Encarar a vida de frente... Sempre encarar a vida de frente... e conhecê-la como ela é. Enfim conhcê-la. Amá-la pelo que ela é. E depois... descartá-la.
Leonard... Sempre os anos que foram nossos... Sempre os anos... Sempre ... o amor... Sempre ... as horas...
(Virgínia Woolf)

Se na Cidade Azul, os discursos de alguns adolescentes que se suicidaram se constituem como estilhaços de narrativas que se dispersaram, a partir de um trabalho estético de distanciamento e autoria desses sujeitos, faz-se necessário observar que elementos temporais organizam estas narrativas.

Para Bakhtin (2003, p. 95), a **forma temporal** que o sujeito vivencia, desenvolve-se a partir do **excedente de visão temporal** que ele tem do Outro. Na arquitetônica do mundo ético o sujeito não pode vivenciar seu próprio nascimento, nem sua própria morte; estes são acontecimentos da vida do Outro. Em contrapartida, na vida do sujeito, pessoas nascem, passam e morrem. No enredo da vida no mundo ético, o sujeito é a condição e a possibilidade de sua própria existência, mas não é o seu herói no plano de valores. Ele pode, esteticamente, significar, justificar e concluir o Outro, mas não a si mesmo. A idéia de finitude da vida, apreendida a partir da relação que o sujeito mantém com seu Outro, é índice organizador de sua temporalidade.

> O medo de minha morte e a atração pela continuidade da vida é de índole essencialmente diversa que o medo da morte de outra pessoa íntima e do empenho de proteger-lhe a vida. Falta ao primeiro caso o elemento que no segundo é essencial: a perda, a perda da pessoa única qualitativamente definida do outro, o empobrecimento do mundo da minha vida onde esse outro estava e agora não está. (BAKHTIN, 2003, p. 95)

O ser humano pode imaginar o mundo depois de sua morte, mas não pode vivenciá-la. Ele tem sobre o Outro uma *memória* bastante diferente da lembrança que tem de si e da contemplação que faz de sua própria vida ativa. É possível, a partir de um distanciamento, observar e "estetizar" nossas lembranças que, em grande parte, se constituem das histórias que o Outro narra sobre nós e nossa vida. Porém, nossa vida ativa, além das experiências do passado, é determinada também pelo porvir e é a partir deste

porvir que fundo a minha memória. A memória do sujeito na arquitetônica do mundo ético é uma memória inconclusa, é uma **memória de futuro**. Segundo Wanderley Geraldi (2003, p. 45):

> Enquanto a posição exotópica ocupada pelo Outro lhe permite um excedente de visão, pelo qual também nos orientamos na busca de completude e acabamento, o próprio sujeito desloca-se, no tempo e estabelece no futuro a razão de ser de sua ação presente que concretizada, torna-se pré-dado para futuras ações, sempre orientadas pelo sentido que lhe concede a razão perpetuamente situada à frente. Se no mundo estético, o futuro da personagem e dos acontecimentos são já 'conhecidos' do autor – e é precisamente as formas de operar com este conhecimento na relação com o herói que define relações monológicas ou polifônicas nas narrativas – no mundo ético, tempo dos acontecimentos, cada um tem a responsabilidade pela ação concreta definida não a partir do passado – que lhe dá condições de existência como um pré-dado, mas a partir do futuro, cuja imagem construída no presente orienta as direções e sentidos das ações. É do futuro que tiramos os valores com que qualificamos a ação do presente e com que estamos revisitando e recompreendendo o passado

Quando os jovens que analiso dão um enfoque estético para suas lembranças e se libertam das garras do porvir e do acabamento incerto e indeterminado do futuro, vêem-se livres para concluírem as próprias vidas e tornarem-se assim, um acontecimento histórico que entrará para a memória do Outro. A necessidade de dar a si mesmo um acabamento estético, utilizando para isso um suporte público como o Orkut, pode refletir a falta de memória de futuro efetiva destes jovens e a inabilidade deles (re)significarem suas experiências passadas.

Em muitos enunciados, de diferentes sujeitos, encontrei como recorrência temas como: a dificuldade de encontrar e de se manter em um emprego, o despreparo para ser aprovado num vestibular (que sabemos, no Brasil, tão excludente), a frustração por uma desilusão amorosa, problemas de saúde, a falta do que fazer (muitos sujeitos passam horas pelas páginas do Orkut), o sentimento de solidão e uma vida social intensa (escola, baladas, festas, shows, bebidas), paradoxalmente desprovida de vínculos afetivos reais.

Figura 86 – Falta do que fazer, falta de perspectiva de futuro

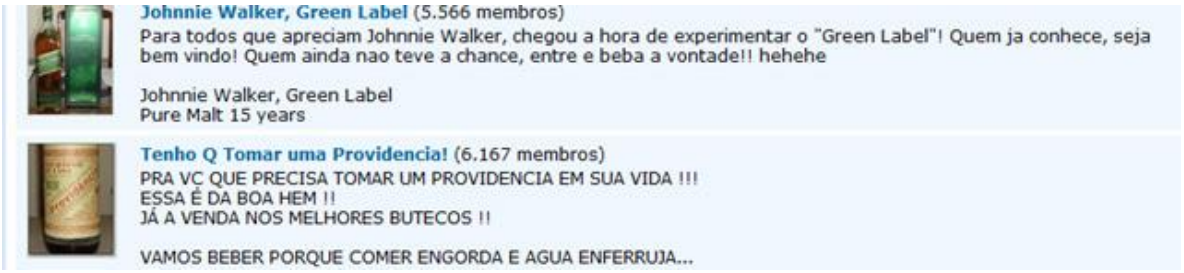


Figura 87 – Comunidades de bebidas encontradas nos perfis de alguns suicidas

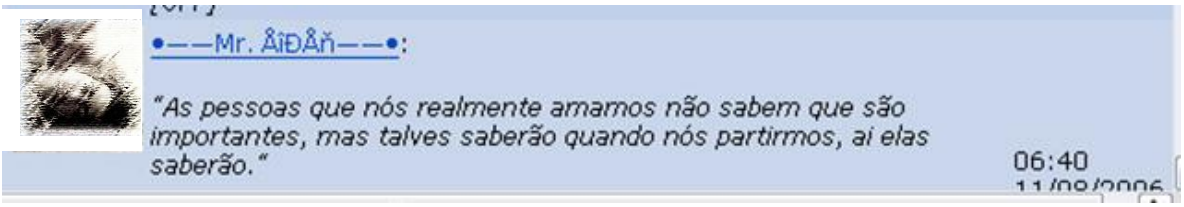


Figura 88 – Desvinculação afetiva

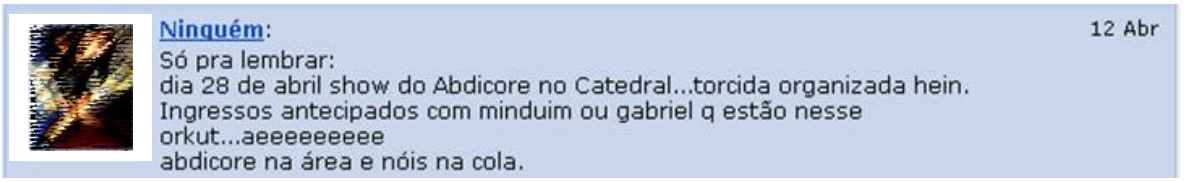


Figura 89 – Vida social intensa

Ao me debruçar sobre as narrativas autobiográficas destes adolescentes, observei que poucos enunciados aparecem no tempo futuro. Nas poucas vezes, em que estes enunciados aparecem, revelam ideações suicidas. A memória de futuro desses adolescentes é a própria morte.

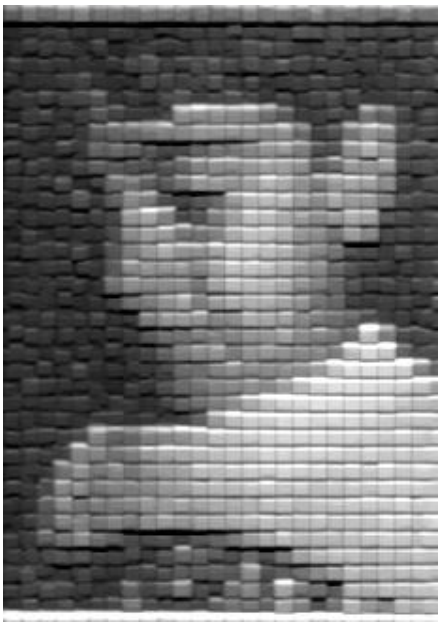
> Acho que vou morrer. (Duda)
>
> Sangue irá escorrer, pessoas irão sofrer, um sofrimento amargo, muitos irão se culpar. (Mr. Aidan)
>
> eu quero partir
> amanha eu tentar voar

> mesmo com as minhas asas amputadas (Steve)
>
> espero me tornar algo próximo de um anjo e um dia olhar por vocês (André)
>
> Vou, mas vou feliz (Cris)
>
> Pra q pressa se o nosso futuro é a morte?
> Gostaram né? Eu sei... eu tbm gostei! (Ana)
>
> Gostaria de ser cremado. Não sei se poderei doar algo mas caso possa, não percam tempo. (André)

O tempo passado aparece muitas vezes para narrar situações tristes ou ruins que estes sujeitos viveram.

> so lamento de nunca ter existido. (Steve)
>
> A vida nunca foi como eu queria. (Mr. Aidan)
>
> a vida já acabou pra mim, dês do momento que me deixou sofrimento (Mr. Aidan)
>
> Cansei de chorar feridas que não se curam. (Ana)

Em alguns álbuns de fotografia e blogs destes sujeitos, encontrei várias fotos de quando eles eram crianças. Assim como os românticos brasileiros da segunda geração, a infância configura-se como um lugar possível de escape e idealização. O tempo passado é positivo para estes jovens, nas lembranças esteticamente produzidas sobre a própria infância. Leonardo, por exemplo, que se suicidou exatamente um ano depois que o seu namorado havia se suicidado (mesmo dia e mês), escreveu o seguinte enunciado como legenda de uma foto que colocou em seu álbum:



Olha eu...
minha infância foi perfeita...
eu era feliz e n sabia...

Figura 90 – Foto de Leonardo quando criança

Vítor deixou em seu blog, um "memorial", com aproximadamente trinta fotos de sua infância e, logo na seqüência, postou o enunciado de que havia cometido suicídio.

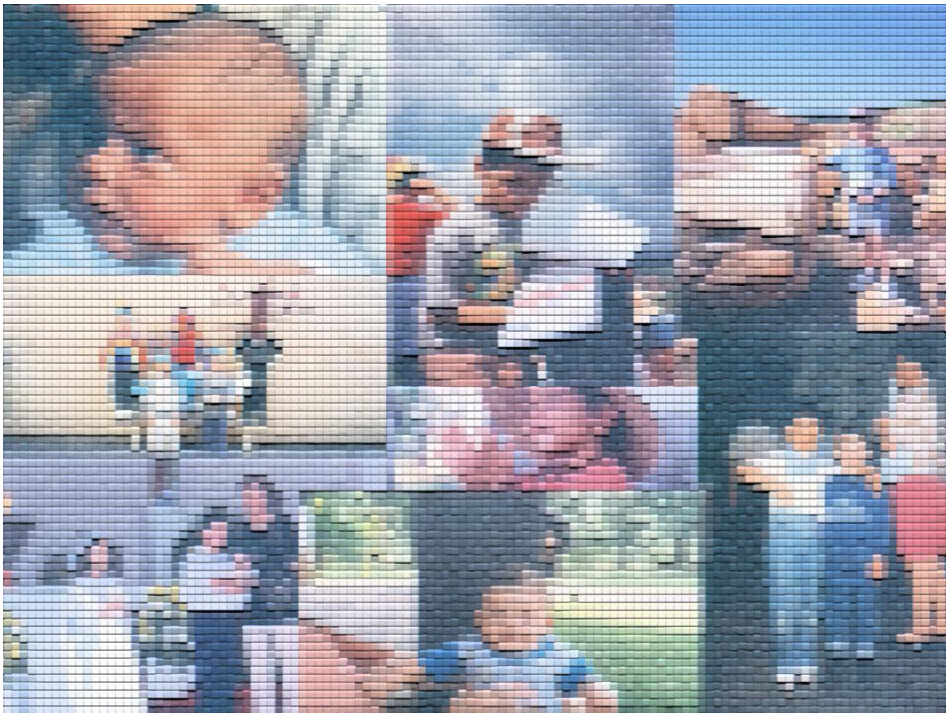


Figura 91 – Memorial de fotos de Vítor

Se o tempo futuro é o tempo em que estes sujeitos, primordialmente, falam da própria morte, se o tempo passado é visitado para narrar experiências negativas e rememorar a infância, o tempo presente para estes sujeitos parece longo e interminável.

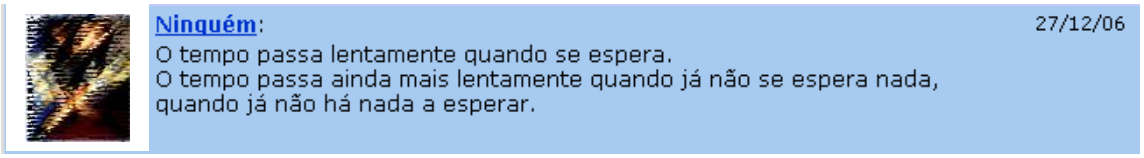


Figura 92 – O tempo presente

É no presente que narram o cansaço, a irritação, o tédio e a insatisfação com a própria existência (sem álibi) na arquitetônica do mundo ético:

> Estou cansada...
> Estou enervada...
> Estou rezingona...
> Apetece-me fazer birras,
> Dizer coisas que não deveria dizer e não sofrer suas conseqüências.
> Andam todos doidos a minha volta...
> ...E isso reflete-se em mim
> Como a tristeza e a loucura são belas (Ana)

> [eu sou] um monstro em um mundo de demônios, desejando viver uma vida livre da consciência, com as vontades mais puras e vencidos os medos que as sujam. (Carlos)

É também a partir do presente que eles se eternizam como heróis, no entrecruzar do mundo narrado e do mundo vivido. Cris, antes de se suicidar, escreveu de próprio punho uma carta de adeus para seus amigos e familiares. Tirou uma foto da carta e a expôs em seu álbum de fotografias do Orkut. É como se ele estivesse fazendo uma citação direta do discurso do Cris (da arquitetônica do mundo ético), no discurso do Cris (autor/personagem da arquitetônica do mundo estético). Talvez ele quisesse deixar claro a seus interlocutores que, tanto um, quanto o "outro" Cris, morreram de fato.

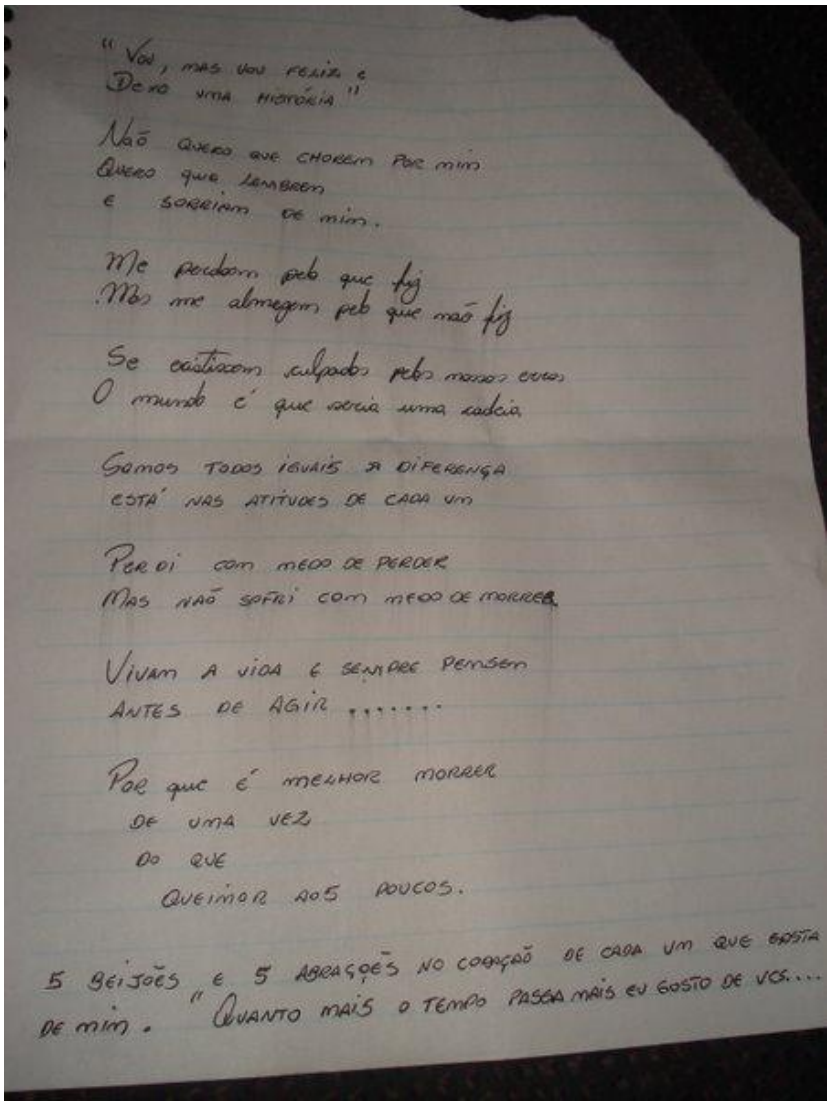


Figura 93 – Mensagem de adeus de Cris

Na mensagem de adeus escrita por Cris podemos identificar a voz de um suicida célebre para os adolescentes de hoje. É a voz de Kurt Cobain, vocalista da banda Nirvana, que se suicidou em 1994: "Por que é melhor morrer de uma vez do que queimar aos poucos". Este enunciado, além de integrar o discurso de Cris exatamente na forma como foi enunciado (discurso direto), ele demonstra que os suicidas, muitas vezes, inspiram-se em outros suicidas (próximos ou distantes, famosos ou desconhecidos) para cometerem o próprio suicídio. O trecho de Kurt Cobain citado diretamente por Cris faz parte da carta de adeus que o vocalista deixou para sua esposa.

Os perfis de muitos adolescentes suicidas que encontrei nas minhas investigações faziam menção a Kurt Cobain através de comunidades, vídeos, fotos ou letras de músicas. De alguma forma, as palavras de Kurt, já constitui parte da memória discursiva colocada em funcionamento por estes garotos.

Kurt e Cris, ao afirmarem que é "melhor morrer de uma vez do que queimar aos poucos", revelam o quão insustentável se torna o tempo presente para alguns sujeitos, a ponto deles preferirem a morte à vida.

Encerro minhas reflexões sobre a temporalidade e o suicídio no Orkut, citando uma mensagem de adeus deixada por Théo, jovem cineasta e fotógrafo que se suicidou com um tiro na cabeça.

> Pressione o tempo
> Esqueça o tempo
> Enquadre o tempo
> Pressione o botão
> O terceiro olho encontrou a luz

O tempo não pára com o acabamento da vida do sujeito, mas este acontecimento desestrutura a memória do Outro e, de certa forma, reorganiza e/ou funda novas discursividades.

Conclusão

É tão estranho
Os bons morrem jovens
Assim parece ser
Quando me lembro de você
Que acabou indo embora
Cedo demais.

Quando eu lhe dizia:
"-Me apaixono todo dia
E é sempre a pessoa errada."
Você sorriu e disse:
"- Eu gosto de você também."

Só que você foi embora cedo demais

Eu continuo aqui,
Com meu trabalho e meus amigos
E me lembro de você em dias assim
Um dia de chuva, um dia de sol
E o que sinto não sei dizer.

Vai com os anjos! vai em paz.
Era assim todo dia de tarde
A descoberta da amizade
Até a próxima vez.

É tão estranho
Os bons morrem antes
Me lembro de você
E de tanta gente que se foi
Cedo demais

E cedo demais
Eu aprendi a ter tudo o que sempre quis
Só não aprendi a perder
E eu, que tive um começo feliz
Do resto não sei dizer.

Lembro das tardes que passamos juntos
Não é sempre mais eu sei
Que você esta bem agora
Só que este ano
O verão acabou
Cedo demais.

(Renato russo)

Ritos, discursos e saudades

Vista por fora, a Cidade Azul parecia apenas um lugar povoado por jovens que passavam horas "bisbilhotando" a vida alheia. Um espaço absolutamente visível, sem barreiras tangíveis, sem fronteiras, sem censura e sem limites.

Ao percorrer seus caminhos, passear por entre seus azulados quintais, perseguir os rastros de seus transeuntes, visitar seus becos, descobre-se, aos poucos, que a sua **"espetaculosa" visibilidade**, na verdade **esconde "trilhas microbianas"** de seus moradores. Visto por dentro, o Orkut é outra cidade. Uma cidade imensa e inconclusa, que abriga uma multiplicidade de culturas, tribos e sujeitos. É um lugar onde são colocados em circulação muitos discursos, que refletem e refratam a ideologia de cada grupo.

> La ideologia es un sistema de concepciones determinado por los intereses de un determinado grupo social, de una clase, y que em base a un sistema de valores condiciona actitudes y comportamientos, tanto de los sujetos del grupo em cuestión como de los de otros grupos sociales, cuando se convierte em ideologia dominante. (SHAFFF *apud*. PONZIO, 1998, p. 108 e 109)

Nesta cidade, os sujeitos se contam e se lêem incessantemente, numa "escritura" estilhaçada e "caleidoscópica", cujos cacos revelam as práticas sociais e discursivas de seus habitantes. Há, porém, estilhaços tão visíveis que, paradoxalmente, tornam-se "invisíveis". É o caso dos fragmentos de narrativas analisados neste trabalho, que, de alguma forma, revelam um anúncio de morte. Os adolescentes que analisei, tentaram avisar que iriam se suicidar, mas seus amigos não acreditaram ou não entenderam o aviso.

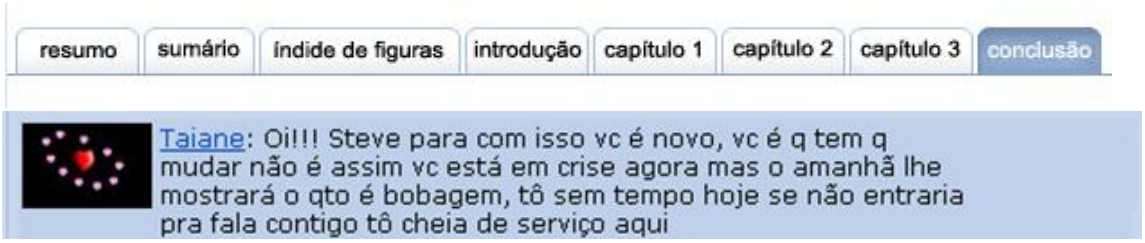
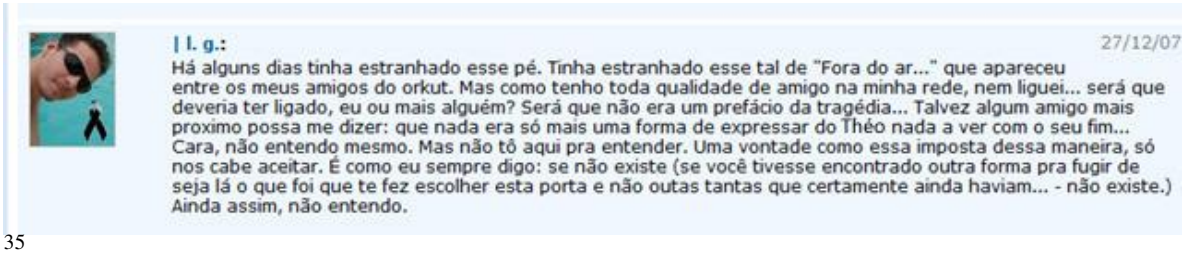


Figura 94 – Mensagem de amiga de Steve



[35]

Figura 95 – Mensagem de amigo de Théo

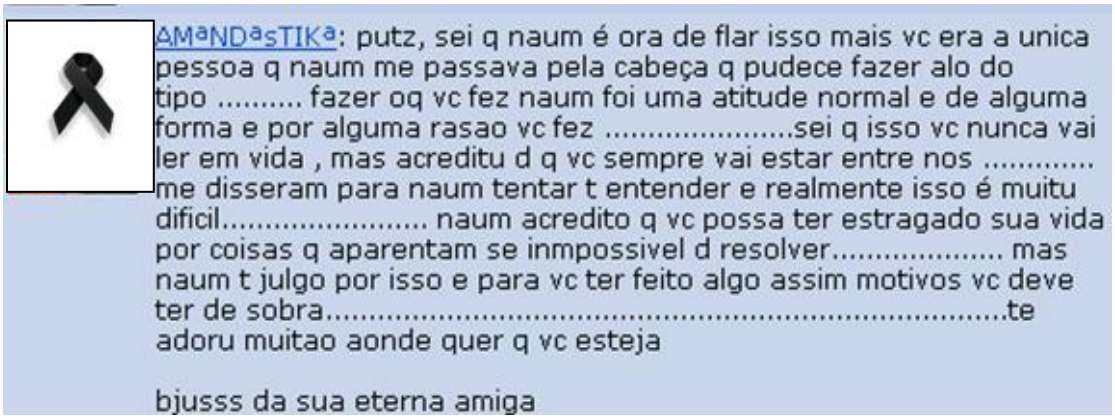


Figura 96 – Mensagem de amiga de Alex

Estes "anúncios" constituem talvez, um pedido de ajuda, uma denúncia de um sofrimento, um apelo, uma forma contraditória e ambígua de se resistir à repressão, a exclusão e à dor. Mais do que para os usuários da rede e para os amigos(as) e namorados

[35] Dias antes de Théo se suicidar ele colocou o nome de seu perfil como "Fora do Ar Dentro do Mar", ao lado de uma foto de um pé saindo do chão. Théo se suicidou com um tiro na cabeça, na beira de uma praia.

(as), o pedido de ajuda de alguns destes jovens pareciam ter outros endereçamentos também: família, escola, Estado etc. Instituições (seculares, visíveis ou invisíveis) que, através de seus dispositivos de subjetivação, vigiam, oprimem, silenciam e excluem seus sujeitos.

Apesar destes "gritos de vida", os adolescentes não foram "ouvidos". Parece não haver lugar para a escuta nesta cidade virtual (que reflete nossa cidade real). Todo mundo fala muito de si mesmo, ao mesmo tempo, em muitos lugares. As relações parecem assim, superficiais e imediatas; os jovens querem estar conectados a muitos amigos e aos muitos amigos de seus amigos sem, entretanto, conseguirem aprofundar seus vínculos.

A quantidade de relações se sobrepõe à qualidade delas, o individual se sobrepõe ao coletivo. Isto tudo não acontece só na *internet*, ela representa apenas mais um espaço aonde o sujeito se mostra desvinculado de seu grupo. E o que parece ser muito líqüido e fluido, na verdade, revela a solidez secular dos poderes institucionais. Falo aqui especificamente da "instituição" família, tão sacralizada e resguardada por nossa sociedade, tão destituída de responsabilidades em relação ao sofrimento de seus membros, mas que, muitas vezes, exerce seus "podres" poderes e se prevalece da privacidade que lhe foi conferida ao longo da história. É preciso compreender que o que é privado também é político.

> Que nossos pudores teóricos e políticos não nos silenciem nos deixando em estado de indefensão pós-moderna. Porque os bons sujeitos e sua memória completa, sua aparência pulcra, sua moral incorruptível, sua alma devidamente benta, continuam presentes, sólidos e fatalmente eficazes no seu "anacronismo jurássico". Porque o poder (no singular ou no plural, econômico ou repressivo) não tem pudor. Se dispersa, se invisibiliza, porém, não se liqüidifica. E se nessas nossas democracias multiculturais e pluralistas os medos do cidadão se multiplicam refratados pela mídia, há um medo subterrâneo, recalcado nas margens e miragens das discursividades imediatistas, que irrompe como o impensado do pensamento, na força de um significante sem corpo. (ZOPPI-FONTANA, M., 2006)[36]

[36] Fala proferida em mesa redonda no I CIAD - Congresso Internacional de Análise do Discurso/ UFScar

Como Analista do Discurso, não me cabe fazer qualquer tipo de juízo de valor a respeito do ato suicida, mas ao tomar conhecimento do aumento impressionante das taxas de suicídio entre adolescentes (no Brasil e no mundo), e depois de trabalhar com o Orkut e encontrar TODOS OS DIAS, ao menos um caso de suicídio nesta faixa etária, acredito que profissionais de diversas áreas, de diferentes segmentos sociais, devam juntos, tentar compreender este fenômeno social e multideterminado e juntos encontrar medidas que possam contribuir para que os adolescentes tenham assegurados os seus direitos como sujeitos e como cidadãos.

> Apoiado no pressuposto da perenidade suicida, pode-se dizer metaforicamente que a autodestruição da vida é tão velha quanto o próprio ser humano e tão duradoura quanto a história. Mas, se varia de um lugar para outro, merece cuidados analíticos que aliviem o determinismo explicativo credenciado pela inevitabilidade fatalística de sua presença. Por outro lado, se universal, as reflexões sobre estas mortes têm que conjugar, além dos motivos perenes, explicações pontuais dos grupos que a materializam. O suicídio não ocorre impune à consciência social e isso lhe garante um significado notável. (MEIHY, José Carlos S. Bom, 1995)

A minha pesquisa trouxe somente uma amostra dos discursos do/sobre o suicídio que circulam no Orkut. Esta amostra não representa de maneira alguma o que pensam todos os jovens sobre o suicídio. Trabalhei com um universo muito pequeno: adolescentes de classe média, de regiões metropolitanas, que freqüentavam a escola ou a Universidade e que tinham acesso à *internet*. Mesmo neste pequeno universo, a singularidade dos acontecimentos e as regularidades encontradas revelam algumas discursividades a respeito do suicídio na contemporaneidade. Tanto os discursos dos jovens que se suicidaram, quanto os discursos dos que falam sobre o suicídio, apelam para uma memória discursiva de onde retiram material para seus argumentos baseados, basicamente, nos discursos: religioso, médico, filosófico, romântico, moral, jurídico e psicológico.

Suijeitos / Discursos	Discurso dos suicidas	Discurso dos que condenam suicídio	Discurso dos que justificam o suicídio
Discurso Médico	- negam a doença ou a loucura como causa do suicídio.		- loucura e doença como causas do suicídio. -desequilíbrio químico
Discurso Religioso	- Não falam em Deus ou em qualquer escritura sagrada. - Acreditam numa vida após a morte e que o sofrimento vai acabar - A vida é um inferno. - Pensam que podem se transformar em anjos. - Acreditam que continuarão por perto dos que amam, inclusive olhando por eles. - Sentem-se culpados	- Pecado - Suicidas serão castigados. - Acreditam na vida após a morte, mas também que os suicidas continuarão sofrendo. - Falta de fé e de temor às leis de Deus - Inferno - Vale dos Suicidas - Apelam sempre para Bíblia sem fazerem nenhuma citação dela.	- Deus perdoa a tudo e a todos. - Amor e respeito ao próximo - Fazem citações diretas da Bíblia .
Discurso Jurídico		- Suicídio e eutanásia como crime.	- Reivindicam a regulamentação da eutanásia.
Discurso Moral	- Ato de coragem, virtude - Ato de resistência - Ato de vingança - Preocupam-se com seus sobreviventes	- Suicida é egoísta, covarde e fraco. - Afirmam que não pensam nos que ficam.	- Suicida é um sujeito que estava em profundo sofrimento.
Discurso filosófico	- Continuar vivendo é uma questão de escolha, livre arbítrio.		- Continuar vivendo é uma questão de escolha, livre arbítrio.

Suijeitos / Discursos	Discurso dos suicidas	Discurso dos que condenam suicídio	Discurso dos que justificam o suicídio
Discurso romântico	- Escapismo através da infância idílica e da morte. - Perda de um amor justifica o suicídio	- Suicidar-se por amor é um motivo banal, burrice.	
Discurso psicológico	Solidão, sofrimento, tristeza, cansaço, melancolia, falta de vínculos, desespero, frustração, falta de memória de futuro, experiências negativas no passado, angústia.		- Solidão, falta de alguém para escutar, desespero

Mais do que colocar em circulação discursos antes interditados, os cidadãos orkutianos inauguram novas práticas sociais. Depois da morte do sujeito, vem a *memória.* A partir do seu acabamento, seus outros que lhe sobrevivem começam a construir uma memória da sua personalidade, atribuindo-lhe uma imagem esteticamente significativa. Deixam *scraps* no mural do falecido como se ele pudesse vê-las. São mensagens de saudade, culpa, espanto, indignação e até raiva. O perfil do sujeito que morreu permanece vivo na Cidade Azul, ele continua sendo personagem de muitas narrativas. As pessoas o visitam cotidianamente, no aniversário, no Natal, nas datas importantes, no aniversário de morte. Se há pessoas que vão ao cemitério ou às igrejas prestar homenagens a seus mortos, os adolescentes do Orkut fazem isto virtualmente pelos murais azuis espalhados pela cidade.

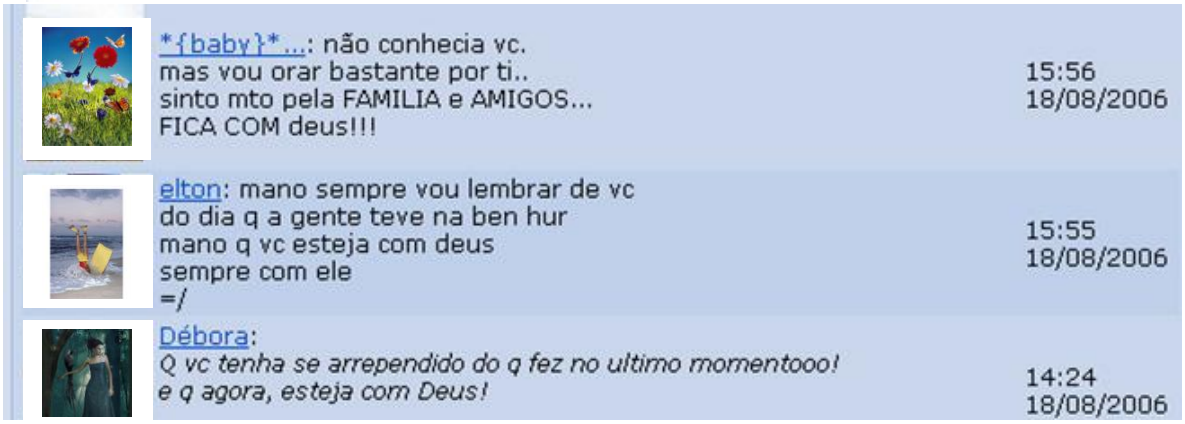


Figura 97 – Mensagens póstumas para Cris

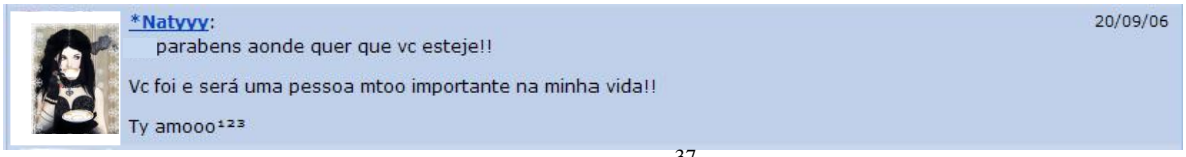


Figura 98 – Mensagem póstuma de aniversário para Mr. Aidan[37]

Se há mensagens saudosas, carinhosas e fraternas, também encontramos mensagens agressivas nos murais de recados destes adolescentes que se suicidaram.

Figura 99 – Mensagem agressiva 1

Figura 100 – Mensagem agressiva 2

[37] Mensagem de aniversário para Mr. Aidan depois que ele já havia se suicidado.

Pude observar que o sujeito que recebeu maior número de *scraps* agressivos foi o Mr. Aidan. Enviaram insultos e xingamentos por ele ser "supostamente" EMO, gay, fraco, covarde e por ter se matado por causa de um motivo banal (separação da namorada). Ana não recebeu nenhum *scrap* agressivo, infiro que tenha sido pelo fato de que tanto seus amigos, como ela própria falaram muito sobre sua depressão bipolar, sobre seu tratamento e internações. Este dado revela que o suicídio por "doença" ou "loucura", ainda hoje, como no passado, é absolvido pela sociedade.

Os sobreviventes (namorados(as), amigos e familiares) também recebem mensagens póstumas, tanto de solidariedade como ostensivas. As namoradas de Mr. Aidan e Duda cometeram *orkutsuicídio* (retiraram o perfil do site), porque foram insultadas a ponto de serem culpabilizadas pelas mortes de seus namorados.

Os profissionais da saúde afirmam que os sobreviventes dos suicidas compõem um dos grupos de risco de suicídio e este processo de *bullying*[38] , a que estes sujeitos são submetidos, é bastante preocupante.

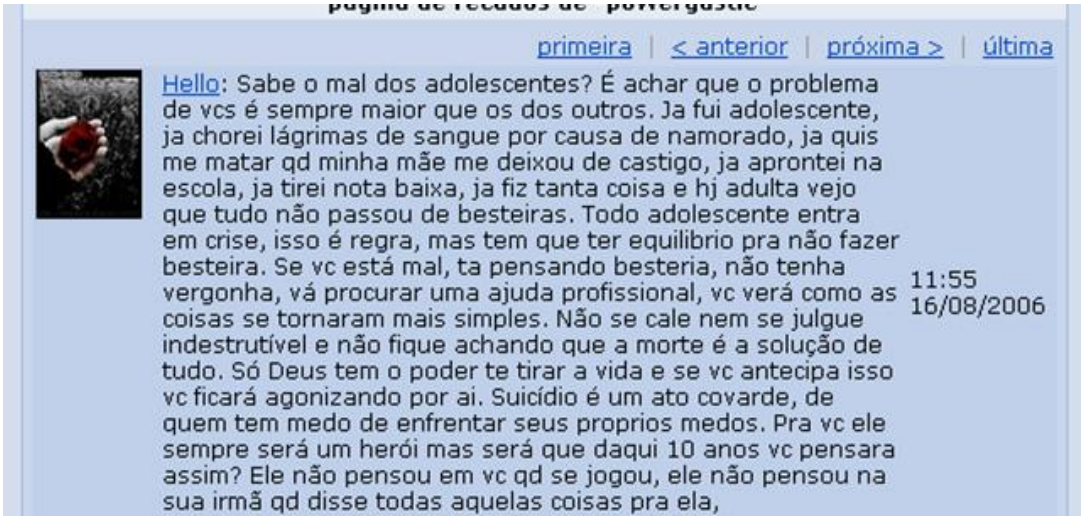


Figura 101 – Mensagem agressiva para Powergastic, namorada de Mr. Aidan

[38] ***Bullying*** é um termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully*) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz/es de se defender. A palavra "Bully" significa "valentão", o autor das agressões. A vítima, ou alvo, é a que sofre os efeitos delas. Também existem as vítimas/agressoras, ou autores/alvos, que em determinados momentos cometem agressões, porém também são vítimas de bullying pela turma.

Os sobreviventes destes adolescentes suicidas, principalmente, os amigos, falam aberta e intensamente sobre a morte do amigo. Especulam sobre os possíveis motivos, avisam que o amigo morreu para outros amigos através de *scraps*, informam o dia e o horário do velório, do enterro e da missa, dão o número de telefone dos familiares, fazem mapas para facilitar o acesso ao cemitério, enfim, mesmo que a família queira silenciar sobre o assunto, isto se torna absolutamente impossível.

É bastante comum que os amigos do falecido façam comunidades para homenageá-los: André: o Mineiro, Saudade de Mr. Aidan, Saudades do Cris, Amigos do Alex, Bia nós te amamos...

Figura 102 – Comunidade de homenagem a Bia

O caso de Bia é ainda mais singular. Sua mãe assume o perfil da garota, coloca asas em sua foto e a chama de anjinho. Além de fazer uma comunidade para homenagear a filha, faz outras três: Transtorno Bipolar em Crianças, Meu filho se Matou e Transtorno Bipolar + Suicídio. Nestas comunidades propõe discussões com outros pais que têm filhos com Transtorno Bipolar de Humor. A mãe de Bia cria ainda um altar virtual, onde as pessoas podem acessar o site, acender uma vela e determinar por quantos dias a vela deve ficar flamulando. O acesso a este altar está no perfil de Bia. Amigos, familiares e desconhecidos acendem velas e deixam mensagens e orações para a garota.

Figura 103 – Perfil de Bia

Figura 104 – Altar virtual para Bia

Outro exemplo bastante singular, que revela que novas práticas de luto estão se constituindo nos espaços virtuais do Orkut é o caso da namorada de André. Quando ele se suicidou, a garota estava grávida de um filho dele. Depois que a criança nasceu, Regina posta com bastante regularidade no mural de recados de Alex, *scraps* em que narra as travessuras, as gracinhas e as conquistas do filho. Além disso, coloca em seu álbum de fotografias, fotos do casal e do filhinho em várias fases do seu desenvolvimento.

Figura 105 – Álbum de fotografias de Regina (namorada de André)

É possível conhecer um pouco das sociedades, através dos rituais que elas engendram. O ritual é um fenômeno especial, o qual aponta e revela as representações de valores de determinado grupo. “Ele expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo” (PEIRANO, 2003, p. 10).

Os rituais, além de transmitirem valores e conhecimentos, são bons para resolverem e reproduzirem conflitos. Constituem um sistema cultural de comunicação simbólica e são sempre partilhados pelo grupo. Mas, não são fenômenos imutáveis, definitivos e inflexíveis. A sociedade vai sofrendo transformações e com ela também se transformam os rituais. Alguns deixam de ter valor, novos são criados e outros tantos sofrem adaptações e mudanças.

Nesta imensa Cidade Azul, novos rituais começam a se constituir. Novos modos de sociabilidade, novas maneiras de dizer a vida e a morte, novos modos de experimentar o luto e novas formas de compartilhar a dor. É, sem dúvida, um espaço de escuta, um espaço privilegiado para que a família, os amigos, a escola, os profissionais e pesquisadores da saúde e de outras áreas do conhecimento se debrucem para ouvir **o que como**, **quando** e **onde** “diz” a juventude de hoje. Para saber do que reclamam, do que resistem, do que choram, do que riem, do que falam, do que gritam e do que silenciam os nossos adolescentes. Para conhecer seus sonhos.

Mais do que reivindicar medidas que regulamentem os espaços virtuais e “protejam” nossos adolescentes dos “predadores” da rede, é preciso “entrar na rede” para saber por onde navegam nossos filhos, nossos alunos, nossos pacientes, nossos leitores, nossos amigos. É preciso navegar com eles.

ABAURRE, Maria Bernadete.. **Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita** In:CASTRO, M.F.P. (Org.) - **O Método e o Dado no Estudo da Linguagem**. Campinas, SP, Brasil: Editora da Unicamp; 1996.

ABAURRE, Maria Bernadet, FIAD, Raquel Salek., & MAYRINK-SABINSON, Maria Laura. **Cenas de Aquisição da Escrita**. 3a. reimpressão; Campinas, SP, Brasil: Mercado de Letras; 2002.

ABREU, Márcia. **"Effluvios Pestiferos da Perversidade do Século": leituras de Werther no mundo luso-brasileiro.** Acesso em setembro de 2007, disponível em http://www.fclar.unesp.br/seer/index.php?journal=letras&page=article&op=viewFile&path[]=85&path[]=77.; 2006.

AGREST, Diana Cohen. **Por Mano Propia**. Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica; 2007.

ALVES, Rubem. **O morto que canta**. In: CASSORLA, Roosevelt M. S. (Org.), **Do Suicídio - Estudos Brasileiros**. Campinas, SP, Brasil: Papirus, 1991.

ARENDT, Harendt. **A Condição Humana.** 10ª. edição ed., São Paulo, SP, Brasil: Forense Universitária; 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4ª edição (P. Bezerra Trad.)São Paulo, SP, Brasil: Martins Fontes; 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 9ª. ed., (M. Lahud, & Y.Vieira Trads.) São Paulo, SP, Brasil: HUCITEC, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Para Uma Filosofia do Ato**. (C. Faraco, C. Tezza. Trads.) São Paulo, SP, Brasil: Tradução Universitária, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** 3a. ed. (P. Bezerra, Trad.), Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Forense Universitária, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética - A Teoria do Romance**. (A. F. Bernardini, J. Pereira Júnior, A. Góes Júnior, S. H. Nazário, & H. F. de Andrade, Trads.) São Paulo, SP, Brasil: HUCITEC, 1998.

BARROS, Marilisa Berti; OLIVEIRA., Helinice Bosco; MARINN-LEÓN, Letícia. **Epidemiologia no Brasil.** In: WERLANG, Blanca Guevara; BOTEGA, Neury José. **Comportamento Suicida**. PORTO Alegre, RS, Brasil: Artmed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líqüida**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Jorge Zahar Editor; 2000.

BHABHA, Homi K. (2003). **O Local da Cultura** . 2a. reimpressão ed., (M. Ávila, E. L. Reis, & G. R. Gonçalves, Trads.) Belo Horizonte, MG, Brasil: UFMG; 2003.

BOSI, A. (1999). **História Concisa da Literatura Brasileira.** 36ª. ed., São Paulo, SP, Brasil: Editora Cultrix; 1999.

BOTEGA, Neury José; CAIS, Carlos Filinto da Silva. **Estudo Multicêntrico de intervenção no comportamento suicida - SUpre-Miss - Organização Mundial da Saúde**. In: WERLANG, Blanca Guevara; BOTEGA, Neury José (Org.), **Comportamento Suicida**. Porto Alegre, RS, Brasil: Artmed; 2004.

BOTEGA, Neury José; RAPELI, Claudemir Benedito; FREITAS, Gisleine Vaz Scavacini. **Perspectiva psiquiátrica**. In: B. G. Werlang, & N. J. Botega (Org.), **Comportamento Suicida**. Porto Alegre, RS, Brasil: Artmed; 2004

BRAIT, Beth (Org.). **BAKHITN: Conceitos-Chave**. São Paulo, SP, Brasil: ABDR; 2005ª.

BRAIT, Beth (Org.). **BAKHTIN: Dialogismo e Construção do Sentido.** 2ª. ed., Campinas, SP, Brasil: Unicamp; 2005b.

BRAIT, Beth. **Estilo, dialogismo e autoria: identidade e alteridade**. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; de CASTRO, Gilberto (Org.). **Vinte ensaios sobre mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil; 2006.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** 2ª. edição - 6a. reimpressão, (D. Mainardi, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras; 2006.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo - Ensaio sobre o Absurdo**. (V. Rumjanek, Trad.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Guanabara; 1989.

CASSORLA, Roosevelt Moisés (Org.). **Do Suicídio - Estudos Brasileiros**. Campinas, SP, Brasil: Papirus, 1991.

CASSORLA, Roosevelt Moisés. **Suicídio e autodestruição humana**. In: WERLANG, Blanca Guevara; BOTEGA, Neury José. **Comportamento Suicida**. Porto Alegre, RS, Brasil: Artmed; 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura.** 4ª ed., Vols. 1 - **A Sociedade em Rede**). (R. V. Majer, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Paz e Terra S.A.; 2000.

CERTAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** 6ª. ed., Vols. 1 - **Artes de Fazer**). (E. F. Alves, Trad.) Petrópolis, RJ, Brasil: Vozes; 2001.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História - Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. 1ª. ed. (E. Rosa, Trad.), Porto Alegre, RS, Brasil: Artmed; 2001.

CORACINI, Maria José. **Identidades Múltiplas e Sociedade do Espetáculo: Impacto das Novas Tecnologias**. In: MAGALHÃES, Izabel;GRIGOLETTO, Marisa; CORACINI, Maria José. **Práticas Identitárias - Língua e Discurso**. São Carlos, SP, Brasil: Claraluz; 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. **Analyse du Discours Politique**. In: Langage nº. 62; 1981.

DAPIEVE, Arthur. **Morreu na Contramão**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Jorge Zahar Ed.; 2007.

DATAFOLHA, outubro de 2007, . *F/Nazca News*. Fonte: http://www.fnazca.com.br/news/news.php?id_news=302

DE COLL, Josefina Oliva. **A Resistência Indígena – O Sangrento Confronto entre Brancos e Índios** (Vol. 3). Porto Alegre, RS, Brasil: L&PM Editores; 1986.

DEBORT, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Contraponto; 1997.

DIAS, Maria Luiza. **Suicídio: Testemunhos de Adeus**. São Paulo, SP, Brasil: Editora Brasiliense, 1ª. Reimpressão; 1997.

DORTA, Guilherme. Moderador Comunidade Profiles de Gente Morte - Orkut: Fonte: http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=993780; 2004.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. (A. Marins, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Martin Claret; 2005.

EISENBERG, José. **Internet Popular e Democracia nas Cidades**. In: Informática Pública, *v. 1*, pp. 7-24; 1999.

EISENBERG, José, LYRA, Diogo. **A Invasão Brasileira do Orkut**. In: Revista Ciência Hoje , v. 38 - n. 226; maio de 2006.

FARACO, Carlos Alberto; Tezza, Cristovã;DE CASTRO, Gilberto (Org.). **Vinte Ensaios sobre MIKHAIL BAKHTIN**. Petrópolis, RJ, Brasil: Vozes; 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 6ª ed. (L. F. Sampaio, Trad.), São Paulo, SP, Brasil: Edições Loyola; 2000.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber** (L. F. Neves, Trad.), Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Forense Universitária; 2002

FOUCAULT, Michel. **De Outros Espaços**. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema** (I. A. Barbosa, Trad., 2a. ed., Vol. III). Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Forense Universitária; 2006.

FOUCAULT, Michel**. História da Sexualidade - A Vontade de Saber.** 3ª. ed., vol. I (M. T. Albuquerque, & J. A. Albuquerque, Trads.), Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Editora Graal; 1980.

FOUCAULT, Michel. **Retornoà História**. In:FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos - Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento** (I. A. Barbosa, Trad., Vol. II). Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Forense Universitária; 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir - História da Violência nas Prisões.** 29ª. ed. (R. Ramalhete, Trad.) Petrópolis, RJ, Brasil: Editora Vozes; 1987.

FRAGOSO, Suely. **Eu odeio quem odeia...Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na 'tomada'do Orkut**. Acesso em outubro de 2007. In: Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB. Disponível em: http://www.google.com/search?q=cache:anYRfCqoEPoJ:www.baguete.com.br/img/noticias/1157576978_fragoso_intercom06.pdf+dados+demogr%C3%A1ficos+orkut+2004&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=7&gl=br; setembro de 2006.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Encurralada**. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras; 2004.

GERALDIi, João Wanderley. **A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética.** In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim; KRAMER,Sônica (Org.) **- Ciênicas Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin.** 2ª. ed., São Paulo, SP, Brasil: Cortez Editora; 2003.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino - Exercícios de Militância e Divulgação** (5a. reimpressão ed.). Campinas, SP, Brasil: Mercado de Letras; 2005.

GERALDI, João Wanderley; FITNER; BENITES, Maria. **Transgressões Convergentes - Vigotski, Bakhtin, Bateson**. Campinas, SP, Brasil: Mercado de Letras; 2007

GINZBURG, Carlo. (2002). **Relações de Força - História, Retórica, Prova**. (J. Batista-Neto, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras; 2002.

GINZBURG, Carlo. (1991). **Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário**. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais - Morfologia e História* (F. Carotti, Trad., 2a. reimpressão ed.). São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras; 1991.

GOOGLE. **Orkut Website**. Fonte: http://www.google.com/search?q=cache:anYRfCqoEPoJ:www.baguete.com.br/img/noticias/1157576978_fragoso_intercom06.pdf+dados+demogr%C3%A1ficos+orkut+2004&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=7&gl=br

GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Discurso e Mídia: A Cultura do Espetáculo**. São Carlos, SP, Brasil: Claraluz; 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Formação Discursiva, Mídia e Identidades**. In: F. INDRSKY, Frida; FERREIRA, M. C.. **Análise do Discurso no Brasil - mapeando conceitos, confrontando limites**. Claraluz; 2007.

IBGE. (2005). **IBGE - Instituto Brasileiro**. Acesso em outubro de 2007, disponível em Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/default.shtm

Internet World Stats. (s.d.). Fonte: http://www.internetworldstats.com/

JAMISON, Kay Redfield. **Quando a noite Cai - Entendendo o Suicídio**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Gryphus; 2002.

KARDEK, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 165ª. ed. (S. Gentile, Trad.) Araras, SP, Brasil: Intituto de Difusão Espírita; 2006.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia PROFANA - Danças, piruetas e mascaradas** . 3ª. ed. (V.-N. Alfredo, Trad.) Belo Horizonte, MG, Brasil: Autêntica; 2000.

LEVCOVITZ, Sergio. (1998). **Kandire: o Paraíso Terreal - o Suicídio dos Índios Guarani no Brasil**. São Paulo, SP, Brasil: Espaço e Tempo; 1998.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 3ª. reimpressão (I. C. da Costa, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Editora 34; 2003.

LOPES, Fernando Henrique. (2003). **A Experiência do Suicídio: Discursos Médicos no Brasil: 1830 - 1900**. Tese de doutoramento em História. Campinas, SP, Brasil: IFCH/Unicamp; 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. (F. Indursky, Trad.) Campinas, SP, Brasil: Editora Pontes; 1997.

MALDIDIER, Denise**.** ***A Inquietação do Discurso - (RE)LER MICHEL PÊUCHEUX HOJE***. (E. P. Orlandi, Trad.) Campinas, SP, Brasil: Editora Pontes; 2003.

MALTSBERGER, J. T.; GOLDBLATT, M. (Org.) **Essential Papers on Suicide.** New York, NY, USA: Maltsberger anda Goldblatt Editors; 2006.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. (R. Enderle, & F. Fontanella, Trads.) Bomtempo Editorial; 2006.

MELEIRO, Alexandrina Maria Augusta da Silva; FENSTERSEIFER Liza; WERLANG, Blanca Guevara. **Esforços para a prevenção**. In: WERLANG, Blanca Guevara; BOTEGA, Neury José. **Comportamento Suicida**. Porto Alegre, RS, Brasil: Artmed; 2004.

MELEIRO, Alexandrina Maria Augusta da Silva; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio - Estudos Fundamentais**. São Paulo, SP, Brasil: Segmento Farma; 2004.

MENNINGER, Karl. **Man Against Himself**. New York, NY, USA: HBJ Book; 1985.

MEHY, José Carlos S Bom. **A morte como apelo para a Vida: o suicídio Kaiowá**. In: COIMBRA JÚNIOR, Carlos; Santos, Ricardo Ventura. **Saúde dos Povos Indígenas**. Loyola, 1995.

MINOIS, Georges. **História do Suicídio - A Sociedade Ocidental perante a Morte Voluntária.** Lisboa, Portugal: Editorial Teorema; 1998.

PÊCHEUX, Michel. **Estrutura ou Acontecimento.** 4ª. ed. (E. P. Orlandi, Trad.) Campinas, SP, Brasil: Pontes; 2006.

PEIRANO, Mariza. **RITUAIS - Ontem e Hoje** (Vol. 24). Rio de Janeior, RJ, Brasil: Jorge Zahar Ed.; 2003.

PEREIRA, Yvone do Amaral. **Memórias de um Suicida.** 18ª. ed.. Brasília, DF, Brasil: Federação Espírita Brasileira; 1995.

PLACER, Fernando González Placer. **O outro hoje: uma ausência permanentemente presente**. In: LAROSSA, Jorge. **Habitantes de Babel** (S. G. da Veiga, Trad.). Belo Horizonte, MG, Brasil: Autêntica; 2001.

PLATH, Sylvia (2004). **Os Diários de Sylvia Plath: 1950 - 1962**. (K. V. Kukil, Ed., & C. Nogueira, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Editora Globo S.A.

PONZIO, Agusto. **La Revolución Bajtiniana - El Penasmento de Bajtín Y La Ideología Contemporánea.** (M. Arriaga, Trad.) Madrid, Espanha: Ediciones Cátedra.

POSSENTI, Sírio. **Os Limites do Discurso**. Curitiba, PR, Brasil: Criar Edições; 2002.

RAMA, Angel. (1995). **A Cidade das Letras**. Brasília, DF, Brasil: Editora Brasiliense; 1995.

RAPELI, Claudemir Benedito; CAIS, Carlos Filinto, BOTEGA, Neury José. **Comportamento Suicida no Hospital Geral**. In: WERLANG, Blanca Guevar; BOTEGA, Neury José. **Comportamento Suicida**. Porto Alegre, RS, Brasil: Artmed; 2004.

SARAMAGO, José. **Ensaio Sobre a Cegueira**. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras; 1993.

SARGENTINI, Vanice Maria. **A Teatralidade na Geraçào de Empregos: Mídia na Campanha Eleitoral**. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos, SP: Claraluz; 2003.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público - As Tiranias da Intimidade.** 6ª. reimpressão (L. A. Watanabe, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Schwarcz Ltda; 1999.

TOLEDO, José Mário Arruda. **Dicionário de Suicidas Ilustres**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Editora Record; 1999.

UNESCO. (2005). Acesso em outubro de 2007, disponível em From de Information Socity to knowlogesocities:
http://www.unesco.org.br/areas/ci/World_Report_Knowledge_ENG.pdf

VAN GOGH, Vincent. **Cartas a Théo**. Floresta, RS, Brasil: L&PM Editores; 1997.

WENRICH, H. (1968). **Estructura Y Función de Los Tiempos En El Lenguaje**. (F. Latorre, Trad.) Madrid, Espanha: Gráficas Cóndor.

WERLANG, Blanca Guevara. **Proposta de uma Entrevista Semi-Estruturada para Autópsia Psicológica em Casos de Suicídio**. Tese de doutoramento em Ciências Médicas. Campinas, SP, Brasil: FCM/Unicamp; 2000.

WERLANG, Blanca Guevara; ASNIS, Nelson. **Perspectiva histórica-religiosa**. In: WERLANG, Blanca Guevara; BOTEGA, Neury José. **Comportamento Suicida**. Porto Alegre, RS: Artmed; 2004.

WERLANG, Blanca Guevara; BOTEGA, Neury José (Org.). **Comportamento Suicida**. Porto Alegre, RS, Brasil: Artmed; 2004.

WERLANG, Blanca Guevara, KRÜGER, L. L.. **Perspectiva psicológica**. In: WERLANG, Blanca Guevara; BOTEGA, Neury José. **Comportamento Suicida**. Porto Alegre, RS: Artmed; 2004.

WHO. (2002). *World Report on Violence and Helth; Summary.* Washington, D.C.: WHO.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. **Cidadãos Modernos - Discurso e Representação Política. Campinas,** SP, Brasil; 1997.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. **O pudor da teoria, o despudor do poder**. In: Anais *I Congresso Internacional de Análise do Discurso - CIAD - UFScar.* São Carlos; 2006.